

~~1111~~

196

74/3

MONASTICON

1611

LIBRARIUS

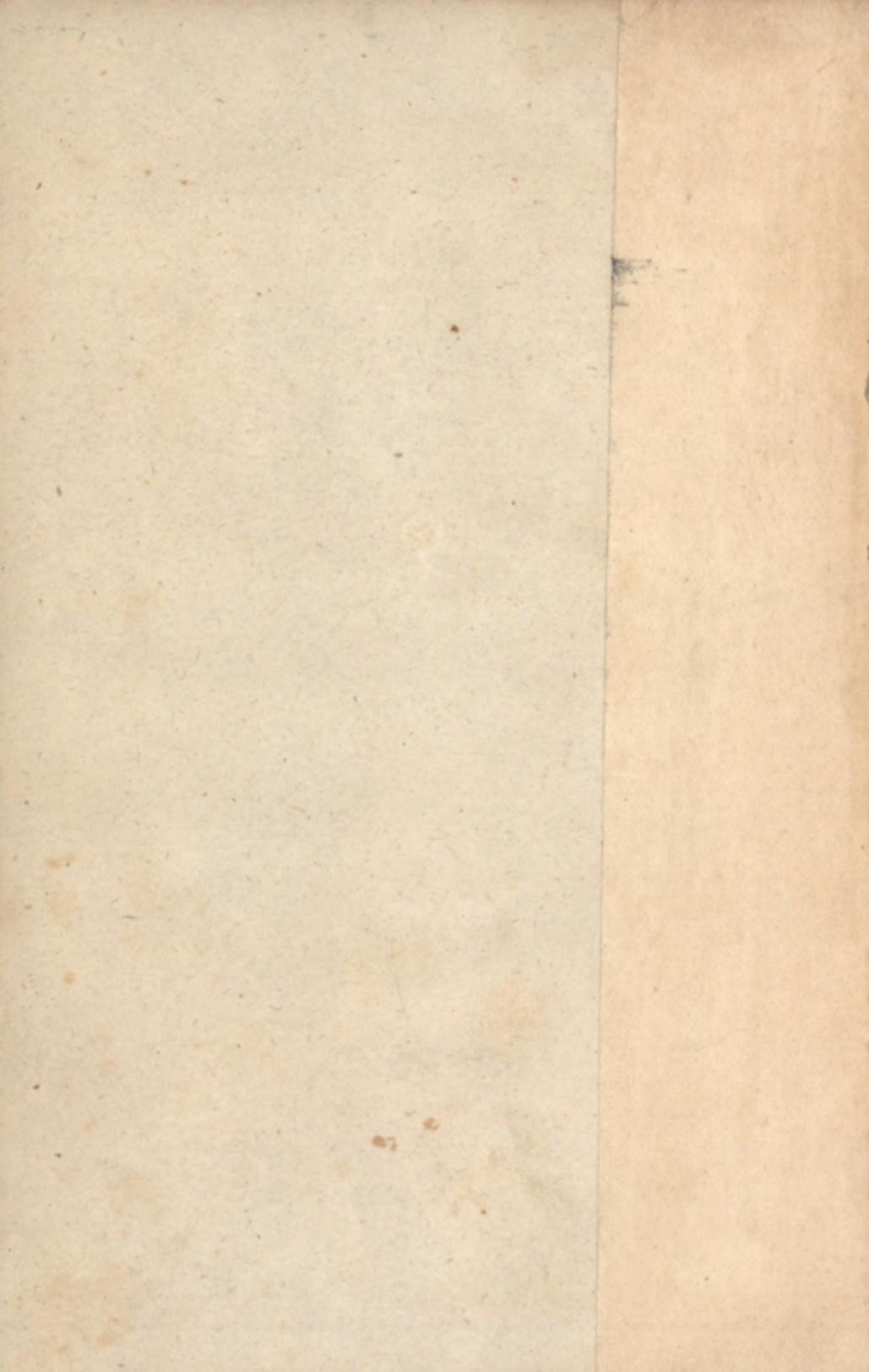
1611

1611

1611

1611

1611



O
MONASTICON

POR

A. HERCULANO.



TOMO III.

LISBOA

EM CASA DA VIUVA BERTRAND E FILHOS

AOS MARTYRES N.º 45.

MDCCCLIX.

NA IMPRENSA NACIONAL.

7413

O MONGE DE CISTÉR

OU

A EPOCHA DE D. JOÃO I.

(SEGUNDA EDIÇÃO).

TOMO II.

LISBOA

NA IMPRENSA NACIONAL.

—
1859

O MONGE DE CISTER

A EPOCA DE D. JOAO I.

TOMO II.

LISBOA

1833

13th May
8-2-12

XV

UM MINISTRO.

Bem sabeades, senhor, que os prelados de vossos regnos e esso medes os poboos e os letrados e os privados todos som contra elles.

CORTES DE COIMBRA DE 1398 —
Aggravam. dos Fidalgos.

NA mesma conjunctura em que se passavam na rua de D. Mafalda os successos que anteriormente relatámos, bem perto d'alli occorriam outros não menos importantes para o desenvolvimento do drama, cuja teia o leitor vae vendo despregar ante si.

N'um quarto baixo dos paços dictos d'apar

S. Martinho, da Moeda, ou dos Infantes, que por todos estes nomes foram successivamente conhecidos, coava através das vidraças de uma janella, historiadas de muitas côres, um clarão como de duas ou tres tochas. Era noite velha; noite velha daquelles tempos, nove horas quando muito, as mesmas em que nestes nossos, tão trocadas em tudo, os tafues de primor e as formosuras estofadas, espartilhadas, e perfumadas, apenas começam a encher as salas esplendidas dos bailes, ou a povoar as cadeiras e os camarotes do theatro, com o louvavel intuito de não assistirem ao espectaculo inteiro, o que seria demasiadamente plebeu. Essa janella baixa, cujas hombreiras de pedra cannelada e volta ogival ainda se vêem no muro que segue para o nascente da cadeia do Limoeiro¹ pertencia a uma quadra da habitação, que entre as residencias reaes de Lisboa D. João I escolhêra para viver, em quanto não acabava as grandiosas obras com que então se ennobreciam os paços da Alcaçova ou Castello. Aquelle aposento demorava, como desterrado para um canto do vasto edificio, na extremidade de um labyrintho d'escadas, alcovas, passagens, camaras e retretes, habitado por pagens, ovenças

¹ Isto escrevia-se em 1843. Aquelle ultimo vestigio dos paços de S. Martinho já desapareceu (1859).

do resposte, moços do monte, charamelleiros, falcoeiros, donas, donzellas, cuvilheiras e mais pessoas dependentes da familia real. Aqui, afastado do tumulto da côrte, quando as treguas com Castella lh'o consentiam, vinha ás vezes passar o antigo mestre de Aviz largas horas de trabalho mental, ou escrevendo o seu livro de caça de altanaria, ou debatendo com os seus conselheiros e privados, pela maior parte doutores de Bolonha, de Pisa, ou das outras escholâs italianas, as modificações necessarias nas leis do imperio romano, que se derramavam então a esmo sobre Portugal, como hoje os nossos legisladores de agua-morna nos affogam em leis francezas. Uma entrada particular, sempre patente aos juristas validos, que iam ajudando o habil monarcha a lançar as bases do poder illimitado da corôa, facilitava a estes em qualquer momento o accesso áquella especie de sanctuario, que participava ao mesmo tempo da natureza de secretaría, de bibliotheca e de gabinete d'estudo.

É nesta sala retirada e escusa, que varios agora introduzir o leitor.

Do numeroso tropel de *letrados e sabedores*, conforme a denominação que naquella epocha se dava aos que possuiam a sciencia do direito, podia dizer-se que um principalmente se

encasára no mysterioso aposento, como o rato no seu queijo. De dia, de noite, de manhan ou de tarde, quem quer que desejasse ver esse personagem (que disputava, senão renome e esplendor, por certo influencia e poderio ao heroe do seculo, o famoso condestavel) tinha, nove vezes contra uma, a probabilidade de alli o encontrar, se alli o buscasse. Para não perder nenhum dos meios de ganhar predominio no animo de um principe ainda mais guerreiro que legislador, esse homem, habituado ás occupações pacificas do estudo, até havia despido a sotaina preta, deposto a borla, vestido o loudel e cuberto a cabeça com a capellina, para pelear bravamente em mais de um recontro, sabe Deus com que apertos de coração, contra os castelhanos, sem que por isso cessasse, no meio do tumulto dos campos, ou nas rapidas marchas e cavalgadas, de figurar como primeiro movel nos negocios do governo, que naquella epocha turbulenta não eram menos graves que os da guerra. Na conjunctura, porém, em que se passavam os successos contidos nesta narrativa, as treguas assentadas entre Portugal e Castella tinham dado ensejo ao privado íntimo de D. João I para se dedicar exclusivamente ás intrigas politicas, e ás outras occupações analogas, que são o recreio, o commodo, o alimento, a

respiração e a vida do estadista e do cortezão. Excepto nas horas do somno, quasi que em nenhuma outra parte, durante esta calma da guerra, se podia ver o chanceller João das Regras, a quem já, sem duvida, o leitor percebeu que alludimos, senão ou no gabinete particular dos paços de S. Martinho, de que tinha as chaves, ou atravessando rapido e cabisbaixo alguma das tenebrosas ruas, que retalhavam o terreno entre as igrejas de S. Martinho e de Sancta Marinha, perto da qual era, segundo parece, a residencia do celebre jurisconsulto.

O clarão que, transudando das vidraças multicores, reflectia brandamente na rua, que mediava entre o palacio e o presbyterio de S. Martinho, e por cima da qual corria um passadiço que ligava os dous edificios, tornando durante o dia essa rua ainda mais escura e melancolica, provinha effectivamente de uma grande lampada pendente do tecto do aposento, e de duas tochas accesas, postas em braços de ferro que saíam das paredes. Estas viam-se colgadas de couro lavrado, e tauxiado em volta dos alizares com pregos, cujas cabeças desmesuradas formavam como um aro reluzente aos apainelados. Uma esteira grossa cubria o pavimento enxadrezado de adobes. Cortinas de tela finissima, semelhante á moderna gaze, que iam pren-

der-se nos arcos ponteagudos da janella e de um largo balcão que lhe ficava fronteiro, moderavam a claridade do sol durante o dia, e de noite ajudavam os vidros córados a empanar a vista dos curiosos, que, ou de S. Martinho, ou do pateo interior, para onde abria o balcão, pretendessem mirar o que se passava lá dentro. A um pendurol, que, semelhante a caprichosa stalactite, se curvava para baixo no meio do tecto de castanho almofadado, rendilhado, e ennegrecido pelo tempo, prendia-se uma cadeia de ferro, que sustinha a alampada, cujo fulgor, dando de alto nos objectos inferiores, lhes destruia a projecção das sombras nos pontos não allumiados pela chamma avermelhada e fumosa das tochas. Algumas cadeiras de braços, que hoje pareceriam sobradamente incomodas pelo anguloso e aprumado das suas linhas, uma grande mesa ou bofete no centro da quadra, cinco ou seis arcas, postas em fileira aos lados, e finalmente um relógio de parede, invenção que começava apenas a generalisar-se, e que fôra um presente do duque de Lancastre ao rei de Portugal, completavam o adorno do aposento. A tampa de uma das arcas estava erguida: dentro, a um lado, via-se uma pilha de grandes folhas de pergaminho em branco, e ao outro uma rima de livros de

diversas dimensões. Sobre a mesa avultavam abertos dous folios desconformes, e ao pé delles muitas folhas, maiores, menores e minimas, escriptas no todo ou em parte, e rodeando um alentado tinteiro comparavel a uma amphora, e coroadado de quatro ou cinco pennas. Alguns individuos animavam esta scena. Um, assentado em frente do vasto bofete, diante dos dous bacamartões, cuja escriptura minutissima e cheia de abbreviaturas e siglas lhes augmentava, digamos assim, a carranca rebarbativa e ouriçada, era homem de bons sessenta annos, de aspecto menineiro e sadio, o que em parte devia a ter a cara cuidadosamente rapada. Sulcavam-lhe a fronte, ampla e convexa, duas rugas longitudinaes. Eram as unicas que poderiam trahir-lhe os affectos ou os pensamentos; porque no resto das suas feições havia a gélida immobillidade, que indica o sangue frio e a resolução energica. Tinha os beiços um pouco delgados, e os cantos da bôca profundamente vincados. Cubria-lhe a grenha revolta, cortada mui curta segundo a moda d'então, moda que dera aos portuguezes a alcunha nacional de chamorros, um barrete semelhante ao solideo clerical, e todo o seu trajo e adornos se reduziam a uma especie de loba negra, que lhe descia até os pés, abotoada na pequena abertura do peitilho

com tres botões, e apertada na cintura por uma larga facha da mesma côr. Era o chanceller interino. Defronte, encostado a uma das arcas, com a perna direita cruzada sobre a esquerda, estava outro vulto, que representava um homem de mais de trinta annos de idade, magro, estatura mediana, testa pequena, maxillas elevadas, barba comprida, olhos pequenos, mas vivos e scintillantes. O seu traço de côrte, rico e talhado á moda de Inglaterra, contrastava na viveza das côres com a singela garnacha de João das Regras. Era elrei. Com os polegares passados por baixo da borda do bofete e o resto das mãos espalmadas pelo lado de cima, um homem velho e de longos cabellos, nos quaes o branco se misturava com o ruivo, formava no tôpo da banca o vertice de um triangulo, cuja base seria a recta do chanceller ao rei. Como os de D. João I, os seus olhos azues estavam fitos e sem pestanejar em João das Regras. Atraz da cadeira deste, uma especie de escriba, trajando tambem sua garnacha, e que pela magreza e pallidez parecia um cadaver e pelo empertigado uma estaca, tinha na mão um caderno de pergaminho de papel e na outra um lapis, invenção não muito antiga, e principalmente usada para pautar os codices de luxo, em logar do ponteiro de ferro, d'antes em-

pregado nesse mister. Por baixo das palpebras quasi cerradas aquelle estafermo, que era ninguem menos que o escrivão da camara real, Gonçalo Lourenço de Gomide, olhava tambem attentamente para o chanceller, astro de brilhante intelligencia, á roda do qual gyravam em espirito estes satellites de tão diversa magnitude. Emfim, juncto ao reposteiro da porta que communicava para o interior dos paços, dous pagens em pé, cada um com sua tocha apagada na mão, parecia ter acompanhado até alli D. João I, e esperar que elle quizesse retirar-se, para as accenderem de novo e precederem-no, conforme a etiqueta daquelles tempos.

O chanceller é que parecia não reparar em ninguem correndo successivamente pela vista varios pedaços de *pulgaminho de coyro* que tinha espalhados ante si, e nos quaes havia breves linhas escriptas, segundo o estylo das escho-las d'Italia, em siglas, especie de tachygraphia destinada a encerrar n'um limitado espaço as extensas explanações dos doutores aos livros de jurisprudencia romana. Á medida que os passava pelos olhos o chanceller ía-os amontoando á sua esquerda. Havia bastante tempo que esta scena durava, quando subitamente João das Regras exclamou:

« Ei-la aqui, emfim, a maldicta ementa.

Olhae, micer Percival: vêde se está certa.»

O homem da grenha ruiva arregalou ainda mais os olhos, arredondados como os de um mocho.

« Item: duas mil setecentas e vinte cinco libras a mestres Alberte, João Pires e Giraldo, armeiros, por quinze arnezes completos, solhas, loudel, capellina, camalho, et caetera.»

« Item: por tres maças dambalas mãos, um estoque á antiga com sua misericordia no punho, e uma cincta nova de ferro no trom grande de fogo, dos tomados em Aljubarrota ao scismatico, que se diz rei de Castella, seiscentas e quatorze libras, seis soldos e tres dinheiros.»

« Justo! — murmurou micer Percival de Cornualhes, mercador inglez, que servira de thesoureiro ao mestre de Aviz no principio da revolução, e que era uma especie de Lafitte ou Rotschild daquelle tempo.

« Item: de um traslado das leis do codigo com as intenções das glossas de Accursio e as conclusões de Bartholo, com illuminuras e letras floreteadas de côres, em dous volumes, tirado em Bolonha dos originaes dos ditos grandes e excellentes sabedores, trezentas e seis libras.»

« Trezentas e cincoenta e seis mandei eu pagar em Genua a micer Allighieri, stationarius de Bolonha: — interrompeu o banqueiro.

« A ementa deu-m'a o veador da fazenda, micer Percival. Eu leio trezentas e seis. »

« E cincoenta e seis : — tornou o Rotschild ruivo, com a fleugma do animal mais cabeçudo da Europa, o *brito-punico-mentiens* de Aldrovando, indigena da gleba normanda chamada a livre Inglaterra.

« Seja assim : mas apuræ vós lá a computação nos contos com o thesoureiro-mór, que para isso não tenho tempo. Quereis fazer a mercê, senhor escrivão da camara, de encomendar a Lourenço Martins que apure essa ementa com micer Percival, e de advertir-lhe que taes negocios devem chegar averiguados á presença de meu senher elrei? »

Proferindo o nome d'elrei, o chanceller levantou-se e fez uma profunda reverencia, ao mesmo tempo que por cima do hombro passava o pergaminho a Gonçalo Lourenço de Gomide, sem olhar para traz.

O escrivão esgaratujou rapidamente duas ou tres siglas no quaderno que tinha na mão, guardou a ementa solta, e recahiu na espetada immobibilidade anterior.

João das Regras, ou das Leis, por longa e íntima privança, pela superioridade da sua intelligencia, por serviços talvez de mais valia que os do condestavel, embora menos ruidosos,

tinha adquirido absoluto predomínio no animo do principe, que o sancto homem de mestre João das Leis dirigia a seu bel-prazer nas materias de governo, bem differentemente do que succedia nas de guerra, em que o mestre d'Aviz não reconhecia, e com razão, capacidade superior á sua. No gabinete particular dos paços de S. Martinho o verdadeiro rei era o doutor de Pisa, e o heroe de Aljubarrota tinha-se habituado por tal modo á sem-ceremonia do chancelier, que muitas vezes passava horas inteiras de pé, na postura em que então se achava, em quanto o celebre jurista, repotreado na grande poltrona, annotava o codigo de Justiniano, que depois da sua morte veiu a ser promulgado como lei geral do paiz, ou resolvia os negocios do estado, que, por uma destas ficções politicas tão da moda nos modernos governos mixtos, se presuppunham préviamente discutidos e determinados pelo proprio monarcha.

«Agora, micer Percival,—proseguiu o chancelier — como vamos ácerca das duzentas mil libras, que sua real senhoria (mestre João das Leis ergueu-se de novo e repetiu a reverencia) deseja haver adiantadas sobre os pedidos, que se hão-de lançar nas proximas côrtes? »

« A vinte por cento estão promptas, visto serem para o pagamento das quantias aos caval-

leiros e homens d'armas, e não haver real na casa dos contos. Acabo de estar com D. Cibrão de Frandes e com micer Daniel de Preamúa. Altercámos por duas horas: juraram-me que não podiam fazer este serviço a sua mercê por menos uma pogeia, e ainda assim entram de parceria D. Issachar, o que mora adiante da Esnoga ao cabo da villa-nova de Gibraltar, e o seu vizinho Samuel-Ben-Tibbon, o mercador de arnezes.»

« Sancta Maria val! — exclamou o chanceler — Vinte por cento?... Mas os pedidos estarão pagos em menos de anno... Quatro soldos por libra de vinte?! Micer Percival, isso é desbaratar as rendas da corôa!... Deus nos livre de que tal ouvisse elrei meu senhor! »

Estas ultimas palavras, proferidas com accento severo, foram acompanhadas do usual salamalec.

D. João I sorriu com um gesto de acquiescencia á observação do seu privado, e disse para o agiota:

« Nada, não, meu excellente amigo, micer Percival! Mais de tres soldos por libra é usura intoleravel... »

« Vêde, honrado Percival: — interrompeu João das Regras — Sua mercê (novo salamalec) pensa exactamente como eu. Quer dizer-

vos que mais de *dous* soldos por libra é intoleravel. »

E fitou o seu olhar d'aguia no rei. O homem ruivo olhava tambem para elle: D. João I acudiu logo ao reclamo do chanceller :

« É isso : dous por vinte. Pois, que disse eu ? »

O inglez encolheu os hombros e replicou :

« O dinheiro está demasiado caro. É absolutamente impossivel. »

« Paciencia! Acharemos outro arbitrio. Adeus, Micer Percival. Contae em tudo com o bom animo d'elrei para comvosco, e se precisardes em alguma cousa da minha pouquidade, contae igualmente comigo. »

Ao falar em elrei o discipulo de Bartholo tinha-se erguido segundo o costume ; mas desta vez não tornou a assentar-se. Curvado e firmando-se nos braços da poltrona, foi-se voltando para o homem ruivo, como quem o fazia participante da inclinação de cabeça dirigida á pessoa do monarcha. Era facil de perceber que esse gesto equivalia a uma ordem de saír d'alli. Micer Percival encaminhou-se então para elrei, beijou-lhe a mão sem dizer palavra, e começou a recuar pouco a pouco para a porta que communicava com a rua. Entretanto o chanceller tinha pegado rapidamente n'um pergaminho,

dos muitos que estavam espalhados pelo bofete, e dizia dirigindo-se a D. João I:

« Eis aqui a petição do concelho de Lisboa que já mostrei a vossa alta senhoria. Pedem que se ponham em vigor as posturas d'elrei D. Affonso, para que as mercadorias trazidas pelos tractantes estrangeiros não possam ser vendidas fóra da cidade, nem a retalho, senão pelos mercadores portuguezes. Representam que só assim poderão reparar as mínguas e lazeiras do cerco dos castelhanos, e do que tem despendido para o supportamento da guerra com os scismaticos... Esqueceu-vos alguma cousa, micer Percival? »

Era que micer Percival, estacado no meio do aposento, abria desmesuradamente os grandes olhos azues, e parecia escutar com toda a attenção a synopse que o chanceller fazia daquelle requerimento.

« Occorre-me neste instante — respondeu o inglez ruivo, com a hesitação de quem procura esconder um pensamento reservado, que teme lhe adivinhem no gesto e nas expressões, e que por isso mesmo o tráhe mais depressa n'um e n'outras — occorre-me agora que, se podessemos embolsar dentro de dous mezes D. Cibrão e micer Daniel, não seria pretensão desesperada a das duzentas mil a dous soldos... »

« Dous mezes? — acudiu o chancellor. — É isso arremedilho, desporto, e folgança que fazeis connosco, micer Percival? D'aqui a tres, duvido que se tenham cortado pelos concelhos os pedidos, e quem sabe, até, se os procuradores virão ratinhar-nos essa miseria? »

« Não digo menos d'isso: — replicou o compatriota dos nevoeiros — mas aqui está Percival de Cornualhes, que poderia talvez soldar a conta quando expirasse o prazo, e que receberia por qualquer tardança de reembolso aquelle decente lucro que aprouvesse a sua alta senhoria. »

« Ah, então tendes vós as duzentas mil? — insistiu o chancellor — Gracejaveis pois, quando me jurastes que em vossos cofres bem basculhados não se acharia a decima parte de semelhante somma. *Enganei-me!* Já vejo que é inutil o tractar com usurarios taes como D. Cibrão e micer Daniel. Falaremos d'espaco, micer Percival; falaremos d'espaco... Agora — accrescentou, voltando-se para elrei, o qual folheava um volume que tirára da arca aberta, e parecia alheio áquelle dialogo, de que não lhe escapára uma syllaba, porque logo comprehendêra a mente do seu chancellor: — agora urge, senhor, que deis despacho aos vossos bons cidadãos de Lisboa. »

« Se achaes sua petição justa . . . »

« Vossa senhoria pesou-a já na balança da sua infallivel justiça, e se não me engano, achou-a fundada. Posso eu pensar diversamente? Resta o remedio. *Vitia priorum censuum, editis novis professionibus, evanescunt*: diz o digesto. Applico a sentença. Este honrado povo de Lisboa está exausto por longos e custosos sacrificios. É necessario introduzir-lhe sangue novo nas veias, e não vejo eu em al remedio, senão em apertar algum tanto o collo ás sanguesugas que de fóra vem sugar neste pobre Pórtugal. Depois, ha os privilegios e as leis antigas, que as necessidades dos tempos escaços fizeram suspender: mas que fôra máu paramento da republica deixar nenhuma, vans, e como abolidas. »

Durante esta breve dissertação juridico-economica, micer Percival dera todos os signaes d'impaciencia por falar, que o respeito ao rei e o humor sorna e crasso das suas articulações britannicas lhe consentiam. A pausa, que o chanceller fez de proposito neste momento, salvou o inglez de rebentar. Voltou-se para D. João I e exclamou, perdida a tramontana:

« Senhor, senhor, que essa petição é inspirada por um sentimento d'odio contra mim! É obra dos vossos mercadores para me arruina-

rem! . . . Quando vos disse que pagaria as duzentas mil libras era por me fiar em oito náus, que espero da Arrochela. Vem ahí empregado o melhor do meu cabedal, e elles conjuraram-se para me obrigarem a vender-lhes tudo ao desbarato. Estou perdido, senhor; estou perdido, se despachaes essa petição! Bem sei d'onde parte o golpe, com que querem traspassar-me.»

Não sabia tal. O leitor é que não precisa de roer as unhas até o sabugo para o adivinhar.

« Que dizeis, micer Percival? — interrompeu o chanceller, com gesto de admiração, e com uma verdadeira cara de caso. — Isso é grave; muitissimo grave. Que?! Seria esta petição apenas um laço armado a sua real senhoria? Duro de crer me parece; mas por outro lado tracta-se da fortuna de um honrado mercador, embora estranho, que serviu a causa de Portugal longa e lealmente contra os perros scismaticos, quando muitos naturaes ou a abandonavam ou a trahiam. Havemos d'informar-nos: oh lá que havemos! Estae certo, micer Percival, de que a vontade d'elrei é apagar odios, e não satisfaze-los. Se a justiça estiver da vossa parte . . . »

« Mas vêde — acudiu o inglez — que para pagar as duzentas mil libras . . . »

« Conforme . . . Ha-de ver-se . . . Deixae estar . . . »

Estas phrases vagas foram proferidas de tal geito, que o mercador perguntou anciosamente:

« Posso dizer, pois, a D. Cibrão e a micer Daniel, que entreguem ao thesoureiro-mór? . . . »

« Se quizerem, ou podérem. Nada de constrangimento. Tenho uma scisma, micer Percival: é talvez uma superstição. Mas que quereis? Não posso vence-la. Dinheiro extorquido á força não luz a quem assim o obtem. Por isso, não aperteis demasiado com elles, nem lhes mettaes medo com elrei. Deixo o negocio á vossa prudencia. Adeus, honrado micer Percival. »

Elrei continuava a folhear o livro. O chanceler pegou n'outro pergaminho e começou a lê-lo, em quanto o homem ruivo se ía escoando, e desaparecia atraz do reposteiro.

D. João I fechou o livro, escutou por alguns instantes, e desatou a rir.

« Na verdade, mestre João das Leis, que os ares de Bolonha, de Pisa e a agudeza de Bartholo são maravilhosos para apurar engenhos. Ninguem acha argumento mais a ponto para persuadir um avaro velhaco a abrir a bolsa. D. Cibrão e micer Daniel?! Por S. Jorge! Uns tacanhos, meros instrumentos das usuras de mi-

cer Percival. Vivaes mil annos, meu nobre chancelier ! Estes cavalleiros portuguezes apoquentavam-me com os soldos que não cessam de pedir. Teremos com que os contentar. Que os meus bons burguezes de Lisboa esperem mais algum tempo. Mas hão-de irritar-se ; e nós devemos amansa-los. Parafusae lá, doutor : vêde se achaes ahi pergaminho que valha. Ha-de custar. Não vos parece, Gomide, meu taciturno escrivão da camara real ? »

Para ir conforme com o epitheto por que elrei o designava, Gonçalo Lourenço abaixou duas ou tres vezes a cabeça em signal de acquiescencia, e encolheu os hombros, como quem ignorava que pilula se poderia ministrar aos mercadores da Rua-nova, da Magdalena, e de Sancta Justa, para lhes acalmar o sangue ácerca da liberdade commercial. Era evidente que, apesar das fundadas pretensões dos burguezes, esta liberdade havia de continuar por mais algum tempo, se apparecessem as duzentas mil livras para o pagamento das quantias dos cavalleiros e homens d'armas, e se chegassem a porto e salvamento as oito náus da Arrochela, objectos que, parecendo absolutamente estranhos, se achavam neste caso ligados de um modo singular ao despacho favoravel ou desfavoravel da petição municipal.

João das Regras mofava, porém, interiormente da difficuldade que se antolhára ao monarcha e da perplexidade do escrivão da camara. Não era a um homem como elle que faltaria nesta conjunctura um osso para atirar ao lebréu popular.

Quando elrei volveu os olhos para o chanceller, viu-lhe erguida em alto a mão esquerda, entre cujos índice e pollegar pendia o pergaminho que começára a ler apenas despedira micer Percival. O monarcha não podia attingir ao que significava aquelle gesto.

« Eis aqui — disse emfim o válido — com que distrahir e consolar a Rua-nova, a de Sancta Justa e a da Magdalena... Que digo eu?! Toda a cidade. Tem para falar um mez, e d'aqui a um mez estarão os pedidos votados. Que vossa real senhoria responda a esta carta como deve, e é quanto basta. »

Dicto isto, abaixou a mão e começou a ler o pergaminho. Era uma especie de consulta que os alvazis de Lisboa dirigiam a elrei sobre o modo de punir um delicto singular, delicto daquelles a que, hoje, chamamos crimes politicos. Um mercador da Catalunha, não podendo obter dos alvazis, ou juizes municipaes de Lisboa, o desaggravo que entendia ser-lhe devido por offensas recebidas de um compatri-

cio seu, fôra ao mercado, e na presença de numeroso concurso pegára em varios vasos de barro, e despedaçando-os, guardára cuidadosamente as tampas ou *testos*, e mostrando-os ao povo apinhado exclamára:—Eis as testemunhas que levo para o meu paiz da justiça que se faz em Portugal! » Lançado nas masmorras do castello pelo alcaide pequeno, os alvazis perguntavam a elrei qual seria a pena condigna daquelle attentado.

Nos nossos costumes modernos o acto do catalão teria sido pouco menos que indifferente. Não era assim naquelles tempos. Faltava então a imprensa, esse respiradouro das grandes coleras e das grandes affrontas. Suppria-se, — suppria-a pelo menos o povo—por actos symbolicos, expressivos por si mesmos, ou por uma especie de consenso commum. Ainda hoje restam entre o vulgo destes libellos em acção. A regateira de Lisboa bate violentamente as palmas, a do Porto descalça o sócco, e põe-no ante si com a sóla virada para o ar. É a summa injuria: é a declaração de guerra: o combate de arrepelões e punhadas vae começar. Estes symbolos eram a columna de jornal, o *pamphlet*, a caricatura da idade média. Nos fins do seculo xiv o quebrar as panellas na praça, ou *pro rostris*, e o guardar-lhes os *testos* parece ter sido

a mais atroz invectiva, o mais pungente epigramma atirado ás venerandas barbas dos magistrados municipaes, e os antigos monumentos nos conservaram a memoria de mais de um severo castigo imposto pelo proprio D. João I aos individuos implicados naquelles panellicidios insolentes e revolucionarios. Era um caso destes, que os alvazis e concelho da mui nobre e mui leal cidade de Lisboa submettiam á consideração de sua mercê elrei.

As mudanças no aspecto do monarcha seguiam as phases da leitura. Na sua frente serena e ridente, como o lago adormecido do valle, encapellavam-se pouco a pouco as rugas, como as vagas no oceano ao passar do temporal. Subia-lhe gradualmente o rubor ás faces, e os olhos pequenos e vivos encandeavam-se de estranho fulgor. Quando o chanceller acabou de ler, D. João I murmurou com a voz trémula de ira:

« Cincoenta açoutes no villão, dados em meio da praça, e que se vá depois para roim á sua terra dar querela do torto que lhe fizeram aqui. Far-lhe-hão direito lá. »

O chanceller revirou a cabeça para sua immobibilidade o escrivão da camara, e repetiu as palavras d'elrei sem alterar uma virgula. Gonçalo Lourenço ía escrevendo com o lapis.

« Na ementa : — disse o taciturno ministro quando acabou.

« Aos honrados alvazis, vereadores e homens bons do concelho desta leal cidade : — acrescentou o chancellor.

O escrivão esgaratujou aquellas palavras.

Neste momento o relógio deu dez pancadas.

João das Regras poz-se em pé, e arredando a poltrona, proseguiu, abaixando a cabeça, como se o escrivão se houvera despedido d'elle.

« Dez ! São as horas de sua mercê . . . »

Gonçalo Lourenço entendeu-o. Beijou a mão a elrei, e saíu.

« Pagens ! — proseguiu o omnipotente valido — Dormitae s ? ! São dez horas : as horas de sua mercê se retirar. »

Evidentemente o chancellor queria ficar só com o rei. Pelo menos os dous mancebos assim o interpretaram. Accenderam as tochas e saíram vagarosamente parando a tal distancia, que não podessem chegar-lhes aos ouvidos as palavras dos dous personagens que ficavam.

O doutor de Pisa dirigiu-se á porta interior, franziu o reposteiro, e observou os pagens. D. João I, ainda colerico pela affronta feita aos magistrados da sua boa cidade, tinha-se encostado de novo á arca, falando por entre os

dentés. O chanceller aproximou-se, e parando diante d'elle, disse :

« Respondestes como um nobre rei, e a vossa sentença ha-de fazer exultar toda Lisboa, burguezes e arraia miuda. Foi qual eu a esperava. São assim feitos. Folgarão mais com isto do que se despachasseis a petição dos mercadores. Cincoenta açoutes n'um estrangeiro, ao meio dia, na praça! — proseguiu o chanceller esfregando as mãos, depois de breve pausa. — Admiravel! Como este bom povo rirá, e gritará:—alcacere por elrei D. João!»

A velha raposa amimava o leão. Amargo devia ser o alimento que lhe queria fazer tragar.

E o povo terá razão — respondeu o monarcha, lisongeadado pelos elogios do seu privado. — « Quem affronta os alvazis affronta os que os elegeram; quem, não tendo appellado para mim dos meus juizes de foro, vae ladrar nos açougues que nesta terra não ha justiça, mente, e calumnía o rei de Portugal. Hei-de fazer respeitar os meus concelhos, e a magestade desta corôa, que me deram Deus, o meu povo e a minha espada. »

« E eu : — reflectiu mentalmente o doutor emquanto proferia em voz alta :

« Eis o que é conforme a interpretação de Bartholo á lei do codigo *Siquis imperatori ma-*

ledixerit. Digam embora outra cousa os que seguem diverso rumo. É ao príncipe que toca punir os que o menoscabam, doestam e maldizem; porque o príncipe é o vigário e logar-tenente de Deus na terra, e deve sempre crer-se justo. Por isso lá diz o digesto: *Quod principi placuit legis habet vigorem*, texto, que, na minha opinião, é a pedra angular da republica.»

« Sei isso; — interrompeu elrei — porém não vades tão alto, mestre João das Leis; não vades tão alto! Como homem o príncipe é sujeito ás humanas fraquezas. O texto do digesto póde falhar. A vossa grande sciencia dos direitos m'ó tem muitas vezes provado. Mas deixemos esse ponto. Agora não se tractava só do throno; tractava-se tambem do povo; do povo de Lisboa offendido nos seus alvazís, e se a grei é pelo rei, o rei deve ser pela grei. Nunca em Portugal houve príncipe, nem meu nobre pae — Deus se amerceie de sua alma — que tanto devesse como eu aos seus honrados burguezes. Tem-me dado tudo, sangue e ouro, vidas e fazenda. Portugal, mestre João, — accrescentou o monarcha sorrindo — é uma grande behetria, que me escolheu por senhor, e vós bem sabeis que o villão de behetria costuma dizer ao que escolheu para o governar: — se bem me fizeres, contigo me irei. — Os por-

tuguezes hão-de ir comigo sempre; porque espero administrar-lhes sempre justiça e desagravo prompto e bom, como neste caso.»

«Vossa real senhoria fala como amoravel e gracioso senhor:—acudio o discipulo de Bartholo — Mas... mas...»

«Mas que mas é esse, meu excellente chanceler? — replicou D. João I.

«É que taes cousas, consinta-me vossa senhoria dize-lo, vinham a ponto nas côrtes de Coimbra, quando estava o reino vago. Lá disse eu algumas que as valiam; mas vós fostes eleito, e sois agora rei, e isso de tirar e pôr principes pelo povo, como behetria, são opiniões mal soantes e perigosas para a republica, havendo ahi senhor legitimo e jurado. Se vos dissessem hoje:—deponde a corôa...»

«Oh, oh! — tornou rindo elrei. — Não tenhaes medo, doutor! Nunca os meus portuguezes, que são como filhos queridos, e de quem sou pae, me dirão:—mestre de Aviz, desce do throno a que te elevámos...»

«Por essa fico eu. Não me arreceo do povo, que sempre em Portugal teve alliança com os seus principes. É um velho pacto; de um lado contra a turbulenta insolencia dos ricos-homens; do outro contra a sua tyrannia. Cifra-se n'isto toda a nossa historia. Póde o povo

gritar e tumultuar, mas quando o rei diz—alto lá, meus bons burguezes,» acabou-se tudo. Dura . . . dura é a cerviz da nobreza, que, estribada nos seus privilegios, só por dinheiro quer defender a liberdade commum, e que vos brada : — sêde embora rei dos concelhos : dentro dos nossos coutos e honras nós é que somos os reis.»—Virá, talvez, tempo em que o gemido dos que lidam e pagam e obedecem e morrem se converta em rugido de ameaça ; mas bem parvos ou bem máus devem ser os privados e ministros que não saibam contenta-los. Dous affagos e um pouco alliviada a canga, está tudo feito. O perigo serio anda mais alto. É aquella historia das espigas e dos Tarquinius de Roma, que vossa senhoria sabe . . . »

« Parece que não, — interrompeu elrei — porque não se passa mez . . . que digo eu? . . . não se passa semana, nem talvez dia, em que não queiraes contar-m'a. É a vossa seita, mestre João das Leis : é a vossa seita ! Haveis em todos os negocios de cahir por fim em invectivas contra os fidalgos. Estes fidalgos matam-vos ! »

« Matam, e tambem a republica. Que precisão havia de arrancarmos essas duzentas mil livras a micer Percival, para termos de as pagar com usura depois, no meio dos gastos da

guerra, que não tarda a renovar-se? Para que havíamos de suspender o despacho da petição dos mercadores, quando era tão facil contenta-los? Quem quer mugir a vacca sem lhe dar feno, tira sangue e perde a vacca. »

« E os cavalleiros, e a gente d'armas, e as minhas boas lanças, homem? Não posso tambem perdê-las? Direis como costumaes:—da massa dos burguezes se fazem.—Assim é; mas que taes? Ahi bate o ponto. Bem sei que, se não fosse por modestia, poderieis citar as vossas proprias façanhas em Aljubarrota, e mais ereis cavalleiro novel, tirado daquella massa; e depois vir com o costumado soláu dos quinhentos archeiros inglezes, que valeram ahi mais que mil lanças. Mas eu cá me entendo. Vós, chancellor, sabeis de direitos, e de regimentos, e da governança, e de tudo o que tange á paz e assocego do reino, porque sois um grande letrado. Porém de gente de guerra, e de hostes, e de arrancadas, e de cavallarias, e de bésteiros, e de frecheiros, e de azes, e de trons e engenhos, d'isso sei eu mais a dormir do que vós acordado, mestre João das Regras. Bem vejo que se abusa da situação do reino; que é uma villania, uma cubiça torpe pedirem-se-me soldos avultados, pedirem-nos homens a quem tenho dado terras, padroados, alcaidarias, car-

gos, as melhores joias, digamos assim, da corôa. Mas tractemos do presente, e para o futuro . . . Oh, no futuro, meu chanceller, então ajustaremos contas! . . . Pensaes vós que me esquece aquelle grande alvitre vosso, da lei que ha-de cortar as unhas e encolher os braços á fidalguia, e que dizeis se não deve escrever, mas conservar na minha memoria e vontade, e que por isso se ha-de chamar mental, alvitre na verdade violento, mas efficaz? . . . »

« Violento? Brando o acho eu, e mais que conforme a direito: — interrompeu o jurisconsulto, que não tolerava a menor dúvida sobre a bondade absoluta da famosa Lei-mental que então forjava. — Sois senhor: podeis dar ou tirar o que é da republica; porque, sendo della, é de vossa real senhoria, que sois o seu regedor e mantedor, *formaliter et essentialiter*. Não ha injuria onde não ha direito. E depois lá está para a explicar a quasi divina regra dos sabedores romanos: *Quod principi placuit, legis habet vigorem*. Que importa que as difficuldades dos tempos não consintam reduzir a escripto esse pensamento, se para ser lei e boa lei lhe basta estar na vossa mente e vontade, *placuit!* Parece, porém, senhor, quererdes accusar-me de pôr peias aos vossos desenhos pelo que tange á milicia. Sois injusto comigo. Não

vistes que tractei sériamente de alcançar as duzentas mil libras adiantadas? Que prova maior de que nas materias de guerra, como em tudo, reconheço a alta e superior sciencia de vossa real senhoria? Deploro só a oppressão dos pequenos e o desbarato das rendas publicas para se haver de saciar a cubiça dos grandes: deploro que o rei de Portugal pareça receiar a colera dos seus nobres vassallos, e que não obtenha com tanta generosidade senão torna-los cada vez mais insolentes, conspiradores e ingratos. »

« Ingratos, isso é natural; — exclamou D. João I, carregando as sobranceiras — mas insolentes e conspiradores?! Chanceller, taes accusações são graves. »

« Mas verdadeiras: — replicou o valído — Animados pela orgulhosa altiveza de um homem, que no illimitado favor do seu principe devêra ter um incentivo da mais submissa obediencia, e que faz saír bem caro ao rei e ao reino os seus largos serviços na guerra, e uma gloria que ninguem lhe disputa; excitados pela linguagem violenta do condestavel... »

« Doutor João das Regras, — atalhou elrei com um movimento de despeito mal comprimido — prohibí a Nunalvares que na minha presença invectivasse contra vós; a vós que

aventasseis suspeitas contra o mais nobre, o mais leal, o mais valente cavalleiro que Portugal tem gerado. Não pude fazer-vos amigos: quizera ao menos que vos respeitasseis. Não sei agora o que cuide de um e de outro. Elle, soldado rude, tem-me obedecido: vós, letrado subtil, conselheiro austero, defensor da auctoridade suprema, haveis quebrado mais de uma vez o preceito. Não seria bom, meu honrado chancellor, lembrar-vos a este proposito do texto ácerca da vontade dos principes, que tantas vezes invocaes? Ou é que o digesto não vale para os que o estudaram?»

A estas perguntas ironicas não era facil dar resposta. Além d'isso no aspecto do monarcha havia uma tal expressão de severidade, que o velho ministro, apesar da sua immensa preponderancia e extrema familiaridade com o rei, pregou os olhos no chão, e ficou em silencio. D. João I conheceu que o tinha mortificado de mais. Chegou-se a elle e bateu-lhe brandamente no hombro.

«Vamos, homem! esqueçamo-nos d'isto. Assim podesseis esquecer a vossa má vontade, vós e Nunalvares; vós, as duas columnas do meu throno; vós, que eu amo, não como vassallos, mas como irmãos! Não quereis: paciencia! Chancellor, alludistes vagamente a insolencias,

a conspirações, e não sei a que mais. Sois assás prudente para proferir em vão taes palavras...»

João das Regras ergueu lentamente a cabeça, mas virando o rosto um pouco para o lado, e fitando no rei um olhar obliquo. Fez uma pausa, e respondeu:

« É que estive aqui ao anoitecer o abbade de Alcobaça. »

« O abbade de Alcobaça?! — interrompeu elrei com visivel anciedade. — Rompeu, emfim, a nuvem mysteriosa em que se envolvia? »

A anciedade do principe pareceu restituir a presença d'espírito ao abatido chancellor.

« Rompeu, e fez mais: trouxe uma testemunha, que revalidou e completou as suas declarações; um dos procuradores do povo. Vossa senhoria deve fazer mercê ao digno prelado. »

« Um dos procuradores do povo?! — acudiu elrei — Como é isso? »

« Um procurador, que, illudido pelo conde de Seia, trahiou os deveres do seu cargo, revelando-lhe os artigos populares para as proximas côrtes, e que arrependido veio, por conselho de D. João d'Ornellas, lançar-se-me aos pés, como se fosse eu, e não os que o escolheram por mandatario, quem houvesse de perdoar-lhe. »

« E que se passou ahí? — perguntou o monarcha fitando o olhar ardente no privado.

João das Regras narrou então miudamente os successos occorridos na tavolagem de Lourenço Braz, e quanto alli se dissera ; quantos alvitres se haviam aventado para destruir ou embaraçar os effeitos politicos da assembléa que se ía reunir. Sem alterar substancialmente os factos, o odio contra os nobres, cujo chefe era o seu rival no valimento, Nunalvares, a humilhação, que, por causa d'elle, pouco havia elrei lhe fizera tragar, e a sua natural astucia inspiraram-no de modo, que soube pintar com as mais negras côres um acto, que a situação da nobreza e o natural instincto da propria conservação até certo ponto desculpavam. Tinha alludido vagamente por muitas vezes a revelações importantes que esperava obter por intervenção do abbade de Alcobaça ; mas reservára para as vesperas do dia em que se deviam redigir as respostas aos capitulos de côrtes o desenhar ante os olhos d'elrei um quadro capaz de produzir viva e duradoura impressão na sua alma. Sem que podesse em tempo algum ser taxado de ultrapassar os limites da verdade, o destro chanceller chegou a despertar violenta irritação no animo do principe. As expressões insolentes de alguns fidalgos contra a quebra dos seus foros, os alvitres excogitados para constringer o soberano a rejeitar as supplicas dos

povos, as disfarçadas ameaças, tudo foi traduzido, interpretado, envenenado e revestido de dimensões extraordinárias. Quando o privado acabou de falar, a indignação profunda que se revelava no brilho desacostumado dos olhos e no affogueado das faces do monarcha, e que no primeiro impeto lhe tolhêra a voz, ameaçava estourar. O velho ministro ria interiormente, porque lêra no gesto de D. João I o que se passava na sua alma.

Posto que, semelhante á de todos os individuos de vontade energica, a colera do mestre d'Aviz fosse terrivel, elle sabia soccorrer-se a essa mesma energia de vontade para a disfarçar. O escondê-la, porém, a um homem tão astuto como João das Regras, e que tanto lhe estudára a indole, não era facil. Quanto mais o principe procurava encubri-la, mais o chanceller forcejava por irrita-la. Sabia que o tiro feriria o alvo tanto mais fortemente quanto mais se retesasse o arco.

«Doutor João das Regras,—disse elrei com uma vibração trémula de voz que o atraçoava,—acreditei a principio que era mais grave o negocio. A furia dos fidalgos ha-de passar!... ha-de passar!...»

E atirou violentamente com o livro que tinha na mão para dentro da arca.

« É possível: — replicou o chanceller encolhendo os hombros. — Mudarão provavelmente de conselho, Deus ha-de allumia-los. »

Tambem a voz do privado vibrava trémula. Era que as palavras, mansas e lentas, saíam-lhe dos labios repassadas d'ironia.

« Desaffogam em ameaças vans... — proseguiu elrei com um gesto d'indifferença. — Não julgo que queiram recorrer a meios extremos. »

« Creio-o, — acudiu João das Regras no mesmo tom — visto que apraz a vossa alta senhoria pensa-lo assim... »

« Chanceller! — bradou o monarcha, em cujos olhos faiscou um como relampago. — Lembrae-vos de que falaes com o rei de Portugal... »

« E esquecí-me eu d'isso? — replicou o privado, abaixando a cabeça com ar de profunda humildade — Esquecí-me eu d'isso uma só vez desde o dia em que nas còrtes de Coimbra a nobreza, o clero e o povo deste reino reconheceram, emfim, que devieis succeder a elrei vosso irmão? »

« Entendo! Completae a phrase. Porque vós lh'o provastes. Devo a corôa aos vossos esforços. Não é assim? Tenho-o presente. Mas falovos serio, e vós gracejaes? Mereço-vos isso? »

— Fez uma pausa e proseguiu em tom amargo: — Não sois já o meu velho amigo, doutor João das Regras: não sois meu amigo! »

O privado lançou-se-lhe aos pés, agarrou-lhe na mão e beijou-lh'a. Depois ergueu para elle os olhos, dos quaes desejava nesse momento espremer duas lagrymas, que o coração frio e arido lhe recusava.

« Se eu deixasse de amar-vos, senhor, — exclamou elle — a vós que me tirastes do meu nada, seria o homem mais ingrato do mundo. Não graciei comvosco. Ninguém melhor do que eu sabe qual veneração se deve á magestade dos principes; ninguém mais sinceramente crê que o monarcha é a imagem de Deus na terra. Se tal ousasse, não mereceria só a cruel accusação que me fazeis; mereceria a de sacrilego. Mas que querieis, senhor? Quando lia no gesto de vossa mercê os esforços que fazieis para conter o justo despeito contra a insolencia da nobreza, devia eu irrita-lo contradizendo a vossa magnanimidade? Apontaria o ministro para a espada da justiça quando o principe chamava do coração aos labios os impulsos da misericordia? Se n'isto pequei, perdoae-me; e se não mereço perdão, puní-me. Não me digaes, porém, que o velho João das Regras não vos guarda a lealdade de bom vas-

sallo, ou póde esquecer-se um instante do mais honrado dos seus titulos, do nome de vosso amigo ! »

O chanceller passára da comedia para o melodrama. Tinha a mão d'elrei segura entre as suas, e encostava a fronte sobre ella, em quanto D. João I forcejava com a esquerda para o levantar.

« Que é isso, homem? — dizia o monarcha visivelmente commovido. — Deixae essa postura, que nem é digna de vós nem de mim. Conhecemo-nos ha muito para que hajamos de gastar mutuos disfarces. A fidalguia, a fidalguia ! Oh esta fidalguia martyrisa-vos . . . Tambem a mim. Eis ahi para que me quizeram rei ; os que quizeram ; porque o resto . . . o resto tinha corpos e almas em Castella. Os corpos vieram ; mas as almas . . . Eu sei ? . . . Ficaram-lhes lá. Ao menos parece-o. Não consentem que Portugal respire, este pobre Portugal ! É que ainda se lembram da era de vinte e dous, quando os populares lhes cercavam e tomavam as alcaçovas para m'as darem a mim, ao mestre. Bom tempo era esse em que me chamavam o mestre ! Conspiram . . . injuriam-nos, ferem-nos pelas costas, chanceller, porque lhes não deixamos tirar a camisa ao povo. Pois eu não lhes dou tudo quanto a corôa lhes póde dar ? »

« E o que não póde : — interrompeu o valido.

« Confesso que tinheis razão : — proseguiu elrei. — É necessaria a severidade. E mais dóe-me ; que sou affeioado a alguns ; e muito ! Poupemos, todavia, o condestavel : bem vêdes que é estranho a estes meneios. Cuidemos em derribar-lhes os engenhos. Nesta guerra sois vós melhor capitão do que eu. Andae, homem. Parafusae lá, e dizei o que se ha-de fazer. »

« Se esses eram os pensamentos de vossa real senhoria, para que intentastes dissimularlos ? Agora sim, que falaes como um grande rei que sois. Ninguem ama a brandura mais do que eu ; mas tambem considero que é mister acudir aos mesquinhos, que, roubados e opprimidos, erguem as mãos para o seu principe. É negocio para maduramente se pesar : porque os adversarios são duros. É tarde hoje. Pensarei d'espaco, e com friesa. Imparcialidade sobre tudo ! Nem amor, nem odio. É a minha regra. Amanhan, ámanhan. Tudo repousa já. São horas de vos recolherdes, e eu vou retirar-me. »

O relógio tinha dado onze pancadas.

« É verdade ! — disse elrei olhando para a pendula, e encaminhando-se para a porta interior. — Grande invento foi este dos horolo-

gios.» « Adeus, honrado chanceller:—acrescentou, batendo familiarmente no hombro do legista. — Não vos sáia da memoria que Nunalvares é o braço da espada e vós a fronte da intelligencia. São duas cousas que devem andar accordes. As respostas aos capitulos do povo, visto que já os conheceis, consultae-as com os do conselho, que eu concordo desde já no que resolverdes; mas com uma limitação: respeitae o condestavel! »

Evitando ulteriores explicações, o privado abaixou a cabeça para de novo beijar a mão a elrei. Mas no momento em que este ía a saír, exclamou :

« Ai, que me esquecia ... É um negocio de riso em que me falou D. João d'Ornellas. Como soube da morte de Annequim, offerece a vossa real senhoria um gracioso jogral. Se quizerdes toma-lo por vosso ... »

« Quero, quero ! Sabeis que me faz falta o bom do Annequim com suas jogralidades ? Como se chama o herdeiro das suas roupas de guizos, da sua palheta e do adufe a cujo som bailava ? »

« Chama-se ... chama-se ... Alle ... Alle, sim. É o nome em que falou o abbade ... »

« Mouro ? »

« Mouro. »

« Não importa. Quando virdes D. João d'Ornellas, dizei-lhe que Alle é meu homem com vinte livras de assentamento e dous vestidos por anno ; aljuba, aljubeta, balandrau e escapulario, e um albornós ou capuz á sua vontade. »

Dizendo isto, saíu. Os pagens da tocha, que, esperando a respeitosa distancia, cambaleavam de somno, marcharam allumiando adiante.

O chanceller deu então volta á chave: dirigiu-se á porta exterior, franziu o reposteiro, e murmurou :

« Entrae. »

XVI

O MEU ILLUSTRE AMIGO.

Ouve entre elles pallavras syngidas de tanto amor e cortesia, que parecia que huum nom estymava nem desejava mais bem que a vista do outro.

RUY DE PINA—*Chron. d' Affonso V.*

Apenas o doutor João das Regras proferiu aquella simples palavra, com que rematou a serie dos seus movimentos depois da saída d'el-rei, e com que nós tambem concluimos o precedente capitulo, surdiu d'entre os umbraes da porta mysteriosa um vulto alto e grosso, embrulhado n'um ferragoulo pardo.

« Esperastes? — perguntou o chanceller á corpulenta personagem que entrára.

« Pouco. Cheguei agora. Abrindo devagarinho a porta, ainda ouví as ultimas palavras d'elrei. Creio que falava ácerca de Alle. »

« Justamente. Podeis manda-lo apresentar ao alcaide dos donzeis. »

« Beijo-vos as mãos, senhor chanceller... É verdade: ía-me esquecendo de vos restituir a chave que me déstes para haver de aqui entrar. »

O chanceller pegou na chave, puxou uma gaveta do bufete, e metteu-a dentro com varias outras, que fechavam mais de uma passagem secreta, ou mais de uma arca importante, e voltando-se para o abbade de Alcobaça, que por certo o leitor já reconheceu no vulto alto e grosso que entrára, perguntou vivamente:

« Percebestes o que elrei dizia? Sua mercê achou singular e estranho, que fosseis vós quem lhe inculcasse um successor para o defuncto Annequim. »

Ao alludir ao empenho, na verdade extravagante, do monge, o valído cravou nelle os olhos, como se tentasse ler na sua alma.

O singelo abbade era, porém, parceiro digno de jogar com o bonacheirão do doutor de Pisa. Deslisando um sorriso insignificante, respondeu:

« A um bom vassallo, a um amigo leal da monarchia e do monarcha poderia ser acaso indifferente o prazer ou desgosto do seu principe? Sua real senhoria lamentava-se tanto o outro dia da morte de Annequim, que não descansei sem lhe achar um jogral, e creio que em boas manhas e agudeza este ha-de levar a palma . . . »

« Bem, bem! Não falemos mais n'isso : — interrompeu João das Regras. — Vamos ao essencial. Estão, emfim, accordes os procuradores? »

« Como um homem só : um só pensamento e uma só vontade. »

« Excellente ! — murmurou o privado esfregando as mãos.

« E o camareiro menor? — perguntou o abbade.

Oh meu bom amigo ! — respondeu com gesto contrito o chanceller. — Porque não vos acreditei logo, e não seguí o vosso dictame? Por esta minha simpleza. Sou eu o primeiro a confessa-la. O hypocrita, quando perco elrei de vista, não cessa de advogar os interesses da sua parcialidade, affectando depois diante da côrte uma indifferença estudada. Difficil lucta é esta ; porque, em summa, sou um homem chão . . . »

« Isso é verdade! — acudiu D. João d'Ornellas. — Mas como é possível que elrei se deixe embair por elle, sabendo qual foi a linguagem traidora daquelle homem ingrato na celebre noite... »

« É... — interrompeu João das Regras com ar de innocencia bondosa, e raspando attentamente com a unha do index uns pingos de cera, que tinha na manga da garnacha; — é que eu... pelo que tóca... sim, pelo que tóca ao moço escudeiro... occultei a sua real senhoria o que elle fez e disse na tavola-gem... »

« Como assim? — interrompeu o monge lançando um olhar suspeito ao privado. — Pois vós occultastes o que disse o camareiro menor? Esquecestes que me tinheis promettido desaggravo, e que essa foi a condição das revelações que vos fiz, não sómente sobre o que se passou nas Portas do mar, mas tambem sobre as antecedencias dessa importante trama? Quereis acaso salvar o meu inimigo mortal? »

« Ai, ai, dom abbade! — replicou o chancelier, rindo e tossindo a um tempo, e continuando a fazer saltar com a unha a cera da manga. — Não nego que teria feito melhor em logo o accusar a elle, carregando a mão na culpa, e impedindo-o de fazer mal. Mas o

erro está commettido, e o que resta é guardar de segundo . . . »

« De segundo !—atalhou de novo o monge, escondendo mal a irritação que lhe brilhava nos olhos. — Confesso que não vos entendo, senhor chanceller. »

« Não !? Parece impossivel, meu excellente amigo, que não alcanceis de golpe o que quero dizer; vós, que sois tão subtil. Olhae ! Contarvos-hei uma historia. Estando eu na tenda d'elrei, naquella noite depois da de Aljubarrota, falava com micer Talhaferro do grande pavor que os trons de fogo, nunca vistos em Portugal, produziram nas nossas azes dianteiras : « Se os castelhanos — disse-me então micer Talhaferro — tivessem sabido servir-se desses engenhos, não seriamos nós que estaríamos senhores do campo, folgando aqui de seu mal e vergonha. Assestando-os todos sobre a bandeira d'elrei, e disparando-os a um tempo, acabavam com a festa. » — Sabeis vós, dom abbade, que parafusei toda a noite naquellas palavras, e que depois me tem sido grandemente util, cá nestas cousas da governança, a licção de micer Talhaferro ? »

« Mas, emfim ! . . . »

« Mas, emfim, dom abbade, — proseguiu o chanceller, acabando de raspar a garnacha,

e batendo com dous dedos no hombro do veneravel prelado — não vêdes que a furia d'elrei espalhada por tantos ha-de ser como os tiros dos trons castelhanos, de grande ruído, mas de pequenos effeitos? Deixae-me, deixae-me de parte o camareiro-menor. Ajunctemos a artilharia que podrmos: carreguemo-la toda: assestemo-la contra esse ponto unico: disparemos então; e a torre virá a terra. Era o que eu devia ter feito logo. Não o fiz. Agora emendo a mão... Percebeis?»

O aspecto de D. João d'Ornellas, até ahi carregado, desanuviou-se. O monge sorriu.

« Não sois sómente um homem chão e honrado, senhor chancellor: — exclamou elle — Sois tambem um grande ministro, mandado por Deus para salvação e gloria desta nossa terra de Portugal. Que o Senhor vos guarde e mantenha, para temor dos máus e defensão dos bons: é o que peço todos os dias nas minhas pobres orações a nosso padre S. Bernardo. »

« *Gratias ago, domine reverendissime*: — respondeu modestamente o velho jurisconsulto, apertando com a mão pequenina, torneada e sempre fria, a mão ampla e ossuda de sua reverencia.

O abbade olhou para o horologio. O ponteiro indicava que depois das onze decorrêra já um arrazoado espaço.

« São horas de partir: — disse elle abai-xando os olhos para o chanceller. — Os pro-curadores esperam-vos na pousada de Mem Bu-galho, que cego de raiva . . . »

« Coitado! — interrompeu o valído — aman-sa-lo-hemos. Preciso de um escriba que me transcreva, sem errar demasiado o latim, al-gumas conclusões de Bartholo. Terá um bu-fete na Torre da Escrivaninha, manança e sa-lario d'elrei. »

D. João d'Ornellas sentiu uma tentação dia-bolica de rir, á vista do singular encargo que o chanceller destinava a um homem, a quem na tavolagem do bésteiro se fizera crer na pos-sibilidade de lhe succeder a elle.

« Voltae quanto antes, meu illustre amigo, — proseguiu João das Regras — e assegurae-lhes que me parece termos obtido um trium-pho decisivo. Ide, em quanto eu me dirijo a casa dos irmãos Docem e de Pedreannes Lo-bato, que hão-de acompanhar-me. »

Ouvindo isto o digno prelado apertou de novo a mão do chanceller, e partiu apressadamente.

João das Regras poz-se á escuta. Apenas sentiu cerrar a porta da rua, soltou uma des-tas gargalhadas, agudas, chirriantes, contrista-doras, attribuidas pelo povo aos medos e cou-sas más que apparecem á meia noite.

Depois foi assentar-se na grande poltrona, e encostando o cotovello ao bufete, e a cabeça ao punho cerrado, parecia envolto em fundo meditar, agitando incessantemente os labios, dos quaes lhe escapavam por vezes phrases truncadas:

« Supprimidos os mais . . . a estes as respostas . . . Eu e o conselho . . . Dicta-las? . . . O conselho sou eu! . . . Dez mil libras ao mestre de Sanctiago . . . Lopo Dias para Tralosmontes . . . Cinco mil libras é muito . . . Cercaremos Tuy . . . Paio Soródea escreve-me . . . tambem cá temos desses villãos! . . . O marechal . . . Livremo-nos dos mais violentos . . . O mestre de Christus . . . Sete mil libras . . . Posso, emfim, respirar! Ah! »

Soltando estas palavras incoherentes, e interrompidas por silenciosos intervallos, o privado conservou-se por algum tempo naquella postura. Por fim ergueu-se, e começou a mecher na gaveta que deixára aberta. As chaves que alli tinha tiniram umas nas outras. Pegou em duas, e, tornando a metter a mão, tirou um punhal comprido e agudo, desses a que chamavam misericordias, companheiro necessario para quem devia atravessar assim a deshoras as ruas tenebrosas e solitarias de Lisboa. Em quanto o segurava bem na banda negra que lhe cingia a garnacha, o discipulo de Bartholo resmoneava :

« Este abbade, sancto homem, vae-se intromettendo de mais nos negocios da republica . . . Emfim, elrei cede, e portanto tenho nas mãos a victoria ! O temporal rugirá por alguns dias em S. Domingos ; mas ha-de abonancar. Depois, tenha paciencia o digno prelado, que a sua nedia mula trotará em breve pela estrada de Alcobaça. Assim podesse eu aposentar em Pombeiro o velhaco do escrivão da puridade ! »

Feita esta oração mental, o bom do chancelier apagou as duas tochas. A lampada extinguiu-se por si, dando d'espaco a espaco um grande clarão, que logo esmorecia. A esta luz duvidosa o privado desapareceu atraz do mesmo reposteiro que franzíra para D. João d'Ornellas entrar : abriu e fechou após si a porta contigua : desceu dous ou tres degraus tacteando com os pés : atravessou uma especie de atrio ; abriu a porta exterior que tambem fechou cuidadosamente após si : metteu as chaves na bolsa que trazia ao lado, e dirigiu-se para o terreiro dos paços do concelho, perto dos quaes habitava Pedreannes Lobato.

Pouco mais de trezentos passos adiante delle caminhava vagarosamente para o lado da Rua-nova um dos seus maiores amigos, o abbade D. João d'Ornellas, que, embuçado no pardo ferragoulo, trauteava a meia voz um pedaço do

Exurge, domine, ao mesmo tempo que pela cabeça lhe galgava o seguinte soliloquio :

« Mestre dos engenhos, meu doutor de Pisa, é D. João d'Ornellas ! Tu que és, velho manhoso, senão um dos trons que assésto ? Guarda as tuas licções de micer Talhaferro : guarda-as para ti, ridiculo velhaco ! ... Parvos ! Cuidam que eu ... eu ! ... sou instrumento de seus odios, ambições e designios ! ... Elles é que o são da minha vingança ! Rei e chanceller ; nobreza e procuradores ; Fr. Vasco e o truão ... Ah, ah, ah ! »

E ria ainda de melhor vontade do que rira o doutor Joannes a *Regulis*, o grande doutor, como lhe chama o tão poetico e ao mesmo tempo tão singelo chronista de D. João I.

XVII

A PROCISSÃO DE CORPUS.

Em esta maneyra se mostra por costume antigo que hamde ir os officios da cidade na festa do corpo de Deus.

LIVRO DOS PREGOS — *no Archivo
Municipal de Lisboa.*

O dia tinha amanhecido sereno e puro. Uma brisa suave do norte, varrendo as cimas dos pomares entresachados de hortas ou almuinhas, que se dilatavam por Valverde e pelo valle de Andaluz, espalhava ao longe os effluvios dos rosaes e da madresilva. Era um bello dia de estio aquelle. Os campos como que sorriam, e até o interior da cidade, em cujas visceras obscu-

ras e lodacentas penetrava a viva claridade do sol esplendido, e d'onde a aragem affugentava o cheiro repugnante de uma crassa atmosphera, parecia revivescer, remoçar, desempoeirar-se, e o seu borborinho, habitualmente roufenho, cãvo, triste sem melancholia, tornava-se harmonioso e accorde com o sussurro da brisa.

O dia que amanhecêra fôra o dezesete de junho, e o dezesete de junho era um dia sancto, o da procissão de Corpus.

Um dia-sancto; um dia-sancto!... Assim junctas estas duas palavras são as mais sonoras, as mais pinturescas, as mais saudosas da nossa lingua; para mim, ao menos. De todas essas memorias passadas, cujas ruinas o descrer da idade de homem me tem alastrado pelo coração, uma sei eu que vive ainda nelle fresca e viçosa, e que me parece morrerá só quando eu morrer. É a lembrança dos dias-sanctos dos meus tenros annos. Um domingo de então ainda me sorri suavemente quando deito olhos longos para o caminho tortuoso e agro, por onde já derramei, sem saber como, um terço de seculo da vida. Na orla desse horisonte crepuscular do passado avulta-me a capellinha da habitação da infancia ao dia-sancto, e o altar com os seus castiçaes de talha dourada e as jarras de flores, que lá se punham no sabbado á noite,

e o alevantar cedo para todos e tudo estar lavado, espanejado, escovado e ordenado para a missa. Sabe Deus com quanta fé e devoção a minha alma tenra se balouçava na toada monotona que murmurava o velho frade arrabido, calvo e macilento, cujo burel desaparecêra debaixo das vestes variegadas do sacerdocio ! Através de alta gelosia o sol vinha, semelhante a uma columna de vidro amassado com pó de ouro tombada de seu pedestal, bater de soslaio nos degráus do altar. As luzes trémulas das vélas, cuja claridade se annullava no esplendor do dia, pareciam-me espiritos que se inclinavam esperando a presença real de Deus para o adorarem. Depois o frade que viera de longe, do convento de Ribamar ou da Boa-viagem, almoçava e jantava. E todos estavam contentes ; porque era um sancto mas jovial frade o bom do arrabido, e contava historias que era um pasmar. Naquelles dias abençoados juraria eu que a folhagem das arvores era de um verdor mais vivo, os fructos mais saborosos, o ar mais diaphano, a agua mais transparente, o céu mais azul, e até as alfaias da casa mais novas, e o caio dos muros mais alvo. Á tarde corria pela relva com os outros moços da minha idade, e travava luctas e gritava e ria e suave e tripudiava nos jogos e brinquedos que são proprios

daquella idade; mas quando o sol descia para o horisonte ía assentar-me á sombra de uma grande nogueira, sósinho, a ouvir cahir n'um tanque uma pequena bica d'agua, e alli ficava muito tempo a scismar. Em que? Eu sei lá! Em nada, provavelmente. Mas scismava e sentia levantar-se-me no coração um fumosinho de tranquilla melancholia, fumosinho, que se condensava brevemente nos olhos em lagrymas, que não chegavam a rolar, mas que nelles bailavam. E alli me achava a noite, e buscavam-me, e desfaziam-me o encanto; mas ficava-me cá a saudade... Domingos dos doze annos, em que o meu espirito infante se harmonisava com o hymno eterno da natureza, salve! A gloria litteraria, o amor da independencia, talvez até o orgulho de proceder honesto, todos os meus sonhos de ambição da-los-hia a trôco de me sentir viver comvosco; comvosco, oh dias-sanctos; porque os outros, esses se não eram pallidos como os de hoje, eram acres, dolorosos, inquietos. As paixões fervidas e insensatas da mocidade vinham chegando; e como que já sentia rugir a pouca distancia as tempestades que íam agitar e devorar-me os annos mais bellos da vida... Não tenho saudades dess'outros dias. Não tenho. Deixa-los ir. É pelos meus ricos dias-sanctos d'então, que eu sempre hei-de chorar.

Ainda hoje ha um individuo, que exerce singular predominio sobre mim, e ignora-o. É o sineiro da minha meio-rural, meio-urbana parochia. Na escala das reputações de sinos os da minha freguezia occupam logar modesto, e todavia, quando repicam antes da missa do dia, sinto passar em volta de mim uma como aura fugitiva dos dias-sanctos da meninice, e o sol illumina-se da luz daquelle tempo. O repique, por estes sitios, é ainda patriotico e tenaz: ainda não o perverteu a peste da civilisação. Nem as cantigas populares, nem as harmonias do theatro se atreveram a pôr pé sacrilego nos degraus do campanario. Abençoado sineiro, que me parece has-de morrer abraçado com as tradições do teu antecessor. Oxalá que, se eu te sobreviver, tenhas um herdeiro digno de ti ! Mal sabes tu, quando no teu ardor d'artista te penduras por essas cordas, e as fazes vibrar, saltando de um a outro lado, banhando-te n'uma catadupa de sons estrugidores, que se despeham sobre ti, jorram pelas sineiras, e vão enovelados esmorecer por esses ares ; mal sabes tu, que, a certa distancia, no alto da montanha, alguém larga o livro, a penna, as idéas, e fica abstracto e immovel a aspirar as harmonias que lhe mandas frouxas, sacrosanctas, ricas de saudades da infancia ! Mal sabes tu quantas co-

gitações profundas, quantas dôres do espirito tens suspendido com essas divinas toadas. Oh, que se me podesses restituir a capella, e o velho arrabido, e a sua missa, e as suas historias, e o murmurio que tinham outr'ora as pequenas bicas a correr nos pequenos tanques, e a sombra que davam as nogueiras, e a melancholia do sol posto de ha vinte annos; se tal podesses! . . . Eu sei!? Cahindo adorar-te-hia, fosses Deus ou Satanaz.

Ai, não pódes; não pódes! Isto tudo sumiu-se. Hoje sou cidadão, jurado, eleitor, homem de letras: podia ser commendador, conselheiro, governador-civil, deputado, ministro, se navegassem por esse rumo as minhas ambições, e Deus me houvesse concedido o ser um nadinha mais parvo.

Vida positiva, realidade do mundo, se tu fosses uma realidade tangivel, uma realidade que sentisse, uma realidade real, quizera verte jazer ante mim, para te pôr um pé sobre os peitos e calcar-te e cuspir-te nas faces! Só isto me consolava das saudades dos dias-sanctos infantís e deste viver miseravelmente desbotado.

Leitor, que tens tu com isso, comigo, ou com o meu spleen? Promettí contar-te uma velha historia. Boa ou má, queres ouvi-la, e não uma autobiographia íntima. Vou obede-

cer-te. Escusas de gritar mais :—Ávante, narrador ! »

Era, pois, o dia da procissão de Corpus.

As ruas por onde esta havia de passar estavam desde a vespera varridas, e cubertas de junco e espadanas. Saíndo da cathedral e transpondo a Porta do Ferro, aberta no muro antigo de Affonso III, descia-se ao longo desse muro para o lado da praia pelas Fangas, e dobrando á direita, entrava-se na magnifica Rua-nova, tão celebre pelo seu commercio e pelo grandioso dos seus edificios. Na extremidade della, voltando em angulo recto á direita, prolongava-se outra rua, que, costeando o monte de S. Francisco, vinha desembocar n'outras, que se prolongavam com ella até um terreiro d'onde rompiam para o noroeste e norte os dous valles de Valverde e da Mouraria, cortados quasi de nascente a poente pela nova muralha d'elrei D. Fernando. O terreiro, que se poderia comparar ao eixo de um compasso aberto, cujas pernas fossem os dous valles, chamava-se ainda Valverde, abrangendo o terreno da praça que depois se denominou o *Rocio*, quando esta palavra deixou de ser a designação absolutamente generica de quaesquer terrenos communs, ou logradouros dos concelhos ; e as ruas que ligavam este recinto com a extremidade occiden-

tal da Rua-nova, costeando as alturas do Carmo e de S. Francisco, vieram a ser origem da celebre rua do Ouro. Na immediata á Rua-nova, dous annos depois da conjunctura em que sobrevieram os successos contidos nesta narrativa, começaram a ajunctar-se os artifices de metaes preciosos; porque foi então que o concelho ordenou o arruamento dos *mesteiraes*, cujos gremios constituíam os *mestéres*. Para o nascente da Rua-nova d'Elrei, nome com que esta parece foi designada, ao menos no seculo seguinte, e das outras que seguiam na mesma linha até Valverde, ficava uma inextricavel meada de ruas, travessas, viellas e becos, semelhantes ás que ainda hoje constituem o bairro da Alfama, e cuja planta fôra difficil traçar depois que por cima desse labyrintho passou o suão mirrador do terremoto e o espirito perpendicular, amplo e rectangular do marquez de Pombal. Ao oriente deste macisso, que occupava o fundo do valle estendido entre a primitiva cidade mourisca e o monte dos Martyres, dilatava-se das raizes da alcaçova até a Magdalena a rua de Sancta Justa, encostada mais ou menos ao exterior do lanço da muralha de Affonso III, que corria da Porta do Ferro para o norte. Era ao redor deste macisso que a procissão de Corpus, a grande solemnidade popular de Lisboa

e de todas as cidades e villas notaveis do reino, se movia lentamente, colleando semelhante a desconforme serpente, que tentasse esmagar o arrabalde ; porque, no desenvolvimento da sua complicada estructura, ainda tinha a cauda embebida na Rua-nova, quando já as fórmulas singulares da frente se adiantavam, como um sonho de pesadello ou uma scena de phantasmagoria, ao redor de Valverde, caminho da cathedral.

Para assistir a este maravilhoso espectáculo, a este drama liturgico, amontoavam-se desde o romper d'alva, não só os moradores de todos os bairros da cidade, mas tambem os das aldeias e villas que demoravam por algumas leguas em volta. Excepção da regra geral eram unicamente os judeus e mouros, cujos trajos especiaes os faziam distinguir da outra gente, e lhes poderiam acarretar neste dia insultos, violencias, e até risco de vida no meio da gentilha feroz, se ousassem aproximar-se daquelle extenso theatro, na conjunctura em que a devoção do povo subia naturalmente até o gráu de fanatismo pela ebriedade do enthusiasmo.

Nenhum sitio em todo o transito da procissão era tão adaptado para conter avultado concurso de espectadores, como Valverde e a Rua-nova. O primeiro, muito mais vasto que o actual

Rocio, posto que irregular, só era limitado do sueste pela freguezia de Sancta Justa, da banda do norte pelo convento dos dominicanos, edificado no angulo do delta, que resultava da conjuncção da Mouraria e Valverde, e da banda do occidente pelo bairro da Pedreira. No cimo do cerro que campeava sobre o valle viasse, já meio demolido, para se edificar o convento do Carmo, o palacio da nobre familia dos almirantes Peçanhas, cujo ultimo representante fôra victima da colera popular na revolução de 1384. O bairro da Pedreira ou do Almirante, coutado por pertencer aos chefes daquella celebre linhagem, era um objecto de terror e de odio para o concelho de Lisboa, por ser um covil de malseitores, onde as justiças municipaes não podiam penetrar. Na verdade D. Fernando descountára esse bairro; mas D. João I, indulgente sempre com os crimes politicos, ainda daquellas familias que menos affeiçoadas lhe ficaram sendo, restituíra á dos Peçanhas os antigos privilegios. Além da vastidão da praça de Valverde, patente a todos, a encosta ingreme da Pedreira offerencia aos seus moradores uma especie de amphitheatro para gosarem mais ou menos distinctamente as scenas transitorias da procissão sem saírem de casa.

Se as dimensões da Rua-nova não eram, ab-

solitamente falando, tão amplas como as da praça, podia-se dizer que essa rua era um theatro mais apropriado á mobilidade do espectáculo. Nenhuma outra soffria comparação com ella na largura, porque tinha mais de trinta palmos, largura fabulosa n'uma cidade onde se diriam nobres e anchas as que tivessem mais de oito ou dez. Assim a multidão podia dilatar-se alli em duas alas profundas, mas sempre vizinhas das variadas representações, que não tardariam a passar enfileiradas umas após outras. Àquelle arrazoado espaço se ajunctava a serie de soportaes ou atrios, onde o povo, trepando ás bases dos pilares que formavam as arcarias lateraes, abraçando-se com elles, descendo e tornando a subir, se assemelhava a uma nuvem de formigas, ora acima, ora abaixo, nos troncos de um pecegueiro, e fervendo nos seus renovos, cujas folhas se encrespam irritadas pela impertinencia das hospedas. Por estas vantagens que a Rua-nova offerencia, era nella que se apinhava a força do concurso da procissão.

Em todos os gnomons de Lisboa a sombra angular da agulha de ferro passava já o ponto do meio-dia, e ainda o movei drama não rompia da profunda portada da cathedral. Alguns vereadores e os mestéres e officiaes da camara, a quem não tocára acompanhar o prestito, en-

costados aos balcões do paço municipal, situado á direita do terreiro da sé, *no ar*, ou, como hoje diriamos, no andar superior da igreja de Sancto Antonio, sancto famoso, que, segundo a tradição, nascêra no pavimento terreo da casa do concelho, pareciam disputar vivamente com dous personagens, cidadãos pelo traço, um roliço, baixo, rosado, jovial, outro alto, cadaverico, rachitico, grave, e melancholico. Eram os procuradores de Lisboa nas ultimas côrtes, onde os tempestuosos debates entre a nobreza e os populares tinham cessado, havia apenas tres ou quatro dias, com as respostas definitivas d'elrei aos capitulos geraes e especiaes dos concelhos, e aos que por sua parte a fidalguia apresentára.

Se os magistrados, mestéres e officiaes do concelho disputavam com os seus procuradores, não era por quaesquer bagatellas, mas por causa de materias solidas e macissas como o figurão baixo e roliço, graves e melancholicas como o esguião e cadaverico, os quaes, um ao pé do outro, podiam ter inspirado a invenção do ponto e virgula. Tractava-se do resultado das ultimas côrtes.

« Mestre Antão, — dizia colerico o ponto a um esparteiro, rolho e pequeno como elle, eleito, almotacé nesse anno, — falaes doutiva. Isso

é falar de povo. Peitas de fidalgos! Pois não se descoutaram os termos de todos os concelhos? Não ficam os alcaides obrigados ás guardas, roldas e sobreroldas dos castellos, e... »

« E quem o nega, Peraffonso Sardinha? — interrompeu mestre Antão. — Os capitulos geraes provaram-se bem contra os fidalgos, e bem os despachou elrei; mas os que deviam apresentar-se? E os especiaes? Os de Lisboa, por exemplo? Nem palavra sobre estas compras e vendas miudas dos mercantes forasteiros, sobre que se havia requerido já a sua mercê. »

« Então — acudiu a virgula com voz cavernosa e cansada — accusaes-nos a nós proprios de... »

« De nada, Lourenço Martins, de nada. O povo é que fala e se queixa... »

« Deixa-lo falar e queixar: — proseguiu Lourenço Martins. — Tinham-nos promettido fazer arruído e assuada em S. Domingos, e quando viram alevantarem-se os cavalleiros, e injuriarem e ameaçarem os procuradores dos concelhos de Portugal, não houve uma voz popular que bradasse lá do corpo da igreja e cubrisse o vozeirão do prior do Hospital, ou que nos animasse contra a sanha bruta do das Gallés, que escumava e parecia um diabo incar-

nado, e o povo, moita! Estavam lá enfiados de medo, e agora alevantam-se contra nós; porque deixamos algumas cousas para mais tarde conforme o conselho do chanceller...

« Ahi é que me aperta o sapato: — disse do lado, em tom de oraculo, o mestre Esteveannes, sapateiro o mais rico de Lisboa, e portanto membro da aristocracia burgueza, homem de ordem, circumspecto, e que não se deixava arrastar pelas paixões populares. — Para que havemos de andar d'aqui para acolá? Quem governa governa. Deixae vós lá o chanceller, que elle bem sabe o que faz, e é um grande homem e amigo do povo, e ha-de dar cabo destas tyrannias e oppressões dos fidalgos. Tendes razão, senhor Lourenço Martins: tendes razão! Deixem gritar a arraia miuda. Quem lhe deu direito de andar a grunhir por essas praças e bodegas que as cousas vão mal; que não se fez isto, que não se resolveu aquillo? Se nós os cidadãos estamos contentes, que têm com a governança e regimento da republica esses ganhapães, que mantemos em nossas officinas, e que só devem cuidar em merecer o salario que lhes damos? Não fazem favor de me explicar ahi aos regatões do Pelourinho, aos atafoneiros das Fangas, ou aos carniceros do Matadouro, porque se ti-

ram ou põem os regimentos, as leis e as posturas? Não sei o que diga, mestre Antão, quando vos ouço falar como a relé mais pifia. Não sei o que diga, nem o que pense de vós.»

O auctorisado voto do sapateiro ricaço terminou a questão. Mestre Esteveannes era uma parcella rudimental dessa classe média, que se ía organisando no meio das transformações sociaes da idade média, classe cujos caractéres appareciam já no modo de pensar do honrado mester — a má vontade para tudo quanto o berço ou a fortuna poz acima della, e um orgulho tyrannico para com as camadas inferiores do povo, d'entre as quaes foi surgindo;—classe egoista e oppressora como a que substituiu em influencia e riqueza, e peor do que ella na hypocrisia, tendo na bôca a liberdade, a moral, a justiça, e no coração o desprezo do pobre e humilde, a cubiça insaciavel, a vaidade e a corrupção; classe, emfim, ácerca da qual a historia terá no porvir de lavrar uma sentença ainda mais severa, do que ess'outra que já pésa sobre a memoria dos ferozes e dissolutos barões e cavalleiros dos seculos de barbaria.

Se, porém, quanto ás doutrinas a linguagem do mestér não era excessivamente orthodoxa, era, quanto aos factos, de extrema exacção.

No meio das paixões que agitavam os espiritos nos meados de 1380 estava, como a aranha no centro da sua teia, o sancto-homem de João das Regras, que empregava a lucta de interesses oppostos em realisar os seus planos. Para converter em proveito da corôa aquella especie de febre excitada pelas assembléas politicas da nação, era preciso que os concelhos nunca obtivessem uma victoria absoluta, e que do complexo dos actos que íam ferir as classes privilegiadas resultasse o conservar-se viva e ardente a mutua malevolencia de burguezes e nobres, mas apparecendo sempre como arbitro e moderador entre uns e outros o poder do sceptro. Durante os dias que mediaram desde as scenas descriptas no capitulo antecedente até a reunião solemne do parlamento em S. Domingos, o velho doutor de Pisa desenvolveu todos os recursos da sua destreza e actividade. Conhecedor das mais secretas intrigas dos fidalgos pela delação do abbade de Alcobaça, João das Regras semeára habilmente rivalidades entre uns, suspeitas entre outros, lisongeára o orgulho dos audazes, aterrára os timidos, não poupára mercês para os mais ambiciosos, e ao mesmo tempo aproveitára o menor dicto, o menor gesto, que podia ter uma interpretação odiosa para irritar o animo d'elrei, que re-

pugnava a ceder ás violentas pretensões do povo contra a nobreza, pretensões que iam ferir muitos dos seus antigos companheiros de gloria. Por outra parte, refreando as idéas immoderadas dos procuradores, persuadia-lhes que só avançando lentamente os concelhos alcançariam, emfim, libertar-se das oppressões dos poderosos. O condestavel, que era o adversario mais de receiar, e alguns barões demasiado turbulentos foram retidos nas provincias com diversos pretextos, que a proxima renovação da guerra proporcionava. Finalmente as duzentas mil libras de micer Percival, applicadas ao pagamento de soldos e quantias, acalmaram até certo ponto a indignação do commum dos cavalleiros. Os esforços do velho ministro foram coroados de feliz resultado; e a tempestade que se preparava limitou-se a um vão ruído na assembléa de S. Domingos, ás inuteis declamações e invectivas do prior do Hospital, de João Rodrigues de Sá, do conde de Seia, e de alguns outros, cuja violencia de character não fôra possível dobrar, ou cuja previsão do futuro não era facil illudir, e que ainda tentavam salvar, posto que sem muita esperança, o edificio já vacillante da aristocracia.

A linguagem de João das Regras para com o seu illustre amigo o prelado de Alcobaça não

fôra sincera quanto a Fernando Affonso. Posto que cordialmente detestasse este por se haver unido ao bando dos fidalgos, e ainda mais pelo ciume vidrento de válido, ciume inexoravel, ou antes malevolencia corrosiva e immorredoura, o parentesco de um dos mais importantes conselheiros da corôa e a protecção do arcebispo de Braga eram considerações que militavam a favor do moço escudeiro. Via por outra parte o perigo de faltar ás promessas feitas, talvez imprudentemente, ao chefe dos monges brancos. Actuado por sentimentos oppostos, reflectira que, ganhando tempo, poderia aproveitar quaesquer occurrencias para facilitar a vingança de D. João d'Ornellas sem compromettimento proprio, e evitára a difficuldade inculcando a sua hesitação como um calculo de prudencia. Mas se nisto o chanceller fizera uma reserva mental, não dissimulára a verdade na importante nova que por intervenção do abbade enviára aos impacientes procuradores. De feito, a final annuencia d'elrei a que elle redigisse as respostas aos capitulos, e removesse as resistencias da nobreza como lhe aprouvesse, era uma verdadeira victoria.

O triumpho, todavia, do omnipotente válido não fôra só resultado da sua astucia. A lucta da nobreza para defender a propria exis-

tencia como corpo politico, lucta de que tivemos de apresentar algumas scenas aos olhos do leitor, para lhe pintar a vida íntima de uma epocha só geralmente conhecida no seu aspecto guerreiro, e na sua vida exterior, offerece, durante um longo decurso de annos, o espectáculo de continuos desbaratos dessa casta, que pelas riquezas, pelo numero, pelo valor, e pelas memorias do passado, parecia dever assombrar perpetuamente o throno, e conservar as classes inferiores na servidão. Este phenomeno, que terminou pela ruina completa da fidalguia no reinado de D. João II, singular ao primeiro aspecto, tem explicação facil. Era uma necessidade para o progresso da civilisação; resultava do modo de ser da sociedade. João das Regras não fazia mais do que ordenar melhor o combate, defini-lo mais claramente e apressar o seu desfecho. N'outra qualquer epocha, o discipulo de Bartholo não se distinguiria, talvez, na serie dos ministros e privados, que, pelo menos desde o reinado de D. Diniz, combateram a quasi independencia dos orgulhosos barões do reino, e que por isso favoreceram a emancipação do povo. Eram, em grande parte, as circumstancias, que punham agora em relevo o genio inquestionavelmente superior do chanceller, e que lhe deram na historia um

alto lugar entre os estadistas eminentes. Posto que pareça escusado dilatarmo-nos sobre tal objecto, não cremos que o leitor desaprove o darmos-lhe em breves palavras uma idéa dessas circumstancias, que, aliás, têm relação com o remate, e ainda mais estreitamente com o titulo deste livro.

Posto que aos nobres não faltassem chefes habeis, nem ousadia para sustentar seus privilegios, nem finalmente esse instincto de vida, que se dá nos corpos collectivos do mesmo modo que nos individuos, existiam dous factos que lhes invalidavam os meios de resistencia contra os seus terriveis adversarios, os concehlos e os juristas. Esses dous factos eram, por um lado a falta de uma opinião fixa e uniforme entre elles ácerca da questão de dynastia e de independencia nacional, e por outro a persuasão commum, estribada em mil exemplos, de que a paz, a justiça e a liberdade só poderiam preponderar pelo triumpho completo do poder do rei contra as classes privilegiadas. Esta persuasão geral déra, digamos assim, uma força irresistivel á monarchia, que era, emfim, chamada a exercer uma influencia quasi exclusiva no desenvolvimento da civilização do paiz. O papel de uma grande parte das mais nobres familias na grave questão d'independen-

cia, que a morte de D. Fernando suscitára, não fôra por certo, como o leitor sabe, nem o do patriotismo, nem o da lealdade; e os calculos interesseiros, as ligações de linhagem tinham tomado o passo, entre essas familias, a todas as outras considerações. Muitos fidalgos seguiram a parcialidade de Castella, porque a fortuna parecia dever-se inclinar para aquelle lado; muitos esperaram o desfecho da contenda, conservando-se n'uma situação dubia; muitos, emfim, ainda depois das victorias do mestre d'Aviz, ao primeiro capricho não satisfeito, á primeira pretensão desprezada, não hesitavam em desertar dos estandartes sacrosanctos da patria para virem combater contra ella á roda dos pendões estrangeiros, e em voltarem depois, por desgostos com o principe castelhano, ao serviço do rei natural, que haviam abandonado. Ao lado destes homens sem pudor e sem fé apparecem na historia os animos nobres e grandiosos, que, pela devoção e lealdade ao chefe da nova dynastia e á liberdade nacional, contrastam profundamente com ess'outros caracteres repugnantes e torpes. A consequencia deste proceder contradictorio, desta fluctuação de opiniões era o enfraquecimento da força moral, e ainda material, da casta privilegiada. Por outra parte a revolução, que collo-

cára no throno o filho bastardo de Pedro I, fôra essencialmente popular, e os homens dos concelhos, que, sitiando os orgulhosos alcaides dos castellos, accommettendo os solares senhoriaes, oppondo a partazana e o machado peão á lança e á espada do cavalleiro, tinham reduzido castellos, enlameado com os seus pés ludrosos aposentos de paços, varrido as lanças e montantes com as chuças e almarcovas, haviam ganhado a força que resulta sempre da unidade de pensamento, do enthusiasmo ardente, e da confiança que gera o habito do triumpho. A alliança do rei com os concelhos era antiga: começára no berço da monarchia. O povo interessava em que o poder desta vigorasse dilatando-se, porque era esse o meio de se libertar das tyrannias locaes: o rei interessava em que os concelhos fossem poderosos e livres, porque eram a alavanca mais bem temperada para aluir a independencia da aristocracia, e faze-la tombar despedaçada em volta do seu throno. A revolução de 1384 tornava mais íntima esta alliança, ao passo que dividia os adversarios, e além d'isso os enfraquecia escrevendo na frente de muitos o ferrete de desleaes.

Para acabar de destruir a preponderancia e até o equilibrio dos elementos politicos a penna

do jurista, mais pesada que o montante do soldado, porque representava a intelligencia, achava-se na balança do lado do sceptro. Educados na admiração da sociedade romana na epocha do imperio, deslumbrados pela incontestavel superioridade das suas instituições civis sobre as rudes e incompletas usanças tradicionaes da idade média, os *letrados* acolhiam com o mesmo culto supersticioso as maximas da politica despotica dos cesares. A sciencia do direito romano, á qual a sociedade civil moderna deve muito, deve talvez tudo, foi quem, para desconto, trouxe o absolutismo ás nações cuja indole politica era de origem germanica e liberal. No regaço da ordem, da equidade, da harmonia nas relações da vida commum, passou aninhada a tyrannia simples e culta, a tyrannia de um só substituta da de muitos, a tyrannia respeitadora *do meu e do teu*, vingadora dos crimes, grandiosa, illustrada, mas implacavel contra aquelle que dissesse « *o pensamento e a lingua do homem são livres,* » e que se atrevesse a suspeitar que a realeza fosse uma delegação humana, e não um symbolo da omnipotencia de Deus.

Deste modo a alliança triplice da unidade monarchica, da sciencia, e do principio de associação, cuja fórmula mais bella, mais energica, mais vivaz tem sido e será sempre o mu-

nicipio, era uma coalisção que se tornava em toda a Europa cada vez mais ameaçadora para a casta privilegiada, mas que em Portugal actuava com dobrada violencia na epocha de D. João I pelas circumstancias a que já alludimos. É por isso que, apesar de tantos caracteres elevados, e de tantos homens valentes e cheios de amor de patria, que então surgiram das fileiras aristocraticas; apesar da indole cavalleirosa do principe, das riquezas da fidalguia, e das instituições e costumes, que, recordando a todo o momento o poder dos antigos ricos-homens, deviam dar immensa força moral e material aos seus descendentes, a decadencia da nobreza como elemento politico era rapida e decisiva, e será perceptivel para qualquer que leia a historia dos fins da idade média. A idéa contraria a ella era a idéa progressiva. O cyclo da monarchia absoluta mandava já do oriente os seus primeiros clarões. A providencia assim o ordenára, e o combater e o estrebuxar do privilegio, que queria viver de vida propria, era vão, porque não podia chegar a uma causa final, e faltava-lhe apenas um seculo para se tornar impossivel.

João das Regras era o nó da triplice alliança; era o homem da idéa juvenil. Nunalvares, chefe da nobreza, o homem da idéa gasta e

decadente. O legista, alma rasteira, prosaica, astuta, positiva, e talvez negra, levava de vencida o mais illustre homem d'armas de Portugal, alma grande, generosa, leal e poetica. Transportada a questão do complexo social para o individuo, a verdade é que o máu triumphava do bom, a velhacaria da franqueza. Quantos tollos contemporaneos perguntariam na sinceridade da sua parvoíce :

« Onde está a justiça e a providencia de Deus ? »

Deixava brigar dous animalculos, o condestavel e o chanceller de Portugal, e dirigia o desenvolvimente da civilisação humana por leis eternas, e não pelas reflexões semsaboronas de meia duzia de mentecaptos, a que tómo a liberdade de dar este nome, porque já morreram ha quatrocentos annos.

Hoje creio que se chamam philosophos os que se mettem a perscrutar os segredos de cima no governo do mundo, e tem lastima de Deus, porque não os consulta sobre os designios da sua eterna sabedoria, ou riem-se do povo, que espera e confia . . . Pois sejam philosophos !

Nunca na minha vida disputei sobre synonimos.

Mas a procissão começa, emfim, a transpôr o escuro portal da sé: os mestéres e magis-

trados municipaes calaram-se, repotreando-se nos balcões dos paços do concelho forrados de excellentes tecidos de Arrás. O povo, apinhado desde a cathedral pelas Fangas da Padaria abaixo e ao longo da Rua-nova, agita-se, remoinha, e vae-se enfileirando aos lados entre as paredes e as duas linhas de postes de madeira precursores dos frades de pedra, que ainda em nosso tempo bordavam os passeios dos arruamentos. É que os trezentos bésteiros de conto da cidade romperam em batedores para franquearem o passo ás pompas variadas, ao mesmo tempo religiosas e lúdicas, que constituem a festividade, nacional por excellencia, do corpo de Deus.

A primeira scena do espectaculo, que enlevava as atenções de tantos milhares de olhos, representavam-na os almuinheiros ou hortelões de Valverde, de Alvalade (hoje Campo-grande), e de outros sitios ao redor de Lisboa. Doze delles conduziam sobre os hombros uma arrazoadada machina de páus e bragaes pintados, que representava uma almuinha com os seus alfobres, canteiros, nora, canaviaes, e hortaliça. Após elles, com insignias figurativas dos diversos mesteres que exercitavam, os vendilhões de pregão, os ganhapães e albardeiros, e depois os almocreves e atafoneiros occupavam um com-

prido trato da procissão. Seguiam-se os carneiros em numero de vinte e dous, rodeando dous graves mascarados, que representavam um imperador e um rei, cujos ademanes de gravidade e altiveza ridicula e acanhada revelavam bem que eram rei e imperador de um dia. Igual numero de tecelões se mettiam de permeio entre aquelles simulachros da realeza e os pelliteiros, cuja insignia era um gato montez, chamado o *gato paúl*. Em seguida dous diabos faziam momices e tregeitos no meio de vinte oleiros, fabricantes de telha, e vidreiros, cujo logar no prestito aquelle era. Os merceeiros, vendedores de especiarias e boticarios conduziam, logo atraz dos vidreiros, um descomunal gigante, que contrastava com um pequeno anjo, que parecia dirigi-lo. Aquella especie de Goliath excedia em altura quatro torres de madeira, duas das quaes pertenciam aos correeiros, e duas aos cortadores. A immediata representação, ordenada pelos sapateiros, mostrava mais arte, e despertava, talvez mais que todas as outras, a attenção dos espectadores. Vinha a ser o dragão infernal sarapintado de vivas côres, que vigiava dous diabos, os quaes procuravam induzir dous frades noviços a voltarem aos deleites do mundo, ao que elles mostravam resistir heroicamente, postoque, como de re-

serva aos dous infernaes prégadores, os tosa-dores acompanhassem dous diabretes espertos, promptos a soccorrer os seus discretos collegas. Se, porém, como auctores dramaticos os sapa-teiros levavam immensa vantagem aos mestei-raes dos officios immediatos no prestito, nem por isso vinte e quatro alfaiates deixavam de pavonear-se após elles ao redor da serpe tenta-dora de nossa mãe Eva, a que fazia sombra uma torre, solidissima na apparencia. Mas se, pela excellente pintura da sua charola, os alfaiates tinham justos motivos de orgulho, mais justa era a vaidade, com que os carpinteiros da Ribeira e os calafates, em numero de trinta e oito, arrastavam uma náu e uma galé, arma-das e empavesadas de muitas côres, cujos mas-tros quasi que se elevavam á altura dos edifi-cios, e cujas vergas quasi topavam com os bal-cões e frestas da Padaria, e passavam a custo pela Porta do Ferro. Os pulverulentos perga-minhos conservaram-nos a memoria da *representação da dama*, em que figuravam tambem dous diabos, e que estava a cargo dos esparteiros. Em que consistia esta *representação* igno-ramo-lo hoje; mas se a avaliarmos pelo que sabemos da antiga procissão de Corpus em di-versas partes do reino, podemos conjecturar que não seria demasiado edificativa. De todos

os outros mestéres, cujos membros, em maior ou menor numero, ajudavam a tecer aquella enfiada de scenas ridiculas ou brutescas, distinguam-se, pela singularidade das invenções que ostentavam, primeiramente os pedreiros e carpinteiros pelo seu *engenho*, ou machina de guerra, servida por dous feios demonios, e os armeiros pelo seu *sagitario*, symbolo do soldado peão, e no meio destas duas corporações os tanoeiros por uma torre grandemente historiada, e semelhante á dos correeiros e cortadores. Os moedeiros, corretores, tabelliães, e mercadores, como mestéres mais nobres, fechavam aquelle extenso sequito. Danças d'espadas, danças mouriscas, danças das péllas, ou mulheres sustentadas sobre os hombros de outras, bailando e volteando conjunctamente; tudo, emfim, quanto se possa imaginar de caricatura, de burlesco, de doudejante servia de moldura a este quadro singular, em cujo topo figuravam alguns magistrados municipaes, e sobre o qual fluctuavam dezenas de pendões, bandeiras e guiões variegados. Como contraste a estas visualidades heteroclitas, a esta especie de sonho de pesadello, seguiam-se as communitades monasticas, mancha escura no dorso daquella immensa cobra, que se estirava pelas ruas de Lisboa; frades negros, frades brancos

e pretos, frades crises, frades pardos, frades de todas as côres tristes; agostinhos, bentos, bernardos, dominicos, franciscanos, beguinos. Depois um sem numero de cavalleiros de Christo, do Hospital, d'Aviz, de Sanctiago, precedidos dos respectivos mestres e commendadores, e seguidos dos freires leigos e serventes d'armas. Depois os magistrados da côrte, os officiaes da corôa e o proprio monarcha rodeavam a hostia triumphante nas mãos do bispo de Lisboa, e sustentavam as varas de riquissimo pallio. O esplendido dos trajos cortezãos, as telas custosas das vestes sacerdotaes, as renques de tochas accensas, que faziam scintillar as lhamas e brocados, os arrazes, que, forrando as paredes das ruas, serviam de decoração á scena, os tangêres e folias, que se entresachavam com os diversos grupos, o sussurro do povo, semelhante ao rugido longinquo do mar, o perfume do incenso, que se espalhava em rolos de fumo transparente, a fragrancia das murtas e rosmaninhos, de que o chão estava juncado, produziam um composto de sensações capazes ainda hoje de excitar o enthusiasmo phrenetico das multidões, quanto mais n'uma epocha, em que as crenças, tão ardentes como grosseiras e sinceras, sanctificavam as scenas mais burlescas, e até mais indecentes associando-as ao culto, e fazendo

dellas, como diria Sterne, parte instrumental da religião.

No momento em que os quinze ou vinte aprendizes de sovela e tira-pé, encapellados até os quadrís dentro do bojo do drago, especie classificavel entre os sonhos zoologicos de Aldrovando, e cujas trinta ou quarenta pernas eram as da rapaziada embebida naquelle cavallo de Troia dos sapateiros; no momento, dizemos, em que esses comparsas imberbes forcejavam por fazer dobrar a desconforme aventesma da Padaria para a Rua-nova, uma grande falada, que soava da banda do terreiro da sé, começou a distrahir a attenção dos espectadores mais proximos daquelle sitio. Era contenda ou arruído popular que se travára? Que o leitor cortez nos acompanhe, averiguaremos a causa e substancia desse tumulto no seguinte capitulo.

XVIII

A TABOLETA DO SAPO AMARELLO.

..... bevem ante hora e depois
hora, em tal maneyra que lhes faz
mal ás almas e aos corpos.

FR. BERN. D'ALCOBAÇA —

Explicações.

«**O**LÉ, Ruy!»

«Ouves! Olé!»

«Psio! Ruy Casco, diabo!»

«Estás mouco, maldicto?»

«Fuso!»

«Oh excommungado!»

Eram os dous armeiros d'elrei, João Pires

e o flamengo mestre Alberte, que, encarapitados no alpendre do soportal de uma nobre casa no topo da Rua-nova, e fazendo com as pernas uma especie de pendulas, cantavam este dueto acenando para o grupo dos almuinheiros, que alli acabavam de chegar, e que haviam parado com a sua viçosa almuinha de pasta, porque detraz lhes bradavam: «alto! alto!» Um mastro da galé symbolica dos calafates tinha estalado e pendido logo ao sair da sé, e a procissão não podia proseguir sem se remediar aquelle fracasso. Fôra isto que produzíra a matinada e revolta que soava do lado da cathedral.

Ruy Casco, o nosso antigo conhecido, ía casmurro e triste no meio da festa. Perdêra Zilla, a qual havia desaparecido de Restello, porque a bolsa de Ruy entisicára, e a festa da Maia e as dez alnas de ypre tinham sido para ella o romper dos abcessos, o golpe mortal. Ruy andava impando, e por isso fizera orelhas de mercador; mas a palavra «excommungado» proferida, aliás, com a maior innocencia do mundo, se-lo espirrar. Sabia bem que lh'o chamavam pelas costas, segundo o que se rugíra ácerca d'elle e da moura Zilla, e não tinha graça nenhuma affrontarem-no com balda certa em auto de tanta devoção. Alevantou a cabeça, volveu para os dous joviaes companheiros um

olhar zangado, e por unica resposta voltou-lhes as costas curvando-se, como quem queria concertar algum desarranjo na almuinha.

Mestre Alberte e João Pires não eram homens que arreassem.

«Anda cá, bruto. A cortezia é de quem a dá e não de quem a recebe. Escondes o focinho? Olha o salvage!»

«Fóra, bebados! — gritou Ruy Casco sem olhar para elles.

«Uh, uh, uh! — uivaram os dous, e soltaram uma grande risada.

O hortelão revirou meio corpo, lançou-lhes um olhar de revés, e estendeu para elles a mão em signal de ameaça.

«Ai que o sandeu desconfia! — disse mestre Alberte, fincando as mãos na beira do alpendre, alçando o corpo com um solavanco sobre os braços hirtos, largando-se a prumo, e fazendo no chão, pan. — Vem d'ahi, João.»

João Pires imitou a evolução do seu camarada. N'um relance achou-se ao pé d'elle, e ambos junctos aproximaram-se do hortelão.

«Para os sotãos da Alcaçova! Ha-de ir á picota, posto na gaiola á vergonha, como carnicheiro que furta no peso: — disseram os dous armeiros, rindo e agarrando Ruy cada qual por seu braço.

O almuinheiro deu um empuxão, e soltou-se das mãos dos agarrantes.

«Querem vocês ir para o meio do inferno? Raios me partam, se não quebro a cara a um!»

Esta pergunta e esta jura eram feitas já n'um tom duvidoso entre a colera e o receio de que palavras tirassem palavras. A estructura athletica dos dous armeiros não tornava muito provavel a realisação da ameaça de Ruy Casco.

«Fazes-te parvo, homem?—disse João Pires.—Brinquem lá com um diabo destes...»

«Pois elle! — retrucou o almuinheiro. — Muito riso pouco siso. Vejam que graça! Vae um homem n'um auto serio, e, guar-te debaixo, entram a descompô-lo d'isto e d'aquillo; e ha-de...»

«Ai o mangericão! — interrompeu mestre Alberte. — Forte pateta! Chamavamos-te, porque vimos que a procissão parava, e ouvimos bradar lá da banda dos açougues velhos, que a náu ou galé se desmastreou.»

«E que tenho eu com isso? Concertem-na, se podem.»

«Forte novidade! Mas o caso é que nem n'uma hora estará a cousa a caminho. Vimos-te um ar tão devoto, que nos tentou o démo a convidar-te para fazermos neste entrementes

certas resas a S. Martinho na ermida de Nathanael Sapo . . .»

«Eu sei lá! — atalhou o hortelão com a cara meio riso, meio colera. — Podem temperar-se mais depressa as gaitas, e eu não quero que me achem menos. A multa é pesada, e a minha algibeira anda fria, que a tronchuda não deu nada este anno. Depois, vinho judengo em dia de S. Corpus não será peccado?»

«Qual multa, nem qual carapuça: — exclamou mestre Alberte, agarrando de novo o braço de Ruy Casco e arrastando-o após si com doce violencia. — Anda d'ahi. Olha que é daquelle tincto que tu sabes.»

Ruy Casco sentiu a estas palavras abandoná-lo toda a força de resistencia. Era um entorpecimento delicioso, que, relaxando-lhe os musculos, o punha á mercê dos dous joviaes armeiros.

«Deixem-me, deixem-me! — murmurava o pudibundo hortelão, e era elle que, com o corpo mollemente curvado, o braço estendido, e o punho apertado entre as ossudas mãos de mestre Alberte, se deixava arrastar, enquanto João Pires o empurrava de outro lado, rindo com aquelle rir da plebe, escancarado e alvar.

Assim, vacilla aqui, corre acolá, empurra

alli, os tres devotos foram rompendo por entre o povo, enfiaram pela tenebrosa rua de Gileanes, e deram comsigo na bodega de Nathanael Sapo.

Era a bodega mais triste, mais escura, mais lodacenta de Lisboa; mas, em compensação, Nathanael vendia o vinho que os frades de S. Vicente colhiam nas suas famosas vinhas do Lumiar, Carnide, Palma, Charneca e Leceia (aquelle que não era destinado a amparar suas reverencias na aspera estrada da mortificação); vinho espirituoso, intellectual, e cuja origem religiosa lhe dava um certo perfume de sanctidade. O judeu da rua de Gileanes arrematava-o por juncto, fazia monopolio da venda d'elle, e tinha assim obtido uma reputação colossal para a sua taboleta, onde, apesar do gasto das côres, ainda se divisavam, desenhadas com tincta preta e amarella, as fórmias bojudas e repugnantes d'um magnifico sapo.

«Mossem Nathanael, — gritou da porta João Pires — tres concas e um pichel de canada, bem sabeis de qual; do de tres soldos. N'um pulo, que trazemos sede e pouco vagar.»

«Prompto! — respondeu o personagem a quem o armeiro se dirigia.

Era uma figura exotica. Cinco palmos de altura, grossura quasi impalpavel. O queixo in-

ferior, ornado de uma barba ponteaguda, e o nariz adunco, vistos de perfil, assemelhavam-se a dous pontaes de enseada, em cujo reconvexo a bôca desdentada e reintrante mostrava apenas a beta vermelha, quasi imperceptivel, dos sumidos labios. Dous olhos pretos encantoados debaixo das sobrançelhas espessas e cerdas, um hombro mais derreado que outro, e o dorso curvado pelo habito da humilhação completavam aquelle typo da raça abastardada d'Israel, typo ao qual só por antiphrase poderia caber a enchouraçada alcunha de Sapo. Não obstante, porém, essa apparencia debil e tenue, Nathanael sósinho na sua bodega, como a aranha na sua teia, servia os numerosos freguezes do Sapo-amarello com pasmosa actividade.

Apesar de ser o dia de Corpus, quando os tres mesteiraes entraram, a ermida da rua de Gileanes estava longe de se achar erma. As tabernas de vinho judengo eram naquella epocha o que foi depois a Hollanda, e o que é hoje Roma, a patria commum das diversas religiões. Alli não havia christãos nem judeus; havia adoradores de Baccho ou do seu successor S. Martinho. Não se disputavam materias theologicas; viravam-se concas e malgas, esgotavam-se picheis e cangirões, enxugavam-se pipas e toneis: alli todos eram irmãos; porque, como

os viandantes na tenda do arabe erradio, todos tinham bebido nas mesmas taças. Fôra sobre tudo na bodega de Nathanael que a singeleza, a tolerancia e a alegria, para desmentirem as bucolicas descripções dos poetas, haviam estabelecido o seu throno sobre aquellas renques de cubas, no meio daquelle ambiente grosso e turvo, debaixo daquelle tecto affumado. Emfim uma sêde de ganho verdadeiramente judaica, na falta de vocação espontanea, fizera de Nathanael o mais fervente sacerdote das tres divindades. Para elle o infiel nazareno era tão bem vindo como o escolhido mais escolhido do sangue real de Judá. O beber bem e o pagar melhor eram as condições unicas para a admissão no sanctuario.

No dia, porém, de Corpus de 1389 succedia o mesmo que sempre succedêra neste dia, desde que a reputação do Sapo-amarello se difundira pelo orbe. A crença de Moysés fazia o principal papel na rua de Gileanes, e os raros christãos, que abandonavam o espectaculo da procissão para virem sacrificar naquellas aras, davam uma prova estrondosa da sua fé robusta na religião da cuba. Quando, portanto, Mossem Nathanael viu entrar os dous farçolas mestieiras e o almuinheiro, custou-lhe e suster uma lagryma de terna compuncção, e n'um arreba-

tamento de enthusiasmo espichou uma pipa ainda atestada, encheu um cangirão de canada e meia, e pô-lo rodeado de tres malgas novas de barro vermelho diante dos freguezes recém-vindos, assentados já a este tempo n'um poial de pedra que corria ao redor do aposento.

Era preciso um enthusiasmo monstruoso para Nathanael assim se enganar contra si em meia canada e na qualidade do vinho, que no tampo da pipa, espichada de novo, estava cotado a quatro soldos, com a lenda gloriosa: *Charneca — Tincto.*

« O perro do judeu — disse mestre Alberte enchendo as malgas — parece que se confessou ao rabbi. É uma restituição que nos quer fazer pela maldicta zurrapa com que mais d'uma vez nos tem envenenado. »

« Veremos depois as contas »: — interrompeu João Pires.

« Veremos. »

E em respeitoso silencio começaram a deglutir aos sorvos o balsamico nectar das vinhas canonico-regulares da abençoada Charneca.

Passára um momento desde que os tres se haviam assentado, quando por cima do ruído das falas gutturaes, e do estrupido que faziam os descendentes de Abrahão entrando e saindo da bodega do Sapo-amarello, vibraram duas

vozes que não pareceram estranhas a Ruy Casco; uma trémula mas argentina, outra grossa mas baixa. A voz trémula dizia:

« Se eu não posso dar passo! Entra, entra, não sejas tolo. O caciz Zein-el-Din não te vê agora . . . »

« Vê-me o propheta »: — interrompeu a voz grossa.

« Bom proveito lhe faça; mas é muito ver! E que tem isso? Tracta-se agora de comes e bebes? Não . . . Vinho é cousa que me não entra cá. O que quero é descansar um pouquinho, e acabar de te dizer o meu caso. Vens ou não vens? »

E a tia Domingas (porque os dous interlocutores eram a tia Domingas e o mouro Alle) entrou sem cerimonia, e foi assentar-se debaixo de uma candeia que dava luz frouxa, no angulo opposto áquelle em que estavam os dous armeiros e Ruy, o qual ella não podia reconhecer á duvidosa claridade da bodega. Depois de um instante de hesitação, Alle seguiu resolutamente a sua antiga conhecida, arrastado pelo desejo de saber o resto dos successos occorridos desde que entregára Beatriz a melhor protector, successos que na maior parte a boa da velha lhe viera relatando desde a Corredoura, onde casualmente se haviam encontrado, até

a rua de Gileanes, onde a tia Domingas se não esquecêra do Sapo-amarello, nem de buscar um pretexto para respirar alguns instantes a fragrancia das cubas, que tinham tornado celebre a quasi apagada taboleta.

«Vós por aqui, tia Domingas, e hoje! — exclamou o judeu admirado.

«Pfhhh! — assoprou a beata de Restello, deitando para traz o coromem, e repetindo o assopro: — Pfhhh!»

«Coitada! Muita calma? Heim?»

«É de frigir ovos! T'arrenego! Pfhhh!»

«Descance, tia Domingas, descance — acudiu o taberneiro — em quanto eu lhe vou buscar...»

«Buscar o que? — interrompeu ella, volvendo de relance os olhos para Alle.

«Com que a desencalmar: um pouco do d'embarrado; do que se cria pelos castanheiros de Collares.»

«Do verde? — acudiu a velha. — Mossem Nathanael, tentaes-me! Não; vinho, e vinho dos frades, que é uma porta, não bebia eu, nem que me matassem! Perdoae-me, meu rico S. Vicente e os vossos bentos corvos. Mas verde... vá. Só para mim; porque Alle... bem sabeis... — E abaixando a cabeça até o ouvido do taberneiro, accrescentou: — Dos

taes de Mafamede, que não o bebem pelo nariz . . . »

«Sei, sei; que velhos conhecidos somos: — atalhou o judeu, torcendo a lingua e fazendo bochecha, gesto que não escapou ao bufão. — Todavia nunca se dirá que chegou ao Sapo-amarello um honrado mouro cheio de sêde e calor, e que não achou ahi com que refrescar-se. Temos remedio, e vou dar-lh'o.»

Depois de encher uma conca de páu do escumante e delgado verde, de que falára, o activo publicano abriu um armario, tirou de um pucaro uma avultada porção de pó avermelhado, do qual manava suave cheiro de rosas, sacudiu-o n'uma arrazoada malga, em que lançou agua e o sumo de duas ou tres laranjas azedas, e apresentou aquella beberagem ao jogral, ao mesmo tempo que punha a conca diante da tia Domingas. Tudo isto fôra obra de um momento.

Alle poz-se a examinar a malga escrupulosamente. Nathanael parou a observa-lo.

«Que miras, homem? — disse por fim algum tanto estimulado. — É um oximel como nunca provaste. Em vez de vinagre, laranja do pomar d'elrei em Enxobregas; em vez de mel, assucar rosado de Alexandria. Sois pechoso,

mano? Pois, olhae, que déra agora o miramolim de Marrocos um aduar de mouros para o beber tão aromatico.»

Alle virou lentamente a cabeça, e respondeu com uma seriedade imperturbavel, olhando de través para o bodegueiro:

«Como vos vi saracotear tanto, mossem Barabás... quero dizer mossem Nathanael, ando tambem a ver se dentro da escudella vos caíram alguns pellos da cauda.»

«Patife! — rosnou o judeu, dando-lhe as costas apressado, e gritando, como quem acudia a um freguez que entrára: — Prompto, rabbi Nephtali... Pensei que este diabo de bufão tinha morrido... Patife! Mas não tem dúvida: o oximel has-de paga-lo.»

Entretanto Alle e a tia Domingas atavam de novo o fio á conversação encetada na Corredoura. Não escapou á boa da beata a minima circumstancia da sua vida desde o dia em que, por inculca do jogral, obtivera tão excellente commodo como o que Fr. Lourenço lhe proporcionára, lamentando-se, todavia, do fel e sangue de bugio, que ás vezes lhe mettia no corpo aquella peste de Fr. Vasco. Veiu, emfim, a terreiro a delicada missão de que ultimamente a encarregára. Só o que lhe passou por alto foi a historia da bolsinha, com que o

*

cisterciense lhe removêra os escrupulos de uma consciencia demasiado timorata.

«Ora já vês — concluia a digna cuvilheira — que não havia resistir ao teimoso do frade. Prometti. A difficuldade está em cumprir. Tu podias ajudar-me.»

«Eu?» — acudiu o mouro admirado.

«Tu: sim!»

E a velha começou a falar baixinho. Era que tinha havido uma interrupção na ruidosa azafama em que até ahí andára o judeu. O fluxo e refluxo dos freguezes do Sapo-amarello parára um pouco; e apenas ao canto da bodega se viam imperfeitamente os vultos dos dous armeiros e de Ruy, que bebiam e conversavam. Entre muitos dotes singulares que a tia Domingas possuia, e de que o leitor já tem sobejas provas para não attribuir os nossos gabos a uma cega parcialidade, tinha tambem um defeito. Crer-se-ha, talvez, que era o de falar muito? Não: era o de falar alto.

No calor do discurso, brevemente se esqueceu de que não queria ser ouvida, e pintando ao vivo o que quer que era, em que o truão devia representar seu papel, foi alteando a voz ao ensinar-lhe o dialogo:

«Toma sentido. Has-de dizer-me: Senhora Domingas do Sacratissimo Lado, avise Zilla que

seu pae a espera hoje em Restello ao anoitecer. Eu hei-de responder-te: Vae descansado, que D. Alda já lhe deu licença, e eu fico para a acompanhar.»

Proferidas estas palavras, um chiton! rapido souo do outro canto da taberna, e a conversação dos tres vultos, que mal se divisavam, cessou. A tia Domingas cahiu então em si, e conheceu que commettêra uma imprudencia. Olhou para lá, e distinguiu um dos vultos que se pozera em pé, e ao mesmo tempo a voz chirriante e humilde do publicano que lhe perguntava:

«Quem paga?»

«Eu. Pago eu tudo. Quanto?» —acudiu ella entonada.

«Duas pogeias do verde, e dez soldos do oximel:— respondeu o neto de Abrahão curvando a cabeça e deitando os olhos de revéz para o jogral.

«Dez soldos? Mossem Nathanael, isso é esfolar!»

«Alto lá! —acudiu Alle fingindo querer tapar a bôca á tia Domingas.— Pague e não calumnieis mossem Barrabás. Os que adoram o bezerro d'ouro não esfolam; crucificam. É pelo menos o que ouví dizer no collegio de S. Paulo.»

O bodegueiro deu de novo meia volta, cor-

rendo para um grupo de judeus africanos que entravam, e gritando:

«Ahi vou, Iussef Abentarik; ahi vou n'um pulo! — E estendia para traz a mão aberta em acto de receber o escote da sua digna fregueza, que, com a magnanimidade de quem ainda conservava assás repleta a bolsa, pagou sem mais disputar.

No momento em que se ia erguer, Alle reteve-a como tomado por idéa subita.

«E não me farão mal? Um mouro entre o povo... juncto da procissão! Receio...»

«Tonto! Receias o que? Não trajas as côres d'elrei? Não levas as suas armas cozidas na manga? Quem ha-de atrever-se a maltractarte?»

Dizendo e fazendo, a boa da velha rodeiou a banca, dirigindo-se á porta. O vulto, porém, que, ao soar o nome de Zilla, se pozera em pé, e se conservára silencioso e quedo, moveu-se rapidamente, e n'um abrir e fechar d'olhos achou-se ao lado da beata, que não o reconheçêra, e que, virando a cabeça, só pôde divisar mão negra e sapuda, a qual se lhe curvava sobre o hombro, ao mesmo tempo que uma voz grossa lhe fazia retumbar nos ouvidos estas formidaveis palavras:

«Com um milhão de diabos, tia Domingas!

Que é feito da sua pessoa? Ouví-lhe ahí o nome de Zilla. Diga-me onde posso encontra-la.»

Era Ruy Casco. Embebido em graves questões ácerca da procissão com os dois armeiros, de cujos brutaes gracejos o pichel, primeira e segunda vez cheio, o fizera esquecer, não reparára na chegada de Alle e da sua collega, o que aliás era facil acontecer no meio da duvidosa claridade da bodega, e da confusão que a entrada e saída de mais de duas duzias de judeus occasionava. Aquella voz, porém, e o nome de Zilla foram ferir-lhe os ouvidos, e o coração déra-lhe um pulo. Olhára, e o rosto vermelho da beata, banhado na luz da candeia, tinha-lhe avivado dolorosamente passadas recordações. A tentação era irresistivel. Impoz silencio a mestre Alberte, deixando-o engasgado com uma jura que o calor da conversação lhe trouxera á garganta, poz-se á escuta, e quando viu a tia Domingas em acto de partir, precipitou-se como um raio para o angulo da taberna, d'onde ella lhe surgia como visão esperançosa e inesperada.

Por um impulso de terror, a cuvilheira de Beatriz agachára a cabeça entre os hombros, estendendo os braços, e exclamando sem saber o que dizia:

«E eu fiz-lhe a você algum mal?»

Lembrava-se dos puxões d'orelhas no dia da festa da Maia.

«Nem eu lh'o faço a você, tia Domingas: — replicou o almuinheiro, dando á voz a inflexão menos rude que sabia, e encolhendo a mão.— Oh homem! Perguntar não offende ninguém. Ouví-lhe rosnar não sei o que da Zilla de Restello, e de D. Alda, cuja sergente é, pelo que você dizia. Quem diabo é D. Alda? Vive com ella Zilla? Onde mora? Vamos, diga lá, e façamos as pazes.»

Alle, sobresaltado pelo subitaneo apparecimento do seu antigo vizinho, ficára pasmado para elle.

Alguns judeus tinham-se approximado, e detraz delles os dous armeiros, postos nos bicos dos pés, procuravam descortinar por cima dos hombros dos circumstantes a causa daquella repentina veneta de Ruy Casco. Animada com a presença de tantas testemunhas, a beata cobrou animo, e voltando-se de todo para o almuinheiro com a mão sobre o quadril, abanando a cabeça e fazendo o compasso com o pé, exclamou:

«Arrede! Não póde prégar sem bater no pulpito? Que lhe importa o que eu disse? Ora façam mercê de dizer aqui ao senhor onde mora D. Alda...»

«Tia Domingas! tia Domingas! — interrompeu Ruy mudando de tom e de côr. — Falo serio: quero saber onde está Zilla; e já.»

«E eu pego-lhe? Corra por ahi fóra, e se a encontrar não a deixe fugir.»

«Falas, ou brincas comigo, bruxa do inferno? — gritou o hortelão raivoso, e sacudindo violentamente a velha por um braço.

«Vêdes!? vêdes!? — clamou a matrona, olhando inquieta para Alle, e depois para os judeus apinhados. — Nesta terra ainda ha justiça . . .»

«Leva rumor! — bradou o truão com gravidade comica.

Ruy voltou-se para elle com a pia intenção de lhe experimentar com uma punhada a força de cohesão dos dentes ás queixadas; mas o escudo das vinte cinco arruelas bordado na manga da aljuba, e a serpe verde tecida aqui e acolá no fundo branco do balandrau mourisco, retiveram o impeto do enraivado almuinheiro.

«É mal-feito! muito mal-feito! — rosnavam já alguns dos judeus circumstantes.

«E sobre tudo em minha casa; n'uma venda pacifica de vinho judengo: — acudiu Nathanael, que se approximára.

O almuinheiro largou o braço da velha beata. Começava sériamenté a receiar.

«Olé, Ruy! — disse uma voz grossa, atraz do circulo dos filhos de Israel — Queres que te emprestemos algumas punhadas a estes perros?»

«Ou que os sirvamos de couces, e lhes depenemos as barbas até chiarem pelo arrabi?»

Eram mestre Alberte e João Pires, que faziam estas amigaveis offertas de intervenção.

O grupo judaico deu meia volta, como se todos se houvessem combinado n'um movimento só. O aspecto athletico dos dois alliados indicava que a offerta não lhes custaria a realisar. As forças equilibravam-se.

Mas um pensamento fecundo, magnifico, de genio quasi, veiu neste momento, como um raio de luz, ao espirito perspicaz da tia Domingas. Em quanto Ruy Casco se voltava tambem, ao ouvir as generosas offertas dos armeiros, chegou-se a Alle, e segredou-lhe rapidamente ao ouvido:

«O dicto por não dicto. Acompanha-me sem tugar nem mugir, e esgueira-te apenas eu te der signal.»

Depois approximou-se de Ruy Casco, e bateu-lhe no hombro. O hortelão virou-se.

«Que doudice é a vossa? Não ouvís tropear na rua os cavalleiros da rolda? Isto era graça. Vinde comigo, e dir-vos-hei onde está Zilla

logo que Alle nos deixe, senão irá metter tudo no bico de Muça. Olhae que são mui compadres. Crê com crê; lê com lê. Andae.»

Isto foi dicto a Ruy com o mesmo segredo e presteza com que dissera est'outro ao maninello. Depois, com um ademan de rainha, estendeu a mão para o bodegueiro:

«Adeus, Mossem Nathanael.—E rompendo por entre o grupo, proseguiu:—Com licença: deixem passar.»

Ruy Casco ficou immovel por alguns instantes; mas subitamente, e sem se despedir dos armeiros, desembestou atraz da tia Domingas e do truão, que a seguira, pela rua de Gileanes abaixo.

A rua de Gileanes desembocava no Pelourinho, pouco mais ou menos na intersecção da actual rua dos Capellistas e da rua da Prata. Quando alli chegaram os tres personagens conheceram que o Sapo-amarello os fascinára demasiado. A avaria da galé fôra reparada mais promptamente do que se cuidava, e nos Açougues não se viam já senão as vagas do povo, que, semelhantes ás do mar vermelho após a passagem dos israelitas, se haviam unido atraz da procissão, e ou se acumulavam ao longo da Rua-nova, ou se escoavam como rios caudaes pela de Mata-porcos, pela do Poço da Fo-

teya, e pelas outras que cruzavam para o lado do Rocío o solo da moderna cidade baixa.

A beata de Restello estacou subitamente, e poz-se a scismar:

«Já nós lá vamos! Viva! — rosnava ella. — Bem digo eu: onde entra o beber sáe o saber. Venho a bonitas horas! Não importa. Espreita-lo-hei ao recolher da procissão. Quer queira, quer não queira, o asno ha-de ir á feira. Depressa se toma o rato, que só sabe um buraco. Não póde escapar-me á Porta-do-ferro, e para lá é que é o caminho.»

Feitas estas philosophicas reflexões, a tia Domingas partiu pela Padaria acima, em direcção á cathedral. Os dous acompanhavam-na: Alle hombro com hombro, e Ruy, a quem a esperança de descobrir a sua moura encantada varrêra da memoria a procissão, a almuinha e a mula municipal, seguia-a a breve distancia, jurando pela pelle ao truão, se lhe servisse de obstaculo ao cumprimento das promessas com que a boa da cuvilheira o havia embalado.

XIX

FRACASSO.

e descavalgou do cavallo, e disse-lhe:
cavalgae, ca tempo he que nos vaamos:

FERN. LOPES — *Chron. delrei D. Fern.*

QUANDO a respeitavel tia Domingas, seguida do truão e do almuinheiro, chegou toda encalmada e suada e estafada ao adro da cathedral, não se via alma viva no recinto do terreirinho; mas os sons estridentes das duas trombetas que vinham tocando á frente dos bésteiros do concelho, e os gritos descompos-

tos do jogral da béstaria, palhaço indispensavel em cada corpo de tropas municipaes bem ordenadas, e que equivalia aos modernos tambores-móres, já se ouviam a espaços, posto que muito ao longe, sobrelevar a zoadá de um oceano de povo. O nordeste, que se alevantára com a tarde, trazia aquelle estrepito embuzinado pela rua de Sancta Justa abaixo, e a argentina agudeza das trombetas indicava que o prestito não tardaria muito tempo a desembocar no agora solitario terreiro.

O leitor está por certo deseioso de saber qual era o plano da cuvilheira, para desempenhar a commissão de Fr. Vasco. A difficuldade não é daquellas em que o poeta, ou seu como irmão o romancista, precisa de trazer do Olympo, para espatifar o insolúvel nó, alguma divindade. Era o plano mais simples do universo, e a conversação travada baixinho com o chocarreiro resumia-se em substancia nas palavras, que, proferidas em tom audível, escaparam á boa da velha, e occasionaram a irrupção vandalica do almuinheiro. Consistia em fazer soar nos ouvidos de Fernando Affonso, sem todavia se dirigir ao moço escudeiro, o nome de Alda, nome que devia, cuidava ella, exercer na sua alma influxo magico. Attrahindo-lhe assim a attenção, um volver d'olhos, o

minimo ademan bastariam para lhe dar a entender, que tinha alguma cousa que lhe comunicar. Depois elle proprio buscaria aproximar-se. Transmittir-lhe-hia então o recado nos termos vagos que lhe indicára o frade. O resto era facil. «Não será culpa minha — pensava a tia Domingas — se, por ouvir falar em D. Alda, tomar alhos por bugalhos. Amanse a sua sanna quem por si se engana. Não ha palavra mal dicta, se não é mal entendida. Fiz o que me mandaram: não sei de mais nada.»

Assim se compunha a devota matrona com a sua consciencia, ao passo que alliciava o cho-carreiro para a ajudar naquella magnifica pe-
lotica de restricção mental. O ataque inopinado do almuinheiro fizera-lhe modificar, por uma habil mudança estrategica, o plano inicial. Substituindo Ruy Casco ao maninello, saíra de uma situação penosa. Restava só o conduzir até o fim o negocio com o mesmo tino, que naquelle repente mostrára.

Chegando defronte dos paços do concelho, a tia Domingas parou, e lançando os olhos em roda poz-se a examinar qual sitio seria mais accommodado aos seus designios. O vão da Porta-do-ferro era o ponto que accumulava mais vantagens. Esse vão constituia uma especie de quadra, rota de dous lados, posto que

não em toda a largura, por duas portadas ogivães, menos esguias e elegantes que as introduzidas pouco havia pelos architectos inglezes, e que por isso bem mostravam ser contemporaneas da edificação da muralha, isto é, do ultimo quartel do seculo XIII. Assim o vão do arco offerecia quatro angulos reintrantes assás escuros, apesar de um dia esplendido, porque os grossos portões chapeados de ferro, abrindo sobre elles, obstavam ainda mais aos raios dessa escassa luz, que as duas portadas, opprimidas entre os cubellos e vizinhas de altas casearias, deixavam penetrar a custo naquella especie de quadra.

N'uma das paredes, que corriam lateralmente em relação ás portadas, via-se um pequeno arco tambem ogival, e cujo vivo não excederia a decima parte da área dos dous arcos maiores. Era a communição para uma escada, que, dividindo-se em dous lanços, subia para o andaime do muro, e para a capella da Senhora da Consolação. Como a antiga muralha já não podia servir para a defesa da povoação, que traspordára por cima e para além do seu antigo recinto, e a capella raras vezes se punha patente, uma grossa porta de castanho impedia a communição entre a quadrella e o arco, e deixava apenas no topo inferior da

escada uma especie de nicho escuro, no qual a custo caberiam duas pessoas. Foi neste logar, d'onde podia ver sem ser vista, que a tia Domingas se resolveu a esperar a volta da procissão.

Vendo-a parar, os dous que a seguiam de perto pararam tambem á entrada do portal. Passados apenas alguns instantes, Alle, sentindo um estrupido, olhou para a esquerda pela Padaria abaixo, e depois para a rua da direita, d'onde soava igual estrupido. Ficou pasmado. Dous cavalleiros se approximavam, um do lado dos Açougues, outro do de Sancta Justa. O da esquerda, cujo cavallo parecia manquejar, vinha a passo, em quanto o da direita, montado n'uma nedia mula, galgava a trote do lado de Sancta Justa. N'um dia, em que o proprio monarcha atravessava a pé as ruas da sua capital, o apparecimento dos dous cavalleiros era na verdade um factó singular.

Quando o mouro olhou, o da mula estava a maior distancia, mas a differença de andadura fez com que chegassem ambos ao mesmo tempo tão perto, que elle os reconheceu.

«Ei-lo ahi! ei-lo ahi! — murmurou o jogral, correndo para a tia Domingas.

«Ei-lo ahi, quem? — perguntou esta com um pé no chão e com o outro em cima do degrau, no acto de subir ao nicho.

«O camareiro d'elrei.»

«Fernandaffonso?»

«Em corpo e alma.»

«E quem mais?»

«O seu pagem.»

Era, de feito, o camareiro menor o que cavalgava no cavallo manco. Ao atravessar o pequeno terreiro dos Açougues, o nobre animal, que corria á rédea solta, topára n'um desses postes, que obstruíam o terreirinho, bem como a Rua-nova, e que eram occasião de frequentes quédas e desvairos quando ahi se faziam justas ou torneios. Mas como acontecia que, a essas horas, Fernando, que devia achar-se no sequito do rei, na procissão e a pé, vinha assim montado, e pelo caminho opposto, para o lado da cathedral? Eis o que baralhava as idéas da tia Domingas, e talvez baralhará as do leitor.

Tiremo-nos nós de duvidas. Desçamos para Valverde, e lá averiguaremos o caso.

A almuinha, o rei, o imperador, o gato montez, o gigante, o drago, a serpe, a dama, os diabos, as pellas e todas as mais personagens, que constituíam a parte truanesca da procissão, haviam desembocado na praça com devotas risadas e sancta pasmaceira da arraya miuda, que todos os annos achava a mesma graça e novidade naquelle espectaculo monstruoso e

phantastico. A fradaria passára tambem, e os padres paramentados, e os monges-cavalleiros das ordens, e tudo o mais que se interpunha entre as farças populares da frente e a hostia triumphante. As varas do pallio, inclinadas para diante, e a tela preciosa das sanefas e sobrecéu, bamboleando com o vento abafadiço que se alevantára, e que ramalhava nas arvores da praça, despontavam já d'entre as casa-rias ao penetrar no immenso terreiro, onde remoinhavam ondeando uma infinidade de gestos ridentes, alvâres, córados, pallidos, viçosos, encarquilhados, barbudos, imberbes e boquiabertos. Subitamente, porém, o brado de «alto! alto!», brado ominoso, nuncio d'encalhe ou fracasso, sôa do couce da procissão. A palavra fatal passa de bôca em bôca, bem como uma hora antes passára na Rua-nova com grave detrimento da compostura e devoção de Ruy Casco: os contos dos guiões e bandeiras fincam-se no chão: as charolas oscillam e assentam sobre a calçada: as representações e os representadores petrificam-se: as cabeças, emfim, da multidão voltam-se para um ponto unico, e alteam-se um bom palmo, em parte pela distensão dos pescoços, em parte pelo alçamento dos calcanhares, que buscam a perpendicular sobre os bicos dos pés. Os olhos dos espectadores asses-

*

tam milhares de raios visuaes sobre esse grupo esplendente que precede, ladêa e segue o pallio; mas lá não se distingue senão uma certa perturbação, o abrir de bôcas que falam, o estender de braços que se meneiam, o desapparecer e reapparecer de alguns vultos que se curvam. Depois a agitação acalma, as filas ordenam-se, e o grito de «ávantel ávantel» põe de novo em marcha regular o macisso processional.

«Que foi? que foi?» —inquiriam os que estavam mais longe.

Ninguém sabia responder.

Era um dos fidalgos da côrte, que, tomado de repentino mal, perdêra os sentidos. Tinham-no tirado em braços do meio do tropel. Attribuiu-se o successo ao ardor do sol; porque mais de uma vez, em semelhantes autos, se haviam verificado factos analogos. Muitas pessoas se recordavam d'isso. Elrei, perto do qual elle se achava no momento em que vacillára e cahira, ordenára que o conduzissem para fóra do apertão, recommendando que lhe ministrassem todos os soccorros possiveis. Fôra este o motivo da agitação que interrompêra por alguns instantes o grande drama popular.

A personagem, que déra azo a essa interrupção era o camareiro menor.

Ao passo que a turbamulta se affastava para

deixar franca passagem aos que o conduziam, Fernando Affonso parecia ir recobrando o alento. Como por encanto, Vivaldo, o seu pagem válido, appareceu então juncto delle. Ao vê-lo o nobre escudeiro, que por duas ou tres vezes volvêra olhos inquietos ao redor de si, declarou positivamente que não consentiria em que abandonassem o prestito os que se haviam apresado a cumprir as determinações d'elrei; e encostado ao hombro do pagem, desapareceu entre os edificios que formavam a orla do celebre bairro da Pedreira.

Nas faldas do monte chamado o Cerro do Almirante, e ao sopé do mosteiro, cujos fundamentos o condestavelahi começava a lançar, corria uma rua escura e triste como quasi todas as de Lisboa: era a rua de Mestre-Gonçalo. Ao entrarem nella, o escudeiro e o pagem pararam a examina-la. Estava deserta. Vivaldo largou então o braço de seu senhor, que recobrára, como por milagre, a saude, metteu os dedos na bôca, e tirou um sibillo agudo. Immediatamente se abriu uma porta á esquerda, e os dous precipitaram-se n'uma especie de vasto sotão, cuja communição para a rua era a porta que se abríra.

Se a entrada fôra rapida, não o foi menos a saída; mas agora tanto o escudeiro como o

pagem estavam montados. Vinha o primeiro cuberto com um ferragoulo comprido, e com o rosto meio occulto debaixo das largas abas de um chapéu de feltro. Depois de observarem tudo de novo por alguns instantes, partiram a galope ambos para o mesmo lado, subindo uma rampa ingreme, em cujo cimo se estendia uma chapada raro-semeada de algumas oliveiras e cuberta de searas maduras. Ao poente o plano era limitado pelo alto lanço de muralha, que corria desde a porta de Sancta Catharina até o postigo chamado da Torre de Alvaro Paes, e successivamente, do condestavel e de S. Roque. Junto deste postigo, pelo lado interior, campeava sobre o muro o mosteiro dos Trinitarios. Ao oriente, e na borda do despenhadeiro, que se pendurava sobre Valverde e sobre o antigo arrabalde da Lisboa mourisca, principiavam a altear-se os alicerces do mosteiro de Sancta Maria do Vencimento, edificio historico, que completava uma equação, em que D. João I era para o mosteiro de Sancta Maria da Victoria, ou da Batalha, como o condestavel para este seu monumento. Ao lado delle viam-se os paços do Almirante, já meio demolidos, e no pendor meridional do descampado descortinavam-se até meia altura os dous templos dos Martyres e de S. Francisco, quasi solitarios, e pa-

recendo a certa distancia encostados um ao outro. No meio deste campo, entre as searas pallidas, os dous pararam, e depois de trocarem breves palavras, o escudeiro dirigiu-se, com a mesma pressa que trazia, para a porta de Sancta Catharina, em quanto o pagem saía pelo postigo de Alvaro Paes. O primeiro desceu ao longo da carcova para o bairro de pescadores chamado Cataquefarás, e dobrando o angulo da muralha, seguiu ao longo do Tejo até a Judiaria-grande, ou Villa-nova de Gibaltar, entrou pelo arco dos Barretes, e atravessou o terreiro dos Açougues velhos, desde onde o accidente do cavallo o obrigou a caminhar mais a passo do que desejára. O pagem, que tinha de fazer um circuito menor, desceu pela estrada, que corria ao longo da muralha do norte pela parte exterior, até aquelle tracto de Valverdé que ficava fóra da povoação, enfiou pela Porta da Mouraria, rodeou o bairro dos verdadeiros crentes, e partindo pela Corredoura, passou adiante da procissão, cujo centro apenas se prolongava então com a igreja de Santa Justa, e veio encontrar seu senhor, conforme este lhe ordenára, junto á Porta-do-ferro.

O apparecimento inesperado do camareiro menor facilitava apparentemente a conclusão do plano da tia Domingas. Podia chegar-se a elle,

falar-lhe, dizer-lhe o que quizesse livre de borborinho e a bem dizer de testemunhas. Mas as apparencias são enganosas, e os calculos da prudencia humana foram neste caso desmentidos pela força d'inescrutavel destino. Apenas deu de rosto com o pagem, o cavalleiro bradou-lhe:

«Apeia-te, Vivaldo; apeia-te!»

E saltando ligeiro do cavallo abaixo, atirou o ferragoulo para cima da sella, e approximou-se do arco.

Posto que algum tanto perturbada pela subita presença do homem que buscava, a velha cuvilheira fez um signal a Alle. O jogral foi atravessando o terreiro da sé, e desapareceu na rua que conduzia ao paço.

Vendo-o sumir, o hortelão, como ella ante-vira, approximou-se mais, e em tom que não admittia tergiversações, perguntou:

«Tia Domingas, onde é que está Zilla?»

«A estas horas talvez em Restello, ou talvez tenha voltado...»

«Mas onde vive, e com quem? Preciso... quero sabe-lo.»

A velha começou a altear a voz.

«Em casa de mestre Bertolameu...»

«Mas quem diabo é mestre Bertolameu?»

«Ai, um sancto homem, o tabellião da rua de D. Mafalda...»

O diapasão da tia Domingas subíra um tom mais alto.

«É soldadeira delle?

«De sua filha D. Alda:—aqui a voz da cuvilheira remontou aonde podia remontar.— Oh, que anjo! que formosura! Aquillo é uma pomba sem fel! *Lirios inter espinhos*, como dizia o anno passado Fr. Isidoro no sermão da milagrosa imagem de Sancta Maria da Escada, sanctissima irman de nossa Senhora. Para a rua de D. Mafalda vou eu d'aqui, Ruy. Seguí-me, e reparae na porta onde me virdes entrar...»

«Fale mais baixo, tia Domingas; fale mais baixo:—interrompeu o almuinheiro.— Não vê alli aquelles vultos?... Poderei falar com Zilla?»

Foi o mesmo que se lhe dissesse que gritasse mais.

«Hoje?! É impossivel. Não me demoro, que tenho de estar á bôca da noite nos cubertos dos Açougues. Amanhan, ou depois, ás dez horas passe por lá.»

«Então, venha tia Domingas; venha ensinar-me o sitio.»

Mas com um pé sobre o nicho e o outro no solo, o corpo da cuvilheira estava como enraizado naquelle logar, em quanto a energia e o movimento se lhe concentravam na lingua, e

nos olhos inquietos, que se volviam com viveza incrível dos dous vultos parados juncto do arco para Ruy Casco, e de Ruy Casco para os vultos.

Ao reboar na abobada do portal o nome de Alda, Fernando voltára, na verdade, a cabeça; mas tornára rapidamente a continuar o dialogo, que em voz submissa corria entre elle e o seu pagem.

O objecto desse dialogo era o remediar o inconveniente que retardára o nobre escudeiro. Fernando precisava de chegar quanto antes aos paços dos Infantes. Para não ser conhecido, ordenára ao pagem viesse por differente caminho encontra-lo no terreiro da cathedral, que devia estar deserto, para ir tomar-lhe o cavallo no adro de S. Martinho, e desapparecer com elle ou para as Portas da Cruz, ou para a Alcaçova, em quanto seu senhor penetrava, sem ser visto, no paço, a essas horas solitario. O accidente do feroso corredor constrangia-o, porém, a montar na mula do pagem, e a abandoná-la no adro de S. Martinho. Vivaldo, cavalgando no cavallo manco, segui-lo-hia de perto o mais que podesse, e buscaria chegar a tempo de impedir que ella fugisse.

E os dous montaram ligeiramente. As ferraduras da mula deram na calçada um som fu-

gitivo quasi metallico. O cavalleiro ferira com ambos os acicates o possante animal. Ao mesmo tempo o pagem incitava com açoutes e esporadas a sua tropega cavalgadura.

Os nomes de D. Alda, e do honrado mestre Bartholomeu, e as indicações locaes, e as olhaduras eloquentes da cuvilheira tinham sido como os remedios, chamados heroicos e infalliveis, em doença mortal. A fragil machina ideada longamente, e aperfeiçoada por um clarão de genio na bodega de Nathanael Sapo, déra em terra, como quasi quatro seculos depois o terremoto deu em pantana com os gothicos edificios, e terreiros, e ruas, e arcos, e muralhas, que presenciaram as diversas scenas desta gravissima historia.

A tia Domingas mediu n'um relance a profundidade da voragem que se abrira debaixo de seus pés, a colera de Fr. Vasco, o ser expulsa, e talvez obrigada a restituir a bolsa que recebera. Fernando Affonso ia escapar-lhe! Na sua perturbação não viu o risco que corria, e saltando do nicho precipitou-se para o cavalleiro no momento em que ia a abalar.»

«Venho da rua de D. Mafalda:—exclamava elle correndo:—venho da rua de D. Mafalda. Escutae-me.»

«Não conheço ninguem nessa rua:—re-

darguiu o mancebo. — Retira-te, e deixa-me passar! »

Com esta resposta a tia Domingas perdeu a tramontana.

« É um momento. Escutae, escutae! »

E dizendo isto, sem saber o que fazia, lançou as mãos ás rédeas da mula.

O animal espantou-se, e deu um salto recuando. A amplidão do ventre da cuvilheira, e a frouxidão dos seus velhos musculos fizeram-lhe perder o equilibrio ao abalo violento da robusta cavalgadura. Cahiu agarrada as rédeas. Fernando Affonso, perturbado com aquella aggressão repentina, hesitára; mas a sua hesitação passou como o relampago. As trombetas dos bésteiros do conto começavam a soar mui perto, e o pagem, rompendo para diante, feria sem piedade o pobre ginete. Dous credos que se demorasse no terreiro da sé, o nobre escudeiro via-se descuberto. Que lhe importava esse vulto, essa mulher ou esse demonio, que se interpunha entre elle e o alvo aonde se dirigia? Soltando uma blasphemia, cravou os acicates nos ilhaes da mula. Um grito agudo, estridente, de suprema agonia restrugiu debaixo das patas do bruto irritado, e ao cavalleiro, por entre o zumbido do ar que rompia na carreira desenfreada, nos rapidos intervallos do estalar

das ferraduras chispando nas pedras, pareceu que ouvia ainda uma ou duas vezes gemidos de moribundo. Depois, transposto o terreiro, correndo ao longo dos botaréis septentrionaes da cathedral, não sentiu mais nada senão o tropear do cavallo manco do pagem, que forcejava por segui-lo de perto, e como uma voz do coração, tímida, cansada e ridicula, que tinha a pretensão de lhe bradar: — assassino!»

E era-o. Podia-se orar por alma da tia Domingas. Esmagada debaixo dos pés da mula, arquejava apenas, e o sangue rebentava-lhe em fio da bôca, dos olhos, e dos ouvidos.

E Ruy, que gritando ao cavalleiro pretendêra salva-la, e não podêra, recuou aterrado. O eccho das trombetas dos bésteiros já começava a reboar na abobada do arco. Podiam encontra-lo alli, juncto desse quasi cadaver; podiam, deviam, até, julga-lo culpado. Deitou a fugir para o bairro, onde mais facil lhe era pôr-se a salvo; para a Judiaria.

E os bésteiros chegaram, e o som das trombetas gelou de subito, e o jogral, que volteava e bradava, fez silencio, e tudo parou. O espectáculo que tinham ante si era tão triste como inesperado.

Em tropel os bésteiros approximaram-se da-

quelle vulto enfeixado e esfarrapado. Um dos circumstantes reconheceu-a:

«É a tia Domingas de Restello!»

«Quem?—acudiu d'alli outra voz.—Aquella que media cincta, e via por joeira?»

«É, é:»—clamou outro guerreiro municipal.

«A bruxa?»—perguntou um quarto.

«Qual bruxa, homem, se era confessada de meu primo Fr. Isidoro!»—interrompeu o que primeiro a reconhecêra.

«Então, se era confessada de teu primo!... —replicou o que elevára a pobre velha á categoria de feiticeira.—Páteta!... O que se segue d'ahi! Tal confessada tal confessor. A fortuna della foi que o diabo a affogasse, agora que morreu Gomes Lourenço, e o concelho ainda não elegeu novo juiz das feiticeiras...»

«Affogou-a o diabo, dizes tu?—acudiu o quarto bésteiro que falára.—Uhm! Como sabes que foi o diabo?»

O precedente orador abaixou-se, poz o dedo sobre a garganta da victima, e disse:

«Vê lá!»

Duas linhas negras, curvas, concentricas, orlando uma serie de pontos tambem negros, indicavam com evidencia que sobre o orgão da respiração daquelle corpo se estampára violentamente o pé ferrado de um animal.

Dez ou doze capellinas de ferro brunido, abaixando-se a um tempo ao redor do vulto ennovellado no chão, soaram umas nas outras, atroando os ouvidos das doze cabeças que guarneciam, e ao mesmo tempo tiniram doze béstas de aço assentando no basalto que calçava o pavimento do arco.

«É uma ferradura!»—exclamaram todos a um tempo.

«Mas o diabo—observou timidamente o primo de Fr. Isidoro, que já sentia arripiarem-se-lhe os cabellos com um vago terror,—tem a figura de bode.»

«Cal-te, pedaço d'asno!»—insistiu o bésteiro doutrinário, que achára a explicação do caso na theoria indubitavel do poder de Satanaz. —O diabo não tem figura: apparece naquella que lhe apraz. Esganou-a com uma patada de bêsta. Logo vê-se que vinha na tua.»

Não obstante o salutar terror que ia tomando os animos, houve uma risada geral.

«Acabem com isso:—bradou o anadel, que achára improprio da sua dignidade militar o metter-se entre a chusma.—Arredem o corpo; que ahi chega a procissão. Logo se dará parte ao corregedor da côrte.»

«Ao bispo, ao bispo! O caso é bispal! —

gritou o orador, que demonstrára triumphantemente as circumstancias diabolicas do successo.

Signaes estrondosos de approvação mostraram que a semente das sans doutrinas tinha cahido em terreno abençoado.

«Pois seja ao bispo:—respondeu o anadel encolhendo os hombros.—Mas vamos; franquêem o passo.»

Com os seus balebões de couro crú os bésteiros foram empurrando para ao pé do nicho lateral o cadaver, em que nenhum delles se atreveria a pôr mão, porque nenhum quizera ficar polluido e excommungado.

Nessa tarde e nessa noite, por todas as bodegas de Lisboa, por todas as cellas de abbades, reitores, priores e guardiães de mosteiros e conventos; por todos os altos, onde os velhos iam aparar no regaço os ultimos raios do sol, mirando a bahia do Tejo; por todos os adros d'igrejas, onde se ajunctava o beaterio a resar trindades; por todos os logares, emfim, onde tomava corpo o mais sublime, o mais respeitavel, o supremo embuste deste mundo, a opinião publica, referia-se com as variações, commentarios, e aperfeiçoamentos indispensaveis o famoso milagre acontecido á Porta-do-ferro, onde o cão tinhoso esganára uma feiticeira,

porque se atrevêra a cruzar as ruas por onde naquelle sagrado dia passava a procissão de S. Corpus.

Proximo deste sitio o povo apupára havia dous annos um pobre truão atropelado e ferido pelo ginete de Fernando Affonso. Agora cuspia affrontas e calumnias sobre o cadaver de uma pobre velha, victima da propria imprudencia e da feroz brutalidade do moço escudeiro. Ou este era demasiado feliz, ou a providencia lhe reservava ainda na terra algum tremendo castigo pelas negruras da sua vida, vida fatal para todos os que passavam na ecliptica desse astro destruidor.

XX

EXPLICAÇÕES.

Mexericaram-me com ella que tinha outros amores.

JORGE FERREIRA. — *Aulegrafia.*

NÃO só para se comprehenderem as scenas descriptas no antecedente capitulo, mas tambem para intelligencia dos successos subsequentes é necessario que, remontando a factos anteriores, dêmos algumas explicações ao leitor.

Fr. Vasco tinha um segredo, que não communicára a D. João d'Ornellas: D. João d'Or-

nellas tinha um segredo, que não communicára a Fr. Vasco.

O do moço cisterciense sabemos-lo nós. Colocado entre a terrível missão, que lhe legára seu pae, e os remorsos do primeiro crime, a sua imaginação enferma aventára o estranho designio, de que só pretendêra fazer instrumento a cuvilheira e de que a fizera victima. Semelhante ao naufrago, que, luctando com os mares, estende as mãos á fragil alga que fluctua, á lasca do navio despedaçado, e até ao rolo d'escuma, que, ao estourar das vagas, se lhe espraia sobre a cabeça, o monge acariciava esse pensamento de salvação, e escondia-o com ciúme a D. João d'Ornellas, cuja vingança, calculada e fria, não presuppunha modificações nem treguas. Mas se neste ponto Fr. Vasco atraçoava o pacto infernal que fizera com o implacavel prelado, tambem o abbade trahia as suas promessas quanto á plena confiança e commum concerto com que ambos deviam proceder contra Fernando Affonso. Em que consistia esta especie de deslealdade de D. João d'Ornellas é o que nós vamos expôr.

Como a aranha venenosa, que, prendendo em diversos logares os fios da teia, a vae urdindo de modo que, collocada no centro, possa arrojarse de salto ao insecto sem receio de errar

o tiro, assim o abbade de Alcobaça ia colligindo as armas que lhe ministravam as intrigas politicas, as imprudencias do proprio inimigo, a velhacaria de João das Regras, a situação de Beatriz e o odio concentrado de Fr. Vasco, até que chegasse um dia em que, rodeado de todos esses auxiliares, podesse vencer as difficuldades, que oppunha ao complemento do plano, que traçara, a viva affeição d'elrei á sua designada victima. Esse plano ia longe; mas os desejos iam além d'elle; iam até um pensamento de sangue. Folgaria de fazer rolar a cabeça do camareiro-menor aos pés do algoz. Não ousava, porém, esperar tanto; e consolava-se com a quasi certeza de o ver expulso do paço, reduzido a obscuridade, deshonorado, miseravel. Até ahí alcançava a sua esperança. E o sancto-homem do abbade, como lhe chamava o seu melhor amigo, o chanceller, encostado á cabeceira do catre no collegio de S. Paulo, sentia escoarem-se ligeiras as accidentaes horas de vigilia nocturna, vendo voltear ante si as imagens risonhas do opprobrio e desventura, que preparava ao seu inimigo.

Os motivos, todavia, em que estribava essas esperanças não eram só os que apontámos. O favor do monarcha podia contrastar isso tudo. Havia um mais forte, e era este o que o astuto

monge occultava ao seu aliado, e occultava-o porque queria primeiramente estar bem seguro da existencia d'elle.

D. João d'Ornellas estivera uma vez com o moço cisterciense na rua de D. Mafalda, e ouvira da bôca de Beatriz a historia do modo como fôra abandonada.

Desde este dia o abbade scismára muito. — «Quem é essa mulher á qual *elle* a sacrificou? Que amores são estes que *elle* occulta com tanto ciume?» — Era uma idéa que não lhe saía do espirito. Havia n'isso um mysterio, e no seu coração um presentimento de que o perscruta-lo lhe não seria inutil.

Um dos axiomas de proceder do prudente prelado consistia em não desprezar nenhum enjejo de adquirir informações ácerca da historia passada de todos os individuos com quem estava em contacto. Era regra de que se não afastava. Tinha-a achado sempre util.

Alle, recebido no collegio de S. Paulo, não escapára, apesar da sua humilde condição, ás pesquisas do reverendissimo. A unica differença era que estas pesquisas não haviam sido nem largas nem difficeis.

Uma vez mais D. João d'Ornellas teve de abençoar o axioma que adoptára. Este homem fôra maltractado por Fernando Affonso. Em qual

ocasião, e com que circumstancias, é cousa de que provavelmente o leitor se lembra ainda.

Era um odiosinho obscuro, impotente. Não importava. O abbade abaixou-se, amimou-o, ergueu-o até si. Podia servir-lhe.

Depois da partida de Fr. Lourenço, o mouro Alle, em vez de peiorar, melhorou materialmente. Com grande escandalo de Fr. Julião foi escolhido por sua mui poderosa reverencia para sergente seu particular em quanto residisse em Lisboa. Alle ganhára em duas cousas; na mais opipara ração, e em ficar livre dos eloquentes sermões do Bacharel ácerca dos embustes grossos do alcorão e das verdades do christianismo.

Certo dia D. João d'Ornellas chamou-o, e disse-lhe com a maior singeleza e bondade deste mundo, que se preparasse para ir exercer nos paços d'elrei o cargo, que deixára vago o fallecido bobo e jogral de D. Fernando e de D. João I, o celebre Annequim.

O abbade só impoz uma condição em paga do beneficio. Alle devia seguir os passos do camareiro-menor, vigia-lo, escutar-lhe as palavras, estudar-lhe o menor gesto, e dar conta de tudo ao reverendissimo. Isto foi recommendado na presença do reitor e de alguns ledores da estudaria, sem escarcéus, sem mysterio, chanmente, singelamente.

Aos misteres de gracejador, goliardo e trovista satyrico, Alle ajunctaria por gratidão o de espia.

«Fernando—ponderava o prelado nesse dia ao reitor de S. Paulo, diante do futuro truão regio, e sorrindo bondosamente— é um rapaz trefego, um farçola: foi assim desde pequeno. Agora o meu velho amigo, o arcebispo de Braga, recommenda-me que o informe do seu proceder na côrte. Pois não tem ahi o irmão?... Tudo ha-de carregar sobre estes fracos hombros. Ai, padre reitor, padre reitor, a obediencia é o mais duro dever da nossa regra! D. Lourenço abusa um pouco da amizade e da veneração que consagro ao primaz das Hespanhas, para me torcer como um vime. Paciencia! Mas custa-me; porque já ouví rogir não sei o que ácerca de varias travessuras do camareiro-menor...»

«Travessuras?!—interrompeu o reitor.— Dizem todos que é um perverso, um homem sem temor de Deus; um...»

«Exaggerações, padre reitor... exaggerações:—acudiu D. João d'Ornellas.—A mocidade é ardente, e nós os velhos faceis em condemna-la, sobre tudo quando a estamenha monastica nos gastou antes de tempo o vigor das paixões. Vamos, Alle—acrescentou, voltando-

se para o mouro — antes de escrever ao arcebispo, quero informações tuas. Curve-se, ao menos n'isto, perante a loucura voluntaria o orgulho da sabedoria presumçosa; porque, como diz S. Paulo, *sapientia hujus mundi stultitia est apud Deum.*»

«Que humildade! — rosnou n'um áparte o reitor.

«Vae, meu Alle, vae: — proseguiu o abade. — Sê feliz, e possa o Senhor das misericordias abrir-te os olhos da alma no teu ultimo dia.»

E batendo-lhe com uma das mãos no hombro, alimpou com a outra uma lagryma furtiva.

«Que caridade! — pensou de novo o reitor de S. Paulo com um ronquido de compunção.

Já ficava sabendo, ou, para melhor dizer, ignorando porque viria frequentes vezes ao collegio falar com o poderoso prelado o novo truão d'elrei. E se alguma vez elle fosse indiscreto, o bom do reitor achava-se habilitado para explicar as rectas intenções com que procedia o virtuoso chefe dos monges brancos.

Dous odios accordes são como o amor mutuo. Comprehendem-se: adivinham-se.

Os olhos de D. João d'Ornellas e os do mouro encontraram-se no momento da derradeira des-

pedida. Tudo o que havia a dizer de parte a parte ficou dito.

Mas para que queria o diabolico frade ter dentro dos paços de S. Martinho um espia malevolo e vigilante, que seguisse como sombra o camareiro-menor?

Isso é historia mais comprida.

A virtude severa de D. Philippa, chamada pelo povo a boa rainha, influíra em grande parte no contraste que offerencia a côrte do mestre d'Aviz com a de seu irmão e predecessor, onde aos terrores do veneno ou do ferro assassino, que pesavam carregados e sombrios em todas as frentes, se associavam deleites abjectos; onde a prostituição e a morte tripudiavam junctas em choréas infernaes. Posto que D. João I não fosse exempto das fraquezas humanas, e que D. Philippa tivesse mais de uma vez razão de queixar-se das infidelidades de seu real esposo, é necessario confessarmos que elle soube fazer respeitar a sanctidade do tecto domestico, e que os paços, onde habitava essa angelica mulher, a cujos cuidados maternos deveu talvez Portugal os tres mais bellos caractéres da sua historia, os tres irmãos Duarte, Pedro, e Fernando, foram para o chefe da dynastia de Aviz como um templo, cujos umbraes a nenhum pensamento impuro era permittido cruzar.

As antigas leis de Portugal contra o que abusava da confiança domestica, e introduzia a prostituição na morada do senhor com quem vivia, de quem era *homem*, para usarmos da linguagem daquelles tempos, haviam sido escriptas com sangue. Não era preciso que o adulterio manchasse o leito conjugal para ellas pesarem inexoraveis sobre a deslealdade familiar. O cliente que travava relações menos puras com a filha, com a irman, e ainda com a servidora do seu patrono, votava-o á execração a lei, e a culpa aggravava-se quando occorria a circumstancia de ser donzella ou viuva a cumplice do crime, que, commettido na mansão do rei, augmentava de intensidade e podia classificar-se como um attentado contra a magestade do throno. O estado dos costumes, mais ou menos corrompidos, tinha dado em diversas epochas maior ou menor força ás posturas de D. Diniz e de D. Affonso IV ácerca desta materia. Mas o mestre d'Aviz, mais irmão que chefe dos seus homens d'armas; esse principe, ao mesmo tempo violento e folgasão como seu pae, especie de Arthur dos romances do Sancto-Grial no meio dos seus cavalleiros da Tavola-redonda, mostrava em todas as occasiões demasiado pundonor na propria dignidade para se dever reputar pouco prudente aquelle que quizesse correr o

risco de experimentar se elle considerava ou não como modificada pelos costumes a dura sancção penal contida nessas leis antigas.

E todavia, houvera alguém que se arriscára á experiencia. Para sabermos quem seria baste dizer, que n'isso consistia o segredo em que ruminava ás horas mortas de vigilia o pachorrento do abbade.

Apesar do valimento d'elrei, Fernando Afonso arcára peito a peito com um empenho, que podia esmagá-lo. Bastava que os seus inimigos o soubessem; e tinha dous que valiam a pena de se pensar nelles: o chanceller, em cujo edificio politico tentára aluir algumas pedras, e o prelado dos cistercienses, que desde a noitada da tavolagem o tractava, quando se viam na côrte, com dobradas attenções e com affabilidade excessiva.

Desde o dia em que estivera na rua de D. Mafalda, o digno monge alcaide-mór mostrára um genio inventivo e admiravel em achar pretextos para assistir, com tal qual quebra da regra reformada de S. Bento, aos saráus do paço, a essas festas esplendidas, nas quaes a bella e pura Philippa de Lancastre apparecia rodeada da sua côrte de donas e donzellas, em cujo numero se contavam as formosuras mais celebradas nas canções dos trovadores, as filhas e mu-

lheres dos mais poderosos vassallos da corôa, dos cavalleiros que maior reputação haviam grangeado na longa e tenaz lucta da independencia. Entre ellas algumas havia, que, brilhando ainda com todos os encantos da mocidade, se adornavam já com as galas melancolicas de mais ou menos recente viuvez; porque a souce da morte ceifára muitas vidas durante cinco annos de encarniçados combates com os guerreiros de Castella. Outras havia, a quem sorte igual talvez coubesse em breve, e em cujas fronte anuviadas se liam muitas inquietações secretas. Mas este fundo tristonho do quadro dava realce maior ao bando das jovens donzelas, que, ignorantes de máguas, folgavam nesses festejos, e se balouçavam á flor da vida como a avesinha revoando, n'um bello dia de primavera, pela superficie da albufeira, que esconde sob a face dormente os vagalhões da tempestade.

D. João d'Ornellas, semi-oculto nos grupos de cortezãos, por essas tardes e serões de tangêres, e momos, e folgares, parecia pensativo. Eram os cuidados da governança da sua opulenta ordem? Assim se imaginava. Não eram tal. Observava o seu inimigo.

O que destas observações tirou não o disse elle a ninguem. Apenas, alguns dias depois da

inculca do truão, o chanceller notou lá com a sua garnacha, que o seu excellente amigo se ia fazendo cada vez menos visível na còrte. Scismou algum tempo no caso; mas como não atinava a deduzir d'ahi uma illação razoavel, não pensou mais n'isso.

Todavia, o que é certo é que, apesar da apparente singeleza e quasi indifferença, com que o abbade de Alcobaça baldeára Alle da severa e triste estudaria de S. Paulo nas salas magnificas de S. Martinho, antes de se despedir d'elle na presença do reitor, conversára a sós mais de uma hora com o futuro maninelo de sua real senhoria.

Pois deixa-lo embrulhar-se e enovelar-se no seu manto de mysterio. Que precisão temos nós de saber o que viu, como viu e até onde viu? Cá está uma nota de algum Scaligero ou Casaubono de cogula e cercilho, escripta em cur-sivo encambulhado á margem da nossa chronica vetusta e amarellenta, que nos porá cor-rentes com o que na verdade havia.

Fernando amava. Esta affeição tinha começado um anno antes: podia dizer-se a mais duradoura da sua vida, a mais ardente, quasi um amor verdadeiro.

No periodo da vida, em que o coração da mulher se abre ás paixões, ha duas epochas

distinctas. A primeira é aquella em que, tímida e inexperiente, ella se embriaga nesse pelago de vagas aspirações de um amor sem objecto; em que no homem que lhe sorrí crê encontrar o ente predestinado, que Deus enviou á terra para servir de arrimo aos seus passos debeis e incertos, semelhante ao freixo robusto que, firme no solo, deixa enredar-se nos ramos viçosos da hera, e balouça alegre as possantes vergonteadas, presas nos laços voluptuosos da fragil planta, que vive da sua seiva sem a exhaurir. É essa quadra perigosa, em que a lua que passa suscita inexplicavel saudade no animo feminino, e os olhos da virgem, que se vão após o astro socegado, descem de lá para a terra humidos de não sentidas lagrymas; em que a donzella se mira na agua limpida do arroio, tingindo-se-lhe de rubor as faces se percebe que a observam, e vae correndo e rindo colher por disfarce a bonina da margem para a atirar á veia do regato, e segui-la com a vista, que de espaço a espaço vem cruzar de relance com o olhar fito daquelle que em adoração a contempla; em adoração, porque, durante esta idade, no gesto, nos meneios, na voz, no volver d'olhos da virgem, no ambiente que a cerca, ha o que quer que seja de anjo; ha o que quer que seja do céu.

Nesses annos é tão facil como barbaro o triumphar do pudor quasi infantil, unica defenza que a natureza deixou a um espirito ignorante e candido, se não é que para alliadas do pudor poz na alma do homem a generosidade e a poesia.

Depois dos annos da innocencia virginal ha no existir da mulher uma phase, em que a sua alma desce das regiões ideaes da pureza para a grosseira realidade do mundo. Já então se não mira no crystal do arroio, e a lua vem e desaparece sem que ella uma só vez levante os olhos ao céu. Quando o seio lhe arfa ao encontrar o que ama, não precisa de correr a apanhar a bonina para esconder o rubor: o sangue precipita-se todo no coração que se dilata, e ás faces só vem a pallidez. Nesta quadra é a intelligencia que resiste á seducção: o pudor não é poesia, não é uma inspiração espontanea, inexplicavel; é calculo, é raciocinio. Nessa idade o amor que cede é ardente, impetuoso, tyrannico, porque a mulher mediu toda a extensão do sacrificio; porque não cedeu sem uma lucta terrivel, e essa lucta lhe fez conhecer a immensidade da paixão que a venceu, e a consciencia lhe diz que só um amor sem limites pôde corresponder ao seu.

A diversidade, porém, das indoles humanas

determina as diversas manifestações do amor feminino nos annos que succedem aos da primeira juventude. Muitas vezes a mulher, posto que despenhada na realidade, é ainda o anjo, anjo não radiante de gloria, não cercado de uma aureola de formosura celeste, mas passando docemente melancolico no meio do desterro da vida, semelhante ao pôr do sol de uma tarde de outono, vivendo só para o homem cuja alma uniu á sua, exemplo de abnegação sobrehumana, esquecendo as dôres proprias para consolar as alheias, soffrendo a infidelidade, a ingratição, a impaciencia brutal sem um queixume, e escondendo até a reprehensão eloquente das lagrymas. Feliz o que encontrou tal mulher, se Deus lhe concedeu entendimento para a comprehender, coração para aspirar e conter em si um amor quasi infinito! N'outras, quando chega essa idade, as paixões intensas, concentradas, violentas assemelham-se á cratéra do Vesuvio, cujas terriveis erupções são transitorias, mas onde constantemente arde o fogo, e tolda os ares o fumo, e as escorias se agitam sobre os turbilhões da chamma inextinguivel. N'outras, finalmente, os ardores intimos são semelhantes aos fogos do Hecla; escondem-se debaixo de uma superficie de gelo. Mas a força da explosão não é por isso menos violenta.

Aquelle que chega a affastar esse manto de frieza lá vê ferver os algares, lá ouve o rugir do abysmo, lá sente o calor do incendio.

A mulher que Fernando Affonso cria amar era semelhante ao Hecla.

Acolhendo todas as demonstrações de ternura, acceitando os cultos do moço escudeiro, accendendo-lhe a imaginação com as artes subtlis que a natureza parece inspirar ao sexo fragil para captivar o forte, ella soubera exaltar os instinctos grosseiros daquelle coração pervertido. Era para Fernando Affonso um sentimento novo, mas profundo, e que elle proprio acreditava sincero. Formosa, posto que já houvesse passado além da primavera da vida, a amante do camareiro-menor empregára para o subjugar o meio mais poderoso de que uma mulher seductora póde lançar mão para converter o amor nascente em paixão delirante. Fazia-o esperar tudo sem conceder cousa alguma. Quando cego de desejos, sedento de prazer, o mancebo ousava recordar-se da sua antiga audacia, um olhar severo, um gesto imperioso, uma palavra altiva vinham subitamente adverti-lo de que, emfim, achára uma mulher incapaz de ceder aos devaneios de um momento. Despeitoso, irritado, jurava então quebrar os laços que o prendiam; porém, mau

grado seu, o amor ganhava mais força com os rigores, e novas seducções geravam novas esperanças, que não tardavam a ser repellidas pelo calculo que simulava virtude, para se renovarem e morrerem cem vezes.

Apesar da circumspecção com que essa mulher evitava abandonar-se á paixão impetuosa do escudeiro, ella amava-o realmente; amava-o, até, com ardor; mas tinha-lhe estudado a indole, sabia uma parte da sua historia, e tremia diante da idéa de trocar um escravo submisso em senhor desdenhoso.

Ligada por interesses de familia, muito moça ainda, a illustre cavalleiro, um successo inesperado e fatal, a morte daquelle a quem se unira por calculos de ambição, viera extinguir as suas esperanças sem ao menos ter experimentado as doçuras de um amor mutuo, e sem lhe restarem essas lagrymas de saudade, esse conversar na solidão com uma imagem querida, que são para o desgraçado um thesouro de consolações.

A situação, porém, da formosa viuva não tardára em mudar. Nobre por nascimento, e ainda mais pelo nome que enlaçára com o seu, obtivera satisfazer o ardor pelo luxo e pelos triumphos da vaidade, que eram os vicios predominantes do seu character, entrando no bri-

lhante circulo das damas da rainha. Fôra então, fôra nos saráus tão frequentes na côrte de D. João I, onde o enthusiasmo guerreiro, os enredos da politica, as aspirações da devoção, e o estrepito dos deleites succediam uns aos outros sem se excluïrem, que os seus olhos tinham encontrado os de Fernando, e uns e outros se haviam entendido. Depois viera a palavra submissa, proferida ao perpassar, o encontro ardente das dextras no redemoinhar das danças, as côres favoritas do traço elegante da bella copiadas no escudo do cavalleiro nos torneios e justas da Rua-nova, a rosa cahida a descuido do seu seio ou do seu toucado, e apanhada rapidamente, e rapidamente beijada, e escondida no peitilho da jórnea do mancebo; todas essas estrophes, emfim, escriptas mais em hieroglyphicos do que com palavras, de que se compõe a epopéa do amor, sempre a mesma e sempre nova, e que a tantos devora os annos e a energia da mocidade no meio de deliciosa embriaguez.

Não repetiremos os varios cantos dessa Odyssea, cujos protagonistas eram o camareiro-menor e a sua formosa amante. Baste recordarmos ao leitor que Beatriz fôra offerecida em holocausto nas aras da sua altiva rival. Assim devia acontecer; porque Beatriz se entregára

sem reserva, e ella acceitára as adorações sem admittir a idéa da recompensa. No amor a ingratição é a filha primogenita da abnegação e da fraqueza, ao mesmo tempo que não é facil dizer se as difficuldades repellem com mais força o que tenta supera-las, do que o chamam e subjugam por mysterioso attractivo.

Na conjunctura, porém, a que se refere a nossa narrativa, o combate de Fernando Affonso para triumphar do pudor calculado da sua nova amante, aproximava-se de uma crise. A victoria, que ía coroa-lo, devia-a a ter empregado em momento opportuno uma arma terrivel.

Habil em penetrar os mais occultos segredos do coração feminil, o moço escudeiro avaliára toda a extensão dos dous sentimentos que dominavam a alma daquella que amava; uma affeição ardente, inquieta e ciosa, e um orgulho excessivo. Conheceu que tinha nelles dous poderosos auxiliares para o ajudarem a despedaçar o manto regelado que escondia o volcão, e os seus requebros á linda filha do mestre Bartholomeu eram o resultado do plano que concebêra. Alda, que se ufanava de ser requestada por tão gentil mancebo, mal imaginava quão distante da rua de D. Mafalda elle punha a mira dos seus intimos desejos.

O ciume tem cem olhos. Sagaz deve ser

aquelle que souber esconder por muito tempo a sua infidelidade á mulher que devéras o amar. Fernando não desejava occulta-la, e a formosa dama de D. Philippa não tardou a obter a certeza de que era trahida. Foi então que o incendio, como o moço escudeiro o prevíra, rebentou impetuoso: a lucta do orgulho ferido com o amor avivado pela offensa, só serviu para revelar á consciencia aterrada da amante de Fernando, que a sua paixão era invencível. Collocada á borda de um abysmo, persuadida de que o abandono seguiria de perto a traição, viu que era necessario ceder. Fernando tinha vencido.

Nós pouparemos tambem ao leitor a scena das amargas accusações da offendida, e da frouxa defesa do offensor. Taes scenas tê-las ha lido ou visto representar mil vezes. Feliz d'elle se já em alguma foi mais do que mero espectador; feliz, porque a explosão dos zelos é como a trovoada no estio: depois do fuzilar dos relampagos, do cahir da saraiva que fustiga os arvoredos, os ares são mais diaphanos, o firmamento de um azul mais limpido. As lagrymas de bella mulher, quando cahem sobre a fronte que se curva arrependida, succede um momento que resume eternidades, e no olhar e no sorriso que dizem — esqueço e per-

dão —, ha um extasi ineffavel. Não podem excede-lo os do céu.

Tal fôra o que passára a um dos balcões dos paços de S. Martinho, naquella noite do anno, em que por toda a Lisboa, desde o palacio até a choupana, quasi ninguem dormia; na noite que precedêra o dia de Corpus Christi.

Ahi Fernando jurára não tornar a ver a linda Alda. No meio dos seus transportes os cabellos se lhe fariam brancos de terror, se podesse adivinhar como esse juramento tinha de ser cumprido.

Ahi, em voz quasi imperceptivel, uns labios tremulos haviam proferido um delicioso sim.

A farça do deliquio representada em Valverde pelo joven camareiro e a sua corrida desde o bairro da Pedreira até a Porta-do-ferro, ligavam-se intimamente com o que se passára no balcão dos paços de S. Martinho.

Eis aqui, pois, porque goraram os planos da pobre Domingas, e porque as palavras, em cujo effeito magico ella confiava, só produziram um brutal assassinio.

Oh previdencia, oh agudeza, oh força da concepção humana, tão semelhantes as mais das vezes á finura e capacidade da defuncta cuyilheira. Vós sois, sem questão, a cousa mais

profunda e admiravelmente piegas e asnatica deste mundo!

Na minha admiração, ou antes adoração, do vosso *quid divinum*, eu vos saúdo. Salve!

177

XXI

O ESPIA.

Aventurey-me: vim aqui
Por vos ver e vos falar.

Canc. do Colleg. dos Nobr.

Todos aquelles dos nossos leitores que conhecem a topographia actual de Lisboa, sabem quão breve distancia medeia entre a sé e o limoeiro, antigo palacio dos reis da primeira raça, convertido em sentina de crimes, e em viveiro e eschola de criminosos pela monarchia absoluta, parenta proxima do liberalismo mo-

derno no desprezo estúpido e brutal dos mais venerandos monumentos dessas epochas de liberdade incompleta mas sincera, em que o monarcha era o alliado dos povos, o braço que estes estendiam para annullar a tyrannia da casta privilegiada, se ella ousava quebrar-lhes os seus foros, avexa-los ou opprimi-los.

Alle, affastando-se da tia Domingas, transpozera a correr essa breve distancia que separava a cathedral dos paços dos Infantes, a séde do supremo sacerdocio da séde do supremo poder, e ía a cruzar o atrio, onde apenas se via em completa immobildade um bésteiro da guarda encostado á sua alta bésta de polé, cujo arco de aço elastico e pulido refulgia ao sol ponente, quando sentiu um tropear rapido. Parou, voltou-se, e viu o camareiro-menor chegar ao adro de S. Martinho, olhar de roda de si, apear-se, atirar a rédea para cima do pescoço da mula, e encaminhar-se para o portal, d'onde o truão o observava. Não esperou este que elle o visse. Tomando por uma porta á esquerda do atrio, Alle parou de novo, e poz-se a espreitar. Percebendo que o escudeiro se dirigia para alli, sumiu-se ao longo de um corredor, que, fazendo angulos e voltas, subindo e descendo, ía terminar n'outro, que o leitor já conhece, e que dava communicação para o

apartamento onde se passaram as scenas entre mi-
cer Percival, o rei, o chanceller e D. João
d'Ornellas, que anteriormente tentámos des-
crever.

Dir-se-hia que Fernando Affonso lobrigára
o truão, e que diligenciava alcança-lo. Entrou
pela mesma porta, seguiu ao longo do mesmo
corredor, deu as mesmas voltas, subiu os de-
graus que elle subira, desceu os que elle des-
cêra, e cada vez o truão sentia mais perto de
si as passadas do moço escudeiro, que não po-
dia ouvir igualmente as de Alle, calçado de ser-
vilhas mouriscas, e caminhando nas pontas dos
pés. Todavia no meio daquelles escuros e tor-
tuosos meandros o camareiro hesitou, retendo
a respiração e pondo-se a escutar attentamente.

Parecêra-lhe ouvir um rastejar sumido, co-
mo de cobra que fosse fugindo adiante d'elle.

O jogral parou tambem. Chegára naquelle
momento a um passadiço, que conduzia da ca-
mara real ao aposento cuja chave exterior o
chanceller guardava.

Esse corredor recebia alguma luz, bem que
frouxa, de um frestão rasgado na parede de uma
especie de claustro interior. N'um relance Alle
galgou até a extremidade, e cozendo-se com a
porta ficou inteiramente cuberto com o repos-
teiro. Um instante que houvera hesitado, o ca-

mareiro vê-lo-hia. Quando, porém, este chegou alli, apenas uma ondulação quasi imperceptivel agitava as prégas do reposteiro, ondulação que a luz baça do corredor não permittia enxergar do topo fronteiro, por onde o mancebo assomára.

Quasi ao fim do corredor, na parede lateral, abria-se um arco. Era o patamar de uma escada espiral, que ia morrer no pavimento superior.

Fernando Affonso escutou novamente. Reinava profundo silencio; porque tudo estava deserto. A festa de Corpus transvasára por assim dizermos, o paço na cathedral.

O escudeiro começou a subir cautelosamente. Alle, apenas o víra desaparecer no arco, saíra detraz do reposteiro. N'um pulo achou-se no primeiro degrau da escada. Caminhando de pés e mãos como um gato, seguia de perto o camareiro-menor, que, pela fórma da escada, pela tenuissima luz que o corredor soturno lhe ministrava, pelo nenhum ruído com que o cho-carreiro avançava, não podia imaginar que o seguiam.

Saindo a uma especie de dormitorio, mal allumiado pelos raios do sol, através de um espelho de vidraças brancas aberto no topo occidental da galeria, Fernando Affonso chegára,

enfim, ao termo da sua mysteriosa viagem. De um e d'outro lado havia uma serie de portas fechadas. Sobre ellas cahiam reposteiros verdes e brancos, bordados com as armas de Portugal coroadas pelo dragão verde. Estes reposteiros, que rojavam no pavimento, encobriam-nas inteiramente. Um delles, porém, estava corrido para o lado. Alli, como no pavimento inferior, reinava silencio sepulchral.

Esse dormitorio e essas cellas eram um lugar vedado aos homens, como harem d'amir musulmano, ou como claustro de virgens consagradas ao céu, posto que não habitassem ahi, nem escravas do oriente vendidas á sensualidade de um senhor licencioso, nem victimas de idéas exaltadas e supersticiosas, ou da tyrannia domestica.

Fernando achava-se no lanço do palacio destinado para a habitação das donas e donzellas de D. Philippa.

Inclinando successivamente a cabeça a um e a outro lado, o mancebo parou no ádito do extenso dormitorio. Applicava o ouvido, ora para a direita, onde os raios do sol, já mergulhando para o occidente, jorravam pelo acanhado espelho de vidraças brancas, e convertiam em subtís piscas d'ouro o pó da atmosphera, ora para o topo opposto, aonde a luz

viva, mas pouco volumosa, do oculo voltado ao poente chegava apenas como crepusculo duvidoso. Este inclinar-se, este escutar era que hesitava entre o desejo e o perigo. As arterias batiam-lhe com violencia, e pela medulla dos ossos corria-lhe a espaços um calafrio.

Finalmente avançou alguns passos. Uma taboa do pavimento, rangendo sob o seu peso, causou-lhe um estremecimento de terror. Escutou de novo: a quietação era completa.

Só uma voz íntima parecia dizer-lhe: — retrocede que ainda é tempo. » Porventura era a mesma que á Porta-do-ferro tentára chamar-lhe assassino; a voz, não inteiramente muda, da consciencia.

Como alli, desattendeu-a. Indignado da propria fraqueza, galgou ao longo dessa renque de portas, que ia contando mentalmente. Parou perto da duodecima, a do reposteiro corrido. Estava meia-aberta. De dentro uma claridade debil, que parecia atravessar dous ou tres aposentos, estirava-se pelo chão do corredor. Era aquelle o logar aonde o moço escudeiro devia dirigir-se. A um leve bater de palmas responderam-lhe uns sons maviosos de alaúde. Respirou: o signal fôra correspondido. O coração que o receio até ahi lhe estorcêra, agitava-lh'o agora a alegria.

E, comtudo, se neste momento tivesse voltado o rosto, correndo com a vista até a aresta do arco por onde acabava de passar, talvez essa alegria se lhe convertesse em trance cruel de angustia; talvez o seu raio visual fosse cortado por uma face ridente de ironia, por um olho vivo e negro, que o vigiava, por metade de uma fronte, que, roçando pela quina de marmore, ora apparecia, ora desaparecia. Mal pensava elle que, afóra os broncos bésteiros da guarda, alguém o tinha visto entrar nos paços de S. Martinho, e que tenebrosa missão estava a cargo desse alguém que o víra e que o seguia.

Os sons do alaúde haviam cessado, e um ranger de quicios, e uma pancada quasi imperceptivel de porta em batente, lhes succedêra. O olho ironico, a face risonha e a meia fronte de Alle surdiram juncto á aresta do alisar de marmore. A luz que se estirava pelo pavimento tinha-se eclipsado, e o mancebo desaparecêra. O corpo inteiro do mouro desenhou-se então na viva claridade do espelho occidental. Aquelle vulto adiantou-se pé ante pé para o topo escuro da galeria, e chegou ao reposteiro franizado. Abi parou. Parecia meditar.

O sitio em que se achava não lhe era absolutamente desconhecido. Já uma vez, com a sua liberdade de bufão, tinha ousado penetrar na-

quelle recinto, com grande escandalo e gritaria de D. Cypriana, a rodeira das damas, cujo throno, agora vazio, se ostentava no topo escuro do dormitorio. D'ahi a severa rodeira regulava a ordem e policia entre as cuvilheiras e sergentes das altas e nobres donas e donzellas de sua mercê a rainha; entre esse bando de aves palreiras, que, saíndo e entrando dos aposentos de suas *domnas*, se cruzavam, paravam, agrupavam-se, dispersavam-se, falando, altercando, rindo, e correndo vivas e trefegas pela extensa galeria. Ouvindo as exclamações de horror da rodeira, e observando o espanto pintado no gesto de toda aquella turba de raparigas, que tinham ficado como estatuas ao ver no redil um lobo, posto que lobo velho e desdentado, Alle galgára de um pulo pela escada abaixo, e fôra esbarrar com elrei, que passava nesse momento para o gabinete particular. O chocarreiro agarrou-se-lhe então á falda da jórnea, bradando:

«Compadre João, compadre João! Que diabo de gallinheiro tens tu lá em cima? E que peste de gallinha choca é aquella que cacareja e cuida cantar como o gallo? Ía-me tirando os olhos. Apage!»

E deitára a fugir, em quanto elrei, em vez de se irritar, desatava a rir. Que importava que

Alle tivesse quebrado aquella especie de clausura? Um bobo não era um homem. Todavia gritou-lhe de longe:

«Guar-te, compadre, da gallinha choca, não vá cacarejar ás orelhas do alcaide dos donzeis. Bem sabes que a ponta dos tagantes que elle traz á cinta é flexivel e delgada!»

Desde aquelle dia Alle passára sempre de largo pelas fronteiras dos dominios de D. Cypriana. Mas a vinda inopinada de Fernando Affonso, as recommendações terminantes de D. João d'Ornellas, e o próprio impulso de uma curiosidade malevola haviam-lhe dado agora animo para affrontar o perigo. A verdade era que este não existia. A rodeira e as cuvilheiras e as sergentes, tudo abalára para assistir ao grande drama de Corpus. Só a cadeira magistral de D. Cypriana rutilava, apesar da frouxa claridade, com a sua pregaria dourada, e ostentava os seus braços de macissa nogueira lavrados de flores e fructos, o seu espaldar rendilhado e erguido em corucheu, á maneira de portada de cathedral, e a sua solida base terminada em duas gargulas, uma imitando o corpo de um leão rapante com face humana, outra o de um homem estirado sobre o ventre com a carranca leonina, e finalmente o seu rodapé de gorgorão verde, que, pendurado em

volta do assento de couro bastido, servia de sanefa ás carantonhas das gargulas.

O truão deu mais alguns passos, chegou-se ao throno da rodeira, metteu-se atraz do espaldar, e esperou o desfecho da estranha aventura que o acaso lhe deparára. Enovelado naquelle recanto, podia ver sem ser visto. Alli a escuridão era quasi completa, e até, quem se chegasse ao pé d'elle difficilmente distinguiria n'esse vulto, que semelhava uma trouxa, as fórmas e proporções humanas.

Apenas, porém, o mouro se aninhára, a porta mysteriosa abriu-se com violencia. Lá, no limiar, estava uma formosa mulher, cujos trajos desordenados, cuja extrema pallidez, cuja voz presa e tremula indicavam o susto.

Alle reconheceu-a: era uma das damas da rainha. Um homem procurava retê-la, segurando-lhe o braço: era Fernando Affonso.

«Eganastes-vos, senhora:—dizia o manco.—Juro que vos enganastes! Não póde ser: não podem voltar ainda.»

«Meu Deus, meu Deus!—murmurou ella, erguendo as mãos com gesto de progressivo terror.—Parti... por amor de vós... por amor de mim!»

«Um momento só, um momento...»

«Não, Fernando. Ide-vos... fugí!»

«Oh — interrompeu o moço escudeiro estorcendo as mãos com olhar phrenetico: — deixae-me ao menos ouvir ainda outra vez d'esses labios que sois minha, minha só, minha para sempre: deixae-me aspirar a felicidade depois de tanto padecer; deixae-me...»

«Escutae... escutae de novo... Não foi illusão!... O perigo está sobranceiro. Agora as trombetas bem distinctamente soam. É a rainha que volta... Que será de nós, se vos encontram aqui!»

Effectivamente Alle, que, emfim, percebêra a aventura, e retinha a custo um frôxo de riso, distinguio os toques estridulos das charamelas que guinchavam, segundo parecia, da banda do adro de S. Martinho. A sua situação era tambem pouco vantajosa, e ao lembrar-se de D. Cypriana perdeu a vontade de rir.

Fernando escutava.

«Tendes razão! — disse elle por fim. — Amanhã, pois... aqui... durante o saráu... quando o sino da sé tiver tocado a completas.»

«Sim, Fernando. A galeria estará deserta como agora. A rainha dispensou-me de a acompanhar tres dias. D. Philippa é indulgente quando se tracta de actos de devoção. Foi esse o pretexto com que me encobri.»

«E o meu será entretanto o mal que hoje

inventei. Elrei julga-me gravemente enfermo. Amanhan a ventura não me fugirá como hoje... ámanhan, senhora... Oh, quanto serei feliz!»

« Insensato!... Deixae-me, deixae-me, e fugi!»

Era que o mancebo a estreitára repentinamente entre os braços, e que n'aquella formosa fronte se imprimíra um beijo longo e ardente.

Depois Alle ouviu sussurrar um adeus submisso. Os dous vultos desapareceram; e, ao mesmo tempo que pelo dormitorio se alongavam passos de homem leves e rapidos, o reposteiro correu-se e a porta cerrou-se. Durante alguns credos fez-se alto silencio. O chocarreiro ergueu-se então, deitou a cabeça, depois o tronco, e depois saíu de todo detraz do espaldar: mirou para um lado e para outro, e com a mesma cautela com que se approximára d'aquelle sitio, dirigiu-se nos bicos dos pés ao topo da escada espiral.

E, descendo lentamente, scismava:

« Amanhan: ao sino... Sino de que?... Ah sim, de completas... Não me esqueço, nobre escudeiro, que atropellas os que te não fizeram mal; não sou esquecido... Oh, como o abbade rirá! Bem me dizia elle: Observa, vigia, Alle.»
Atinava! Eu é que sou um parvo... Partamos para o collegio de S. Paulo.»

E através dos corredores e passadiços, subindo e descendo, ria como um perdido a pensar no caso.

No momento em que chegou ao atrio do paço, a rainha desmontava de um palafrem branco, em que viera do cadafalso ou tablado erguido no topo occidental da Rua-nova, e d'onde desfructára as scenas devotas e brutescas da solemnidade. As charamelas tiravam ainda os seus ultimos sons, e os timbaleiros davam os extremos rufos, prolongando-se com a igreja de S. Martinho. A esse ruído associava-se o de patear de mulas de pagens, e de hacaneas de donas e donzellas, e o de muitas vozes que se cruzavam.

Dez minutos depois D. Cypriana, assentada na sua poltrona, desencalmava-se com uma taça de hydromel, e dizia á sergente Briolanja que lh'a trouxera:

«E tua domna?»

«Parece que ainda está resando. Já fui escutar á porta, e não ouvi nada.»

«Não ir á procissão para resar todo o sancto dia?! É cousa singular! Tenho reparado que, desde que deixou de se confessar a Fr. João Xira e tomou por director Fr. Isidoro, anda quasi sempre triste e a scismar. Dizem que Fr. Isidoro é, depois de Fr. João Xira, o

melhor mestre de casos de S. Francisco. Será ; mas eu não o quereria para meu padre espirital, se faz andar assim a gente com o coração agastado.»

Briolanja passou então para o lado da rodeira, mettu a cara entre as mãos, encostou-se aos cotovellos no braço da cadeira, e aproximou a bôca do ouvido de D. Cypriana.

A rodeira inclinou a cabeça para o lado, seguindo entretanto com os olhos o bando das raparigas, que entravam e saíam sussurando ao longo da galeria, pouco antes tão silenciosa.

« Não é isso, senhora D. Cypriana... não é isso: — disse a sergente que parecia hesitar. — O que é nem eu tenho animo de lh'o referir! Jesus venha á minha alma! »

« Oh! então que é? — acudiu a rodeira, voltando-se, e arqueando em ogiva as sobrance-lhas grisalhas.

« Pois sempre quer que lh'o conte?... Eu sei!... Ainda não estou em mim... »

« Mas vamos: que foi? Fala, mulher, fala. »

« Olhe, que, se vae logo dize-lo!... »

« Não digo, não. Pódes ficar tranquilla. »

A sergente persignou-se, fazendo um gesto de horror.

« Ai, nome da benta hora! A noite passada... Oh, valei-me, sancta Senhorinha de Bas-

to, sancta da minha terra, que não tenho animo para tal contar!...»

«Mulher, que me impacientas!—insistiu a rodeira colerica, fazendo um rufo no pavimento com os tacões das botinas.—Não sabes que eu devo saber tudo o que se passa aqui, para acudir com remedio a qualquer caso extraordinario?»

«Remedio! Não é caso d'isso... Ora pois, eu lh'o conto... É por lhe obedecer.»

D. Cypriana refastelou-se mais a seu commodo na poltrona, emquanto Briolanja tornava a persignar-se.

«A noite passada — começou a sergente — dormia eu na almadraxa aos pés do leito de minha domna. Acórdo estremunhada com o coração aos pulos: corria-me da testa o suor em bagas. Na sé tocavam o sino depois de completas: não eram ainda nove horas. O sino calou-se, e apenas se calou, pareceu-me ouvir um som mais perto. Era uma voz de homem á cabeceira do leito; mas voz triste, muito triste. Tambem me pareceu que minha domna gemia tentando articular algumas palavras...»

«Misericordia! — interrompeu a rodeira levando as mãos á cabeça. — Um homem aqui, e depois de noite!? Que dizes, Briolanja? Pois isso será verdade? Jesus; Sancto Nome de Jesus!...»

« Qual homem!... — replicou a sergente. — Um medo, uma cousa má, uma alma em pena!... Branco, branco!... Trazia vestida uma alva até os pés. E depois os buracos dos olhos, e a testa amarella e luzidia, e duas fieiras de dentes a branquejarem; que beiços não os tinha!... Estava assentado á cabeceira do leito, e com a mão de ossos descarnados, como os da caveira, posta sobre o peito da minha domna, e ella a querer falar, e sem poder. O medo dizia: — Ainda mais dez annos de purgatorio, Senhor meu Deus! ainda mais dez annos! Assim esquecem aos vivos, nos deleites do mundo, os suffragios pelos pobres finados! — E punha-se depois a gotejar lagrymas d'aquelles olhos, que não eram olhos, e a soluçar com aquella garganta mirrada. E a minha domna tremia, e o leito tremia, e tremia eu, que mirava tudo, mas com a cabeça cuberta, por uma fisga da roupa; e a lampada espirrava, e na janella sentia-se o vento que assobiava, e lá no telhado da igreja de S. Martinho os môchos que piavam. E isto durou, durou, durou... Eu sei lá o que durou! A cousa má carpia-se de que a assavam, de que a frigiam em azeite, de que a atenzavam, e posto que eu não visse nem lume, nem grellhas, nem certan, nem tenazes, creio que devia ser assim pelo muito que a pobre da alma grunhia e suspirava. »

«Ai! cal-te, mulher, cal-te! —exclamou, emfim, D. Cypriana, a quem o excesso do espanto e terror paralyzára por algum tempo os movimentos e a fala.—Oh sacratissima Virgem! E eu que durmo alli no reposte; mesmo paredes meias. Não: esta noite já não fico lá. Vou mandar pôr um almadraque n'aquelle aposento devoluto, acolá no topo do dormitorio...»

A sergente interrompeu-a.

É escusado. O medo não passa pelas paredes, creio eu; porque, quando os gallos começaram a cantar, alevantou-se, marchou vagarosamente até alli á porta, que se abriu e fechou atraz d'elle. Senti-o parar aqui um pouco e depois encaminhar-se ao longo do corredor. Jurára até que lhe ouvi os passos descendo a escada.»

«Peior, peor! —acudiu a rodeira.—Ámanhã já esta poltrona aqui não fica. Acolá do outro topo ainda observo melhor o que se passa no dormitorio, e estou mais á mão de quem vem trazer qualquer recado. Faço uma cruz a este maldicto recanto. E tua domna, que resolução tomou?»

A sergente custou-lhe a conter a alegria ao ver o effeito que a sua historia produzira no animo de D. Cypriana, e respondeu:

«Mandou-me a S. Francisco esta manhan

contar tudo a Fr. Isidoro, que ordenou certas resas para resar hoje todo o dia, e nas tres noites immediatas, começando antes da hora em que appareceu o phantasma, emquanto elle não vem benzer o aposento e fazer os exorcismos. Recommendou-me, porém, segredo; porque as almas assanham-se, diz elle, contra quem põe em praça as suas miserias e necessidades.»

«Por mim—replicou a rodeira, cujo proposito de contar tudo no dia seguinte á camareira-mór D. Brites Gonçalves, lhe passára no mesmo momento—póde a pobresinha da alma ficar descansada. Que entre, que esteja ou que saia, é cousa de que não quero saber, e Deus vê o meu coração. O que hei-de, lá isso hei-de, é resar uma corôa esta noite para que Deus se amerceie d'ella... Estou páteta com o caso!»

Assim terminou o dialogo. E de feito n'essa mesma noite a cama de D. Cypriana passou do reposte ou vestiaria das damas para a camara devoluta, e ficou tudo prevenido para a veneranda poltrona ser transferida no dia seguinte para o topo opposto do dormitorio, e collocada debaixo do espelho ou janella redonda que o allumiava.

Tambem n'essa noite, Briolanja e sua ama, a sós e fechadas por dentro, conversaram em

voz baixinha mais de uma hora, interrompendo ás vezes a conversação com um rir mal re-freiado.

As historias de duendes, e espectros, e al-mas penadas, e possessos, e diabretes consti-tuam na idade média um systema de doutrin-as, cuja solidez se estribava em factos repe-tidos, irrecusaveis, testemunhados por milhares de pessoas, e em principios demonstrados a priori e a posteriori, incontrovertidos, axioma-ticos. Duvidar da realidade do systema seria um scepticismo escandaloso, ou uma loucura re-matada. D. Cypriana era, porém, uma pes-soa sisuda e que sabia como havia de pensar: por isso a mudança do almadraque e da pol-trona foi, em nosso entender, de uma finura admiravel.

Se D. Cypriana vivesse hoje, havia de ser muito lida em economia politica, e se tivesse alguns bens da fortuna mettia-os nas unhas dos agiotas, que lhe dariam vinte ou trinta por cento de lucro e em pantana com o capital.

É que em cada seculo ha uma verdade graú-da que predomina, e que vae ajudando os es-pertos a consolarem-se dos dissabores da vida á custa do animal, alvar por excellencia, cha-mado cidadão, ou homem civilisado, para cujo consolo vieram á terra as bruxas, a therapeu-

tica, os fundos publicos, a ontologia, os duendes, as infusões, a esthetica, as petas e o palavreado.

E a verdade verdadeira, acocorada ha seis mil annos no fundo do seu poço, a rir, a rir, a rir, que já não póde ter as ilhargas.

Coitada da pobre verdade!

XXII

JURAMENTO CONTRA JURAMENTO.

Como foy triste acabar
Com tanta tristeza e dor!
G. DE RESENDE — *Miscell.*

TANTO o elixir de Fr. Vasco, como a bolsa com que tentára a pobre Domingas, eram dadas de D. João d'Ornellas. Mas, se a tentação em que a bolsa fizera cahir a cuvilheira fôra fatal a esta, a virtude do elixir, que o abbade exaltára como especifico singular contra a languidez de Beatriz, tinha sido para a pobre enferma absolutamente inefficaz.

Nas horas mortas da terrível noite, em que Fr. Vasco exigira de sua irman o doloroso sacrificio de implorar a piedade de um homem vil e cruel, sacrificio que ella reputava não só superior ás suas forças, mas tambem inutil, Beatriz apenas saíra do lethargo, em que ficára á partida do monge, para se debater em convulsões repetidas, e cahir depois n'uma especie de insensibilidade estúpida, que a tia Domingas na sua alta sabedoria traduzira em decisivas melhoras, produzidas por duas ou tres colhéres do mirifico elixir, concluindo d'ahi que lhe era licito resar as suas orações e deitar-se immediatamente a dormir, antes que entre as resas e o somno se lhe introduzisse atraçoadamente no espirito alguma tentação de Satanaz.

Desde aquella memoranda noite as forças de Beatriz, gastas já pelos padecimentos do corpo e do espirito, começaram a desaparecer rapidamente. As suas faces emaciadas tingiam-se de um circulo de rubor, que parecia tanto mais vivo, quanto a fronte se lhe tornava mais pallida. Era que a febre, a lenta mas incansavel gastadora da morte, lhe minava debaixo dos pés o caminho precipitado do tumulo.

Tambem, durante os dias que decorreram até o da procissão de Corpus, uma tremenda lucta se passára na alma do moço cisterciense.

O juramento que, a bem dizer, fizera sobre o cadaver de seu pae, a repugnancia a commetter um novo crime, embora até certo ponto justificado pela honra, a commiseração para com sua desgraçada irman, e finalmente as vans esperanças que alimentava, repelliam-se, travavam-se, recuavam, compenetravam-se em combate sem desfecho, sulcando-lhe cruelmente o campo d'essa accessa batalha, o coração. Mais de uma vez o amor fraterno, o unico affecto em que a sua alma requeimada achava refrigerio, estivera a ponto de dar a victoria á commiseração; mas o orgulho offendido, a mais implacavel das paixões humanas, não tardava a vir equilibrar o combate.

Entretanto o dia fatal estava de continuo ante os olhos de Beatriz como um espectro, não immovel no horisonte do futuro, mas caminhando para ella a passos lentos, crescendo em dimensões, e abrindo as garras para a despedaçar. Era uma scena de phantasmagoria, de que não podia affastar a vista até o momento em que essa especie de pesadelo se convertesse em tremenda realidade.

Uma existencia menos debil que a sua houvera cedido a esta situação intoleravel.

No dia da procissão de Corpus Fr. Vasco obtivera, pela omnipotente intervenção do ab-

bade, dispensa do reitor de S. Paulo para não acompanhar a commuidade. Tinha assim tempo bastante para confortar Beatriz antes da hora solemne, em que, segundo elle acreditava, se devia decidir o seu destino; d'esse momento que esperava entre as angustias que resultam da esperança e do temor combinados. Para obter a permissão de estar ausente até realizar o seu plano recorrêra a um pretexto plausivel; a inquietação que lhe causavam as tristes novas recebidas n'essa manhan ácerca do estado, cada vez mais ameaçador, em que se achava Beatriz.

Havia dous dias que o moço cisterciense, retido pelos deveres monasticos e por diversos misteres de que o incumbira o reitor, não viera á rua de D. Mafalda.

N'estes dous dias o espectro tinha-se chegado mais para a allucinada donzella. Escondida atraz d'esse vulto medonho, a morte se approximára tambem, e se assentára ao pé do leito de agonia. Alli mirava a sua presa, que lhe sorria melancholica. A idéa da morte era quem a consolava.

A febre latente, que pouco a pouco lhe ía devorando a existencia, creava estas imagens, e punha-lh'as diante do espirito. Embora ninguem mais as podesse ver: existiam para ella. Eram, portanto, reaes.

Quando Fr. Vasco chegou, Domingas esperava-o inquieta. Tinha de dar algumas voltas antes de ir cumprir a missão que lhe incumbira. Eram para a desempenhar melhor, dizia ella.

Emquanto escutava impacientemente as observações da cuvilheira, o frade, não vendo apparecer Beatriz, renovára por duas ou tres vezes a pergunta muda a que Domingas estava habituada. Alevantou a cabeça, olhando para o lado da camara, e estendendo a mandibula inferior.

«Dorme.»

Era a resposta impreterivel da velha.

O cisterciense encaminhou-se para o corredor, emquanto Domingas se dirigia para a escada, recommendando-lhe que fechasse a porta á chave. Fr. Vasco respondeu que sim. Ouvira o som das palavras sem lhes ligar sentido algum. Ha na vida instantes destes, em que o espirito se divide em machina e em consciencia. A machina dirige os orgãos, e a consciencia absorve-se n'uma idéa.

«Dormir em tal dia, a taes horas, quando a crise se approxima!»

Assim scismava o frade; e esta cogitação fazia-lhe correr um calafrio pela medulla dos ossos. O porquê, não saberia dizer-lo.

Ao entrar na camara de sua irman, o monge viu que Domingas o enganára.

Beatriz estava encostada á cabeceira do catre: os seus cabellos soltos varriam os pés de um crucifixo de metal pendurado na parede superior. Despedindo-se, ao partir para Carquere e Bouro, Fr. Lourenço lhe deixára esta memoria de si. Era, de tudo quanto possuia, o que o hom do frade mais estimava.

Os olhos da donzella, onde fulgia desusado brilho, pareciam fitos na pequena elevação que os seus pés faziam, para o lado inferior do catre, na almucella que até a cinctura a cubria. D'ahi para cima um gibão de mulher, ou vasquinha, preto e affogado na garganta, escondia debaixo das multiplicadas pregas as fórmãs emmagrecidas d'aquelle corpo outr'ora tão esbelto e gracioso. Era no vulto da morte, visão íntima que o imaginar febril lhe convertia em entidade sensível, que ella tinha os olhos fitos.

As passadas do monge, que chegára á borda do catre, não a tiraram d'aquella contemplação extatica. Vacillava-lhe nos labios sem côr um quasi imperceptivel sorriso.

O monge curvou-se um pouco, e deu-lhe um beijo na face. Queimava.

Beatriz não se moveu.

«Vamos, preguiçosa: — disse elle apertan-

do-lhe a mão fria, que tinha pendente ao longo do corpo. — Recolhida ainda, quando vae já em meio um dia tão lindo?»

O beijo dá-lo-hiam quaesquer labios: de uns sómente, porém, podia essa voz partir. No fundo daquella alma absorta na tribulação a corda da sympathia fraterna vibrou unisona e estridente. O encanto quebrou-se: os olhos de Beatriz volveram-se para o irmão; e o leve sorriso com que saudava o phantasma da morte, veiu saudar mais fagueira a imagem querida que tanto tardára. Apertou tambem com a sua a mão de Fr. Vasco. O mancebo percebeu então que esta estava, não fria, mas gelada.

«O dia é bem lindo! — murmurou Beatriz. — A *noite* é que é horrenda!... Mas entre o dia e a noite está a galilé da igreja, onde dormem os mortos, e aonde se vae ás avemarias resar por elles. Ás avemarias não é noite nem dia.»

Quanta logica íntima havia nestas phrases incoherentes e absurdas, Vasco mal as comprehendia. Creu que sua irman devaneára. Experimentava terror inexplicavel. Buscou encubri-lo, e proseguiu em tom de gracejo:

«Um dia de junho é lindo! Mas não tanto como tu. Se não fosses minha irman, e se não me houvessem unido indissolavelmente a esta

aspera estamemha, havia eu de amar-te como louco: havias de ser minha mulher, porque és boa e meiga; porque és bella, Beatriz!»

Dizendo isto o frade ria, anediando-lhe as madeixas. Era dentro e a occultas, que a dôr lhe confrangia o coração.

«Tambem elle — murmurou de novo Beatriz — jurava que eu era boa e meiga; que eu era bella; que seria sua esposa!»

E torcendo o corpo, atirou os braços por cima dos hombros de Fr. Vasco, uniu ao rosto delle a fronte, que escaldava, e inundou-lhe de lagrymas o escapulario.

«Animo, Beatriz, animo!... Pois que é isto? Olha; eu tenho esperança; muita esperança... Quem poderia ver-te assim, e não se doer de ti? O que é não sei eu; mas diz-me uma cousa cá dentro que hoje... Deixa estar: verás!»

A donzella ergueu a cabeça, fez affastar um pouco Fr. Vasco, e poz-se a contempla-lo calada. Os seus olhos, semelhantes ao sol fulgindo no amanhecer através do chuveiro impellido do noroeste, brilhavam por entre as lagrymas que lhe tremiam nas palpebras.

Depois de assim o olhar fito alguns instantes, tornou a approximar a fronte de Fr. Vasco da sua, e replicou:

«Tambem o coração me fala hoje não sei que palavras de repouso e de paz.»

E sorria de novo ao proferir isto em voz submissa e tarda.

«E porque não descera outra vez sobre ti, pobre desgraçada, um raio de luz do céu? — proseguiu fervorosamente o monge, depois de alguns instantes de silencio. — De sobejo tens pago o erro de um coração inexperto, embora a expiação do criminoso costume ser n'este mundo bem longa e severa!... E depois, que vamos nós pedir a esse homem? Apenas a reparação de uma affronta, apenas que apague a inscripção vergonhosa que á falsa fé gravou no tumulo de um velho honrado. Não é pedir muito... Oh, eu que fui nobre, que fui cavalleiro; eu, que jámais commetti feito vil, que nunca nos combates voltei as costas, nem comprehendi jámais como houvesse quem ajoelhasse aos pés do inimigo a pedir misericordia, ajoelharei hoje contigo aos pés d'elle, e implorarei, não justiça, mas compaixão. Que a tenha uma vez só, e não a invocaremos mais! Sem remorsos poderá então engolfar-se nas delicias da vida; correr soltamente á mercê das suas paixões. Não o perturbaremos. Quebrarei os laços do claustro, e iremos viver ambos, esquecidos do mundo e esquecendo-o, no decadente solar de

nossos avós. Os tenues haveres que reservei para a nossa Brites, e estes braços que podem bem trabalhar, supprir-nos-hão a todos tres. Os musgos e a hera, que revestem esses velhos muros, arranca-los-hemos com as proprias mãos, e do chousso que os cerca os rosaes e a madre-silva expulsarão os abrolhos que a solidão e o vento do céu lá tem plantado. Bem sei, Beatriz, por qual preço havemos hoje de pagar essa tranquillã existencia. A humilhação é uma cousa cruel quando a innocencia se curva ante o crime: para isso é necessario mais esforço que para affrontar a morte. Mas tu o terás. Inspirar-t'o-ha o meu exemplo, e a sancta memoria de nosso pae...»

«Quero tê-lo, Vasco: — interrompeu Beatriz, que escutava seu irmão olhando para elle com aquelle triste e interminavel sorriso, que se lhe incarnára no rosto: — quero tê-lo; porque tu o desejas. Espero, até... Mal sabes tu o que eu espero! Emquanto respirar não posso ter outra vontade que não seja a tua. Tu és o meu anjo da guarda na terra; tu indulgente e bom para a irman criminosa, como o havias sido quando era innocente e pura; tu, cujos labios serão os unicos que pedirão a Deus repouso e misericordia para a mulher perdida, e cujos olhos serão os unicos que chorarão por

ella quando deixar de existir. Não é assim, Vasco? Não has-de chorar e resar muito por mim em eu morrendo?»

Isto era dicto com um accento de melancolia tão profundo, vinha tão devéras da alma, que o cisterciense fez um gesto de terror.

«Morreres, tu, Beatriz!? Deixares-me só na terra?... Então que fico eu cá fazendo?... Isso não póde ser. Deus não póde querer tal. Has-de viver. — E depois de breve pausa, proseguiu: — Oh, não digas que és mulher perdida! Não! Até a ultima gota de sangue que ha nestas veias, verte-lo-hia para te erguer, para te purificar, anjo despenhado! Se esse miseravel...»

Na frente do monge ondearam algumas rugas, e nos olhos cavos reluziu-lhe um desses relampagos, que faziam estremecer sua irman.

«Não me entendeste, Vasco: — interrompeu ella, tentando, mas debalde, compôr um gesto tranquillo. — Eu hei-de viver, talvez, muito; muito. Mas tu disseste-me ha tempo, que tinhas uma idéa fixa: eu tambem tenho a minha. Isto das idéas fixas, dizia nosso pae, lembras-te?, que é uma especie de doudice. Depois, sabes lá? A morte, manda-a ás vezes Deus sem ser esperada. Suppõe que ainda hoje eu morria... Estou louca: não é assim? Mas

suppõe-no. Consola-me o ouvir-te dizer, que has-de resar muito por mim. Promette-m'o. Que te custa isto?»

«Pois sim; pois sim! — acudiu o monge. — Que mais queres que te diga? Resarei e chorarei muito, já que folgas nessas idéas tristes. Nem as lagrymas me são estranhas, nem o longo e afflicto orar. Mas, olha: eu sou interesseiro. Dizem que nós os frades somos todos assim; e é verdade. O sol começa a declinar. É preciso que te alevantes d'ahi; que me adornes esses cabellos com aquellas rosas que alli puz sobre o bufete; que esses olhos tão lindos se enxuguem e sorrissem; que vistas aquelles trajos modestos mas elegantes, que te enviei ha dias. Ficarão bem ao teu rosto pallido, ás tuas fórmãs aereas, minha feiticeira!... Sei que dizes lá comtigo: meu irmão o monge, meu irmão o penitente ainda não esqueceu as vaidades do mundo, as bagatelas que tanto lhe importavam quando era nobre senhor, e namorado cavalleiro. Enganas-te. Os habitos perdi-os; mas ficou-me a memoria; ficou-me a experiencia. Os encantos da mulher que implora são o som do psalterio harmonisando com as vibrações melodiosas da voz humana. Os sentidos enleitados guiam ao centro do mais duro coração o gemido da desventura, e abrem ca-

minho ás lagrymas que tentam amollece-lo. Oh! Quero que sejas hoje bella; que affugentes essa melancholia; que sorrias de outro modo... Quero-o; quero-o!»

Dizendo isto, ria com um rir nervoso, que gerava tristeza. Ao dar, porém, a primeira passada para saír da camara, Beatriz travou-lhe com ancia do escapulario.

«Ainda não, Vasco; ainda não! É outra cousa só que tenho a pedir-te. Nunca mais esta bôca se abrirá para te importunar: nunca mais... É pela salvação de nossa mãe que t'o peço.»

O cisterciense creu descobrir no gesto e na linguagem de sua irman os signaes de um espirito alienado. A impaciencia ou a contradicção, irritando-a, podiam apressar uma crise que destruisse o fructo de um plano que suppunha não só exequivel, mas excellentemente calculado. Assim, apertando-lhe entre as suas as mãos regeladas, que erguêra supplicante para elle, respondeu:

«Que podes tu pedir-me em nome de nossa mãe, que eu te não faça, Beatriz?»

«Eu sei!... Queres tu jurar-m'o?»

A esta pergunta o frade cravou nella os olhos. Hesitava.

Houve um momento de silencio.

«Jura-m'o, jura-m'o!»

Esta exclamação, flente e frouxa, dir-se-hia a de um espirito, que, ao abandonar as prisões do corpo, envia ao mundo o adeus suspiroso da despedida.

« Pois jurarei, minha irman. Mas, emfim... »

Beatriz soltou as mãos d'entre as de Fr. Vasco, e pondo o dedo na bôca, desprende da cabeceira o crucifixo de Fr. Lourenço. Depois, como reanimada por subita energia, apertou a dextra de seu irmão, e puxando-a para si, fez-lh'a pôr sobre a imagem.

« Estás satisfeita? — disse o monge, que cedêra sem resistencia. »

« Juras? — perguntou de novo Beatriz. »

« Juro. Mas o que juro eu? »

« Oh Vasco, Vasco! — dizia ella cubrindo de beijos e de lagrymas a mão que o cisterciense tinha sobre a cruz. — Mal sabes que bem me fizeste! »

« Não te entendo... Que juramento foi este que exigiste de mim? »

« O esquecimento de uma grande injuria... o perdão d'esse que tanto amei!... É o que te pedí em nome de nossa mãe; de nossa mãe, que me chama do céu. »

« Não me digas isso que me enlouqueces! — bradou o frade, esquecendo no impeto do horror e da colera o estado da infeliz, e affas-

tando a dextra de cima da imagem. — Se a morte viesse, que não ha-de vir, cortar em flor a minha derradeira esperança, nunca eu perdoaria a esse homem, que fôra o teu assassino. Não me peças tal, Beatriz; porque não sabes o que pedes!»

«Sei: — replicou a donzella com uma serenidade e firmeza que contrastavam com o anterior abatimento. — Debalde retiras a mão de cima da imagem sacrosancta do Salvador. Elle recebeu o juramento que fizeste; elle que nos ensinou o perdão...»

«E o legado de meu pae? E a minha esperança querida, alimentada com a substancia mais íntima desta alma, enredada nas fibras deste coração, sonhada nas dolorosas vigílias de noites e noites; o pensamento que devorou todos os outros, que me abrangeu a existencia para a nutrir do seu fel? Sacrifico-o á honra; sacrifico-o ao teu futuro repouso; mas só por esse preço o vendo. Aliás... oh, bem vês que é preciso sangue; mais que isso até!... Sei o que são os remorsos do assassino; sei-o, Beatriz; mas acceita-los-hei sem recuar...»

«E os do perjuro tambem, Vasco? Fez-te o odio esquecer de que linhagem vens? Absolveu-te esse habito da lealdade de cavalleiro, do sancto temor de christão? Sobre a cruz ju-

raste a uma pobre mulher executar a sua pretensão derradeira. Fôra impio e vil enganala...»

O frade comprimiu a fronte com uma das mãos, como buscando conter o tumulto das paixões que o agitavam, e estendeu a outra para sua irman com gesto solemne:

«Basta! Não serei impio nem vil... Mas tu viverás, e ai delle se a sua alma ignora o que é o arrependimento...»

«Meu Deus, meu Deus! — murmurou Beatriz. — A tua misericórdia é infinita. Salvei-o... salvei meu irmão... Agora posso morrer!»

E tentava beijar o crucifixo; mas n'aquelle extremo esforço exauríra todo o alento que lhe ministrava uma exaltação generosa. A cabeça pendeu-lhe mortal, as palpebras cerraram-se-lhe lentamente, e cahiu n'um dos longos espasmos, em que só o bater das arterias indicava a presença da vida.

Doloroso espectaculo era o dessa mulher desfallecida, e desse erecto e alto vulto monastico, cujo rosto, firmado entre o pollegar e o indice da mão esquerda, se inclinava para a terra; cujos olhos cavos e scintillantes se cravavam naquellas faces pallidas; cuja dextra, emfim, inquiria, com mentida placidez, nas pul-

sações do coração da desgraçada os vestígios da vida.

Em deliquios iguaes a este havia Fr. Vasco visto mais de uma vez Beatriz submersa, e depois reanimar-se, como se no meio de taes crises a natureza cobrasse novas forças para resistir. Apesar de a ter achado excessivamente abatida pela febre que a roía, o monge confiava no vigor juvenil de sua irman. Inquieta-o, porém, vivamente uma idéa. Esta situação podia prolongar-se, e chegar o momento fatal, em que punha as derradeiras esperanças, antes de Beatriz tornar a si. Nesse presuppuesto, como sair da situação difficultosa que elle proprio creára?

Assim ficou embrenhado nas suas cogitações. Os instantes, os minutos, as horas passavam. Não o sabia.

E a tarde era longa; mas o dia escoava-se como o fio d'agua que goteja, goteja, goteja na fenda da rocha, e perdia-se na immensidade do que foi, o nada a que chamam passado.

+ O sol começava, emfim, a mergulhar-se na orla dourada do horisonte. O monge, cujo corpo, cujo olhar, cuja dextra pareciam os de uma estatua, creu sentir bater com mais força o coração de Beatriz, e que o sangue, refluindo ás faces, lh'as tingia de rubor.

Tingia-lh'as um raio derradeiro do sol, que vinha pelos vidros rubros da janella brincar ri-dente no rosto da moribunda.

Mas o frade não se enganára inteiramente nas suas suspeitas. Beatriz entreabrindo os olhos parecia voltar a si. Um raio de alegria, semelhante ao do sol que brincava trémulo, passou também subitamente na alma de Vasco.

Mas o raio do sol não tardou a alongar-se fugitivo daquellas faces pallidas. Bem como elle o da alegria vacillou, esmoreceu e apagou-se na alma tenebrosa e cansada do cisterciense.

Em lugar delles ficou só a luz de uma lampadasiinha, que ardia diante da imagem de Nossa Senhora, sobre o bufete onde o monge pozera as rosas destinadas a Beatriz.

Na claridade duvidosa do crepusculo essa lampada produzia o effeito que produziria pendente na abobada de um carneiro, onde por algumas fisgas do pavimento penetrasse frouxo o tenue dia que em si consente uma igreja gothica.

«Vasco! — murmurou de novo Beatriz. — Porque apagaste a lampada de Nossa Senhora? Para onde foste? Porque fugiste de tua pobre irman?»

«A lampada?! Não vês como arde? Eu?! Eu não estou aqui?»

« Oh, fazes bem; não te vás... Mas está tão escuro tudo! Não te vejo, nem o reluzir da lampada, nem o clarão da janella... »

« Da janella! Como has-de ver a claridade, se é quasi noite fechada? Vamos; estás melhor. Não é assim? Isto passou... »

Mas os olhos de Beatriz desmesuradamente abertos revolviam-se-lhe nas orbitas. Não o deixou acabar. Um desses gemidos em que se concentram todas as angustias; um desses gemidos d'alma que dá o primeiro arranco para abandonar o corpo; um desses gemidos que vem cahir-nos sobre o coração e esmagá-lo, partira do seio de sua irman.

« Ah! A noite; a noite! Não tarda; *elle* não tarda ahí! »

Estas phrases incompletas explicavam esse gemido.

Os designios insensatos do monge haviam acabado de devorar a existencia de Beatriz. Sentia-se fenecer. Um esforço sublime de amor fraterno a fizera viver, falar, sorrir no meio dos trances mortaes, até obter d'elle o juramento do perdão. Exhausta já, o gemido que arrancára fôra a expressão da idéa fatal que as palavras do cisterciense lhe avivavam barbaramente no espirito. Como as da besta-féra no circo romano, as garras dessa idéa-tigre affo-

gavam, emfim, os ultimos alentos no coração da martyr.

O moço frade fitou os olhos espavoridos naquelles olhos que já não o viam. O turvo delles revelava-lhe finalmente em toda a nudez a horrivel verdade. Quiz falar, e não pôde. Tamber. Beatriz já não podia. Tinha os labios cerrados, e pelos cantos da bôca borbulhava-lhe escuma sanguinolenta.

Em que lingua haveria phrases para descrever o cahos de dôr, de remorsos, de blasphemia, de terror, de desesperação, que nesse instante remoinhou, como n'um sorvedouro, na alma attribulada do monge? O furacão que devasta, o raio que fulmina, não ha pinceis nem côres que possam fixa-los na tela.

O primeiro impeto de Vasco fôra voar a pedir soccorro. Mas como abandonar sua irman expirante? E de que serviriam soccorros humanos? Tinha visto muitas vezes nos campos de batalha o aspecto da morte, para bem a conhecer. Aquelle gesto transtornado bastava a dar em terra com a mais robusta esperança.

Alçou então os olhos como buscando o céu. Só um milagre poderia, de feito, salva-la.

Este instincto piedoso trouxe á alma do monge o unico refrigerio que resta a uma afflicção

mais profunda que a energia do soffrimento humano. Apesar dos seus desvarios, Vasco nunca deixára inteiramente de crer na misericórdia de Deus.

Das mãos de Beatriz tombára o crucifixo; esse memento do unico amigo que elle tivera no mundo; do seu segundo pae, cujo vulto sereno e sancto lhe surgia agora no espirito cercado de saudades.

As trevas tinham-se de todo cerrado; mas a lampada da Virgem illuminava o aposento.

Da imagem íntima de Fr. Lourenço o moço cisterciense volveu a attenção para o crucifixo e para a effigie da Mãe de Deus. No cimo do Golgotha houvera uma dôr mais profunda que a sua. É maior o amor de mãe que o de irmão, e o patibulo é um leito bem duro para morrer!

O pobre frade cahiu de joelhos com a frente encostada á mão pendente e insensível de sua irman; e desatou a chorar.

E a procella que se lhe erguêra no coração ía pouco a pouco declinando, e como que adormecia n'um pelago de tristeza.

Então pôde esquecer tudo para só se lembrar de que alli havia um sacerdote ao pé de uma mulher na agonia.

Curvado sobre o leito, e proferindo em meia

voz as palavras sollemnes de consolo e de esperança, que a igreja consagrou para suavisar a hora tremenda do passamento, Fr. Vasco encostára aos labios brancos da moribunda o symbolo da salvação.

«Oh minha irman, minha irman! — bradou elle, approximando mais o rosto da face já livida da agonisante, apenas acabou os ritos do seu ministerio. — O Salvador abre-te os braços: lança-te confiada n'elles!»

Semelhante á luz que, no momento de apagar-se, despede um clarão e se extingue, Beatriz, que pareceu ouvi-lo, abriu os olhos, fitou-os successivamente em Fr. Vasco e no crucifixo, e fazendo um derradeiro e inutil esforço para solevantar a fronte, murmurou com voz truncada:

«O perdão... o juramento!»

E os braços, que alçára naquelle impulso final, recahiram-lhe mortaes sobre a cruz. Os labios agitaram-se-lhe por alguns momentos sem que podessem articular som algum. Depois ficou tranquillã. Havia expirado.

As palavras, que Beatriz proferíra no ultimo arranco, zumbiram por largo espaço nos ouvidos do monge, que, immovel, tinha pregados no cadaver os olhos, d'onde manavam as lagrymas em fio.

Mas, no tumulto de sentimentos que se lhe revolviam lá dentro, a intelligencia fez de subito ao coração uma terrivel pergunta. Era o facho que se atirava ás trevas de uma caverna.

«Quem a matou?»

«*Elle* e eu!»

As lagrymas seccaram-se-lhe. Á amargura de affectuosa saudade succedêra o fel acre e corrosivo do odio e do remorso.

O monge atirou-se ao chão como doudo, e rolou-se pelo pavimento, rugindo e arrancando punhados de cabellos.

Depois calou-se: pôz-se em pé taciturno, e começou a andar ao redor do aposento. Havia naquella figura monastica, naquelle gesto, naquelle movimento circular, o que quer que era monstruoso, phantastico, impossivel.

Quando passava pelo cadaver e pelo crucifixo, que tombára outra vez para o lado d'isso que fôra Beatriz, ou pela imagem da Virgem, o frade cerrava as palpebras involuntariamente.

Eram tres refutações inexpugnaveis dos pensamentos sinistros que lhe golfavam na alma. Não queria, não podia escuta-las.

A claridade da lampada batia, porém, de soslaio na porta do aposento, e no corredor immediato reinava escuridão completa. Ouviam-se

as passadas ligeiras e incertas do monge no meio do profundo silencio.

De repente Fr. Vasco parou, e pôz-se a olhar espantado, cerrando os punhos, curvando os braços e encolhendo a cabeça entre os hombros, como o adibe no sarçal d'África ao descobrir inesperada presa. Era que no limiar da porta estava um vulto embrulhado n'um ferragoulo escuro.

«Vem, assassino! — gritou o cisterciense, cuja imaginação enferma não via a impossibilidade de Fernando Affonso chegar assim desacompanhado da cuvilheira. — Vem sem susto! Prende-me o braço aquella cruz e aquelle cadaver. Enganou-me a esperança de uma reparação; a ti a de deleites infames!... Ambos enganados! Vê-la alli? Era ella! Está morta... morta... morta!»

E lançando-se ao vulto, buscava-lhe a mão debaixo das pregas do manto. Apenas pôde travar della, arrastou-o para ao pé do catre com força sobrehumana.

Mas o vulto, que o seguira sem resistencia, desembuçou-se, e Vasco affirmando-se-lhe no rosto, largou essa mão que apertava, e recuou attonito.

Era D. João d'Ornellas.

XXIII

O ANJO MÁU.

D'outro cabo,
 Vemos que faz o diabo
 Suas cousas muyto bem,
 A. R. CHIADO — *Cart.*

O ABBADE de Alcobaça não pareceu dar ás palavras de Vasco a interpretação natural. Dir-se-hia que o prelado tomára o impeto do monge apenas como indício de uma situação dolorosa e extraordinaria. Parado por alguns instantes á entrada do aposento, antes de apparecer ao seu confrade, experimentára um arrepío pas-

sageiro percebendo n'um relancear d'olhos qual era o inesperado e triste espectáculo que viera presenciar. Tinha-se depois deixado conduzir sem opposição até ao pé do cadaver de Beatriz, não só porque no estado de demencia, em que suppunha e, até certo ponto, estava Fr. Vasco, a resistencia sómente serviria de lhe excitar as furias, mas tambem porque o bom do prelado trazia o espirito tão arrobado de doçura e placidez, que, se o porteiro Fr. Julião, ou outro subdito seu, ainda mais some-nos, quizesse alevantar-lhe a grimpa, elle o teria tolerado com inteira equanimidade philosophica, ou antes com perfeita abnegação evangelica. O motivo d'este desaffogo d'animo do sancto homem de Deus póde o leitor suspeitar qual sería, e se não o suspeita, em breve discurso lh'o exporemos aqui.

Apenas a procissão de Corpus se recolhêra á sé, D. João d'Ornellas, a quem o exercicio e o suor, que largamente dispendêra através da atoucinhada pelle, tinham despertado com extrema energia a habitual appetencia, marchára para a estudaria a passo acelerado á frente dos seus frades, com grande incommodo do reitor, cujo não menos sancto affecto á solida pitança era combatido pelas dores agudissimas de inveterada podagra. Além das aperta-

das exigencias do proprio estomago, o reverendo capitão-mór de Alcobaça lembrava-se de que havia convidado a jantar o prior dos dominicos e o guardião dos franciscanos, e de que a hora aprasada não tardaria a bater. Por isso deixára o pobre reitor morder os beiços e bufar a cada topada que dava nos seixos das malgradadas ruas, e só moderára o impeto locomotivo quando vira abrir de par em par a porta do collegio de S. Paulo, juncto da qual, e perfilado com ella, o porteiro Fr. Julião ía fazendo gradualmente eclipsar na penumbra da grenha revolta o seu rosto rechonchudo e arrebolado, na descensão da frente pela ecliptica de uma profunda reverencia.

Depois da volta á estudaria passára apenas meia hora, que o chefe dos monges brancos aproveitára em commentar com os reverendos prior dominico e guardião franciscano o caso da tia Domingas, caso que fizera grande ruído, e em que por toda a parte se falava, quando fôra advertido de que a mesa abbacial estava servida, e de que o reitor o esperava e aos seus respeitaveis hospedes para fazer as honras da casa, depois de haver devorado á pressa com os ledores, estudantes, e mais fradaria do collegio, a simples mas reforçada pitança monachal no refeitorio commum. A fragrancia do

verdadeiro jardim monastico, de um bufete vergando sob o peso de substanciosas e picantes iguarias, que acirrara ainda mais o espicaçado appetite de sua reverendissima, e que o arrebatara n'uma especie de extasi interior, não lhe impedira então valer-se daquelle ensejo para inculcar as suas doutrinas de severa austeridade. O estomachal cozido, o succulento assado, as irritantes conservas, os pastelões indigestos, tudo lhe ministrara temas de profundas reflexões ácerca da vaidade e do transitorio das delicias mundanas, transitorio cuja demonstração practica eram o mastigar e o deglutir vertiginoso dos tres reverendos. Ao abrir uma empada, que, puxando-a sofregamente para si, comparara ao sepulchro do evangelho, tinha-se espraiado em recordações saudosas dos bons tempos, nos quaes, companheiro do reitor no noviciado, podia livremente ceder ás suas propensões para a sobriedade. Cada copa de vinho que virara fôra seguida de uma ou outra allusão aos antigos padres do ermo, que alimentando-se de hervas e raizes, e saciando-se no arroio do valle, tinham chegado, não só ao apice da sanctidade, mas tambem a velhice robusta e dilatada. Os doces, ou confeitos, como então lhes chamavam, servidos ao pospasto, haviam dado materia ás zelosas invectivas do apostolico varão contra a

desenfreada cubiça de venezianos e genovezes, que abarrotavam a Europa de assucar, transportado de Suez a Alexandria, e d'alli nos navios daquellas opulentas republicas aos mercados do occidente, sem temor das censuras canonicas contra o commercio com os infiéis. Nesta parte do assucar o abbade fôra um monstro d'eloquencia, e houvera um momento em que, pelo tortuoso e estreito espiraculo, que as trouxas d'ovos deixavam nas fauces dos seus dous commensaes (perfeitamente accordes com elle em opiniões austeras), os applausos tinham prorompido impetuosos. O lauto jantar terminára, emfim, por uma peroração apologetica, em que D. João d'Ornellas demonstrára, a bem dizer mathematicamente, que, se o vão esplendor, os apparatus mundanaes, as papazanas e comezainas alastravam d'espinhos a carreira da sua vida mystica, era ao cumprimento de um dever, ao desempenho das rigorosas obrigações, que lhe impunha o seu character de alcaide-mór, fronteiro, e rico homem de Portugal, que elle sacrificava as inclinações á humildade, á singeleza e á abstinencia, que constituíam o amago da sua indole. O veneravel prelado concluíra com uma especie de parenese aos circumstantes sobre os perigos que corriam as pessoas religiosas em acceitarem cargos ecclesiasticos ou

civis das mãos dos principes, como lhe succedera a elle antigo esmoler d'elrei D. Fernando, o que mais tarde ou mais cedo não podia deixar de acarretar graves tropeços ao progresso da perfeição espiritual.

Assim o abbade, ao passo que constrangêra ao silencio as clamorosas exigencias do proprio estomago, edificára os seus hospedes e sobre tudo o reitor, o qual escutava com as lagrymas nos olhos as piedosas reminiscencias da juventude, que evocára o reverendo prelado.

Satanaz, que tambem tem uma providencia a seu modo, não tardára a remunerar D. João d'Ornellas da longa ironia em que aspergira com a agua lustral da mortificação as delicias da sensualidade.

Pede o rigor da historia, que digamos aqui uma grande verdade. Os commensaes do chefe cisterciense abundavam absolutamente nas suas doutrinas, e por isso haviam mostrado resignação heroica ajudando-o a aguentar a cruz de martyrio, que sobre elle pesava. Repletos como a giboia, que devorou o novillo dos pampas americanos, tinham depois seguido á risca o exemplo do seu amphytrião, refastelando-se nas respectivas poltronas, quando os esophagos, ameaçados de bestial invasão, lhes começavam já a clamar — basta! — e as linguas lhes tarta-

mudeavam, e as palpebras lhes vendavam e desvendavam successivamente o iris, e os estomagos prominentes lhes arfavam com um movimento peristaltico demasiado sensivel. Esse repouso mystico durára, porém, breves instantes. O abbade fôra subitamente despertado da deliciosa somnolencia do chylo pela chegada de Fr. Julião, annunciando a presença na estudaria do antigo sergente della, o truão d'elrei, que pretendia logo logo falar com sua reverendissima. A esta nova o bom do monge dera involuntariamente um pulo, e com venia dos hospedes corrêra para o sumptuoso aposento, a que modestamente chamava a sua cella, e ahi se fechára com Alle por largo espaço. Depois o mouro, sem se demorar, sem attender Fr. Julião, que, rebentando de curiosidade, procurava rete-lo, saíra pela portaria fóra, e em vez de descer para S. Martinho, se dirigíra para o lado de Sanctiago e d'alli pela rua de S. Thomé á igreja de Sancta Marinha, parando só perto della, juncto a uma casa de decente apparencia, para examinar, antes de bater á porta, se lhe teria saltado da manga uma carta que o abbade escrevêra á pressa, e lhe dera com a recommendação de a entregar sem demora.

Voltando ao refeitorio abbacial, onde o reitor, não sabemos como, travára com o prior

dos dominicos uma assanhada questão ácerca do nominalismo e do realismo de S. Thomás e de Scoto, em que os *atquis* e os *ergos* se cruzavam, topavam, refrangiam e encambulhavam nos ares como tiros espessos de acceso combate, D. João d'Ornellas parecia meditabundo, e despedindo-se dos hospedes, com o pretexto de ter de occupar-se naquella mesma noite de graves negocios da sua ordem, saíra ao anoitecer, sósinho e embrulhado no ferragoulo escuro, em busca de Fr. Vasco. Tinha a certeza de o encontrar na rua de D. Mafalda. Chegando alli, dirigíra-se á escada de mestre Bartholomeu, e subindo dous ou tres lanços, fôra achar aberta a porta da morada de Beatriz. Ficára admirado; mas entrando pé ante pé, enxergára quasi imperceptivel claridade através do corredor que dizia para a camara, e enfiando por elle, dera com o melancolico espectaculo que essa camara offerencia. Depois de observar e reflectir por algum tempo, resolvêra-se, emfim, a apparecer ao moço cisterciense. Os motivos que alli o traziam eram assás graves para não retroceder ante uma scena de morte.

Vasco recuára attonito ao descobrir quem era a personagem que viera testemunhar a sua agonia. Á exaltação momentanea succedêra o espanto, e ao espanto a reacção do desalento.

Por alguns instantes os dous monges ficaram callados, olhando fito um para o outro. Sentimentos contrarios assaltavam ao mesmo tempo o coração do moço cisterciense. A saudade, o remorso, a promessa que sua irman lhe arrancara, o receio de que Fernando Affonso chegasse, o que o constrangeria a patentear o segredo dos seus malfadados designios, o impensado apparecimento de D. João d'Ornellas; tudo lhe formava no seio dilacerado pela dôr um cahos medonho. O abbade, esse pensava só em como lançaria no meio daquella scena triste e solemne a idéa ferozmente risonha de que estava possuido. Assim, ambos com a hesitação pintada no rosto, se conservaram mudos. Foi Fr. Vasco o primeiro que quebrou o silencio.

«Dom abbade:—disse elle procurando assumir apparencias de tranquillidade:—desculpae a violencia de um insensato!... Como poderia eu esperar-vos n'este momento? O que vêdes vos diz que o ultimo clarão de esperança se apagou nesta alma. Deus amaldiçoou-me, porque lhe voltei as costas, correndo atraz da vingança. O raio que esperavamos fazer cahir sobre um perfido, fulminou-me só a mim. Elle ficará illeso... Paciencia! Resta-me pedir-vos um ultimo favor... os meios de dar este cada-ver á terra.»

A voz affogada do cisterciense apenas murmurára as derradeiras palavras. D. João d'Ornellas pegou-lhe na mão affectuosamente.

«Vasco, o spectaculo que tenho ante mim é inesperado e tremendo, e a magua, que elle me causa, sincera e profunda. Comprehendo essa dôr pausada e tranquillada das almas fortes. Não irei amargurar-te mais o coração repetindo as consolações impertinentes que a estupidez applica ás desgraças irreparaveis, como o physico as prescripções da sua van sciencia ao enfermo que bem sabe não póde viver. Não! Nem a resignação nem o consolo são possiveis para ti neste momento. Padece! E se o gemer e o chorar te refrigeram, chora e geme sem receio diante de uma testemunha indulgente... Mas a desesperação, Vasco?! Isso é que não é de homem! Não digas que o raio cahiu só sobre ti. Deve cahir tambem sobre elle, irresistivel, destruidor. Temos a vingar agora, além das nossas injurias, a morte da desgraçada...»

«Oh—exclamou o mancebo—não me fales n'isso diante destes restos queridos!... De hoje ávante a vingança é para mim impossivel!»

«Inevitavel, queres dizer:—interrompeu D. João d'Ornellas, deslisando imperceptivel sorriso.—É justamente esse cadaver que te brada

por ella... Bem sei que a tua alma tem vacillado e descrido, e o teu odio esfriado. Ha muito que t'o leio nas expressões e no gesto. Porque, Vasco? Tardei? Antes a tardança, que o vibrar em vão o golpe. Mas agora asseguro-te que não descerá debalde. Amanhan...»

«Enganaes-vos, reverendo domno! Nem vacillei, nem descri. O meu odio é ainda acerbo e vivaz. Desejos e esperanças é que me deixaram. Sacrifiquei-os á piedade fraterna em juramento solemne...»

«Que dizes, monge?! — bradou o prelado enrugando a testa. — Quem poderia constranger-te a esse absurdo juramento?»

«Minha irman... minha pobre irman... Dei-o sobre aquelle crucifixo. Não soube, talvez, o que fiz; mas o que está feito está feito. Não posso dizer-vos mais nada... Não me comprehenderieis!»

Vasco tremia de que o segredo fatal lhe escapasse. No meio da sua amargura repugnava-lhe a humilhante idéa de se confessar desleal ao pacto celebrado entre ambos. Mas ou o abade sabia mais do que o mancebo suppunha, ou, attento só a combater aquella extranha resolução, que empecia seus designios, não curava de lhe indagar os verdadeiros motivos. Fosse o que fosse, D. João d'Ornellas proseguiu:

«E as nossas mutuas promessas? Queres iludir as tuas no momento em que as minhas vão ser cumpridas? Sabe que para t'ó dizer vim aqui: sabe que esse homem que te roubou pae e irman está na borda d'um abysmo: sabe que para esmagarmos a vibora basta-nos erguer a planta... Triumphámos! E é neste momento que recúas, porque, ainda na ultima hora, uma desgraçada não pôde esquecer vergonhosos amores...»

Apontando para o leito, Fr. Vasco interrompeu-o. Pintava-se-lhe no olhar desvairado a indignação, e ao mesmo tempo uma especie de terror.

«Domno de Alcobaça!... Ao menos respeitae um cadaver!»

«Sim, respeitemos os mortos! Tens razão. Passei além da méta... Não indagarei porque tão facilmente admittiste essa idéa insensata. Quero tambem acreditar que um sentimento generoso e puro a impelliu a exigir tal juramento. Mas deves tu cumpri-lo? O protesto de punir o que lançou teu pae no tumulo, e de apagar a mancha do teu nome, não foi mais solemne? Não são mais antigas as promessas que me fizeste a mim? A noite em que me dizias — alma e corpo, dou-vos tudo — foi, se bem me recordo, um pouco anterior a esta...

Renega-se assim do passado, Vasco? Ou é que a retribuição do que tenho practicado por amor de ti deve ser a ingratiidão e a covardia?»

«Não sou ingrato nem covarde:—interrompeu de novo o mancebo:—mas as ultimas palavras de minha irman estamparam-se aqui, no coração! Lá no céu, aonde ella subiu, onde nosso pae acolheu no seio a sua infeliz filha, não existem odios... Que importam aos bemaventurados as vinganças da terra?»

«Importam-me a mim:—bradou o violento sacerdote, em cujo animo, irritado pela teimosa resistencia do mancebo, rebentára, emfim, impetuosa a colera.—Importam-te a ti, que, sem vingança, ficarás deshonorado no mundo; deshonorado se eu disser, e porque não o direi?—«este homem, que podia desaggravar-se de uma dessas affrontas que só com sangue se lavam, preferiu negociar não sei o que, ao pé do cadaver de sua irman, com o que a infamára...»

«Que dizeis, domno de Alcobaça?!—interrompeu Fr. Vasco, enfiado e tremulo.

«Desleal! Sei tudo:—replicou o prelado.—Trahias-me; mas Deus ou o demonio torceu-te os designios. Ha mais um cadaver a dar á terra, o da tua mensageira.»

«Oh meu Deus!—exclamou o moço cis-

terciense, cujo terror chegára ao ultimo auge.
— Domingas...»

«É morta; morta violentamente á Porta do Ferro. Por quem? Dizem que era feiticeira, e que a affogou Satanaz... Ignorantes! As pisaduras indicavam os pés de um cavallo... Atropelou-a o malvado. Adivinha-o o meu odio!... Era que elle corria; corria á rédea solta, não para vir receber o teu ridiculo perdão, mas para ir fazer dos paços de seu rei e senhor um torpe prostibulo...»

O frade, cujos olhos chammejavam com ardor furibundo, foi interrompido pelo mancebo, que, aterrado, lhe cahíra aos pés. A situação de Fr. Vasco era daquellas que não se descrevem. Esmagava-o. Como o corpo, a sua alma dera em terra, e os seus labios só poderam murmurar:

«Piedade!»

A postura e o gesto do malaventurado tiveram a virtude de acalmar a furia do prelado. Era dó? Não. Tinham-lhe simplesmente avivado na imaginativa o quadro de um villão dos seus coutos, que mezes antes mandára enforcar, e que assim de joelhos lhe pedia a vida. Aquelle aspecto flente e transtornado nunca lhe vinha á lembrança, que não lhe provocasse um sentimento que mata a colera — a vontade de sorrir...

Reprimiu, todavia, esta, curvando-se para erguer o moço cisterciense, e dizendo-lhe com apparente doçura:

«Vamos, Vasco! Posso esquecer um momento de fraqueza: a injuria é o que nunca esqueço. Não te perguntarei com que intuito buscavas attrahir aqui o nosso commum inimigo. Mas é forçoso que te fale uma linguagem severa. Se invoquei o pacto que nos liga, não foi como um direito proprio: invoquei-o em nome do teu dever contra o teu coração. Semelhante ao perdulario, queres desbaratar em generosidade equivocada o cabedal que pertence a antigos credores? Isso não é honesto. Queres ser máu filho, máu amigo, deixares uma nodoa d'infamia na tua linhagem, só porque em um momento de dôr e delirio proferiste, dizes tu, não sei que juramento insensato, que phrase sem significação, como as palavras incoherentes do somnambulo, ou do febricitante? Isso não é virtude. Lembra-te, monge, de que foste cavalleiro, e de que a irman do cavalleiro foi prostituida e abandonada como a filha do peão mais vil. Lembra-te de Vasqueanes, vagando pelo solar solitario, onde a desolação se assentára, e bradando pouco antes de expirar—vinga-me, Vasco; vinga-me!» Lembra-te da noite em que só te foi dado beijar a face livida de

teu pae encerrado entre as quatro taboas de uma tumba. O quadro que me fizeste dessa noite bem presente o tenho. Esquece-lo-hias?... Vasco, tu não podes perdoar.»

O moço cisterciense, que em pé, com a cabeça inclinada sobre o escapulario, os braços pendentes, e as mãos cruzadas uma por cima da outra, parecia vergar sob o peso da afflicção, ergueu neste momento a fronte. Os seus olhos despediram um brilho furtivo e tornaram a abaixar-se. O abbade riu então interiormente; porque nesse clarão passageiro víra, emfim, surgir a idéa vingativa e negra, que travava lucta com a idéa generosa e pia.

E a victoria da paixão má era certa. O prelado, que não ignorava uma unica circumstancia da existencia passada do monge, hia ser mais sincero do que elle, e revelar-lhe tambem o segredo que guardára; revelação terrivel que devia avivar-lhe a sede de sangue, torna-lo implacavel, e aniquilar de golpe as intenções generosas que pareciam domina-lo. Como habil general, D. João d'Ornellas, constrangido a inesperado combate, reservára para o momento opportuno o ataque decisivo.

Fitando a vista no mancebo, e semelhante ao animal felino, que, ao recuar e agachar-se para colher a presa de salto, parece compra-

zer-se de antemão com o prospecto de lhe palpitarem em breve as carnes semivivas nas garras e nas presas, o abbade ficou por alguns instantes quedo e mudo. As rugas da testa ora se lhe dilatavam, ora se lhe contrahiam, e nos labios adejava-lhe vago sorriso. Finalmente poz a larga mão sobre a braço do monge, e disse, apertando-lh'o com força:

«Escuta, Vasco! Se eu, só por mim, pudesse fazer cahir sobre a cabeça do máu o peso da sua iniquidade, não sería tão barbaro que quizesse acrescentar afflicção ao afflicto; que nesta hora de dôr e saudade viesse incitar paixões acalmadas...»

D. João d'Ornellas fez uma pausa, e pondo a esquerda sobre a fronte, proseguiu:

«Mas sería impossivel dizer-te agora tudo o que está aqui dentro... Paixões?! Menti, monge de Cister: menti! É ao sentimento do dever, da justiça, da piedade filial, que o teu prelado, o teu amigo te revoca. Oh Vasco!... Receias acaso que te accuse a consciencia quando a tua voz, funebre como o dobrar por finado, fôr inesperada recordar ao impio as negruras da sua vida e annunciar-lhe a punição? — quando dos braços de mulher sem pudor o teu brado o arrastar indefeso, cuberto de opprobrio, e de antemão condemnado, aos pés do seu bemfei-

tor, do seu rei, cujos paços prostituiu? Repara bem! Aquelle cadaver que alli jaz, o que é? É o que resta de uma existencia que elle esmagou. E para que? Para ir gravar n'outra frente a deshonra. O infame converteu em suppedaneo do vicio o corpo de tua pobre irman, e por cima delle passou sem misericordia, como para a arrastar á abjecção passou por cima do corpo de teu pae, affastando-o com o pé para o tumulo. E terás tu misericordia, tu mancebo, tu a quem sorriam mil esperanças, a quem eram licitas as grandes ambições, e que vieste por causa delle sepultar-te n'uma clausura?..»

«Não, abbade d'Alcobaça:—interrompeu o cisterciense, a quem a derradeira phrase do tentador, phrase cujo effeito este calculára, tinha ido fazer vibrar uma corda que até então estivera muda naquelle concerto de agonias.— Foi uma vingança implacavel, como essa a que me arrastaes: foi o remorso que me vestiu a estamenha: foi o crime de um amor desesperado, e que oxalá Deus apagasse nesta alma, onde sobra o padecer... Oh, o remorso, o remorso! Não sabeis o que isso é!»

Por um inveterado habito de hypocrisia, D. João d'Ornellas volveu os olhos para o tecto, ergueu as mãos postas, e murmurou:

«Nem nosso padre S. Bernardo tal permitta!»

«É:—proseguiu o moço frade com exaltação dolorosa e sem reparar na visagem do abbade—é o ferro que nos rasga as entranhas sem tirar logo a vida; é o olhar de Jesus ao receber o osculo de Judas; é a voz no Josaphat que hade dizer:—ide, precitos.»

«Deve ser horroroso:—acudiu o prelado no mesmo tom beato.—Tens razão: confundia agora os factos que outr'ora me referiste. A idade vae-me fazendo esquecido. Mas não vês, Vasco, a infinita differença do que foi ao que é? Se a justiça divina te condemnou á dura expiação do remorso, é porque commetteste um crime não provocado. Assassinate Lopo Mendes por te ser preferido, e porque não quiz acceitar um duello a todo o trance com um desconhecido. Não era, porém, livre a que amavas, ou fôra illudida, deshonorada, trahida como tua pobre irman? Não estava a união de Lopo Mendes sanctificada perante os altares? Licitamente conduzíra elle Leonor, esse formoso anjo que tu adoravas, do seu leito modesto de virgem ao leito voluptuoso do noivado. Sem quebra das leis da terra ou do céu podia devorar com os olhos aquellas nuas fórmãs, tão suaves e puras, cubri-las de beijos ardentes...»

D. João d'Ornellas, que observava o effeito das suas palavras, coadas uma a uma pelos labios, parou subitamente. Á frouxa luz da lampada viam-se oscillar rapidas as veias frontaes do desgraçado mancebo: os braços, que pouco a pouco fôra estendendo para o abbade, tinha-os hirtos, e os punhos cerrados: as idéas ruindo a formular-se em vozes, não cabiam nestas; e apenas, por entre o ranger dos dentes, lhe foi dado proferir:

«Oh!.. Podesse eu assassina-lo outra vez!»

Era quasi um falar de ventriloquo.

O prelado recuou alguns passos, e cruzando de chofre os braços sobre o peito inclinou para traz a cabeça. Dir-se-hia que esse alto vulto se havia solevantado do pavimento. Pintava-se-lhe no rosto toda a energia da sua alma. Com voz profunda e agitada bradou:

«Insensato! Perdoavas ao que te offendeu mortalmente, ao destruidor da tua familia, e és implacavel contra o teu rival, o rival d'um frade, um pouco de pó... É a mortalha a odiar a morte!... E porque? Porque esse pó, que tu atiraste para o tumulo, te havia roubado uma affeição de mulher!... Oh consciencia timorata, que não ousa quebrar juramento vão, e que me diz—respeitae os mortos!...» Pois bem, Vasco: se um absurdo ciume é quanto

te resta dos sentimentos de homem, incite-te elle ao desaggravo, já que os sanctos affectos de familia, e o pundonor de cavalleiro tão alto silencio guardam no teu espirito. Esse resentimento inutil contra um punhado de cinza tem melhor emprego na terra... A filha de Mem Viegas trahe o morto como trahiou o vivo.» — E abaixando a voz, semelhante á da feiticeira que evoca os espiritos do abysmo, accrescentou: — Leonor é hoje a amante de Fernando Affonso; e o seu amor criminoso é que ha-de vingar-nos!»

A dama de D. Philippa, com quem se passára a scena observada por Alle, era de feito Leonor. Com atroz pontualidade D. João d'Ornellas narrou então quanto a este respeito sabia: o que elle proprio por tanto tempo suspeitára, e de que, poucas horas antes, fôra certificado pela narrativa do truão. As circumstancias obscuras d'esta intriga amorosa investigou-as e illustrou-as com o admiravel talento que o odio lhe inspirava. Era terrivel a exegese do implacavel commentador.

Quando acabou, o mancebo, que o escutára sem pestanejar, ficou aparentemente impassivel. Era que a lucta cessára. Estendendo o braço para o prelado, apertou-lhe a mão, e, com um sorrir tal, que D. João d'Ornellas sentiu arripiarem-se-lhe as carnes, apenas lhe disse:

«É singular! E agora que ordenaes que eu faça?»

Velando a face com as asas radiosas, o anjo da guarda do moço cisterciense fugia espavorido. Uma longa exalação pareceu desatar-se do céu. Era uma lagryma que o seraphim deramára.

Sem despregar a vista do gesto de Fr. Vasco, onde haviam deixado de repercutir as dolorosas phases da eternidade infernal, que para elle passára dentro de poucas horas, D. João d'Ornellas respondeu:

«Agora o que te ordeno é o repouso. Carreces delle: e muito. O dia de ámanhan será o mais memoravel da tua vida. É um dia de batalha... Entretanto tomarei a meu cargo os deveres que a natureza e a religião te impõem para com aquella que alli jaz. Beatriz será conduzida ao carneiro de S. Paulo com todas as pompas funebres. Vou enviar quem vele esta noite juncto do corpo de tua desgraçada irman. Volta então ao collegio, e busca, se é possivel, tranquillisar-te. Apenas raiar a aurora eu serei contigo: temos muito que falar. Saberás como D. João d'Ornellas quer pagar a sua vida, a *ti*, e a *elle*... Confia em mim, Vasco. Para sarar as chagas cancerosas do teu coração ainda ha na terra balsamo!»

Dizendo isto, apertou ao peito o mancebo, que, estacado no meio do aposento, continuou a olhar fito para elle, sem lhe responder palavra, ou fazer o menor gesto enquanto o prelado se adiantava para o corredor escuro, e desaparecia nas trevas.

Passados alguns instantes, Vasco foi-se voltando vagarosamente, como se despertasse de somno profundo. A claridade da lampada bateu-lhe de chapa na frente, onde scintillaram alguns reflexos de luz. Era o suor frio que lhe corria em bagas.

Quando, naquelle voltar lento, deu com a vista no cadaver de sua irman, encaminhou-se para lá, e curvando-se, como quem dizia um segredo, murmurou:

«A taça encheu-se... O fel golfa por terra... É fel e sangue!.. Não póde ser, Beatriz; não póde; não póde!...»

Fosse acaso ou mysterio, neste momento o braço direito da finada descahiu de cima do corpo, e assentou sobre o crucifixo, tombado ainda na mesma posição sobre a cama.

Fr. Vasco estendeu devagarinho a mão, pegou no pé da cruz, e gyrando com ella em volta, como o fundibulario com a funda de que vae despedir a pedra, arremessou-a para longe. Os fragmentos da lampada voaram em rachas

com multiplicado tinir, a imagem da Virgem rolou em pedaços do seu pedestal, e o crucifixo bateu na parede com um som embaçado.

O frade creu ouvir estalar no aposento uma risada decomposta. O luar fugira do céu, e a escuridão era profunda.

Semelhante ao cedro do despenhadeiro, que, estalado pelo furacão, vacilla e pende, até se encostar ao penhasco sobranceiro, o corpo hirto do cisterciense foi bater na parede juncto da cabeceira do catre.

Pela visão interna passavam-lhe imagens incoherentes, monstruosas, fugitivas. O cerebro tinha-se-lhe convertido n'um kaleidoscopo infernal. A alma embotada via, não cogitava. O craneo, parecia-lhe que ora se lhe comprimia, ora se lhe dilatava.

Nesta especie de extasi horrivel passou algum tempo. Uma viva claridade que despontou do corredor escuro, e varias vozes, que tambem d'alli soavam, vieram de subito revoca-lo á vida exterior. Deu-lhe um pulo o coração. Posto que exausto, arredou-se instinctivamente do leito, e foi encostar-se ao bufete, onde algumas rosas murchas, a alampada esmigalhada, e as imagens feitas pedaços harmonisavam tristemente com essas ruinas humanas que jaziam proximas—

um corpo morto, e um espirito extincto para a esperança e para o céu.

A figura arredondada e rubicunda de Fr. Abril, o sacristão-mór do collegio de S. Paulo, foi a primeira a surdir do corredor, que quatro ceroferarios illuminavam com a luz de outras tantas tochas. Seguia-se Fr. Julião, suando atracado com uma trouxa descommunal de lhamas e pannos negros, a qual tendia debalde a sustentar contra o reverendo porteiro a lei da gravidade. Alguns sergentes da estudaria, conduzindo as taboas de uma eça, e duas ou tres beguinhas, que vinham trajar Beatriz para o noivado do sepulchro, com a sua presença annunciavam ao monge que era tempo de dizer áquelles restos o derradeiro adeus. Com passos vagarosos, mas firmes, o frade passou então por meio da turba, chegou-se a sua irman, e com os beijos tão lividos como os della deu-lhe um beijo na face. Sem uma lagryma, sem um suspiro, atravessou de novo o aposento, chegou-se ao bufete, pegou nas rosas murchas, metteu-as debaixo do escapulario, e saíu. Fr. Abril, Fr. Julião, beguinhas e sergentes, todos olhavam para elle com estranha sensação de terror. Havia naquelle vulto, naquelle andar uma inflexibilidade de machina, ou de phantasma.

As passadas lentas do cisterciense já não se

ouviam, e ainda durava essa especie de fascinação magnetica. Fr. Julião foi quem quebrou o encanto com as seguintes palavras, dictas em meia voz a um sergente que lhe ficava ao lado:

«Que tal está a minha vista!.. Pois não juraria agora que Fr. Vasco tinha a cabeça cheia de brancas?.. Elle, que tem o cabello tão preto como esta abovilla de quinze soldos a alna!»

Fr. Julião calumniava-se a si proprio. Depois do paladar, o sentido que tinha mais apurado era a vista.

Ha situações em que o espirito, envelhecendo uns poucos d'annos, dentro de alguns momentos exhaure a seiva do viver material, e converte em velhice prematura a mocidade.

E o perspicacissimo leitor acreditará seguramente na nossa sinceridade, se lhe dissermos que D. João d'Ornellas, ao chegar á estudaria, não se pozera a referir pachorrentamente a Fr. Julião o que se acabava de passar na rua de D. Mafalda. Dera as suas ordens, tanto a Fr. Abril como a elle, e fôra encerrar-se na sua cella, onde por mais de uma hora o sentiram passeiar.

D'aqui o assombro do reverendo leigo.

Ainda a observação do porteiro vibrava no

espaço e já a voz aguda de Fr. Abril chiriava:

«Então? Ficam pasmados? Vamos a isto, rapazes.»

XXIV

LATET ANGUIS.

Bem sabeẽs o trelado que nós tomámos por que os feitos de nossos regnos fossem desembargados por huum termo soo, o qual foy autorizado pela força das leix do Codigo decraradas e autorizadas pelas enteenções finaes das grossas de sua final enteençom d'accurrão . . . e esto quissemos que as conclusões de bartallo que de sobrellas leix do Codigo ffez que estas sejam autenticadas.

D. João I — *Carta ao Concelho de Lisboa.*

Dir-se-hia que a noite em que occorreram na rua de D. Mafalda as scenas descriptas nos dous capitulos antecedentes, se compozera a

exemplo desses tragicos successos. O sol, despenhando-se para o oceano, parecia descer reclinado em coxim immenso de nuvens negras, que se dilatavam no horisonte orladas de fimbria d'ouro arroxeadado. A lua, erguendo-se entretanto para as alturas do céu, hia velando o fulgor de milhares d'estrellas com o pallido cendal de luz frouxa e melancholica. A rainha da noite subia ao seu throno para d'alli assoberbar a terra; mas a procella, semelhante a povo indocil, rugia cá em baixo nos mares. Trepando torvas umas por cima das outras, e seguidas de novos grupos que surgiam das ondas, as nuvens assenhoreavam-se pouco e pouco do espaço, e a sua vanguarda, rareada pelo luar, tornava logo a cerrar-se. Entretanto alguns frocos brancos, elevando-se tenues do oriente, tomavam gradualmente vulto e espessura, e vinham topar pelo norte e pelo meio-dia com os bulcões occidentaes. Na sua ascensão contínua, os dous exercitos embebiam debaixo de si o chão allumiado do firmamento. A atmosphaera estava tepida e pesada, e os relampagos começavam a fuzilar nos horisontes, e substituiam, passageiros mas frequentes, por subitos clarões os raios debeis, que o astro, luctando debalde com a escuridão, mandava furtivamente á terra. Os trovões, a principio longinquos, duvido-

sos como um ruído subterraneo, começavam a ecoar nos montes, a reboar no rio, e emfim a estalar em volta da cidade, de cujas alturas se descortinava para os lados oppostos do quadrante o serpear dos coriscos. Era uma d'aquellas trovoadas do estio, que arrebatam com a sua solemne terribilidade quem as contempla. Fr. Vasco, porém, atravessára por baixo dessa abobada negra, respirando esse ambiente crasso e suffocador, á luz deslumbrante das descargas electricas, sem reparar em nada. Depois, por simples habito ou instincto, tinha-se atirado para cima da enxerga monastica, e ahi, nos braços de um torpor que simulava o somno, jazêra insensivel, até que foram revoca-lo ás dôres pungentes da existencia os arreboes da madrugada.

Esta surgíra formosa. Um grosso chuveiro dissipára a trovoadada, e o ar escassamente movido impregnava-se de vagos e tenues perfumes. As plantas revivesciam com viço novo, aspirando por todos os poros a frescura da atmosphera, e balouçando com movimento apenas perceptivel as folhas, em cujos vertices tremiam, semelhantes a perolas soltas, as derradeiras gotinhas de chuva. Era um immenso concerto de sorrisos que despregava a natureza; era uma estrophe magnifica do hymno in-

terminavel entoado pela terra ao Creador, que a povoou de harmonias. Quem observasse as montanhas azuladas ao longe, os campos virentes ao perto, e no meio o rio adormecido, não poderia deixar de sentir essa incerta saudade, que parece não ter objecto, e que não é mais que a saudade de Deus.

Ha muitos malaventurados incapazes de comprehenderem a sancta poesia que derrama em nossa alma o espectaculo da natureza, quando ella se ostenta em todo o primor de suas galas: ha outros a quem os interesses e paixões do mundo paralyzaram o senso intimo, destinado a aspirar as voluptuosas emanações que nos vem d'ella. Estes são mil vezes mais desgraçados, porque se recordam de que para elles houve já esplendores e harmonias, e podem medir o vacuo tedioso e desconsolado das trevas e do silencio em que vivem.

Aos primeiros pertencia D. João d'Ornellas, aos segundos Fr. Vasco. Ambos, despertos por cuidados acerbos, tinham-se erguido com o dia; mas o refulgir do sol haviam-no visto só nas faixas de luz que se íam estirando pelo pavimento das suas cellas. Os olhos, esses seguiam-lhes as almas, que nem pensavam em elevar-se ao céu, acurvadas sob o peso dos mais ruins affectos.

O abbade, medindo o aposento a passos largos, falando, meneiando os braços, cerrando os punhos e agitando-os, como o luctador que se amestra para o pugilato da arena, parava de quando em quando, e desatava a rir, esfregando as mãos com grande rapidez, antigo habito, que indicava nelle feroz contentamento. Depois, apenas ouviu o sino que chamava ao coro os monges, ledores e collegiaes de S. Paulo, saíu, esperou o reitor na passagem, pediu-lhe, ou, para melhor dizer, ordenou-lhe que dispensasse naquella dia Fr. Vasco das obrigações monasticas, e dirigiu-se á cella deste.

O cisterciense estava assentado n'um dos poiaes de pedra que ladeavam o vão de uma janella, d'onde, por cima da casaria inferior da cidade e do arrabalde, se descortinava o magnificante panorama do Tejo, por cuja superficie espelhada deslisavam as vélas triangulares dos barcos, e em cuja margem opposta se levantava o fumo das povoações ainda indistinctas na penumbra dos montes. Com o cotovello encostado ao peitoril, e a face firmada na mão aberta, parecia embebido no respirar delicioso da fresquidão matutina, e em contemplar o quadro tranquillo e grandioso que tinha ante si. O mesteiral, que, passando pela vizinhança, distinguisse o infeliz monge naquella postura re-

pousada, emquanto elle ía começar mais um dos seus dias uniformes de trabalho e privações, exclamaria, por certo, com amargura:— Oh, estes frades! estes frades!... Para elles o céu na vida e na morte: para nós o inferno na terra, e talvez debaixo della!»

É ao menos assim que o homem costuma julgar a Providencia.

Apenas viu o abbade, Fr. Vasco ergueu-se. Reparou então o prelado, como Fr. Julião reparára na vespera, que os cabellos do monge se haviam tornado grisalhos. Parecia, comtudo, perfeitamente tranquillo.

Fr. Vasco fez a genuflexão do estylo, e sem dizer palavra, ficou de pé e com a cabeça baixa perante D. João d'Ornellas.

Silencioso como elle, este apertou-lhe o braço, e obrigou-o a assentar-se de novo, emquanto tambem se assentava defronte no outro poial.

Assim ficaram por algum tempo. Dir-se-ia que á vista da scena solemne e socegada, que d'alli se descubria, ambos elles se tinham engolfado n'uma especie de extasi mystico. Mas quem os observasse largo espaço depois, verhes-hia as fronte quasi juntas, as faces incendiadas, o mover rapido dos beiços, o diabolico sorrir. Era um quadro simples mas terrivel,

como o da primeira noite em que tinham conversado sósinhos. A luz do quadro é que era diversa: lá a das tochas; cá a do sol. As trevas dos seus corações eram, porém, idênticas.

A manhã ia passando. Quando a sineta da estudaria tocou a refeitorio ainda os dous frades se conservavam na mesma postura. Eram onze horas. Tinham passado cinco ou seis sem que dessem tino d'isso.

O abbade poz-se a escutar, e falou por mais alguns instantes com o seu interlocutor. Depois alevantaram-se ambos, saíram da cella, apertaram a mão um do outro, e disseram quasi a uma voz:

« Até lá! »

« Até lá! »

E cada qual tomou por seu dormitorio.

Na casa de *De profundis* o moço cisterciense enfileirou-se no prestito da communidade, e entrando com ella no refeitorio, foi assentar-se no seu logar. Todos fitaram nelle os olhos. As cans que lhe salpicavam em grande numero o cercilho, geravam aquella pasmaceira da fradaria. Sabia-se já que Fr. Vasco perdêra sua irman, e á vista de uma dôr que taes mudanças causava, endoudece-lo-hiam com impertinentes consolações, se não fosse o silencio respeitoso que os sanctos preceitos da ordem im-

punham durante as horas da comida á plebe monastica.

O reitor estava abysmado. Tinha lido varios casos em que a intensidade do terror produzira semelhantes effeitos; mas que a amargura e a saudade podessem tanto, eis o que nunca nem lera nem pensára.

A compaixão por Fr. Vasco era sincera e geral.

O triste do frade não provou bocado. Para o reitor e para os padres graves isto ainda foi mais monstruoso. Deixar de comer por causa de paixões humanas, embora legitimas, era uma cousa que solinhava pelos fundamentos as austeras tradições de Cistér. E a resignação na vontade de Deus? E o desapego das affeições terrenas? Evidentemente Fr. Vasco fazia vacillar o sancto instituto na sua base. Naquellas venerandas cabeças começaram então a dispôr-se os logares communs de uma practica sobre o texto de S. Mattheus: «*Quem ama pae e mãe mais do que a mim, não é digno de mim.*» Haviam de falar-lhe severamente no primeiro ensejo opportuno. Com a magoa misturava-se-lhes no espirito uma pia indignação vendo sair do refeitorio acogulada e intacta a pitança de Fr. Vasco.

Entretanto o prelado de Alcobaça descêra á

igreja, onde se acabava de celebrar missa solemne pela alma de Beatriz. O templo estava adornado com a pompa que elle ordenára. O cadaver, encerrado em custoso ataúde, só á noite devia descer á terra. Depois de ter deixado varias instrucções para Fr. Abril, D. João d'Ornellas saíra, apenas acompanhado por um irmão leigo. Não tardou este a voltar. Subindo sem detença á cella do reitor, entregou-lhe um bilhete de sua reverendissima. Tinha-lh'o dado juncto de Sancta Marinha, ao entrar para casa do chanceller e válido d'elrei, o doutor João das Regras. N'esse bilhete annunciava o venerando abbade, que não voltaria ao collegio antes da noite, porque o reteriam no paço graves negocios da ordem.

Neste mesmo dia, pela volta da tarde, passava-se, pouco longe d'alli, alguma cousa não absolutamente estranha aos successos desta narrativa.

Era no gabinete particular d'elrei, onde já certa noite introduzimos o leitor. Á luz escassa do sol ponente, que, reflexa em angulo obtuso na caiada parede de S. Martinho, coava decomposta pelos vidros córados da janella, via-se assentado ao bofete do meio do aposento um figurão exotico. O dorso, que a prominencia do ventre lhe não permittia dobrar, era largo e

espadaúdo, e a cabeça, cuberta de grenha hirsuta e alourada, suscitava a idéa de uma pyramide conica truncada, tal era a altura das camadas de formação terciaria, que se lhe haviam agglomerado nas faces e ao longo do queixo inferior. Um dos robustos folios, que tinham provocado o debate entre micer Percival e João das Regras, estava aberto diante do nédio personagem, que ora corria com os olhos o livro aberto, ora escrevia, riscava, tornava a escrever, para apagar de novo e de novo rescrever, o que quer que era n'um papel, já quasi inteiramente cuberto de minutissimo cursivo. Tão engolfado parecia naquelle mister, que só deu tino de si quando, sentindo pesar uma cousa sobre o hombro, volveu a cabeça e viu os dedos de mão pequenina e enrugada, que se lhe arqueava sobre elle, e ouviu ama voz aflautada, que dizia com interrupções de tosse cachectica:

« *Usque ad occasum... tux, tux, tux... solis laborabat... eh, eh, eh... ut erueret eum.* »

« *Invenit gratiam servus tuus coram te* » :— regougou o vulto barrigudo, forcejando por erguer-se, ao que o outro obstava carregando-lhe fortemente no hombro.

« *Deixae-vos estar, Mem Bugalho: deixae-vos estar, e continuae.* »

Era o chanceller, que abrira devagarinho a porta exterior e entrara sem ser presentido. O outro já o leitor sabe quem é; um nosso conhecido velho.

João das Regras desempenhára a promessa feita ao seu melhor amigo, o abbade, ácerca do procurador de Celorico.

A patria, para nos exprimirmos constitucionalmente, reclamára os valiosos serviços de Mem Bugalho. Em rigor, bem sabemos que a patria não sonha jámais nesses negocios. Mas reclamára. Nós que o dizemos, é que temos razões para isso.

O licenciado Mater Galla não tinha occultado, no dia da sua colera, o minimo item do que lhe havia sido revelado ácerca das esperanças e designios da fidalguia. Quando mais não fosse, esse factó bastaria para fundamentar os reclames da patria.

Tinha feito um serviço immenso ao seu paiz.

Nos bons governos, o recompensar é um principio tão vital como o punir. João das Regras era inflexivel em ir punindo, mansamente, occultamente, os seus adversarios, e em recompensar francamente os seus amigos.

Subentende-se que os amigos de um grande ministro *ipso facto* o são da republica. Ora,

todo o ministro emquanto não cahe é grande. Ao menos estamos persuadidos disso.

Era, portanto, axiomática a justiça com que o válido dera um tamborete na Torre da Escrivaninha ao honrado Asinipes, com boa quantia e assentamento na casa d'elrei.

Pela sua parte o procurador mostrára abnegação heroica sacrificando-se ao bem commum. Aceitára um cargo laborioso, abandonando os seus mais caros interesses em Celorico: uns torrões cubertos de centeio chocho no verão, e de caramello magnifico durante o inverno; a terra da sua infancia, o lar domestico, o campanario da sua freguezia.

O chanceller, que o empregára a principio na transcripção de varias passagens das pandectas para seu uso particular, viu-se em breve constrangido a reconhecer que fizera a aquisição de um horroroso latino.

Então associou-o á grande empreza da versão do codigo de Justiniano. Dentro em pouco Mem Bugalho pulou em valimento; pulou até chegar a assentar-se juncto ao celebre bufete dos paços de S. Martinho.

Conhecia-se-lhe apenas um séstro: era distrahido, abstracto, esquecido.

Assim, quando trasladava do latim em linguagem alguma lei intrincada do codigo impe-

rial, de modo tão corrente e limpido que os barbas-grisalhas do conselho d'elrei se não cansavam de louvar o primor da versão, jurava e tresjurava que não fôra elle, mas João das Regras quem fizera aquella obra excellente. Era escusado demonstrar-lhe o contrario: teimava para diante: teimava com o proprio chanceller. O bom do velho doutor de Pisa ria a perder com estas allucinações do decretalista.

Havia, porém, um jogo notavel do acaso. Por tres ou quatro vezes, depois de grandes teimas destas, sua mercê elrei houvera por bem augmentar algumas dezenas de livras na quantia do licenciado Asinipes.

Apesar das suas distrações, Mem Bugalho era homem impagavel. Afóra não vulgar talento, possuia grandes dotes politicos. Sabia a proposito humilhar-se, arrastar-se. Tomára por divisa o sagrado texto: *Deposuit potentes de sede et exaltavit humiles*. Não era nenhum soberbão: por força havia de subir.

Tinha-se curado de certas fogagens de altiveza de animo e d'independencia, desde a severa lição que recebêra na tavolagem das Portas-do-mar. Agora limitava os seus affectos e ambições a que o deixassem comer. E deixavam; e elle comia, comia, comia.

João das Regras estimava-o muito, e des-

presava-o profundamente. Implica em termos? Pois deixem implicar. Arranjem isso como puderem. Esta é a verdade; verdade eterna em relação aos Regras e aos Bugalhos de qualquer epocha e de qualquer paiz.

Todo o Regras tem um Bugalho: alguns tem dous: outros tem trinta.

É conforme.

Nessa manhan recebêra uma chave do gabinete particular com ordem precisa de se encerrar alli, para verter o titulo decimo tercio do livro noveno do codigo do mui excellente e de muitas virtudes imperador Justiniano. O chanceller advertia-o de que pela volta da tarde viria ajuda-lo a concluir aquella ardua tarefa, terminando todavia a carta pelo pleonasm — *no caso de não estar já concluida.* —

«É celebre! — pensava o decretalista, sem mecher sequer os beiços. — Para que saltar do seteno ao noveno? Me mellem se entendo o doutor!»

Entendia-se elle a si.

A ardua tarefa tocára, porém, o seu termo quando o chanceller entrou. Ao ouvir-lher dizer que continuasse, Mem Bugalho respeitosaemente o informou do jubilo inexplicavel, do nobre orgulho que sentia, em poder asseverar-lhe que as suas ordens haviam sido religiosamente cum-

pridas, e que a lei *Raptores* estava trasladada até a ultima linha.

João das Regras pegou no papel, e poz-se a corre-lo devagar pelos olhos, que de quando em quando volvia para a porta do reposteiro. A espaços approximava o nariz do folio aberto, um dos dous magnificos volumes comprados a micer Allighieri, stationarius, ou livreiro, como hoje diriamos, de Bolonha. Por duas ou tres vezes o omnipotente jurista cravou a unha na margem do papel esgaratujado e rabiscado, e de todas ellas Mem Bugalho sentiu o ar, impellido com força pelas fossas nasaes do chancelier, sibillar-lhe nos ouvidos: «hm, hm!»

O erudito Asinipes, a quem não podiam passar por alto esses movimentos oratorios de desapprovação, conscio da propria força em materia de latinidades, embora fossem crespas como as do divino imperador, preparou-se logo resolutamente para em tudo e por tudo... ser da opinião do doutor de Pisa.

Este ía a começar as suas observações, e já o licenciado, de pé e com as mãos cruzadas sobre o ventre, dobrava as vertebraes do pescoço, inclinando a fronte para escutar o oraculo, quando o reposteiro da entrada particular do rei oscillou, e as pregas arrebanhadas ao lado deixaram ver um novo personagem, que

vinha interromper, no brotar, o arroio da sabedoria.

Era D. João I.

«Segundo vejo — disse este, entrando com ar festivo: — tractaes graves negocios. Nem tanto lidar, meu doutor; nem tanto lidar! Agora justamente vinha eu lembrar-vos a promessa que me fizestes de assistirdes com D. Leonor da Cunha, a vossa joven esposa, ao saráu desta noite. Não querereis, por certo, que entre as formosuras da côrte falte uma das mais bellas...»

«Oh senhor, que lisonjeiro que estaes! — interrompeu João das Regras curvando-se profundamente. — Permittí, porém, que rectifique as vossas reaes palavras. Eu declarei apenas que para mim eram leis immutaveis os menores desejos do meu principe.»

«Sabeis vós, chanceller? — continuou ellei, seguindo o curso das idéas que naquelle momento o senhoreavam. — Ordenei momos, e danças, e tangêres, e folias, cousa acabada e mirífica. Vós mesmo haveis de alisar essa fronte sempre enrugada e sombria. Não quero dizer-vos nada. Vereis!»

«Para afugentar cuidados — replicou o valído, beijando-lhe a mão, — as indulgentes e amoveis palavras de vossa real senhoria va-

lem mil festins, nos quaes sabeis que nunca me comprazi. Estou velho...»

«Obrigado, doutor, obrigado! — acudiu o monarcha. — Mas não tendes razão! A vida, e sobre tudo a vida daquelles, em cujos hombros repousa o regimento da republica, é tão inquieta e triste! Porque, pois, não aproveitaremos alguns curtos instantes de paz e remanso em innocentes passatempos? Tambem eu vou sendo velho, dado que os annos não sejam muitos. Debaixo da corôa ainda estes cabellos negrejam; mas a almã sinto-a encanecer. E, todavia, é o meu enlevo ver a mocidade que folga, e ri, e tripudía em volta de mim, esquecendo-se de que estão diante do seu rei. E fazem bem; que até eu me esqueço d'isso, e parece-me que volto aos bons dias, em que era o mestre d'Aviz, ou aos ainda melhores, em que os cavalleiros pousados de meu avô D. Affonso me chamavam o pequeno D. João Pires, quando cifrava todas as minhas ambições em vir a pôr sobre os hombros uma capa, a cingir uma espada, e a dizerem de mim as damas: — que gentil escudeiro!»

«Mas, — replicou o valído, assumindo ar grave: — é na atmosphaera ardente dos saráus, no meio da ebriedade dos sentidos, e na concorrencia familiar da mocidade que nascem e

vigoram paixões criminosas, que vão perturbar a paz domestica e produzir muitos desses horrendos attentados, contra os quaes os imperadores fulminaram terriveis penas, marcadas na lei *Raptores* do codigo, que, por acaso, temos neste momento entre mãos. Não o digo pelas vossas reaes festas. Quem imaginou jámais que nellas ousasse penetrar um pensamento impuro? Mas lembrae-vos, senhor, dos festins nocturnos nestes paços, em tempo de vosso irmão, quando D. Leonor Telles era quem os dirigia! Minha mulher é moça...

«Ai, meu chanceller, valha-vos Deus por cioso! Não o negueis; que bem o entendo. Mas, ao menos, fazeis-me justiça. A falar a verdade —acrescentou com gesto pensativo— é que ainda me não passou pela cabeça a idéa de taes perigos!... Oh, que se os imperadores foram severos ácerca das mulheres, os reis meus avós não o foram menos, e eu sei fazer respeitar as suas ordenações! Mas, a proposito: que dizem as leis imperiaes sobre isso?»

«É demasiado extenso: — respondeu o discipulo de Bartholo, atirando com desdem para cima do bufete o papel esgaratujado por Mem Bugalho. — Dóe-me a consciencia de estar agora importunando com estas materias abstrusas a vossa real senhoria.»

«Lêde lá, lêde: — acudiu elrei, excitado pela contradicção, como o chanceller interiormente previra.

Com um leve ademan de tédio e má vontade, João das Regras tornou a pegar no papel, e começou a ler, bocejando e esbarrando d'espaco a espaco, como quem ás vezes não percebia bem o sentido.

«Nunca o vi tão bronco: — pensava o licenciado, que, encolhido respeitosaente atraz do valido, sentia indignações de lhe ir á mão pelo modo desengraçado e confuso, com que lia uma das cousas, que, sem amor proprio, elle melhor traduzira em toda a sua vida.

Aquelles, a quem não são estranhas as instituições civís do imperio romano, sabem que, na epocha da decadencia, os legisladores procuravam obstar á devassidão dos costumes, sempre crescente, com penas severas, severas até a ferocidade. As leis de Constantino, Constantio e Joviano sobre este grave assumpto foram refundidas no codigo de Justiniano, ficando abolidas nessa parte a lei Julia e todas as correlativas, incomparavelmente mais brandas. O confisco e a morte ameaçavam os raptores de virgens ou viúvas, os adulteros e os seductores. O perdão das victimas, ou o de seus paes e tutores, era inutil para os réus de se-

melhantes delictos. A mesma reparação pelo consorcio era interdicta, e o criminoso colhido em flagrante podia ser assassinado pelos parentes da mulher violada, ou ainda da illudida, porque a cumplicidade desta não diminuia a imputação. Finalmente o individuo de condição servil, que se achava implicado n'um crime dessa especie, quer como actor principal, quer como secundario, era irremissivelmente condemnado ao supplicio do fogo.

A isto se reduzia em substancia o longo artigo do codigo, que, trasladado do latim em vulgar, o chancellor deletreava a sua real senhoria.

Mem Bugalho, que com paternal affecto seguia a leitura da sua versão, quando o chancellor ia chegando ás ultimas linhas observou que elle substituia as palavras *peçoas de condição servil* pela violenta paraphrase de *homens que servem a qualquer senhor*. Ao ouvir isto, não pôde ter-se que não murmurasse:

«*Servilis conditionis! servilis condit...!*»

Estacou. Um joelho se dobrára imperceptivelmente debaixo da garnacha de João das Regras, e um calcanhar viera ao de leve applicar-se á tibia escanifrada do grande homem de Celorico.

«Que dizeis, Mem?» — perguntou elrei.

« Que a trasladação está demasiadamente servil, ou *ad litteram*; — respondeu o chanceller, deitando de revés os olhos para o pobre escriba, que balbuciava fazendo-se de mil côres. — Pois de que outro modo havia de ser, homem? — accrescentou, virando-se para traz. — Depois exporei a sua mercê o que resam a glossa d'Accursio e as intenções de Bartholo. Então elle resolverá o que se deve declarar, explanar, supprimir... »

« Nada, nada! — acudiu D. João I. — É excellente; é perfeita. Não a valem as posturas antigas. Será tambem lei do reino... Mas por S. Jorge! — exclamou, alevantando os olhos para o mostrador do relógio. — Deixemos por hoje estas aborridas materias. D'aqui a duas horas os momos e danças estarão no paço. Até logo, chanceller. Não falteis. Adeus. »

João das Regras fez uma humilissima genuflexão.

Elrei saíu assobiando um estribilho de caça. O doutor de Pisa seguiu-o com os olhos, e sentindo-o alongar, murmurou, encolhendo os hombros de modo, que lhe topava nas orelhas a gola da garnacha:

« Creança! »

Depois voltou-se para Mem Bugalho, tossindo muito. Quando acabou de tossir, disse-

lhe entre duas daquellas risadinhas chirriantes, que faziam arripiar quem as ouvia :

« Eh, eh! Tem-me esquecido contar-vos que, antes de ser discipulo de Bartholo, eu tinha estudado o Trivio e o Quadrivio, e que no Trivio se aprende muito bem latim. Eh, eh! »

O decretalista não replicou palavra. Estava enfiado, e parecia-lhe a casa andar á roda. Era uma illusão exquisita!

XXV

O SARÁU.

em monte e caça, de que era muito
querencoso, e em danças e festas, se-
gundo aquel tempo, em que tomava
grande sabor.

FERN. LOPES — *Chron. d'elr. D. P.*

Se ha cousa neste mundo sublunar para que sirva o perpetuo *distinguo* dos theologos, é para traçar a historia da civilisação comparada, da cultura social de nossos avós e do nosso tempo. Grande e esplendida esta ultima, vista a certa luz; triumphará facilmente da primeira; mas, visto a outra luz, o passado vencerá sem duvida o presente. Estas graves e profundissimas

reflexões, como o são quasi todas as deste livro (o leitor fará a devida justiça á nossa modestia), foram-nos inspiradas pelo espectáculo do saráu, para que vimos D. João I convidar com tanto affinco aquelle bom velho do doutor de Pisa. A nossa pobre imaginação, que se atrevera a transpôr os regios umbraes dos paços d'apar S. Martinho, teve de retroceder e de vir abrigar-se por algum tempo á mortiça claridade de moderna sala de baile. Os olhos d'alma, offuscados pela magnificencia e brilho do illuminado palacio dos Infantes, vieram repousar um pouco em aposentos menos esplendidos, onde as colgaduras de côr indecisa, os trajos negros ou desbotados modifiquem a pouca luz que, passando por vidros embaciados, ainda se amortece na pallidez dos adereços e trajos de hoje, como no areal infertil da Africa se embebem as aguas de trovoadas passageiras, que não podem sacia-lo. Até n'isto, até na dubia claridade, os saráus modernos são tacanhos e tristes! Depois a etiqueta, as minucias de cortezania escolastica, as vaidades inquietas de todas as supremacias e eminencias politicas, litterarias, agiotas, artisticas, da impertinente aristocracia burgueza, que no meio delles perpassam, vigiando-se, mirando-se, escarnecendo-se, detestando-se, affiguram-se-nos um *quid*,

comparavel a ouriço cacheiro, que se róla ao longo dos aposentos, tomba, ora para um, ora para outro lado, e incommóda e espicaça as pobres obscuridades e nullidades — o maximo numero — que, na simpleza do seu coração, correram ao baile pomposamente annunciado, crendo que essa grande benção de Deus na terra, a franca e íntima alegria, podia penetrar no recinto consagrado ao egoismo das pequeninas vanglorias, ás pontualidades parvoas e á semsaboria de convencional contentamento.

Não assim o saráu da idade média. Eleve-mo-nos até elle. Volvamos lá; volvamos ás salas antigas. Ahi a luctuosa negrura dos trajos do homem, ou as côres cançadas das roupas feminis não dão o aspecto de festas de sombras ao folgar dos vivos: ahi não se vêem danças dormentes como o acalentar do infante, ou desgrenhadas, vertiginosas como o furor das bacchantes, contraste absurdo ligado pelo laço commum da insipidez: ahi uma delicadeza asucarada e hirta, como a deste seculo de myope hypocrisia, não exige admirações e applausos tanto para o chirriar discorde, como para a voz que desprende melodiosas harmonias: ahi o cavalleiro não vae, como o gasto peralvilho, curvar a fronte inquieta sobre um panno verde para pôr nas mãos do acaso talvez o seu futu-

ro, ou o futuro de sua esposa e de seus filhos. Eram jogos de força e de destreza; eram jogos de homem — os tavolados, as justas, os torneios — que se associavam ás festas de outros tempos. Então, as horas consagradas ao culto da mulher, ou ao gozo de espectaculos grandiosos não se iam entristecer com luctas mesquinhas; porque o jogo, ou era, como o xadrez, o recreio da solidão dos homens graves, ou um vicio abjecto, como o dos dados, que imperava só no meio da devassidão dos ar-raiaes, ou se escondia nas tavolagens e prostibulos das grandes povoações. A altiva nobreza de nossos avós perdemo-la até nos passatempos.

O sarau, que naquella noite se dava nos paços de S. Martinho, fôra ordenado por elrei semanas antes para servir como de complemento á procissão de Corpus. Era uma galantaria feita á rainha, á bella filha de João de Ghaunt, habituada aos festejos que em Londres costumavam seguir-se áquella celebre solemnidade. O mestre d'Aviz, se não adoptára o systema faceto de seu pae, o grande rei, grande algoz e grande jogral, D. Pedro, que usava folgar com os villãos, correndo as ruas de Lisboa no meio das guinolias e folias com que era costume receber os reis, quando, depois de mais dilatada ausencia, voltavam á sua boa cidade,

herdára, todavia, delle bastante humor jovial para não perder um ensejo de lisongear sua mulher, e de esquecer no meio das festas — conforme dizia ao chanceller — o pesado encargo da corôa, adoçando ao mesmo tempo, pela especie de mutua benevolencia que inspira a communitade de sensações, quer de prazer, quer de dôr, os odios que ardiam solapados na côrte pelos resentimentos, nascidos das contendas politicas, que n'alguns dos anteriores capitulos tentámos descrever.

Ao cahir do dia as janellas do paço estavam illuminadas interior e exteriormente. Centenares de tochas, que, prolongando-se ao correr das paredes, se prendiam nellas por braços de metal pulido, e grandes lampadarios, que desciam por cadeias de ferro dourado das abobadas artezoadas, convertiam em dia claro as trevas da noite pelos atrios, escadas, galerias e aposentos, cubertos de alto a baixo de arrazes, onde se viam trasladados pela agulha e pela lançadeira os mais celebres personagens da antiguidade, cuja existencia e aventuras a pobre erudição dos artifices extravagantemente baralhára. Priamo, Alexandre, Aristoteles, Moysés, Arão e muitos outros, amarrados a essas extensas telas, se nos letreiros que lhes faziam saír das bôcas proferiam os maiores absurdos

historicos, protestavam tambem mudamente contra a anachronica violencia com que os passejavam através dos seculos, e contra os aleives que lhes assacavam. Não era difficultoso, ao subir uma escada, ou ao transpôr uma galeria, encontrar o grão magico Aristoteles, armado de cervilheira, cota e braçoes, com sua bésta nas mãos, prestes a disparar o virote ao peito de algum centauro; o guerreiro macedonio, de cruz vermelha nos peitos e hombros, e cavalgando em cavallo acubertado, no acto de brandir o montante contra um aduar de mourisma ás portas de Jerusalem; Priamo atarefado com seus filhos Ajax e Achilles em construir as muralhas de Constantinopola; ou finalmente Arão paramentado, e de mitra e bago, á porta de cathedral gothica. Tudo isto e muito mais representavam aquellas variadas colgaduras, sem falar dos monstros e arabescos, que a fertil e enferma imaginação dos artifices daquellas eras estampava por toda a parte, desde a portada do templo até as pinturas das telas e dos codices, ou até os bestiães e labores das taças e agomias de prata.

Se, porém, os disparates d'invenção, e as incorrecções de desenho dos historiados arrazes arrancariam hoje apenas um sorriso de lastima insultuosa ao artista mais humilde, a palheta

moderna teria talvez d'envergonhar-se das suas mais vivas côres, comparadas ás desses quadros immensos, que se dilatavam por todas as paredes, e que harmonisavam com as abobadas artozoadas, cubertas de ouro nos penduroes e bocetes sobre o chão pallido ou escuro do marmore ou do lenho, e com as laçarias das almofadas, epopeas de esculptura escriptas a cinzel e a buril nas lageas e nos madeiros rendilhados dos tectos esguios. De lá os gryphos, os dragões, as alimarias com face humana, os reptis mais extravagantes, os rostos mais doudos, transfigurados e impossiveis, pareciam mirar o que se passava cá em baixo. Era um mundo estranho, mysterioso, brilhante, que se pendurava para enxergar o homem, para se rir d'elle, para o apupar, para lhe fazer visagens e negaças, como essas figuras gravadas nas impostas do portal da sé de Lisboa, que tem podido escapar ao dente voraz dos seculos, ao boião canonical, e aos acanthos, repolhos e caramujos da arte gréco-pátéta.

E debaixo destes tectos, e no meio destes pannos, por entre as catadupas de luz directa e reflexa, que em ondas se entornava de centenares de tochas e lampadarios, ou se refrangia nas vividas colgaduras e dos relevos dou-rados, passavam bandos de cavalleiros, acoto-

velavam-se os momos, rufam as danças mouriscas e judaicas, e as choréas de nymphas, porque até a existencia das nymphas chegava a erudição vulgar desses tempos. Aqui dous gordos anões d'elrei, trajando roupas phantasticas, rolavam-se por entre as pernas de um cavalleiro velho, que parára em passagem estreita para explicar a alguns escudeiros menos letrados um D. Absalão, pendurado de arvore ramosa pelos cabellos, e traspassado por tres ascumas despedidas pelo marechal do sancto rei David, D. Joab, cavalleiro de bom corpo, que na tela escripturistica representava ter duas alturas da arvore fatal. Acolá varios pagens travessos riam ás gargalhadas, impedindo o passo a tres fadas que forcejavam por entrar no principal aposento, onde tinham de representar um papel importante nos momos que iam começar. No meio do tumulto ouvia-se o tinir argentino dos cascaveis de tres ou quatro maninellos, que rompiam apressados por entre a turba, e que eram um reforço procurado, com permissão d'elrei, por Alle, cuja voz em falsete restrugia lá dentro por cima dos sons dos instrumentos que buscavam affinar-se. Ás vezes a voz do truão sumia-se no estrondo das risadas.

A sala principal, ou da côrte, era um vasto parallelogrammo, que duas series de pilares po-

lystylos dividiam em tres naves. Sobre os listetos das cornijas dos pedestaes, amplamente resaltadas, ou antes dos stylobates communs dos columnellos enfeixados, que constituiam os pilares, pousavam armaduras completas, que simulavam dezenas de homens d'armas observando o tropel ondeante que lhes remoinhava em volta. Nos topos das columnas, e das misulas que nas paredes lateraes lhes correspondiam, collocadas em cima dos abacos e presas aos saimeis das voltas ponteagudas, viam-se, n'uns cabeças mirradas de cervos com galhos desconformes, ou trombas de javalís, cujos colmilhos pulidos e alvejando faziam singular effeito, n'outros mumias de gerifaltes e de nebris com as pernas mettidas nos piozes, e tão naturaes que pareciam vivos, bém como figuras de galgos e lebréus no acto de remetter. Em baixo as imagens da guerra e em cima as da caça symbolisavam a bém dizer a existencia inteira de um principe, barão ou rico-homem daquelle e dos antecedentes seculos, e sobre tudo a do mestre de Aviz, de cuja indole militar, e de cuja paixão pela montaria e altanaria nos restam não equivocos documentos. Os lampadarios e tochas, ainda mais profusamente espalhados pela immensa quadra do que pelos aposentos contiguos e pelas escadas e galerias que para alli con-

duziam, tornavam perfeitamente distinctas as bellas linhas perpendiculares dos feixes de columnellos, as estrias dos ribetes, as subtis laçarias e bestiães do tecto de castanho almofadado, as tinctas mais vivas aqui, se era possível, e os desenhos mais correctos das tapeçarias, que, descendo d'entre as misulas, forravam as quatro faces daquella magnifica sala.

Mas o que, sobre tudo, deslumbraria olhos só affeitos á monotona e mesquinha singeleza dos trajos modernos, seriam as roupas variegadas dos cavalleiros que nessa noite circulavam pelos paços d'apar S. Martinho. Era mais que todos os matizes do prado na primavera; era um iris immenso, retalhado em pequenos fragmentos, que remoinhassem sobre chão d'estrellas. As capas de desvairadas côres, orladas de lhama d'ouro ou de prata; as jorneas decotadas, deixando entrever as golas e peitilhos bordados dos gibanetes, divididas em duas côres, que o rigor da moda exigia contrastassem as das capas; as calças, ou meias justas, que, repetindo as côres da jornea, mas trocadas, desenhavam como estas, que se apertavam com cinctos de ouropel ou de argempel, as fórmãs athleticas e elegantes dos moços escudeiros e cavalleiros, formavam um todo cambiante e phantastico, de que difficultosamente alcançam dar

uma semelhança incompleta e pallida as faculdades inventivas, ás vezes bem pouco historicas, dos adereçadores do theatro, ou as mascaras mais delicadas do carnaval, unica especie não absolutamente semsaborona e triste das nossas festas actuaes.

O saráu antigo reunia em si essas duas fórmas de espectáculo. Então o segundo era mais variado e grandioso, posto que o primeiro fosse desengenhoso e barbaro. Os momos, todavia, continham o embrião do moderno drama: eram quasi o carro de Thespis. De ordinario consistiam em allegorias, que proxima ou remotamente se ligavam com successos recentes e notaveis. As visualidades constituiam a parte essencial dessas scenas informes, onde apenas algum monologo extemporaneo se misturava com os gestos e visagens de uma pantomima extravagante e exaggerada, a qual fizera attribuir aos actores de semelhantes representações o epitheto de *tregeitadores*. As bufonarias dos chocarreiros que ahí figuravam, eram as delicias dos principes e senhores, e os dicterios e allusões, muitas vezes grosseiros, offensivos e indecentes, parece que não se estranhavam, nem sequer na presença das damas, e corriam como boa moeda. Assim o truão, bobo ou bufão era uma casta de animal indispensavel nos alcace-

res regios e senhorias; um contraveneno do tedio, prompto sempre para encher o vacuo das horas d'enfadamento; e é por isso que nos documentos, nas leis e nas chronicas dos diversos reinos das Hespanhas, se encontram não raras memorias desses domesticos representantes dos *momos*, *arremedillos* e *escarneos*.

Acima do bobo, ou maninello, mas confundido ás vezes com elle, estava o jogral. O jogral era conjunctamente instrumentista, bailarino, cantor e, até, improvisador. Em velhos manuscriptos de trovas e cantigas, muitas das quaes eram composições de illustres cavalleiros, de ricos-homens e, até, de monarchas, encontram-se ainda signaes que indicavam o tonilho que devia acompanhar os rythmos dos trovadores repetidos pelo jogral. Dos instrumentos de que usavam esses cantores professos, ora serios ora jocosos, restam-nos ainda desenhadas as fórmulas, mais ou menos confusamente, nas illuminuras contemporaneas. Alli se vêem os adufes, pouco differentes dos modernos, e as castanhetas, cuja fórmula de pequenos parallelogrammos as distingue das hoje usadas. O som destes instrumentos semibarbaros, segundo o que se póde colligir daquellas illuminuras, marcava o compasso ás danças dos jograes, e das péllas ou jogralezas, de que tambem ha memoria. Outros,

como o laúde, a guitarra, a harpa, a ayabeba, a rebeca, o anafil, as charamelas, o organo compunham as orquestras, approximando-se mais ou menos no feitio aos que ainda subsistem, e contribuindo com as suas vozes melódicas ou estrugidoras para os desenfados e folgares dos festins e saráus.

Com estes elementos a imaginação do leitor reduzirá facilmente a um quadro, que não se afastará demasiado da verdade, a agitação e o estrepito que iria nos paços de S. Martinho depois de anoitecer. Havia, porém, uma circumstancia que precedêra isso tudo, e que elle não póde advinhar, porque nascêra de uma usança hoje esquecida. O comerem em publico os principes era uma especie, ora de prologo, ora d'entremeio nas festas reaes, e a D. João I occorrêra naturalmente a idéa de tomar na sala do saráu a leve collação chamada *merenda*, costumeira gastronomica essencialmente portugueza; e que remonta sem duvida áquella epocha, e com probabilidade ás anteriores. Dous estrados, distinctos pela diversa elevação, occupavam um dos topos do espaçoso aposento. A mesa d'elrei e de sua mulher estava no plano mais alto, e no inferior a dos officiaes da corôa, dos barões e alcaides-móres, que accidentalmente se achavam na côrte, e que, collocados de um

lado pela ordem das categorias, ficavam fronteiras ás damas de D. Philippa, as quaes na mesma ordem occupavam o outro lado. A hora para começar a merenda publica, introito ao saráu, fôra designada para antes do sol-posto, e por isso D. João I partíra tanto ex abrupto do gabinete particular.

Era noite fechada. A collação acabára justamente no instante em que o sino de completas principiava a despedir da torre da cathedral as suas badaladas lentas e uniformes. A um signal do mestre-sala, Luiz Alvares Paes, que em pé atraz da cadeira d'elrei recebia as ordens do monarcha, os cavalleiros e damas ergueram-se. Alevantando-se após elles, D. João I deu a mão á rainha, e dirigiu-se para uma tribuna rasa, d'onde melhor se podia gosar o espectáculo dos momos, para os quaes fôra reservada a nave central, onde os menestres, chameleiros e jograes instrumentistas preludivam já com varios tonilhos, e retornellos de guerra e de caça.

No topo fronteiro ao dos estrados era o ádito principal do aposento, que se abrira de par em par. Em frente dilatava-se galeria magnifica, terminada n'uma especie de portico ou atrio circular, d'onde partiam varios corredores que ligavam os diversos lanços do palacio. Alguns

cavalleiros, que ainda conversavam em grupos nesta galeria e neste portico, logo que elrei se ergueu e se fez signal de que os momos iam começar, entraram precipitadamente na sala.

Mas D. João I parára de subito. Lançando por acaso os olhos para o atrio vira atravessa-lo um vulto, que, apesar da rapidez com que passára, crêra reconhecer. Vendo-o immovel e attento para aquelle lado, todos os olhos para lá se volveram. Debalde. O vulto desaparecêra como relampago, e tanto a galeria como o portico estavam absolutamente desertos.

A unica pessoa, que parecêra não reparar em nada, fôra D. João d'Ornellas, a qual, como esmoler d'elrei e alcaide-mór de Alcobaça, assistira á collação. Era que tinha descortinado o chanceller, que rompia por entre a turba approximando-se para aquelle lado.

Como se houvera recebido uma punhada invisivel na frente, o abbade inclinou de golpe a cabeça para traz: como se recebesse outra na nuca, o doutor de Pisa inclinou-a para diante ainda como maior rapidez. Era uma pergunta feita, e uma resposta dada.

Com a mesma prestesa o chanceller fez um angulo obtuso mudando de direcção, e o prelado voltou-lhe as costas mettendo-se no grupo dos fidalgos que conversavam em voz submissa.

Entretanto as atenções tinham-se dirigido exclusivamente para a nave central, onde as folias, as danças de judeus e mouros, as nymphas, as péllas, os jograes, os menestreis, os chocarreiros tomavam já os seus postos, á espera de que fosse mercê de sua real senhoria dar ordem ao mestre-sala para começarem os mui de folgar e mui espantaveis momos, com que rompia o saráu.

A expectação e as esperanças communs foram, porém, illudidas por estranho e inesperado successo.

XXVI

JUSTIÇA DE SUA SENHORIA.

A melhor das vertudes porque o mundo se sustem, rege-se hy aquello por que cada hũu á o seu, e porque a cada hũu he aguardada sa onra, he mantehudo no seu estado, e esta vertude he a justiça.

LIV. DAS LEIS E POST. —
L. de D. Aff. IV.

Os momos, dissemos nós, eram o embrião do drama; mas do drama de Eschylo, do drama de Calderon e de Shakspeare; do drama imaginoso e livre, variado como a natureza e a sociedade seu typo, vibrando as cordas de todas as paixões e affectos, successivamente lachry-

moso e risonho, solemne e ridiculo como as vicissitudes da vida: eram o embrião do drama inspirado, e não do drama rachitico, mutilado, convencional, medido pelas bitolas dos criticos mestres-d'obras, numerado, catalogado, fundido em gitos e moldes de barro com pretensões de bronze, e desfeitos em pó ao sopro do primeiro *porque?* Elles reuniam em si, como tambem advertimos, a mascarada carnavalesca e as pompas da scena, vindo assim a ser tanto mais variados quanto mais escaceava nelles o que hoje constitue a essencia do spectaculo theatral, o dialogo scenico.

Os inventores e delineadores dos momos e folias punham, por isso, toda a diligencia em supprir com as mais estranhas visualidades, com as mimicas mais singulares ou desvairadas, a falta do drama falado. Quando se lê a descripção das festas, que em occasiões solemnes se fizeram em Lisboa durante o reinado de Affonso V, vê-se que essas festas brilhantes tinham chegado a um gráu de perfeição relativa difficil de ultrapassar, e que nellas consistia principalmente a magnificencia da côrte portugûesa, magnificencia que assombrava os embaixadores do imperador de Allemanha, e que fazia com que o cavalleiro andante Jorge von Ehingen, depois de haver visitado as mais celebres capitaes da Eu-

ropa, viesse encontrar o ideal do esplendor e do luxo nos jogos guerreiros da Rua-nova e nos folgares e saráus dos paços dos nossos reis.

Entre as diversas figuras, trajadas mais ou menos phantastica e extravagantemente, que durante o crepusculo do dia 18 de junho de 1389 vinham chegando aos paços de S. Martinho, haviam notado os porteiros—menores um vulto embrulhado n'uma especie de farricoco ou olandilha, que de todo lhe occultava o rosto. Era, provavelmente, um dos tregeitadores chamados para o espectáculo. Mas, não só a tristeza daquella vestidura, tão diversa dos trajos garridos dos outros jograes, gerára estranheza, como tambem o silencio mysterioso do recém-vindo despertára suspeitas. Tinham, por isso, os delegados ou ovençaes do porteiro—mór mostrado repugnancia em lhe facultarem a entrada. Alle, porém, approximando-se immediatamente delles, lhes declarára ser aquelle um personagem indispensavel no mui gracioso arremedilho que ideára para mostrar a sua capacidade truanesca, arremedilho em que tambem tinham parte tres maninellos que de perto seguiam o desconhecido. Á vista das declarações do bufão regio todas as dúvidas haviam desapparecido, e o *aforrado* entrára sem mais embaraço.

D'ahi a pouco, entre o bando dos jograes e

tregeitadores, ou para melhor dizer, á frente delles, no fim da nave do meio e perto da teia que cingia o espaço reservado para elrei, estava o truão e ao lado delle os tres maninellos e o olandilha.

Antes d'isso, emquanto a collação durára, Alle nem um instante estivera tranquillo: entrára, saíra, voltára, fizera rir uns, irritára outros com dictos e allusões insolentes, e em summa parecêra mais que nunca actuado por aquella especie de loucura convencional, que era inherente ao ministerio que exercia. Notaram alguns que o olandilha jámais se affastava delle, e que nos momentos em que o mouro se ausentava, tambem o incognito desaparecia.

Emfim ouviu-se a voz do mestre-sala, que bradava:

«Sus, menestreis, jograes, tregeitadores, bufões! Começae vossos momos, que assim o ordena sua alta e mui graciosa senhoria.»

Todas as vistas se dirigiram para a nave do meio. O remoinhar dos diversos grupos cessou, e o borborinho, que sussurrava pela ampla quadra, semelhante ao murmurio das ondas quando escaceia o vento, começou a descahir, até se transformar em profundo silencio.

Tão profundo, que se ouvia o sino da sé chamando os conegos a completas.

Os olhos, porém, que se haviam pregado no grupo dos tregeitadores, abriram-se desmesuradamente, os braços estenderam-se, os indices apontaram para a vanguarda daquelle tropel festivo, como tocados de vara magica.

Era que o incognito, deixando cabir a especie de mortalha em que vinha envolto, subíra ousadamente ao estrado contiguo. Com assombro os espectadores divisaram nelle o habito de Cisté, e ainda com mais espanto, que se dirigia para a teia que cercava o logar reservado para elrei e para D. Philippa.

Era um frade verdadeiro, ou um farcista? Esta pergunta, que cada qual fazia a si mesmo, conservava os circumstantes em muda hesitação.

Desenganaram-se em breve. O frade cahíra de joelhos diante d'elrei, exclamando:

«Justiça!»

O tom em que esta unica palavra fôra proferida, affastava a menor sombra de dúvida. Esse tom não se fingia.

«É o frade sandeu!—murmuraram diversas vozes saídas do grupo dos senhores e officiaes da corôa.—É o vosso monge, D. João d'Ornellas.

Diziam-no alguns dos que tinham estado na tavolagem de Lourenço Braz, e que haviam re-

conhecido Fr. Vasco, o que, por certo, já aconteceu também ao leitor.

«Justiça, rei de Portugal!»

Este clamor intenso e solemne, que o cisterciense tornára a soltar, desfizera o encanto da obstupefacção, e um borborinho indistincto rumorejava de novo pelas naves do aposento.

«Que homem é este? Que pretende? Que significa isto? — gritou elrei pondo-se em pé.

Todos olharam para D. João d'Ornellas. O frade era um membro da sua ordem. Só elle podia, talvez, responder a essas perguntas.

De feito o prelado, abrindo caminho por entre o grupo dos fidalgos, com gesto incendiado em colera, travou do braço de Fr. Vasco, e sacudindo-o violentamente, bradou-lhe, ao passo que o obrigava a erguer-se:

«Insensato! Como ousaste desobedecer-me? Como saíste de S. Paulo? Como entraste aqui? — «Senhor: — acrescentou, voltando-se para elrei — ordenae que dous ovençaes, dous homens d'armas, quem quer que seja, conduzam este malaventurado ao collegio de S. Paulo, onde talvez a solidão e os jejuns n'um carcere lhe ensinem a obediencia.» — «Veremos, rebelde — proseguiu, dirigindo-se de novo ao frade com aspecto cada vez mais severo — se tornas

a achar ensejo para vir perturbar os passatempos de sua real senhoria...»

« Não, não! — interrompeu elrei, movido por generoso impulso. — Ao homem que pede justiça nunca, enquanto eu viver, se responderá constringendo-o a amaldiçoar-me em silencio. Quem é este monge? Devo, e hei-de ouvi-lo.»

« É inutil, senhor: — atalhou D. João d'Ornellas visivelmente perturbado. — Ha largo tempo que enlouqueceu. Muitos d'estes cavalleiros o sabem...»

« É verdade, é verdade! — murmuravam d'entre o grupo dos cortezãos.

A voz, porém, de Fr. Vasco, firme e estridente, fez resoar ainda outra vez pelas abobadas do aposento:

« Justiça! »

« Tende paciencia, meu reverendo esmoler: — continuou D. João I, a quem não escapára a perturbação do abbade. — O vosso monge não parece resolvido a saír: nem eu o expulsarei. Se o seu espirito está offuscado, vós talvez possaes dizer-me o que elle pretende. Por certo não é contra vós que elle invoca a minha justiça.»

No gesto e nos modos do principe lia-se claramente que suspeitava o contrario.

Dir-se-hia, com effeito, que o prelado re-

ceiava as revelações do seu monge. Voltêra olhos supplicantes para um personagem, que pouco e pouco se acercára.

Era o chanceller.

«Se vossa mercê m'ò consente — disse o doutor de Pisa com uma reverencia capaz de disputar primazias ás de Fr. Julião — atrever-me-hei a observar, que não é neste aposento e a taes deshoras que loucos ou sisudos devem demandar justiça, mas sim perante os juizes de vossa côrte, e em vosso desembargo.»

Emquanto o doutor Joannes a Regulis fazia estas observações n'um tom, que contrastava com a humildade do seu porte, no proximo grupo dos fidalgos dous cavalleiros conversavam um com outro á puridade. Eram João Rodrigues de Sá, o o velho prior do Hospital.

«Não querem que elrei o attenda: — dizia o prior. — Anda aqui velhacada...»

«Pois erram o tiro: — replicou o das Galés. — Irritam-no, e não fazem nada.»

De feito D. João I, carregando as sobrance-lhas, interrompêra o privado:

«E se o meu sabio chanceller m'ò consente, eu rei de Portugal atrever-me-hei a perguntar de novo a este frade louco ou sisudo — Que pretendes?... Por S. Jorge! Para que sou eu

rei, senão para acudir sem tardança aos meus subditos quando bradam por mim?

Abrindo então a teia com violencia, chegou-se a Fr. Vasco, e bateu-lhe brandamente no hombro:

«Vamos, monge de Alcobaça! Fala sem receio. Se com razão pedes justiça, sabe que a obterás.»

«Sabia-o, senhor rei:—replicou Fr. Vasco, tornando a ajoelhar aos pés do monarcha, e pegando-lhe na mão para a beijar.—Se perdi o siso, como pretendem, não perdi a memoria de que sempre fostes justo e generoso, justo e generoso até no furor das batalhas, onde vos vi pelear e vencer, punir e recompensar...»

«Que?!—atalhou elrei.—Foste, acaso, homem d'armas?»

«Fui um dos cavalleiros da ala de Mem Rodrigues.»

«Cavalleiro da ala dos namorados?... Conheci-os todos. Não havia um que não fosse valente lança!... O teu nome? o teu nome?!... Não és tu?...»

«Vasco da Silva: hoje o irmão Fr. Vasco:—respondeu o monge, curvando a cabeça, e cruzando as mãos sobre o escapulario.»

«Ah! Recordo-me agora... É isso!... Con-

taram-me que te mettêras frade... Abandonaste a gloria; despresaste as recompensas para te enterraes n'um claustro. Foi mais uma façanha, meu cavalleiro, em que ninguem te imitou... Mas que é isto, Vasco do Silva?! Tu de joelhos? Dous soldados de Aljubarrota não devem conversar assim. Dize-me outra cousa: enganam-se os que affirmam que estás sem teu siso. Não é verdade? Fala, pois, tu. Que pretendes de mim?»

E alevantando-o pelo braço, contemplava-o com affectuosa complacencia de amigo ao encontrar o amigo que volta depois de separação dilatada.

«Como te havia eu de reconhecer, Vasco da Silva? Estás velho! Essa estamenna, já vejo que devora mais do que o sol dos combates. — E virando-se para D. João d'Ornellas, accrescentou com certo tremor de voz, que nelle era de máu agouro: — Deus nos livre de que a justiça implorada por este humilde frade seja contra o seu mui veneravel prelado!»

«Não temaes por mim, senhor! — respondeu com altivez o abbade. — Se tenho por muito tempo obstado a que Fr. Vasco viesse affligir-vos com os seus queixumes — e é tudo o que póde contra mim dizer —, era que sabía quanto estes deviam ferir anti-

gas e radicadas affeições de vossa real senhoria...»

«Quando se tracta do officio de rei — atalhou D. João I, em cujo rosto transluzia mal refreada colera: — não tenho affeições... E a vós, dom abbade, quem vos deu direito para impedir que um antigo cavalleiro de Aljubarrota viesse falar comigo?»

«Nunca para isso empreguei senão a persuasão. Nunca invoquei senão o jus que me dá uma instituição de Cistér, o preceito da plena obediencia. E para que o fiz eu? Para cohibir a paixão insensata e anti-christan da vingança. Padecer e calar é o que nos manda o evangelho e a sancta regra. Esse cavalleiro que dizeis, é hoje sacerdote e monge; é uma das ovelhas confiadas á minha vigilancia. Espero que não queiraes attentar contra as liberdades ecclesiasticas...»

«Mas posso defender um antigo companheiro de perigos e gloria. Creio que devo livrar de occultas tyrannias aquelles que me ajudaram a salvar das garras de Castella esta nobre terra de Portugal. O sancto padre de Roma, cuja causa defendo contra os scismaticos, tem chaves que abrem clausuras...»

«Não é isso; não é isso, meu rei! — acudiu Fr. Vasco agitado. — A estamenha mo-

nastica não a despirei mais, nem na vida, nem na morte. Na terra não ha uma unica flor de esperanza que estas mãos possam colher. Que iria, pois, ahi buscar? Perdí tudo; e é contra quem m'ó roubou, que venho demandar justiça... Senhor, senhor! —proseguiu o monge com exaltação dolorosa. —Tinha pae, amava-o muito, e mataram-m'ó: tinha irman, era um anjo de candura, e deshonraram-m'a. Sabeis quando me fizeram isto? Quando na hoste do condestavel pelejava em defensão da vossa corôa, do vosso reino, do lar domestico, da vida de meu pae, do pudor de minha irman. A meu pae não o tornei a ver. Minto! Vi-lhe o cadaver. Minha irman, essa sim! Encontrei-a. Como? Prostituida, abandonada, miseravel. Ao menos ella morreu-me nos braços!... Tambem, que importava? —acrescentou com rir medonho, que terminou n'um grito terrivel. —Era um gracejo feito por nobre escudeiro, por um dos vossos acostados a um frade bernardo. Realmente era uma bagatella... Ah!... Senhor rei, senhor rei! Se não podeis restituir-me a ultima bençã de meu pae e a honra de minha irman, podeis ao menos vingar-me!»

«E hei-de vingar-te!... —bradou o principe com olhos scintillantes. —Cuberto d'op-

probrio por um dos meus acostados um dos cavalleiros de Mem Rodrigues?!... — Fez uma pausa, e olhando em roda proseguiu: — Gil Eannes, corregedor de minha côrte! Gil Eannes, vinda cá!... A face do rei de Portugal recebeu uma bofetada...»

E buscava descobrir o corregedor, que não viera ao saráu. Emquanto dous ou tres pagens saíam a procurar o doutor Gil Eannes, apenas se ouvia pelo espaçoso aposento o respirar oppresso dos circumstantes, esperando assombrados o desfecho daquelle estranho drama, que, em vez do arremedilho de Alle, servia d'introito aos momos e folgares.

Quando se desenganou de que o corregedor não estava alli, elrei voltou-se para o frade:

«Mas o nome?! O nome d'elle?!»

«Foi o vosso camareiro predilecto: foi Fernando Affonso: — respondeu Fr. Vasco. Prendia-se-lhe a voz na garganta ao proferir este nome abominavel.»

Mudando de côr, D. João I deu alguns passos para traz, como se aos pés se lhe abrisse uma voragem, e exclamou:

«Fernando?!»

Não pôde dizer mais nada. Lia-se-lhe no gesto o effeito que haviam produzido aquellas palavras.

«Eis ahi, senhor, — disse o abbade esmoler-mór, encaminhando-se para o monarcha — porque obstei tanto tempo a que Fr. Vasco viesse fazer-vos esta revelação odiosa. É o que não teria acontecido, se eu tivesse podido adivinhar que elle acharia ensejo e meios para chegar aqui...»

«Monge, — interrompeu elrei, dirigindo-se ao moço cisterciense com aspecto sombrio, e sem fazer caso das palavras do abbade: — fosse irmão, fosse filho meu, que tão cruelmente te houvesse offendido, obterias pleno desagravo. Mas — ajunctou elle, abraçando-se com a unica esperança que lhe restava de salvar Fernando Affonso: — é necessario que proves teu dicto. As leis de meus avós são neste caso assás severas, para eu não proceder de leve em applica-las.»

«Cáiam sobre mim as penas que as leis lhe impõem, — respondeu com firmeza Fr. Vasco — se *elle* ousar desmentir a accusação que lhe faço.»

«Camareiro-mór: — bradou elrei, dirigindo-se a João Rodrigues de Sá. — Fernando que venha aqui immediatamente. Quero falar-lhe.»

«Eu proprio irei procura-lo: — respondeu o das Galés, encaminhando-se para uma porti-

nha lateral. O seu intuito era avisar o mancebo para que evitasse, fugindo, a indignação d'elrei. Depois se excogitariam os meios de espalhar a tempestade.

D. João d'Ornellas, que lançára de relance os olhos para o camareiro-mór, adivinhou-lhe o pensamento, e deu-lhe vontade de rir.

Apenas o das Galés saíu, elrei pôz-se a passeiar agitado.

«Enganaram-me os olhos por certo! — pensava elle. — Não podia ser Fernando o que ha pouco vi atravessar o atrio... Não são horas de partir... Depois da meia-noite, disse-lhe eu... Estava ainda tão tremulo e pallido!... Se Vasco da Silva fosse de feito louco! Póde ser verdade... A accusação é tremenda... Triste mister de rei! Mas posso eu recusar a justiça?»

Todos tinham os olhos fitos no principe, que, neste inaudível soliloquio, medía o estrado a passos largos.

Emquanto João Rodrigues de Sá não volta, e elrei guarda carrancudo silencio, aproveitemos o tempo que voa em informar o leitor de factos, que lhe explicarão as mysteriosas cogitações do monarcha.

Afeito aos habitos de soldado, D. João I naquella dia, como sempre, tinha-se erguido com

o sol. Depois de trabalhar algum tempo no seu livro sobre a caça de altanaria, livro em que satisfazia a sua vaidade de auctor, como João das Regras o seu orgulho de letrado na *trasladação* e commentarios do Codigo romano, o rei de Portugal, inquieto pelo estado em que vira na vespera o seu camareiro valido, saíra do celebre gabinete particular, e atravessando varios corredores ainda quasi desertos, entrára inopinadamente na camara de Fernando Afonso.

Agitado por deliciosas imagens, o mancebo mal cerrára os olhos durante a noite. Havia-lhe parecido eterna. Apenas amanhecêra, tinha-se erguido, e abrindo uma janella, ahi se encostára a contemplar o Tejo. Nunca respirára em tão fragrante atmospherá; nunca vira alvorada tão linda. Carregada e feia que estivesse, achar-lhe-hia a mesma formosura. A sua imaginação revestia de ridente aspecto quanto se lhe antolhava.

Fôra á mesma hora que Fr. Vasco se assentára no poial de pedra da sua cella. Esse via tudo por bem diverso prisma!

Ao voltar-se e ao dar com os olhos em elrei, Fernando impallideceu e balbuciou algumas palavras. O seu plano, estribado na supposta enfermidade, considerou-o como perdido.

Enganava-se. A pallidez de que o susto lhe tingíra as faces, e o tremulo da voz dariam plausibilidade á continuação da farça, que representára na vespera.

Mas tinha bastante dissimulação para recorrer promptamente a presença d'espírito. Occorrêra-lhe de subito um expediente sagaz para saír daquella situação difficil. Essa idéa, n'uma epocha profundamente credula, produzira viva impressão no animo do monarcha.

Havia alguns annos, asseverava elle, que, opprimido de perigosa doença, fizera voto de ir em romagem ao celebre templo da Virgem de Guadalupe. Crêra, porém, nessa noite ver em sonhos a Mãe de Deus, que asperamente o reprehendia por não aproveitar o ensejo das treguas com Castella para cumprir seu voto. O que lhe succedêra em Valverde, e o subsequente sonho eram, quanto a elle, avisos do céu irritado. Sentia-se, talvez por novo milagre, restituído ao antigo vigor, e portanto estava resolvido a desempenhar o piedoso dever que contrahíra, se para isso obtivesse de sua mercê a permissão que instantemente pedia.

Religioso por educação e por indole, D. João I não ousaria oppôr-se a um acto de devoção, ordenado com tão evidentes signaes do céu. Limitou-se a recommendar ao moço va-

lido, ainda demudado no gesto, que só caminhasse de noite, e com jornadas curtas, não começando a viagem antes da meia-noite seguinte.

«Passarei alguns dias occulto nos aposentos de Leonor: — pensava o camareiro-menor; e ria interiormente do alvitre com que tão facilmente obtivera illudir o seu bemfeitor, o seu rei, o seu amigo.

Brincava com o leão. Era um jogo terrivel. Fazia mal em não reflectir n'isso.

À noite, quando os cavalleiros se precipitavam para a sala, e os momos iam começar, D. João I crêra distinguir Fernando Affonso no vulto que se esquivava através do atrio, centro commum dos corredores e galerias que conduziam aos diversos lanços do edificio.

Podia ter-se enganado: era até o mais provavel; mas aquella suspeita ficou-lhe involuntariamente no espirito, até que a scena inesperada, que viera interromper o saráu, o distrahiu de cogitar nessa visão duvidosa. Depois, todavia, da extraordinaria accusação do frade, ella lhe voltava naturalmente á memoria, associada com a lembrança do que passára com o mancebo nesse mesmo dia.

Eis os factos que tornarão comprehensivel para o leitor o soliloquio do Mestre d'Aviz.

Emfim o camareiro-mór voltou. Todas as diligencias feitas para encontrar o moço Fernando tinham sido inuteis. Nem sequer se achára o seu pagem. Ninguem sabia dizer quando, de que modo, ou para onde tinham um e outro partido.

«Marechal: — disse elrei ao prior Alvaro Gonçalves quando recebeu tal nova — envia e ordem á alcaçova para que as roldas do muro, e os vigias das torres sobre as portas conduzam aqui seja quem fôr que queira sair da cidade esta noite, ainda com permissão minha. — E dirigindo-se a Fr. Vasco: — Monge! Palavra de rei não torna atraz. Se foste aggravado, hoje mesmo obterás justiça.»

Falou então em voz baixa com o das Galés: e enquanto este desapparecia novamente pela portinha lateral, elrei tornava a assentar-se, depois de haver dicto o que quer que fôra ao mestre-sala, o qual chegando-se á borda do estrado, repetiu:

«Sus, menestreis, jograes, tregeitadores, bufões! Começae vossos momos, que assim o ordena sua alta e mui graciosa senhoria.»

Fr. Vasco descêra entretanto lentamente para uma das naves, e fôra collocar-se no meio da turba.

XXVII

A PROPHECIA DE MESTRE GUEDELHA.

As costulações do ceo se mudam
muy toste segundo o corimento do
ceo das pranetas, e as boas ven-
tuiras e as maas destas costulações
nadem pelo poderio que lhis deus
ordinhou.

ANTIGO NOBILIARIO.

SOBERANIA de poderoso monarcha, soberania
de altivo oligarcha, soberania de povo que sabe
ler são tres grandes soberanias, posto que se-
jam tres cousas muito pequeninas diante da
omnipotencia de Deus.

Ora o monarcha, o oligarcha e o povo que

sabe ler (e muito melhor o que não sabe) podem fazer chorar quem está alegre; mas todas as soberanias do mundo seriam impotentes para fazer rir quem está triste.

É que o choro pertencente a este mundo e ao inferno, e verdadeiramente só ao céu a alegria.

A procella impensada, que viera estourar na grande sala dos paços de S. Martinho ao principiarem os regosijos do saráu, trouxe uma situação, que demonstra *a posteriori* o substancial e sólido destas nossas philosophias.

Dir-se-hia que uma especie de modorra invadira geralmente os animos, ou que os musculos de todas as faces estavam atrophados, tal era a fria immobilidade que substituíra o vivo ardor com que tudo até ahí se agitára. A repetição da ordem d'elrei para começarem os momos produzira mui diverso effeito. Na verdade os espectadores fizeram silencio; mas era um silencio triste e preocupado.

Bem pouca vontade de rir tinha o proprio D. João I.

Juncto ao pilar a que se encostára, com os braços cruzados debaixo do escapulario, e a cabeça pendida sobre o peito, o monge de Cistér nenhuma attenção parecia dar ao que se passava em volta d'elle, e só esperar a justiça que lhe fôra assegurada por sua real senhoria.

E sua real senhoria estava pensativo. João Rodrigues de Sá por duas vezes saíra depois de falar com elrei; também por duas vezes o prior-marchal recebêra aviso de que ás portas da cidade não tinha apparecido alma viva.

Os escarneos dos truães, os momos dos jograes haviam passado sem desenrugar os semblantes. As risadas que escapavam com largos intervallos a alguns cavalleiros e escudeiros, ou mais folgasões ou menos prudentes, tinham ficado sem eccho, e esmorecido e gelado naquelle ambiente em que parecia revoar o demonio da turbação e da melancholia.

Como os arremedilhos e farças, as danças judaicas e mouriscas, os cantos das jogralezas, as choréas das nymphas agitaram-se, remoinharam, e passaram também no meio de gestos carregados e constrangidos. Depois na nave central, gradualmente abandonada pelos tregeitadores ao passo que concluiam seus tregeitos e folias, ouvia-se apenas a musica dos menestres languida e esmorecida.

Durante mais de uma hora em que tantas visualidades haviam succedido umas ás outras, os olhos dos espectadores não tinham cessado de volver-se d'istante a instante, ora para o rosto sombrio de D. João I, ora para o vulto do frade, que naquella postura era como o foco

d'onde tristeza invencível repercutia no semblante do rei, e deste se irradiava para os de todos os circumstantes.

A monotonia d'esta scena foi, comtudo, interrompida por um facto ainda mais extraordinario que o do olandilha.

Quando acabaram os momos, e antes de romperem as danças, Alle desaparecêra. No momento, porém, em que da nave central quasi deserta, e d'entre o grupo dos menestreis apenas as violas e os psalterios murmuravam tenues e frouxas melodias, ouviu-se da banda do atrio, e depois ao longo da galeria, o tinir dos guizos ou cascadeis que adornavam a palheta do bufão, o sceptro da voluntaria loucura. O vulto de Alle, com as suas roupas variegadas e adornos farfalheiros, assomou então no limiar da porta. Contra o seu costume, o maninello atravessou cabisbaixo a sala, e subindo ao estrado, dirigiu-se para elrei a quem principiou a falar com grande intimativa, posto que em tom submisso. O mestre d'Aviz parecia distrahido a principio; mas pouco a pouco a attenção, logo a curiosidade, depois o interesse, o espanto, a agitação pintaram-se-lhe successivamente no gesto. Por fim, ergueu-se exclamando:

«Estás doudo! Isso é impossivel!...»

«A doudice é o meu officio, compadre João! — respondeu o chocarreiro, alevantando tambem a voz. — Mas tu — accrescentou rindo — a quem digo «vem e vê» e que gritas que é impossivel, levas-me agora a palma. És digno de que te ceda o sceptro. Faço-te meu bufão.»

E ajoelhando, estendia para elle a palheta como resignando-lhe nas mãos o symbolo da loucura.

«Senhores meus: — proseguiu elrei, voltando-se para os cortezãos sem fazer caso da truanice demasiado insolente do bobo. — O meu chocarreiro denuncia-me, que um desconhecido acaba de introduzir-se no lanço destes paços onde residem as damas de minha mulher, e que elle, seguindo-o cautelosamente, o viu sumir-se n'uma porta que se abriu. É o aviso de um louco, e o successo extraordinario e incrivel. Não seria, comtudo, o primeiro que esta noite occorresse... Examinaremos a verdade. Seguí-me.»

Posto que affectasse extrema placidez, a sua inquietação era visivel. A causa della não saberia plenamente explica-la; mas sentia-a. Disse o que quer que foi a D. Philippa, que tambem se erguera, e que tornou immediatamente a assentar-se. Depois desceu para a nave do meio, e saiu.

Um sussurro confuso ondeára pela sala. Os pagens tinham lançado mão de algumas tochas. Precedido por elles, e acompanhado dos principaes fidalgos, o monarcha atravessou a galeria. Ouvia-se o borbórinho dos cavalleiros que se precipitavam após elle. Os sons dos instrumentos haviam cessado.

Apenas D. João I proferira as primeiras palavras, debil ai de terror sussurrára detraz das rejas de uma tribuna de adufas, que dava sobre a grande sala, e d'onde, sem serem vistas, as sergentes e cuvilheiras presenceavam o espectáculo. Saíra dos labios de Briolanja, que durante os momos se não affastára do lado de D. Cypriana, e que, ao ouvir o singular dialogo do rei e do chocarreiro, partíra como uma corça ferida, emquanto a rodeira lhe bradava de balde:

«Espera, estavamada; espera! Dá-me cá a mão para me erguer. Jesus, sancto nome de Jesus! É certamente a alma penada!»

Mas a sergente não podia ouvi-la. Talvez neste momento galgava já, arrebatada pelo terror, a escada do dormitorio vedado.

Entretanto elrei, transposta a galeria, parára no atrio que servia como de aorta ás complicadas arterias dos paços de S. Martinho, e ahí mandava postar em todas as avenidas ho-

mens d'armas e bésteiros, a quem recommen-
dava a maior vigilancia para que ninguem po-
desse evadir-se. Depois, atravessando varios
aposentos, brevemente se achou no corredor que
conduzia ao celebre gabinete particular. D'alli
pela escada espiral subiu ao tranquillo dormi-
torio, onde já uma vez o leitor assistiu com-
nosco a mysteriosa scena. Ao vivo clarão das
tochas, que substituíra a luz frouxa e volup-
tuosa de duas lampadas pendentes do tecto, al-
vejaram de subito as renques de resposteiros
brancos, onde sobre as armas de Portugal cam-
peavam os dragões verdes. Elrei parou olhando
successivamenie para um e para outro lado.
Guardava silencio, e entre o tropel que o se-
guia ouvia-se apenas o som monotonico das pas-
sadas.

Alle, que marchava adiante, tambem pará-
ra. Parecia mirar o que quer que era na ex-
tremidade menos allumiada do dormitorio. De-
pois, voltando a cabeça para D. João I, esten-
deu o braço, e apontou para uma das portas,
onde o reposteiro corrido de pouco ainda se
meneava.

«Alli? — perguntou elrei em meia voz.

Não teve tempo de ouvir a resposta do bu-
fão. A tela agitou-se violentamente, e detraz
della surdiu um homem, que se precipitava em

fuga desesperada. Era tarde! Rei, cortezãos, pagens, homens d'armas atulhavam a passagem, e ainda o sequito se estendia como extensa cauda pela escada espiral.

O vulto tentou retroceder. Um daquelles gritos que o mestre d'Aviz arrancava no revolver das batalhas, restrugindo pelo dormitório como um rugido de leão, fez recuar todos, ao mesmo tempo que, por assim nos exprimirmos, chumbava no pavimento os pés do fugitivo. Fazia horror, ver este. Com os vestidos em desalinho, os cabellos hirtos, as faces lividas, o olhar errante, os braços curvos e erguidos até a altura da fronte quasi enterrada entre os hombros, arfava-lhe violentamente o peito, ao passo que a voz lhe expirára nos labios.

A um tempo, elrei, os cavalleiros, os pagens reconheceram-no.

D. João I impallideceu como elle. N'um momento percebêra tudo. O vulto, que vira escoar-se através do atrio, veio-lhe á memoria como sinistro clarão. Uma das damas da rainha faltára ao sarau, e a sua camara era aquella d'onde esse homem saíra!...

«Oh, sois vós, dom camareiro! — disse o truão n'um tom singular, em que a ironia se misturava com o azedume. — O reposte de

sua mercê é lá em baixo. Ide; mas passae com tento... *Véde não me atropelleis!*»

E cozia-se com uma das paredes, arremedando a postura de Fernando Affonso.

O que havia d'odio nesta burla atroz, só plenamente o comprehendia um individuo dos que alli estavam. Era o abbade de Alcobaça, o qual, collocado atraz do grupo dos cortezãos, depois de dizer o que quer que foi ao ouvido do chanceller, punha os olhos no tecto, erguia as mãos, persignava-se, deixava pender resignadamente a cabeça, e suspirava possuido de entranhavel magua, murmurando:

«Desgraçado mancebo!»

A elrei sentiam-se-lhe ranger os dentes convulsamente, nos cantos da bôca alvejava-lhe a escuma, e nos olhos pequenos e vivos lampejavam-lhe aquellas chispas brilhantes, que, a dizer a verdade inteira, faziam estremecer o proprio João das Regras.

Pôde, emfim, falar. O metal da voz era ainda mais temeroso nelle que o transfigurado do gesto.

«Gil Eannes!»

O corregedor da côrte approximou-se. Chegára ao paço no momento em que o sequito atravessava o atrio. Tinha-se dirigido ao chanceller para saber o que elrei queria. O doutor

Johannes a Regulis encolheu os hombros, poz o dedo na bôca, e fez-lhe signal para que o seguisse.

«Mandae levar este homem aos sotãos da alcaçova. Depois, um poste sobre uma pilha de lenha no rocío de Valverde prompto ao romper d'alva. Perecerá pelo fogo o servo infame que affrontou seu senhor...»

Ao soarem estas horriveis palavras, um gemido de indizivel agonia rompeu da camara d'onde Fernando saíra. Depois sentiu-se como um corpo que batia no pavimento.

O moço escudeiro nem pestanejava. Era um cadaver hirto.

«Senhor, vêde o que ides fazer! — gritou o chancellor rompendo por entre os cortezãos.

«Ser uma vez rei em punhir, como o tenho sido mil em recompensar. As leis de meus avós são escriptas com sangue; as dos imperadores com fogo. Prefiro estas. Os paços de S. Martinho creio que não foram feitos para servir de bairro de mancebía.

«O vosso feito, rei de Portugal, será um daquelles a que os gregos em sua fala chamaram *tyrannis*. Fernando é de sangue de cavalleiros, e na vossa côrte ha juizes.»

Callae-vos, chancellor; que o primeiro delles está aqui! *É lei a vontade do principe.*»

Se não fosse a necessidade de levar ao fim o seu papel, o doutor de Pisa, n'um accesso de ternura, teria cahido aos pés do monarcha. Havia mais de uma vez desesperado da educação politica do mestre d'Aviz. Era injustiça.

Uma voz grossa soou então do outro lado:

«Em nome da religião de Jesu-Christo, que nos ensina o esquecimento e o perdão das injurias; em virtude do meu ministerio sagrado, protesto, senhor, contra um acto inaudito...»

Era o veneravel chefe dos monges brancos, que tambem atirava o seu facho ao incendio.

«Calluda, frade! — rugiu el-rei, cuja colera tocava as raias da demencia. Depois, apontando para Fernando Affonso:

«Tirae-m'ó de diante! Arrastae-o d'aqui! — prosequiu, batendo o pé como insensato.

A um aceno de Gil Eannes, dous homens d'armas ladearam o camareiro-menor, que não resistia, e nem sequer supplicava.

O espanto acabrunhára todos os espiritos. Era preciso que fosse bem robusto o animo desses dous homens, que, em tal conjunctura, não tinham hesitado em combater a violenta resolução do seu principe, em nome da equidade um, em nome da mansidão evangelica o outro.

O que é certo é que o mundo, mais tarde ou mais cedo, faz á virtude a devida justiça.

Ao menos assim se diz.

Seguido da sua aterrada comitiva, el-rei desceu ao atrio, d'onde despediu os bésteiros e homens d'armas que ahi collocára, e encaminhando-se ao longo da galeria, parou no limiar da porta da grande sala gothica, exclamando:

«Vasco da Silva!... Cavalleiro da ala dos namorados! Palavra de rei não torna atraz. Seja qual fôr a extensão do teu agravo, ámanhan confessarás que ainda alcança mais longe a minha justiça!»

Juncto, porém, da columna a que Vasco se encostára, não estava ninguem. O monge desaparecêra. D. João d'Ornellas olhou ao redor de si, e viu que o chocarreiro tambem se havia sumido. Então disse lá comsigo:

«Bom.»

Crer-se-hia que o olhar de D. João I, semelhante ao de serpente, tinha fascinado o moço escudeiro. Apenas o principe voltára costas, Fernando, como desperto de afflictivo pesadelo, dera um grito e quizera arrojarse após elle. Os homens d'armas tolheram-lhe porém os passos. O furor da desesperação e as supplicas e promessas foram igualmente inuteis. A ultima divindade que abandona o homem, a esperanza, lhe aconselhou, finalmente, a resignação. Dizia-lhe a consciencia que o seu proceder

traíçoeiro e ingrato era infame, immensa e justa a colera do monarcha. Mas tambem era impossivel que tão longa e indulgente amizade houvesse n'um momento expirado. E por outra parte abandona-lo-hia seu irmão? Abandona-lo-hiam os cavalleiros de Portugal? Estas cogitações, posto que vagas, tumultuosas, indistinctas, restituiram-lhe, senão a paz interior, ao menos bastante energia para reassumir tranquillidade apparente, seguindo em silencio, e sem renovar vans tentativas, os dous homens d'armas, que o conduziam.

Esquecêra-se de uma cousa; de que semeára odios na terra e de que o fructo ainda não o havia colhido.

O camareiro-menor e os seus guardadores tinham descido ao portal do paço. Estava tudo atulhado. Com admiravel rapidez se espalhára a noticia do que se passava. Movidos de barbara curiosidade, cavalleiros, escudeiros, pagens, ovençaes, sergentes haviam-se apinhado nas escadarias, no portico, e até na rua. Lamentavam-no uns: condemnavam-no outros. Falavam, disputavam, remoinhavam; ninguem se entendia naquelle immenso sussuro. Com difficuldade os dous homens d'armas abriam caminho por meio da turba.

Ao transpor o portal, onde o apertão era

maior, por entre as trevas que pousavam na estreita rua de S. Martinho, Fernando Affonso viu reluzir as béstas e as capellinas de um troço de bésteiros, e ouviu o anadel que pedia deixassem passar o preso. Ao mesmo tempo sentiu atraz de si uma voz apenas perceptivel, que lhe murmurava aos ouvidos:

« Lembrae-vos da prophecia de mestre Guedelha!... A porta da igreja de S. Paulo está aberta... A igreja é inviolavel asylo.»

Dando um estremeção, voltou involuntariamente a cabeça. Os dous homens d'armas, que por entre o borborinho tinham imaginado ouvir algumas palavras indistinctas proferidas demasiado perto, voltaram-se tambem. Á escassa luz, que dos lampadarios das escadas se estirava até o portal, o escudeiro ainda creu divisar uma especie de farricoco forcejando por sumir-se no meio da turba. Os homens d'armas, esses nada descobriram.

Ao recordarem-lhe a prophecia de mestre Guedelha, Fernando viu passar diante dos olhos uma fita de lume, os joelhos curvaram-se-lhe batendo um contra o outro, e da frente rompia-lhe em bagas o suor frio.

Uma hora depois, a vasta mole dos passos de S. Martinho poderia comparar-se a um cenotaphio desconforme rodeiado d'escuridão e si-

lencio. Apenas a debil claridade de alguma lampada, que esquecêra accessa, transudava pelos vidros córados do gabinete particular de sua real senhoria.

XXVIII

À BORDA DO SEPULCHRO.

Tal está morta a pallida donzella.

CAMÕES — *Lusiadas*.

EMQUANTO os extraordinarios successos referidos no capitulo antecedente occorriam nos paços de S. Martinho, na igreja de S. Paulo e Sancto Eloi, dependencia do collegio fundado pelo bispo Jardo, representava-se uma scena das mais triviaes no mundo, e todavia das mais tristes. No cruzeiro do acanhado templo via-se um caixão descoberto, ou esquife, assentado sobre alcatifa negra, em cujas orlas seis tochei-

ros, tres de cada lado, sustentavam outros tantos brandões accesos. Dentro do esquife jazia um vulto de mulher vestida de roupas brancas, e com as mãos unidas sobre o peito em acto de orar. Descançava-lhe a cabeça sobre uma almofada tão alva como as roupas, e uma grinalda de rosas murchas cingia-lhe os cabellos, que depois vinham, como dourada moldura, acompanhando o rosto e o collo, esparzir-se-lhe sobre os hombros e sobre o seio. A sua pallidez, e os olhos, que tinha cerrados, mal serviriam para indicar se naquelle semblante pou-sava o somno da vida ou o da morte. O logar, a hora, e os objectos e personagens circumstantes diziam, porém, que era o ultimo.

O cadaver de Beatriz ía descer á terra, terra que nunca humedeceria uma lagryma. As que Fr. Vasco lhe promettêra, havia-as a desesperação para sempre estancado.

Duas fileiras de monges bernardos ladeavam o féretro, psalmeando as preces e os canticos consagrados aos mortos. Para o fundo da igreja estava levantado um alçapão, deixando ver os primeiros degraus de uma escada de pedra. Esta escada ía dar ao carneiro ou crypta de S. Paulo. Revestido d'estola e pluvial pretos, Fr. Amaro, o enfermeiro-mór da estudaria, collocado aos pés da tumba com o rosto virado para ella

e as costas para o altar, parecia inquieto, fazendo signaes interrogativos a Fr. Julião, que, postado á cabeceira, servia de cruciferario. Fr. Julião tambem não estava tranquillo. Ora deitava de relance os olhos para a porta exterior apenas cerrada, ora para a da sacristia, enquanto o cantor-mór, Fr. Sueiro, entoava, e os córos garganteavam detidamente as antiphonas e psalmos proprios daquella solemnidade, ácerca da qual o reitor, para satisfazer ao imperativo petitorio de D. João d'Ornellas, recommendára com grandes encarecimentos a Fr. Abril se não faltasse ao minimo item do ritual cisterciense.

Mas havia outra recommendação directa do abbade, que era a que amofinava Fr. Amaro, e fazia torcer os olhos ao reverendo porteiro, ora para o portal, ora para a sacristia. O cadaver não devia ser conduzido á sepultura antes de Fr. Vasco descer á igreja. Desde esse momento seguir-se-hia em tudo o que elle ordenasse. Taes eram, pelo menos, os desejos de sua reverendissima.

O afflicto monge, porém, apenas acabára o refeitorio, fôra dispensado pelo reitor das ultteriores obrigações monasticas daquelle dia, e tendo-se recolhido á sua cella, ninguem mais o víra. Na verdade um leigo, que substituíra

Fr. Julião (atarefado nessa tarde com as exequias de Beatriz) no mister de porteiro, e que assentado n'um banco da portaria cabeceava padre-nossos, crêra enxergar um vulto que passava por elle, e que pelo traço informe se lhe figurou uma especie de farricoco ou de beguino. A ultima pessoa de quem o somnolento leigo se poderia nessa conjunctura lembrar, era o moço cisterciense. E todavia nós, que assistimos ás diversas scenas representadas pouco depois nos passos de S. Martinho, sabemos perfeitamente o que havemos de pensar ácerca do supposto olandilha ou beguino.

O que não tinha duvida era que o officio celebrado na igreja de S. Paulo se approximava do seu termo, e que o moço frade não apparecia.

D'aqui se originára a inquietação de suas reverencias. Fr. Amaro perguntava a si mesmo como saíria da difficuldade; como poderia chegar a tempo á segunda mesa do refeitório, d'onde a imagem da ceia vinha fazer-lhe negaças como saudade longinqua.

Das vagas e tristes cogitações em que se abysmára, o tirou, porém, o vozeirão retumbante de Fr. Sueiro, entoando a antiphona:

«*Ego sum resurrectio et vita.*»

Neste momento as portas da igreja meio

cerradas abriam-se de golpe, e um homem, em cujo semblante se pintava profundo terror, entrou precipitadamente. Fr. Sueiro parou, e no meio do silencio que se fez ouviu-se ainda um ruído indistincto de vozes e o tinir de ferros que se cruzavam. Após o que primeiro entrára, e que se dirigira ao altar-mór, viram-se apparecer um anadel e alguns bésteiros da guarda real.

Tudo isto fôra obra de um instante. Ao mesmo tempo da porta da sacristia saía um monge com passos serenos e solemnes. Fr. Sueiro, Fr. Amaro, frades do côro, Fr. Julião, todos, emfim, reconheceram immediatamente Fr. Vasco.

Com a mesma serenidade apparente, com o mesmo porte solemne o cisterciense encaminhou-se para o corpo da igreja, e dirigindo-se aos bésteiros apontou-lhes para o portal:

« Retirae-vos: — bradou com firmeza. — « Este logar é sancto; este logar é um asylo. Asylo para os vivos; repouso e paz para os mortos! »

O tom em que estas palavras foram dictas, o espectaculo da pompa funebre, aquella hora nocturna, em que o templo se havia revestido de todos os seus mysterios e terrores, a crypta aberta como as fauces de um abysmo, e sobre

tudo a doutrina geralmente recebida, de que ainda o maior criminoso era inviolavel se podia acolher-se á immuidade dos altares, fizeram recuar o anadel e os seus sequazes. Murmurando como o rafeiro constrangido a largar a presa, os rudes bésteiros titubearam, deram volta, e saíram. O cruzar de vozes e o tinir dos ferros já a este tempo havia acabado.

No adro, porém, e livre do religioso temor com que a sanctidade do lugar, os modos imperiosos do monge, e a vista de um cadaver o haviam subjugado, o anadel começou a protestar, entresachando as suas manifestações officiaes com um chuveiro de pragas e ameaças, que debalde tentariam fazer evadir o preso; que ao romper da manhan elrei sería informado do procedimento attentatorio que se acabava de ter para com um anadel de sua real senhoria no desempenho das suas funcções, e que finalmente os aforrados, que assim d'improviso haviam posto mãos violentas em homens da guarda real, teriam de arrepender-se da sua insolencia. De feito, logo que exhalou toda a bilis em inuteis imprecações, que de novo repercutiam dentro da igreja, ouviram-se-lhe as ordens que dava, a uns para se conservarem naquelle posto com as garruchas mettidas nas béstas, promptos a disparar contra quem quer

que tentasse d'alli saír, a outros para se dividirem em roldas e vigiarem o edificio, de modo que ninguem podesse escapar. Depois sentiram-se tinir algumas béstas assentando nas lageas do adro, ouviram-se passos lentos que se iam alongando para um e para outro lado, e pouco a pouco tudo recahiu no silencio e na immobibilidade.

Se este livro fosse uma dessas invenções destinadas unicamente para abbreviar o mais cruel martyrio do ocioso, a maldicção da sua existencia, pediria a arte que o deixassemos para fusar á solta ácerca do passageiro arruído que se travára no adro. Não o consente, porém, a ordem da narrativa que nos serve de texto. O auctor da encarquilhada e veneravel chronica monastica ou ignorava ou despresava as destrezas, que dão vida e relevo ás vans ficções de novelheiros, e que a verdade, por si mesma bella, rejeita com abominação. Contou as cousas como ellas foram, directamente, singelamente, sem reholhos, sem armadilhas. Seguindo-o passo a passo, a nossa narrativa é como a delle inartificiosa e simples.

Escusado seria dizer o nome do preso que os bésteiros reaes conduziam. O leitor já o adivinhou. Apenas Fernando fôra entregue aos guardas que deviam aferrolha-lo nos sotãos da

alcaçova, D. João d'Ornellas poz-se a observar os diversos grupos, que no atrio falavam sobre os extraordinarios acontecimentos daquella noite. Depois d'escutar, mirar e remirar por uma e outra parte, chegou-se a um desses grupos, introduzindo-se na conversação. Era o de alguns mancebos, que sabía serem consocios e affeioados do camareiro-menor. Começou por lisongea-los. Quanto a elle, os sentimentos de magua e despeito que não curavam de encobrir, eram indicio de animos generosos e leaes á amizade. Achava como elles absurdo o rigor d'el-rei, rigor que sería uma nodoa no seu glorioso nome, e que elle como bom vassallo não cessaria de deplorar. O illustre prelado estava, porém, profundamente convencido de que se o nobre escudeiro, com quem, apesar de antigos desgostos, vivamente sympathisava, pudesse escapar aos seus guardadores e acolher-se a qualquer templo (sobre cujas immunidades fez, neste ponto do discurso, uma larga dissertação canonica), daria tempo a seu irmão, pessoa que singularmente reverenciava, ao chanceller, e a elle proprio, indigno ministro do Deus das Misericordias, para amansarem a sanha do monarcha, salvando o pobre moço de uma pena atroz, desproporcionada ao delicto, e imposta no primeiro impeto de colera irreflexiva. Sentia, finalmen-

te, não ter podido preveni-lo de que a porta da igreja de S. Paulo e Santo Eloi, por juncto da qual tinha de ser levado no seu transitio para a alcaçova, estava casualmente aberta, e de que, ao perpassar, lhe sería talvez possível fugir, e acolher-se a sagrado. — « Dêem-me dous dias; dous dias só — concluia o veneravel chefe dos monges brancos, bailando-lhe as lagrymas nos olhos — e dar-vo-lo-hei salvo... Não ha uma desgraça como esta... não ha!... »

Depois, apenas viu principiar a romper a idéa do attentado que indirectamente aconselhava, foi-se retrahindo pouco a pouco, e desappareceu. A magnanimidade daquella nobre alma tinha enchido de assombro os que não ignoravam os motivos de odio que havia entre elle e esse homem, cujo destino lhe arrancava mal reprimido pranto.

Alguns minutos depois dez ou doze embuçados salteavam a escolta dos bésteiros no momento em que transpunham o adro da estudaria. No meio da revolta e tumulto de tão repentino ataque Fernando, para quem a recordação mysteriosa da prophécia de mestre Guedelha fôra um tremendo clarão, se precipitára na igreja, e os embuçados haviam desapparecido cada qual para seu lado.

O sobresalto produzira uma interrupção inevitável na solemnidade funebre. O desacôrdo pintado no gesto e meneios do fugitivo, a soldadesca irritada que o seguia, a linguagem de Fr. Vasco explicavam até certo ponto o successo. Não faltavam exemplos de criminosos virem buscar o asylo ecclesiástico. Era um caso desses. Mas porque chegára o cisterciense naquelle momento, e porque tanto ardor em salva-lo? Eis o que nem Fr. Amaro, nem Fr. Sueiro, nem o meditativo Fr. Julião comprehendiam.

O fugitivo passára como um relampago pela tumba, em que parecêra não reparar. O moço cisterciense, apenas víra saír os bésteiros, tinha-se dirigido para esse vulto que se abraçára com o altar.

Quando chegou ao pé d'elle, parou e poz-se a contempla-lo de braços cruzados, sorrindo de modo singular.

Esteve assim muito tempo. A um seu aceno os córos haviam renovado a funebre psalmodia, e o cantochão de Fr. Sueiro corria á desfilada. O refeitório era a barreira do estadio que o reverendo cantor-mór mentalmente enxergára no horisonte das antiphonas, kiries, orações, e psalmos.

Os olhos do escudeiro, onde se reflectia todo o horror da sua situação, cravaram-se insensi-

velmente nos de Fr. Vasco. Reconhecêra o frade idiota da tavolagem. Essa figura taciturna tinha o que quer que era ominoso para elle, e gerava na sua alma aterrada uma duplicação de terror. Avivava-lhe, não sabia como, a lembrança da prophesia de mestre Guedelha e os seus impios commentarios.

E apesar d'isso não podia affastar os olhos dos olhos do monge. Os raios visuaes dos dous mancebos tinham-se fundido um no outro. Sobre o cahos tremendo de sentimentos e idéas, que se revolviam no coração do asylado, pousava como espectro de pesadelo a imagem desse frade macilento com o seu olhar fito, com o seu amargo sorrir, semelhante á hera verde-negra que se estira por cima de tronco derribado e carcomido, ou ao crepe que no patibulo se lança sobre os restos do justicado.

Seria porque a aversão possui talvez magnetismo occulto tão irresistivel como o do amor? A alma de Fr. Vasco estreitava a de Fernando Affonso, que estonteada remoinhava n'um vortice de susto e de afflicção; estreitava-a com a ferocidade da hyena, balouçando-se voluptuosamente nos seus trances de agonia, refrigerando-se na sua amargura; cingia-a, palpava-a, sentia-a torcer-se, latejar, ennoyellar-se. Dizia-o aquelle riso, que lhe banhava as faces.

Quando se fartou desse prazer ineffavel, chegou-se ao mancebo, lançou-lhe a mão ao braço, fe-lo descer do suppedaneo do altar, e conduziu-o ao cruzeiro, onde se cantavam os ultimos kiries.

Fernando, subjugado por aquella especie de fascinação, seguia-o sem resistir. Tambem a opposição houvera sido inutil. A mão ardente do frade apertava-lhe o pulso como anel de ferro. A energia dos affectos que o senhoreavam dava-lhe forças sobrehumanas.

Fr. Vasco fez signal aos monges para que se arredassem. Eram mui positivas as recommendações de D. João d'Ornellas para não hesitarem em obedecer-lhe.

Então, chegando com o escudeiro ao pé da tumba, apontou-lhe para o cadaver. Um grito indizivel d'espanto e pavor partiu dos labios de Fernando Affonso. Naquelle rosto, retincto na pallidez da morte, reconhecêra Beatriz.

O mais efficaz, o mais eloquente missionario do arrependimento é o estado de cansaço moral, de desesperança, em que o espirito do perverso, ao bater para elle a hora da desdita, vér-ga desfallecido sob o peso do passado. O remorso espreita esse instante para se embeber no seio do máu, d'onde, nos dias de ventura, fôra duramente repellido, e a dôr que elle plan-

tou na terra, inclinando-se-lhe sobre o coração, ahí espargue as sementes da amargura, que, germinando rapidas, lh'o intumecem e dilaceram. A situação do camareiro-menor era justamente essa. A especie de torpor, em que a desordem dos affectos e idéas o havia lançado, desapparecêra á voz da consciencia, que lhe punha diante uma accusação terrivel.

«Morta! — murmurava elle, forcejando por soltar-se da mão do monge. — Oh Beatriz, Beatriz!»

«Morta, sim: — replicou o frade com accento soturno, mas tranquillo. — Era o que lhe restava depois de prostituida, depois de abandonada, depois de largos dias de solidão, face a face com o espectro da propria infamia, depois d'expiar na terra o erro de uma alma candida dilacerada nas garras do demonio da devassidão...»

Proferindo estas palavras o monge, que hia atraz dos seus tetricos pensamentos, affrouxára a contracção tenaz com que retinha o braço do escudeiro. Por um subito e ultimo esforço este pôde desembaraçar-se. Cahi então de joelhos encostado ao esquite, e exclamou unindo as mãos:

«Perdão! perdão, Beatriz!»

«Perdão?! — accudiu o monge, que tornára

a cruzar os braços como a principio. — Foi mais generosa! Exigiu de mim o juramento de tambem te perdoar... E eu dei-o; eu insensato!..»

«Mas quem sois vós? — bradou Fernando Affonso, pondo-se em pé e recuando ao ouvir a estranha linguagem do frade idiota da tavelagem, que assim falava de siso. — Quem sois vós, para haverdes de perdoar-me..?»

«Meu pae chamava-se Vasqueannes: minha irman chamava-se Beatriz.»

Cubriendo o rosto com as mãos tremulas, o camareiro-menor encostou-se a uma columna da nave, e com voz affogada murmurou:

«Seu irmão! seu irmão!.. Oh, que se o sois, estou perdido!»

«Perdido?! — redargiu o frade sem alterar a voz, ao passo que de novo se lhe espraiaava no gesto fugitivo sorriso. — Não é este logar um asylo inviolavel? Não dei eu um juramento? Não viste, até, como comecei a cumpri-lo? Onde estão os guardas que te perseguiam?»

«Oh, bem sei, Vasco! Tendes razão de verter sobre esta cabeça criminosa e condemnada o fel da ironia! Tendes razão de me odiar mortalmente. Ella podia perdoar-me; porém vós?.. É impossivell.»

«E todavia, por mais monstruoso que isso pareça, fi-lo. Com a mão sobre a cruz de Christo, juncto do leito de Beatriz expirante, protestei solemnemente esquecer a lenta agonia de um velho, a seducção de uma innocente, a ruina e a deshonra da minha familia. Tómo o céu por testemunha de que falo verdade! Foi um sacrificio immenso... Não creias, porém, que fosse gratuito. Resalvei uma dura condição. Se queres que lance um véu sobre o passado, é necessario que te submettas a ella.»

Exprimindo-se assim, Fr. Vasco assumira um ar de severa singeleza, que imprimia na sua linguagem o character da veracidade e da candura. Um raio d'esperança scintillou na alma do moço escudeiro. O frade leu-lh'o no semblante, e proseguiu:

«O lugar onde estamos é inviolavel: repito-o. Áquem daquelle portal não passa a justiça dos homens, porque esta é a morada do Deus das misericordias. As grandes coleras dos principes expiram tambem alli; porque debaixo destas abobadas reina a paz do Senhor. Que pódes, pois, temer, de mim, ou de outrem? Se quizesse hoje vingar-me, a minha voz não teria feito recuar os que te guardavam, ou este braço, que te arrastou até aqui, ter-te-hia arrojado, como os publicanos do evangelho, do

recincto do templo. Não! Á sombra do santuario podes conjurar a tempestade que ameaçou submergir-te. Alguns dias que passem, e o furor d'elrei cederá ás supplicas dos teus poderosos protectores e ás recordações de uma affeição antiga. Teu irmão e o primaz das Hespanhas não te deixarão perecer de morte affrontosa e cruel. Depois a minha voz não surgirá do silencio do claustro para te accusar, se a condição que te imponho fôr acceita e cumprida...»

«A mais aspera que imaginasseis:—interrompeu vivamente Fernando, cujo coração começava a dilatar-se reanimado pelo halito da esperança.—Tudo, tudo, homem generoso, que me obrigas a crer, emfim, na virtude humana; que me fazes experimentar quanto o remorso tem de pungente e acerbo, mas tambem quanto o arrependimento tem de consolações; que rasgas o véu medonho do meu futuro, e me ensinas a descobrir em nebuloso horisonte a luz da salvação. Que devo eu fazer para te contentar, para remir o meu crime..?»

«Confessa-lo: confessar as negras insidias com que precipitaste aquelle anjo, que alli dorme o longo somno da morte, no teu charco de luxuria; a ingratitude covarde, com que pagaste a hospitalidade de um ancião venerando e o

puro amor de uma virgem; a villania, com que ennodeaste o nome de um soldado como tu, de um soldado de D. João I, de um soldado desta terra, que a ambos nos víra nascer, e que, hoje ou ámanhan, n'um ou n'outro recontro, podia unir-nos indissolúvelmente na mesma valla, sob a mesma cruz dos mortos; de um soldado que a vergonha e a desesperação sepultou na clausura! A deshonra não pertence áquelle cadaver, nem ao tumulo de meu pae, nem a esta estaménha! Pertence-te a ti... Ahi a tens: aceita-a; e que esses monges, que esperam o momento em que eu lhes diga — escondei este cadaver na terra,» — possam testificar que não abençoaram os restos de vil prostituta, e que o habito de S. Bernardo, lançado sobre estes hombros, serviu para velar aos olhos do mundo, não um ferrete d'infamia, mas sómente honesto rubor.»

«Monges de Cistér! — bradou o escudeiro com uma especie de exaltação produzida pelas palavras de Fr. Vasco. — Ignoro o destino que Deus e os homens me reservam; mas seja qual fôr, cumpre que, perante vós, faça uma grande reparação. Devo-a a esse cadaver que ides sepultar, e a este vosso irmão. Escutae-me, e tremei! Vêde em mim um monstro de perversidade.»

Os frades que, havendo-se arredado bastante, apenas tinham percebido algumas phrases soltas do vivo dialogo que passava entre os dous, aproximaram-se do féretro, não ao chamamento de Fernando, mas a um novo aceno de Fr. Vasco.

Cercado de todas aquellas graves figuras monasticas, o camareiro-menor referiu a historia dos seus amores com Beatriz, o rapto e abandono da desgraçada. Inspirava-o o ardor febril que nelle excitára a fascinação diabolica do frade. Foi verdadeiro, e por isso pintoresco e terrivel. Pelas faces abeatadas e estupidas da fradaria mais de uma lagryma deslisou não-sentida. Apenas concluiu, o escudeiro arrojou-se aos pés de Fr. Vasco immovel, impassivel, silencioso, abraçando-o pelos joelhos, e murmurando:

«Perdão, perdão!»

O monge, forcejando por ergue-lo, lançou-lhe um olhar obliquo, ao passo que pelo rosto lhe serpeava ainda outra vez indefinido sorriso. Depois perguntou-lhe com brandura:

«Acabaste?»

Era uma pergunta bem simples, e todavia fez estremecer aquelle a quem se dirigia.

Referindo de que modo havia abandonado Beatriz, Fernando não tivera animo para confessar, que a paixão por Leonor acabára o que

a saciedade tinha começado. Sobre esta, sobre a propria indole lançára todo o odioso do seu proceder. Esse amor fatal que o perdêra estava no auge do ardor, e Fernando tremia de se ver constringido a mistura-lo com as negruras de uma historia infame. E, comtudo, no terrivel successo, que o conduzira aquella singular situação, o escandalo fôra publico. Mais evidente que a de Beatriz, a fraqueza de Leonor não podia ser já um segredo confiado ao silencio da sepultura. Elrei talvez se apiedasse delle: seu irmão, seus amigos, o proprio arcebispo D. Lourenço logo que soubessem da sorte que o ameaçava, buscariam mitigar a furiosa indignação do monarcha, emquanto elle se conservasse asylado á sombra protectora do altar. Fr. Vasco tinha razão. Mas apagar a ignominia da frente de Leonor era o que se tornára impossivel.

E apesar d'isso, se a sua salvação dependesse de fazer soar o nome da viuva de Lopo Mendes perante aquella turba, que ouvira a vergonhosa narrativa da seducção de Beatriz, elle teria preferido o caminhar para o cadafalso a essa especie de profanação do amor.

É assim feito o coração humano. Nós é que nem sempre sabemos explica-lo.

Vendo que não respondia, o cisterciense perguntou outra vez:

«Acabaste?»

Havia na sua voz um tremor quasi imperceptivel. Que pretendia ouvir ainda? Acaso os seus pensamentos sinistros precisavam de alimentar-se de mais fel?

O escudeiro abaixou os olhos, e fez um leve movimento affirmativo.

Os circumstantes contemplavam commovidos aquella scena. O proprio Fr. Sueiro tinha esquecido as sanctas reminiscencias do refeitorio.

O monge, cubrindo a frente com uma das mãos, chegou-se ao feretro, e disse para o cadaver, como se este podesse ouvi-lo:

«Não viveste assás para te ser restituída a honra. Depois de morta, eu só te podia reivindicar a innocencia... Anjo, que alimentavas o meu ultimo affecto, adeus!.. É um adeus bem longo... longo como a eternidade; porque entre o céu e o inferno está a immensidade... e tu subiste ao céu...»

Estas palavras, lentas e submissas, ainda se perceberam. Depois ouviram-se-lhe uns sons gutturaes: depois viu-se-lhe apenas o remechar dos beiços. Os dedos encurvavam-se-lhe á raiz do cabello, como se fizesse violento esforço para esconder a testa. Dir-se-hia receiar que os restos inanimados de sua irman podessem ver alguma cousa, que ahi estava ou gravada ou escripta.

Era que desde o momento em que arrojára de si com mão sacrilega o crucifixo de Fr. Lourenço, e despedaçára, impiamente desesperado, a estatua da Virgem, Vasco tivera mais de um accesso de delirio, durante o qual lhe parecia sentir mão invisivel escrevendo-lhe na fronte, com letras de fogo, a palavra — **PRECÍTO**.

Curvado naquella Gethsemani d'agonia, o frade conservou-se assim alguns instantes, instantes para os outros, annos para elle.

O novo Saul saíu, emfim, do seu paroxismo. A energia de vontade robusta não lhe bastára para subjugar o impeto da dôr naquelle trance da ultima despedida.

Lançando ainda uma vez longo e tristissimo olhar para a tumba, e fazendo um signal imperioso ao escudeiro para que saísse d'alli, murmurou ao passar por entre Fr. Amaro e o cantor-mór:

«Que a paz de Deus desça sobre o cadaver de minha irman! Levae-o á eterna jazida...»

Depois foi encostar-se a uma columna cobrindo a cabeça com o escapulario. Parado ao pé d'elle, Fernando olhava como absorto para esse vulto, que parecia representar alli a imagem da amargura.

O officio fôra interrompido no momento em que ia a findar. Em virtude dos preceitos de

D. João d'Ornellas, Fr. Amaro, apenas ouviu as derradeiras palavras do cisterciense, tomou o hyssope das mãos do acolytho, rodeou o fereiro, aspergiu-o, pegou depois no thuribulo, incensou o cadaver, e disse:

«*Et ne nos inducas in tentationem.*»

Sobrelevando ao acompanhamento do coro, o vozeirão de Fr. Sueiro redarguiu apressado e retumbante:

«*Sed libera nos a malo.*»

Cruzaram-se mais algumas phrases biblicas, e Fr. Amaro alevantou o ultimo *oremus*. Concluido este, o cruciferario Fr. Julião alçou a cruz e os ceroferarios os cereaes. Quatro sergentes haviam pegado no esquite, e a communitade encaminhou-se em duas alas para os degraus do carneiro, fechando o prestito Fr. Amaro. Cantavam, em coros alternos, a antiphona:

«*In paradisum deducant te angeli.*»

O monge soluçava. Os seis brandões do cruzeiro reflectiam a sua luz sanguinea nas lageas do pavimento, listrado pelas sombras que os pilares das naves estiravam por cima delle. O cantar do coro ía-se alongando, e sussurrava na crypta como os sons sentidos de harpa eolia, ou antes como o carpir de gnomos aferrolhados debaixo da terra.

Dentro de poucos minutos a communitade

surgiu do carneiro, e atravessou a igreja psalmeando até desaparecer na sacristia. A grande pedra, que fechava o adito do subterraneo, cahiu no seu leito, os tocheiros apagaram-se, e os sergentes desapareceram após o sacristão-mór Fr. Abril. O recinto do templo ficou apenas allumiado pelas lampadas que ardiam ante os altares, e submergido na solidão. Dir-se-hia que essas paredes e abobadas, por onde pareciam mover-se de vez em quando figuras phantasticas, suavam terror por todos os poros.

Quando o ruído indistincto das passadas, que se alongavam pelo claustro, cessou, Fr. Vasco pareceu sair daquelle torpor em que ficára embrenhado. Deixando descahir o escapulario, pôz-se á escuta, como receioso de que algum murmurio exterior interrompesse a quietação do recinto do templo. O silencio, porém, era absoluto, mortal. Então deu dous passos, e do mesmo modo que fizera juncto do altar, cruzou os braços e ficou erecto e immovel contemplando o escudeiro. Á claridade duvidosa da igreja, os olhos fulgiam-lhe debaixo das cavas sobrançellas com estranho brilho. Nas faces macilentas, que a frouxa luz das lampadas ainda lhe tornava mais pallidas, esparzia-se-lhe de novo triste sorrir. Era, porém, o mais singular, que naquelle ambiente humido e frio, lhe rebenta-

vã da frente de quando em quando grossas bagas de suor. Levando rapidamente á testa a mão ardente, enchugava-as com ella, e voltava logo á anterior postura contemplativa e extatica.

A concepção humana recuaria aterrada se pudesse observar nesse momento a alma tenebrosa do monge, revendo-se com acre e phrenetico deleite nas sensações de um odio encanecido, emfim satisfeito, satisfeito além de tudo o que esperava. As imagens de seu velho pae chamando por elle como louco—de sua irman envilecida, erradia sob as azas de tempestade nocturna, involta em farrapos sobre a enxerga do truão, e debatendo-se nas vascas da morte—de Leonor enleuada nos braços desse homem, pagando com ardor os seus beijos voluptuosos; tudo isso, confundido inextricavelmente, cahos horrendo de angustia que nenhuma lingua poderia exprimir, era um chão negro, semelhante á profundeza insondavel de céu estrellado, onde a vingança se lhe desenhava mais radiosa, mais bella, mais arrobada de infernal prazer. Por isso nas faces, no sorrir, no olhar, nos meneios de Fr. Vasco havia o que quer que fosse incomprehensivel, sobrehumano; alguma cousa que faria lembrar um desses archanjos maldictos, expulsos do céu quando ainda não existiam nem o espaço nem o tempo.

Fernando não o adivinhava. O curso das idéas do mancebo tinha-se dirigido por bem diverso rumo. Vivamente commovido pelos successos dos paços de S. Martinho e talvez ainda mais pela recordação inesperada da prophécia do astrologo judeu, que tão bem quadrava á sua situação, vacillára por mais de uma hora, como alheio a si mesmo, entre os terrores da morte, e os instinctos da salvação. No meio de um grande perigo, á vista do cadaver da sua victima, diante de uma dôr tão profunda e legitima qual a do monge, Fernando esquecêra a altiveza e o esforço brutal, de que mais de uma vez déra não equivocas provas. Semelhante ao lobo colhido no fojo, que parece despojado da ferocidade nativa, havia tremido, havia-se humilhado. Animando-o com esperanças lisongei-ras, para depois lhe tornar mais amargo o desengano, o cisterciense contribuía, todavia, para lhe asserenar até certo ponto o espirito. Sem se illudir sobre o risco da sua situação; sem poder subjugar de todo o pavor supersticioso que lhe infundia o logar onde se asylára, Fernando entrára em si, e a propria confissão feita junto ao cadaver de Beatriz, a que o terrível frade o constrangêra, lhe adoçára o fel do remorso. Mais tranquillo, avaliava melhor a possibilidade de evitar a sorte que o ameaçava, e

gradualmente ia recobrando a habitual audacia, que só naquella tremenda noite não fôra igual ao perigo.

Tal era a situação íntima de cada um dos dous mancebos, que, sósinhos e calados, olhavam um para o outro.

O monge foi o primeiro que quebrou o silencio. Com serenidade, com o singular sorriso que se lhe espalhára no gesto, estranho contraste do brilho que despediam as suas cavas pupillas, disse:

«Fernando Affonso, ouve-me! Esqueceste uma circumstancia importante nessa narrativa que fizeste. Não foi só a tua indole mudavel e a corrupção da tua alma, que te levaram a uma grande infamia. Houve tambem outra causa; causa mais poderosa que todas, e que está revelada neste papel escripto por ti.»

E tirando do seio a derradeira carta do mancebo para Beatriz, estendeu-a aberta para elle, e proseguiu:

«É o teu ultimo adeus á mulher que tanto te amára, e sobre cujo cadaver pousou ha pouco a pedra da sepultura. Como se chama ess'outra a quem sacrificaste minha irman?»

«Monge, monge! — exclamou, ao reconhecer a carta, o escudeiro balbuciante. — Que importa..?»

«Importa, que tambem eu tenho revelações que te fazer, e o nome dessa mulher, suspeito que não é inteiramente alheio aos successos que vaes ouvir. Como se chama ella?»

Fernando poz os olhos no chão, e ficou silencioso.

«Não te lembra!? — continuou em tom pausado o cisterciense, cada vez mais risonho. — Não admira. Passam por nós momentos de idiotismo, em que a nossa alma parece dormir. Ha pouco mais de um mez que eu padecia d'isso. Via como se não visse; ouvia como se não ouvisse... Absolutamente idiota! Era então o companheiro do abbade de Alcobça, que gostava do frade desmemoriado e nescio. Não achas que era uma predilecção exquisita?!»

E desatou a rir.

O moço escudeiro recuou. Fr. Vasco proseguiu:

«Fui nescio; fui idiota... Já o não sou. Agora lembra-me tudo... tudo... o passado como se fosse presente!... Lembra-me, até, esse nome que tu n'uma hora esqueceste... o nome daquella, cujo amor acaba de te despeñar do valimento de um rei na beira do patibulo...»

Ao rir descomposto succedêra no aspecto do

monge sombria gravidade. Como tentando embargar-lhe o discurso, o escudeiro estendia para elle as mãos, exclamando:

« Callae-vos! Callae-vos! »

« Vê se podes impôr silencio aos que foram testemunhas da injuria que fizeste ao teu rei e da deshonra dessa mulher; não a mim, que preciso, que hei-de repetir-te o seu nome para entenderes a historia com que devo entreter-te estas lentas horas da noite... »

« Oh, não profaneis a desventura! Que mal vos fez ella?... »

« Ella, quem? — redarguiu o fero cisterciense, encandeando-se-lhe cada vez mais os olhos. — A bella filha de Mem Viegas? A bella viuva de Lopo Mendes? A bella dama de D. Philippa? A tua Leonor?! Nenhum! Oh, nenhum!... »

A voz do frade tremia, mas era sonora como o zoar do sino depois de cada badalada em dobrar por morto.

Depois tornou ao seu rir d'insensato.

« Monge: — replicou o mancebo, a quem o despeito começava a agitar o animo. — Devia-vos uma reparação. Dei-a, completa, sem reserva, sem hypocrisia. Humilhei-me ante vós: curvei-me arrependido aos pés de um cadaver. Deus sabe se fui sincero. Não posso fazer mais:

véda-o a sepultura. A morte de Beatriz libertou-me de uma divida, que eu pagaria sem hesitar se ella existisse. Agora não vos pence penetrar no íntimo dos meus affectos.»

Ao ouvir estas palavras, Fr. Vasco dir-se-hia que tentava reter o coração apertando anciosamente o peito com uma das mãos, enquanto estendia a outra para o adito do carneiro sem proferir palavra.

«Bem sei; bem sei que esse coração verte sangue! — proseguiu o camareiro, como respondendo á muda linguagem daquelle gesto. Mas se entre o criminoso e o crime se interpoz o perdão, porque ser implacavel contra *ella*, que ignorava o meu erro; contra *ella* innocente?»

«Perdão!? Innocencia?! — rugiu o cisterciense, dando emfim largas ao turbilhão de odio fundo, que por tanto tempo de si proprio tirára forças para se reprimir. — Quem ousa falar aqui de innocencia? Quem ousa falar de perdão? Perdoar-te eu, malvado!? Porque? Porque dei um juramento? Que importa isso? Quantos tens tu dado e trahido? Foste uma vez enganado, embaidor professo! Quiz que a ti proprio te condemnasses diante de testemunhas irrecusaveis. Immolei a besta-féra á sombra ensanguentada da sua victima: nada mais...

*

Ah, não sabías que eu, maldicto de Deus, que eu, condemnado, vivia só para te deshonrar, para te perder, para na tua ultima agonia me interpôr entre ti e a contrição, e para te enviar ao inferno como precursor do frade desesperado e sacrilego?! Não sabías, não... Ah, ah!... É que apesar da minha memoria tenaz, tinha-me esquecido dizer-t'ó! És ridiculo, muito ridiculo! Nessa alma calejada, nessa consciencia, dormente como charco de aguas corruptas, ha ainda uma cousa pura: é a credulidade infantil. Oh, deixa-me fartar de rir!»

E ria, ria, convulsamente. Essa hilaridade diabolica cessou, porém, de repente. O cisterciense correu a mão pela testa, como affastando os cabellos, e proseguiu:

«Olha bem para mim; para esta fronte. Não vês nada nella? O dedo do Senhor escreveu aqui uma palavra fatal... Sinto-a queimar-me. É de fogo; deve brilhar. Soletra-a, e dize-me depois se o *precito* póde ter commiserção de quem o despenhou no abysmo? Foste o meu destino mau; foste maldicção perpetua enredada na teia da minha vida. Preciso de te derribar, de esmagar-te, para ao menos ter uma hora de paz antes de topar com o sepulchro... E pensavas que eu pretendia salvar-te?! Oh como és insensato!»

«Se quereis que vos entenda, — interrompeu Fernando Affonso, vacillante entre o horror e a colera: — deixae esses mysterios; essas ameaças... Em que mais vos fiz eu mal, ou que tem com isso uma desgraçada mulher?»

«É o que eu te ía explicar: — redarguiu Fr. Vasco. — A mulher que tu amas, amei-a eu primeiro; amei-a como perdido. Trahiu-me por cubiça; trahiu-me por vaidade. Vinguei-me: oh, vinguei-me bem! Mas a sua imagem estava demasiado funda nesta alma: não podia apagar-se tão facilmente. Pedi a Deus que m'a desvanecesse della; macerei o corpo, embrutecei o espirito: tudo debalde! Continuei a ama-la amaldicçoando-a, amaldicçoando a propria fraqueza. Tenho ainda ciume, ciume de ti, destruidor da minha ventura domestica, eu, um frade! É monstruoso; é absurdo. Não é assim? Podia encubrir-t'o. Sobejava-me, sem isso, com que justificar o meu odio. Não quero; não vale a pena de ser, como tu, hypocrita. Detesto-te pelas tuas infamias: parece-me que ainda mais pelo teu amor. Não o sei ao certo... Mas deixa-me continuar a divertir-te com a minha historia... Vendida a Lopo Mendes ao menos era uma união, embora sacrilega, contrahida perante o altar. Acaso por tal motivo ainda depois se me affigurava pura, innocente, sancta,

como quando de sob as palpebras virginaes deixava cahir sobre mim olhar inenarravel; como quando, vendo-a passar ao pôr do sol na orla da devesa, que rodeiava os paços de Mem Viagas, ou á noite encostada no balcão a contemplar a lua reflectida no lago, me vinham á mente suspeitas de que ella fosse um anjo transviado do céu, e ajoelhando sem ser visto atraz da balsa fechada ou da arvore corpulenta, a adorava de longe em delicioso extasi. Lopo Mendes era um demonio que polluia o meu anjo: devia expulsa-lo da terra. Expulsei-o... Foste seu amigo, e ainda hoje ignoravas, como todos, o mysterio que encubria a ultima pagina da sua vida. Agora não te parece claro?»

Fez uma breve pausa. O escudeiro, attonito e horrorisado, nem pestanejava. Fr. Vasco proseguiu com feroz ironia:

« Dizem que aos que vão morrer illumina de subito comprehensão sobre humana... Se assim é, has-de comprehender o que te digo!... Depois curtí remorsos. Mas ao menos sabia que o viuvo leito de Leonor, como o do anjo de outr'ora, era solitario. Consolava-me com esse engano... Sim, engano; porque era illusão e mentira!... Virgem, havia quebrado sua fé, mercadejando com a formosura: domna, prostituia-se a ti, a outros, eu sei lá a quantos?!...

Prostituia-se como as concubinas de Babylonia ao primeiro que passava...»

Aqui, um grito que partira dos labios de Fernando o interrompeu. A injuria pungente vibrada contra Leonor varrêra n'um momento da memoria do mancebo todas as difficuldades da sua situação. Aquelle ciume odiento encanecido nas trevas, que se lhe punha diante, nú, ironico, inexoravel, accendia nelle outro não menos impetuoso. Ferida n'um sentimento vivo e profundo — o amor —, a sua alma erguia-se irritada pelos impulsos da indignação, e accitava o combate.

«Mentes, frade! — bradou o escudeiro. E balbuciava como buscando affronta mais brutal com que trocasse golpe por golpe. — Mentes!... Alguem se entregou sem pejo ao que passava; mas não foi Leonor!... Uma concubina tive eu já; mas era de raça tão vil, que os lupanares exigiram de mim a herança que lhes pertencia. Larguei-lh'a. Que te parece? Fiz mal?»

Era impio este coar do insulto através do sudario que envolvia um cadaver. Os dentes de Fr. Vasco bateram uns nos outros, como se frio intenso o houvesse traspasado. Por outra parte, quem naquelle momento observasse Fernando Affonso distinguiria facilmente, apesar da frou-

xa luz que mal allumiava a igreja, o tremor que lhe agitava os membros e a extrema palidez que lhe tingia o gesto transtornado. Immoveis, mediram-se com a vista por largo espaço. Seria impossivel dizer quanto rancor havia n'esse olhar. Depois, inflexiveis como duas estatuas arrastadas sobre os seus pedestaes, approximaram-se levando machinalmente a mão á cincta. Estavam desarmados. Ao som de rugido unisono, que repercutiu pelas naves, atiraram-se aos braços um do outro. Por alguns minutos não se ouviu mais nada senão o seu respirar afadigado, e de quando em quando um pé que escorregava nas lageas do pavimento. Naquelle logar, áquella hora, sobre as cinzas tranquillias dos mortos, era repugnante e sacrilega essa luta de selvagens. Um baque sooturno soou finalmente. Fernando cahira. Opprimia-lhe o peito um joelho do monge, cujas mãos encurvadas e hirtas lhe cingiam a garganta como arço de ferro. Os olhos do vencido saíndo-lhe das orbitas, injectavam-se de sangue, e o sangue começava tambem a tingir os frocos d'escuma que lhe bofavam nos cantos da bôca semi-aberta. Dir-se-hia o tigre estendido sob as garras do leão após combate desesperado.

Como a lava golfando da cratera fervente,

phrases abruptas e vertiginosas romperam então do seio de Fr. Vasco. Parecia ter esquecido de repente o desgraçado objecto do seu odio quasi infinito, e dirigir-se a alguém que elle só via. Era uma larva, filha da sua imaginação enferma? Era uma realidade? Fosse o que fosse, o cisterciense murmurava:

«A que vens aqui?... Os remorsos? E que importam os remorsos?... Matei-te: é verdade! Matei-te como um cão, sem sacramentos, sem um instante para implorares a misericordia de Deus... E que tem isso?... Porque a devoravas com beijos? Porque a apertavas entre os braços?... Vae-te! Vae-te! Se essa foi a tua sorte, qual será a delle quando eu poder vingar-me?»

«A mesma, assassino!... A mesma, infame frade!...»

Estas vozes roucas, proferidas a custo por Fernando Affonso, despertaram o monge daquella especie de pesadelo. Com a volubidade d'idéas de um louco, replicou afrouxando gradualmente as mãos em volta do pescoço do escudeiro:

«A mesma?!... Que sabor tinha isso? Matar-te? Afogar-te, assim singelamente? Não!... Hei-de lançar-te deste asylo como uma cousa torpe e immunda. Hei-de entregar-te aos que

te espreitam, semelhantes aos monteiros que aguardam o javali na clareira das brenhas. Hei-de acompanhar-te ao cadafalso, offerecendo-te em voz alta as consolações da religião, e insultando-te em voz baixa. Com a mordaca na bôca, amarrado ao postê, quando o fogo se te enredar nas roupas, quando as carnes se te despegarem dos ossos, e os ossos te estalarem como um toro incendiado, ouvir-me-has amaldiçoar-te... Moribundo, desesperado, ao estorceres-te na derradeira agonia, soltando a suprema blasphemia, ajudar-te-hei com as minhas a dar a alma aos demonios. Não te parece isto mais grandioso do que o assassinio de Lopo Mendes? Não sou mais liberal contigo?»

Queria rir ainda uma vez, e apenas soltou um gemido semelhante a pio melancolico de noitibó. Fernando queria tambem, porventura, vibrar-lhe alguma injuria nova; mas só pôde arrancar do peito sons inarticulados. A igreja dançava-lhe em roda como uma cousa estonteada: o silencio zumbia-lhe nos ouvidos como enxame que volteia inquieto ao redor do cortiço. Por fim perdeu os sentidos.

O frade largou-o então, ergueu-se e poz-lhe o pé sobre a fronte. Depois recuou um pouco, e cuspiu-lhe nas faces.

O miseravel escudeiro não dava tino de nada.

Fr. Vasco poz-se a passeiar. Parava de quando em quando, ora a escutar os passos lentos da sentinella, que guardava a porta da igreja, ora a mirar o céu pelos esguios frestões, através dos quaes apenas coava indeciso o raio tenue de alguma estrella, perdido na escuridão do espaço.

Que esperava o cisterciense? Esperava pelo dia, pelo sol, gloriosa imagem de Deus que nos ensinou o perdão, para arrastar o asylado até o portico do templo, e entrega-lo aos bésteiros da guarda.

Com o chanceller, a quem pertencia ordenar tudo o que tocava ao triste espectaculo dos supplicios, tinha ajustado D. João d'Ornellas fazerem com que um monge de S. Paulo acompanhasse Fernando Affonso a Valverde, no caso de sua senhoria não revogar a sentença que fulminára. Por mil razões theologicas o bom do abade lhe demonstrára que não haveria quebra do *sigillum confessionis*, se por tal meio se podessem obter do criminoso alguns esclarecimentos, uteis á paz e socego da republica, sobre as machinações politicas dos fidalgos.

Era uma consideração a que não havia resistir. Nas revelações do condemnado podia apparecer alguma circumstancia que, até, compromettesse Nun'alvares. O ministro de D. João I

folgava todas as vezes, que, sem quebra da sua melindrosa consciencia, se lhe offerecia ensejo de concordar com um íntimo amigo, servindo ao mesmo tempo a patria.

O digno prelado tambem expozera ao doutor de Pisa a sua idéa de proporcionar ao escudeiro os meios de fuga, para assim acirrar a sanha real, e a todas as objecções de João das Regras respondêra com uma unica phrase. Compromettia-se a fazer, sem bulha, sem escandalo, que a immundade da igreja de nada aproveitasse ao asylado.

Contava com o cisterciense. Por isso este esperava o dia com feroz tranquillidade.

Quando o escudeiro, exaustado da lucta, recobrou os sentidos, a energia moral, que o amor e o ciume lhe emprestaram, tinha-se desvanecido. Fôra a derradeira mordedura do reptil que se esmaga. Dominavam-no de novo o terror e a angustia. Instinctivamente, porque a faculdade de reflectir estava nelle paralyzada, foi-se arredando pouco e pouco, até que se assentou desfallecido no suppedaneo do altarmór. Como se não o visse nem sentisse, o monge continuava a passeiar.

XXIX

CONCLUSÃO.

E levaromno até o rocio, hu estava hum esteyo posto, e muita lenha pera o queimar... e deromlhe o fogo: e assi morreo.

FERN. LOPES — *Chron. de D. João I.*

O chanceller de Portugal e o abbade de Alcobaça eram, cada qual por seu feitio, dous homens d'estado, dous homens admiraveis.

Na serie dos complicados successos que deram assumpto á presente narrativa, no meio de tantas paixões más agitadas, de tanto minar subterraneo, o chefe dos monges brancos mostrára não sómente mais energia e actividade,

mas tambem mais invenção e esperteza. Todavia, bem como de dous lenhadores igualmente robustos e déstros, muitas vezes o golpe vibrado pelo mais remisso é o que faz tombar a arvore já vacillante, do mesmo modo ao bonacheirão do doutor de Pisa foi que coube a honra de fazer escorregar o commum inimigo da aresta do abysmo onde se balouçava.

Sem ser arrastado por um rancor tão profundo como o do veneravel prelado, o discipulo de Bartholo não podia relevar a Fernando Afonso o haver-se lançado como um tropeço nos seus caminhos, ligando-se tão estreitamente com a parcialidade da fidalguia, alcateia de brutos ignorantes (*quasi asini illiterati* era a expressão do erudito ministro quando alludia aos seus adversarios), só comparavel a furacão, que de contínuo açoutasse a arvore mimosa do absolutismo, educada por elle com paternal carinho. Depois parecia-lhe cousa intoleravel, que uma creança, um nonada politico tivesse a petulancia infantil de quinhoar a privança do principe, privança de que Nun'alvares lhe usurpava já tão avultada parcella. Entendia que toda e qualquer ascendencia no espirito de D. João I, que não fosse subordinada á sua, era uma cousa absurda, e além de absurda altamente damnosa ao bem commum, unico alvo

das fadigas e cuidados do velho ministro; porque, bem como todos os ministros velhos e novos (sabemo-lo por experiencia quotidiana), o doutor João das Regras ardia em sancto amor da patria.

À vista de tão macissos fundamentos ainda a mais candida alma poderá ajuizar quão boa vontade o austero jurisconsulto teria ao camareiro-menor. Fernando estava, porém, ligado por laços de sangue com um homem resolutu fautor do mesma *schema* social que elle se propuzera, e cujas opiniões eram profundamente acatadas no conclave dos barbas-grisallhas. Escudava-o, além d'isso, a benevolencia do primeiro prelado de Portugal, o arcebispo D. Lourenço, cujo baculo mais de uma vez se transformára em hastea de lança, e o pluvial em couraça; personagem querido igualmente do rei e do povo, e com quem sería imprudente combater face a face. Como anteriormente vimos, essas considerações tinham-no feito acceder aos designios de D. João d'Ornellas com mais circumspecção do que o digno prelado desejára. Quando, porém, este, seguro de que não vibraria em vão o golpe, lhe revelou por quão escorregadia ladeira o proprio Fernando Affonso se precipitára, João das Regras associou-se á execução dos planos do monge com toda a leal-

dade que a indole lhe consentia, predispondo, todavia, as cousas de modo que nem João Afonso, nem o o arcebispo viessem nunca a suspeitar que elle e o illustre chefe dos monges brancos tinham estado agachados no fundo do precipicio, e collocado ahi a pedra em que o mancebo devia esmagar a fronte quando se despenhasse.

Assim de commum accôrdo se ordenára entre os dous o drama, que viera enxerir-se no saráu dos paços de S. Martinho, e cujo ultimo acto tinha de representar-se nas taboas do cadafalso. O leitor assistiu á maior parte das scenas da terrivel farça. Das restantes apenas podemos dar-lhe a rapida, e talvez incompleta, descripção que nos ministra o nosso manuscrito, resumido mais do justo n'esta parte. Convenientemente vestidas, as fugitivas memorias do antigo chronista encheriam muitas paginas; mas, demasiado meticulosos e proluxos em não perder a reputação de veracidade, seria para nós impossivel o não conservar puro e intacto o veneravel monumento de melhores eras. Por isso abstando-nos de invenções embusteyras, limitâmo-nos a trasladar na depravada linguagem de hoje o texto immaculadamente garrafal, e classicamente inintelligivel do velho codice monastico.

Eis os factos:

A luz que nos paços silenciosos de S. Martinho fulgia unica, depois dos acontecimentos ahi occorridos, e que suspeitavamos procedesse de lampada esquecida por somnolento moço de reposte, continuou a ver-se até alta noite. Vinha de varios brandões que ahi se haviam collocado; porque depois da prisão do joven valido, elrei, em vez de se recolher á sua camara, tinha ido encerrar-se no gabinete particular, onde os pagens da tocha, que esperavam no corredor contiguo, o sentiam passeiar agitado.

Entretanto o chanceller, que lhe observára os passos, havendo falado poucas palavras com o abbade, que immediatamente voltára á estu-daria, partíra para a pousada de João Affonso de Santarem. Descrevendo ao attonito magistrado a arriscada situação, em que por criminosa imprudencia o camareiro-menor acabava de collocar-se, o velho ministro mostrava-se vivamente irritado do modo como as suas sollicitações e conselhos haviam sido repellidos. Entendia que ao seu honrado amigo não era licito demorar-se um instante em empregar todo o peso que davam ás suas supplicas a sciencia, a virtude e os largos serviços, para salvar um irmão, cujo proceder para com aquelle, que tanto devêra amar e respeitar, não tinha na ver-

dade sido jámais ajustado pelas regras da honestidade. Na sua humilde opinião, não era este o momento de taes cousas se recordarem. Não lhe faltavam a elle proprio razões de queixa contra Fernando—o seu digno collega não o ignorava—e todavia fôra o primeiro em esquecê-las quando se tractava de uma questão de vida ou de morte. Entendia, em summa, que devia acompanhá-lo a S. Martinho, onde ambos juntos mitigariam o animo d'elrei até o ponto de obter, senão o pleno perdão do culpado, ao menos o minorar-lhe uma pena cruel, e desproporcionada ao delicto.

O chanceller falava com tal vehemencia; pareciam vir tanto da alma aquellas palavras, que João Affonso, concordando em segui-lo, acreditou inteiramente na sua sinceridade. Também era isso o que elle queria.

Foi, porém, na presença d'elrei que o talento dramatico do grande ministro se revelou em toda a sua sublimidade. Na apparencia apenas se diria um eccho das supplicas do afflicto jurisconsulto. Só quem alcançasse penetrar no abysmo daquella alma tenebrosa, comprehenderia até onde pôde chegar a dissimulação humana. Por entre as expressões mais humildes e conciliadoras escapava-lhe ora uma palavra, ora um gesto, ora uma phrase, a qual, no mo-

mentô em que o monarcha vacillava entre a severidade e a misericordia, ía vibrar-lhe uma corda aspera; ía pungi-lo n'um sentimento, que durante cinco annos as doutrinas dos seus letrados, e em especial as do chanceller, lhe haviam encasado profundamente no espirito. Este sentimento era o do seu poder illimitado. Embora affectasse não esquecer jámais que a eleição popular o elevára ao throno, a idéa, demasiado romana, que concebêra da omnipotencia real, tornava-lhe o coração, naturalmente humano e generoso, duro e até cruel quando alguém ousava oppôr á sua auctoridade suprema os foros, direitos, ou liberdades nacionaes. Habilmente aproveitada, esta contradicção entre os instinctos de consciencia do rei popular e as tradições do despotismo imperial, fôra um meio poderoso que o chanceller achára para o converter, em conjuncturas taes como esta, n'um instrumento dos seus designios, ao passo que cria obedecer aos impulsos da propria vontade.

Assim, emquanto parecia sustentar as supplicas do seu collega com um zelo que só peccava por excessivo, João das Regras dava tempo a que se verificasse um lance que devia pôr cimo e remate ao plano que elle ajudára a aperfeiçoar, mas que nascêra na mente do illustre prelado de Alcobaça — do seu melhor amigo.

Furioso pela violencia com que se facilitára a fuga do camareiro-menor, o anadel dos bésteiros, depois de distribuir a sua gente de modo que a ninguem fosse possivel evadir-se, dirigira-se pressuroso aos paços de S. Martinho. Era o seu intuito esperar o dia, e logo que podesse falar a elrei dar-lhe conta do extraordinario successo que occorrêra. Não tardou, porém, a saber que D. João I estava no gabinete particular. Alguem affirmava até, que, passando pelo corredor contiguo, ahi víra os pagens da tocha, e ouvira lá dentro a voz chirriante do chanceller, a d'elrei e a de uma terceira pessoa, que pareciam vivamente disputar,

Então o irritado anadel positivamente declarou, que era impossivel deixar de nessa mesma noite falar a sua senhoria. Não houve, portanto, remedio senão ir interromper os mysterios do sanctuario, porque, como sabemos, o celebre gabinete de S. Martinho era um sanctuario de difficil accesso para o vulgo profano. O coração do chanceller dilatou-se. Era por este incidente que esperava.

Apenas, de feito, elrei soubera o que o capitão dos seus reaes bésteiros pretendia, ordenára que immediatamente entrasse.

O leitor, que, por certo, não esqueceu qual fosse o character do bastardo de Pedro I, cara-

cter herdado deste príncipe impetuoso, conceberá facilmente o effeito da narrativa do anadel no seu espirito, onde com arte diabolica o privado não deixára esmorecer o sentimento da indignação. O olhar que fitou nos dous *sabedores* equivalia a um preceito de absoluto silencio. Elle tambem o guardava, terrivel como a calma que presagia o estourar da procella. Pegando arrebatadamente na chave da comunicação exterior, que o chanceller deixára em cima da grande mesa, sobre a qual ainda se viam os dous folios comprados a micer Alighieri, D. João I abriu com violencia a porta, fez signal ao anadel para que o seguisse, e sumiu-se no escuro patamar que dava para a rua de S. Martinho.

Que ía fazer assim a deshoras o rei de Portugal?

Cego de furor, dirigia-se á igreja de S. Paulo. Fôra um impulso irresistivel de colera a que cedêra. Galgava a passos largos a ingreme calçada que, passando pelo adro da estudaria, terminava á porta da Ahofa, aberta na cerca romana ou visigothica da primitiva Lisboa. Tão embrenhado ía nos seus tenebrosos pensamentos, que não deu tino de um vulto, o qual passou por elle correndo na mesma direcção. O anadel tinha-o visto, mas deixou-o correr, por-

que o reconhecêra logo. Era uma pessoa indifferente, o maninello de sua real senhoria.

Como os bésteiros haviam recebido ordem para impedir, não a entrada, mas a saída do collegio, o mouro penetrou ahi sem obstaculo, do mesmo modo que, obra de duas horas antes, penetrára D. João d'Ornellas, isto é, pela portaria, debaixo de cuja alpendrada, roncando e assobiando, esperava ainda, por ordem do abbade, o barbato que naquelle dia substituíra Fr. Julião.

Posto que com bem poucas esperanças de mitigar a ira d'elrei, o grave conselheiro da corôa, tão ingenuamente mystificado pelo seu digno collega, quizera partir após o monarcha. Dissuadiu-o, porém, dessa idéa o chanceller, ponderando-lhe quanto os primeiros impetos d'elrei eram arrebatados, e que por isso qualquer tentativa para o abrandar seria por então inutil; que o mais prudente era mandar sem detença um mensageiro a Nun'alvares e outro ao arcebispo D. Lourenço, e fazer com que toda a fidalguia, que se achava na côrte, viesse pela manhan ao paço implorar a misericordia do principe offendido; que ainda quando este ou-sasse quebrar o asylo ecclesiastico, — do que duvidava, — nem por isso deixaria de haver tempo de se tentarem todos os meios d'impe-

dir o caso lastimoso que se temia, com mais probabilidade de bom resultado.

Apenas João Affonso, a quem não passava pelo espirito a menor dúvida ácerca da sinceridade do valído, saiu para pôr por obra aquelles arbitrios, o chanceller deixou-se cahir na grande poltrona e desandou uma das suas chirriantes gargalhadas. Depois de ter dado largas á hilaridade que o acommettêra, e que terminou por um daquelles frouxos de tosse a que se habituára, para fazer acreditar aos seus emullos que poucos annos — talvez apenas mezes — lhe restavam de vida, João das Regras ergueuse, abriu a porta interior do aposento, disse o que quer que foi aos pagens da tocha, tornou a fechar-se por dentro, refastelou-se na poltrona, e de novo desatou a rir e a tossir cacheticamente. O bom do velho era de si folgasão.

Em menos de um credo, por todo o paço constava que sua real senhoria se abalára para as bandas da alcaçova, a pé, e sem que os pagens da tocha podessem segui-lo. Não acabavam naquella noite os casos extraordinarios, e este não era um dos menos singulares. Cingindo apenas as espadas, ou inteiramente desarmados os cavalleiros e escudeiros de serviço topavam uns nos outros correndo confusamente para o atrio, por onde já alguns monteiros com

suas ascumas, os pagens com tochas, e os sergentes com fogaréis e fachos se precipitavam para a rua. Adiante, porém, de todos o manello tinha transposto o portal, e corrêra a tomar a dianteira d'elrei, em virtude de certas recommendações do abbade.

As occorrencias que temos referido coincidião com as scenas da igreja de S. Paulo, que no antecedente capitulo tentámos descrever. A ordem da narrativa da nossa chronica obriga-nos agora a pedir ao cortez leitor que de novo nos acompanhe ao collegio do bispo Jardo.

Passára algum tempo desde que o aterrado escudeiro fôra cahir exausto juncto do altarmór, quando a porta da sacristia se abriu de subito, e o vulto de corpulento frade appareceu no limiar. No seu ir e vir d'insensato, ou antes de tigre enjaulado, Fr. Vasco foi topar com esse vulto que se dirigia para elle. Era o abbade que parecia inquieto. Pararam ao mesmo tempo. Em tom submisso, unidas quasi as frentes, os dous monges falaram alguns instantes. No gesto de Fr. Vasco pintava-se a hesitação: no do abbade a impaciencia. — «Não te escaparás, não!... — dizia este alteando a voz. — «Teu até o cadafalso!... Promettí: hei-de cumpri-lo. Mas agora importa que saías d'aqui... Ei-lo que vem, el-rei! Seguem-no...

Ouves?»—Calou-se e escutou. De feito um sussurro confuso, que ao longe quebrava o silencio da noite, e alguns vagos clarões, que de vez em quando vinham repintar desbotadas as côres das vidraças pelos fustes dos pilares e pelos lanços das paredes, pareciam mover-se, vacillar, crescer do lado de S. Martinho. Depois de breve intervallo, ao brado de um dos bésteiros respondeu a voz do seu chefe, e logo após ella os dous frades perceberam distinctamente a d'elrei. Sentiu-se então o estrupido das sentinellas, que corriam em tropel para o atrio da igreja, e os contos das béstas bateram a um tempo nas lageas do adro. Entretanto o clarão trémulo dos fachos reverberava cada vez mais forte através dos frestões ogivaes, e pelas abobadas do templo reboava, já bem distincto, o fragor do tumulto que se acercára do lado de S. Martinho. Lançando a mão ao braço de Fr. Vasco, ainda indeciso em abandonar a sua presa, D. João d'Ornellas arrastou-o após si e desapareceu com elle na passagem escura da sacristia.

Ainda os passos dos dous monges soavam nas trevas, quando as portas da igreja gemeram oscillando. Os hombros dos mais alentados bésteiros se haviam encostado a ellas, como outros tantos vaivens. Baldados os primeiros esforços,

tres vezes se repetiram. Emfim os aneis do ferrolho, que Fr. Abril corrêra ao retirar-se, estalaram, e elrei, seguido da sua guarda pean, precipitou-se para o cruzeiro. Quasi ao mesmo tempo a turbamulta de cavalleiros e escudeiros, de pagens e sergentes, vinda do lado de S. Martinho, invadia o portico. O fulgor vermelho das tochas e fogarêus, o tinir dos ferros, o ruído dos pés e o agitar de tantos vultos enchiam de movimento e de vida o melancholico recincto, onde havia um instante reinava quietação sepulchral.

Abysmado n'um pelago de terrores e incertezas, de desesperação e de raiva impotente, o desgraçado escudeiro, para cuja ruina tudo parecia conspirar, não dera tino nem da vinda de D. João d'Ornellas, nem da partida dos dous frades. O estourar, porém, das portas, o estrondo dos passos, a luz viva que tudo illuminára de subito, o scintillar de muitas espadas que se haviam desembainhado, o murmurio dos que seguiam o rei, sem saberem ao certo que tenções eram as suas, despertaram no mancebo, com a idéa vaga de imminente perigo, os instinctos da salvação. Trepando machinalmente ao altar, foi abraçar-se a uma imagem da Virgem ahi collocada. Com um accento de indizível agonia, bradava: — Asylo! asylo! » — Debalde. A figura d'elrei, daquelle que tanto

o amára, pallido, transfigurado, com as roupas em desalinho, via-a ante si, em pé sobre o suppedaneo, e fitando nelle esse olhar irresistivel, que esmagava a audacia dos mais esforçados. Era uma visão diabolica de pesadelo? Era realidade? Fechou os olhos: mas apenas os cerrára sentiu mãos que lhe apertavam o pulso como aro de ferro; sentiu o halito ardente do rei, que lhe batia nas faces banhadas em suor frio. Precipitado por cima do altar veio bater de bruços na borda do suppedaneo, e a imagem da Mãe de Deus baqueou d'envolta com elle. A um signal de D. João I os bésteiros conduziram ou antes arrastaram para fóra da igreja o malaventurado, que, reduzido a uma especie de paralytia moral, perdêra até a consciencia do seu tremendo destino.

As ameaças de Fr. Vasco realisavam-se em grande parte mais cedo do que elle dissera, e Fernando era arrastado ao supplicio por braço mais robusto que o seu.

No restante, porém, só o monge as podia cumprir, e havia um homem que lhe promettêra esse prazer infernal.

A attenção d'elrei foi neste momento distrahida por estranho espectaculo. Ao lado do reitor, e á frente da communitade rojando as amplas cogullas cistercienses, D. João d'Ornellas

saía da sacristia revestido com as insignias ab-baciaes. Vinha protestar solemnemente contra a quebra das immunidades da igreja, contra a profanação do sanctuario, e, ainda mais uma vez, contra a execução da cruel sentença, que condemnava um infeliz ao ultimo supplicio, sem as consolações da religião, sem estar preparado para apparecer ante o supremo juiz.

D. João I escutou silencioso a longa arenga do veneravel prelado. Quando este acabou, respondeu-lhe seccamente que, pela quebra das immunidades da igreja, daria conta de si ao sancto padre, e pelo rigor da sua justiça a Deus; que não era a sua intenção impedir o arrependimento do criminoso, punindo além da morte; que, finalmente, ao digno e religioso prelado deixava liberdade inteira de tornar menos amargas as derradeiras horas desse desaventurado, com os consolos da fé.

Emquanto o abbade falára, o monarcha tivera tempo de reflexionar que era, emfim, tempo de reprimir o impeto da paixão, e de retomar o porte e a dignidade de rei. O tremor da sua voz, e o seu olhar irritado revelavam, porém, quão pouco o espirito estava accorde com aquella linguagem placida e moderada. Tendo assim repellido a ousadia do seu esmo-ler-mór, o principe virou-lhe as costas, atra-

vessou pela nave central abaixo, e seguido dos seus cavalleiros e escudeiros, e precedido dos pagens da tocha desapareceu no atrio.

O abbade acompanhou-o com a vista até o portal. Depois ergueu os olhos ao céu, cruzou as mãos sobre o peito, curvou a cabeça e murmurou:

«*Fiat voluntas tua, domine!*»

As lagrimas escorregavam-lhe pelas faces a quatro e quatro. Era uma cousa em que levava as lampas ao seu melhor amigo, o doutor de Pisa. Sabia chorar.

Feita aquella pia visagem, voltou-se para a comunidade, mirando as duas alas da fradaria, e chamou:

«Irmão Fr. Vasco!»

O monge aproximou-se.

«Este homem que vae morrer offendeu-vos outr'ora profundamente, meu irmão. Por meio d'elle vos visitou o Senhor com todo o fel da amargura, que o coração humano póde soffrer sem estalar. A historia de vossa irman deixou de ser um mysterio para esta sancta communitate. Pois bem. Dae-lhe um grande exemplo. Sede vós quem abra os thesouros da misericordia divina ao que vos fez desgraçado, desgraçado digo, por me servir da van linguagem do mundo. Sede vós quem lhe aponte a

estrada que conduz ao céu.— Quem me quizer seguir abnegue de si, e tome a sua cruz: — disse Christo; e tambem — amae os inimigos e bemfazei aos que vos odiaram.— Filho de S. Bernardo, animo! Tomae vossa cruz, e cumprindo o preceito divino, ganhae uma alma para Deus.»

Fr. Vasco abaixou resignadamente a cabeça. Obedecia sem murmurar.

Os circumstantes estavam commovidos e edificados.

Dentro de meia hora ninguem diria que na igreja de S. Paulo e no seu adro se haviam passado pouco antes as scenas de terror, de odio, de violencia e de hypocrisia descriptas nas precedentes paginas. A aurora que vinha rompendo encontrava ahi tudo calado e deserto. Apenas a bafagem da madrugada, engolfando-se nas sineiras da torre, sussurrava um hymno de paz.

Quando pela manhan os ricos-homens de Portugal, os officiaes da corôa e os mais illustres prelados que se achavam na côrte, entre os quaes avultava moral e materialmente o abade de Alcobaca, vieram lançar-se aos pés de sua real mercê a implorar o perdão de Fer-

nando Affonso, sua real mercê dormia profundamente. Debalde o afflicto João Affonso de Santarem rogou, ponderou, ameaçou para que o acordassem. As ordens em contrario eram explicitas e positivas. Depois de voltar de S. Paulo, D. João I ainda fôra muito tempo retido pelo chanceller, que não abandonára o seu posto no gabinete particular. O doutor de Pisa tinha-lhe provado com um chuveiro de textos e de argumentos, que a fatal sentença não podia ser executada. O monarcha ouviu-o com a mesma constrangida placidez com que ouvira o sermão do abbade. No fim refutou-o com tres palavras:

«*Era sua vontade.*»

Só, portanto, restava — para o camareiro o morrer, e para sua senhoria o ir deitar-se

Foi o que succedeu.

Havendo esperado boa parte do dia, os prelados e cavalleiros foram saíndo do paço tristonhos e cabisbaixos. De bôca em bôca passára uma terrivel nova: — Tudo estava consummado!

*

Na taberna israelitica da rua de Gileanes, abancados em frente de um pichel, conversavam ao anoitecer o armeiro João Pires e o al-

muinheiro Rui Casco. O objecto da conversação era o mesmo que a essa hora dava assumpto em toda a cidade a mil ponderações, disputas, averiguações e commentarios.

João Pires tinha assistido ao supplicio do seductor de Beatriz. Na alma rude do armeiro o atroz espectaculo deixára uma impressão indelevel de horror, posto que nem elle nem ninguem, d'entre as turbas de povo que uma curiosidade brutal attrahira a Valverde, suspeitassem quaes agonias a vingança enfeixára em volta da agonía da morte; que tratos invisiveis, inappreciaveis, quasi infinitos, o odio encanecido dos dous cistercienses tinha ajunctado á punição mais cruel das epochas de barbaridade.

A predicção de mestre Guedelha, ou mais exactamente a de mestre Zacuto, havia-se cumprido á risca. A opa de rei, a garnacha de doutor e o habito de frade estavam no horisonte do cadafalso; lá estava tambem tres vezes escripto o nome de João. Mas a prophécia dos astrologos fôra, apesar d'isso, incompleta. Havia mais uma estamenha de monge, que semelhante á camisa de Nesso, se accingia á victima do fatal horoscopo — e era justamente essa a que não tinham descortinado no céu.

O espectaculo dado em Valverde pelo mes-

Dous mezes depois Fr. Lourenço voltára da sua correição nos mosteiros cistercienses do norte, onde pozera cobro em mais de uma tropelia fradesca. Deram-lhe então uma carta vinda da aldeia de *** havia algum tempo. A letra do sobrescripto era desconhecida.

Foi á noite depois de ceia que o monge recebeu a carta. Quando se retirou para a sua cella, abriu-a e leu-a. O que continha, nunca elle o disse a ninguem. Sentiram-no acordado toda a noite, e quando pela manhan appareceu á communiidade estava excessivamente pallido. As suas palpebras vermelhas e entumescidas indicavam que por ahi passára a lava ardente das lagrymas.

Uma cousa notavel foi que Fr. Lourenço não tornou a rir em dias de sua vida. Quando, ao chegar á estudaria, tinha recebido a noticia do singular desaparecimento de Fr. Vasco, o mestre de theologia protestára que elle saberia descubrir se o moço frade era morto, ou onde parava. Vãos protestos! Nunca mais em tal fallou; nunca mais, até, proferiu o nome do pobre monge; e se alludiam a elle, mudava de conversação, ou retirava-se. Fosse effeito da idade, fosse por estar gasto de longos trabalhos mentaes, o espirito do Bacharel decahiu rapidamente. Consummia horas e dias a passeiar só-

sinho na crasta, e a sua mania era repetir muitas vezes a sentença do evangelho:

« *Se não perdoardes, tambem Deus vos não perdoará.* »

NOTA.

A BAGATELLA litteraria que hoje* offerecemos ao publico, escripta ha oito ou nove annos, tinha ficado incompleta e esquecida quando em 1840 circumstancias, que não importa narrar aqui, baldearam o auctor no charco da vida publica.

A Providencia, que provavelmente não o achou assás corrompido para fazer d'elle um homem d'estado, deu-lhe uma hora de contrição, em que podesse desempégar-se, escorrer o lodo dos vestidos, lavar o rosto, e voltar ao gremio do mundo moral.

Entre parentese: o auctor dispensa os jesuitas e os seus contrarios de disputarem, a este proposito, se o deveu á graça efficaz ou ao livre arbitrio. Não se incomodem por amor d'elle, que tem tanta lastima e quasi nojo dos netos

de Loyola, enfesada prole de raça gigante, como horror a esse liberalismo absurdo e covarde, que os persegue e martyrisa; liberalismo, que crê em tudo, menos nos foros da consciencia, na magna charta do pensamento; em tudo, menos na liberdade da intelligencia humana.

Apesar de não ter sido culpa da vontade, mas do entendimento, o extravio politico do auctor deste livro, a divina justiça condemnou-o a remir o bestial peccado que commettêra, pondo-lhe ás costas uma cruz, e mandando-o caminhar por agro e escabroso sarçal. A cruz que o Senhor lhe impoz foi a monomania de escrever a historia desta terra com lealdade e consciencia. Para isso, entendeu elle que era necessario estudar e meditar muito, e durante mais de tres annos, entregue á realisação desse pensamento, guardou um silencio litterario raras vezes interrompido. Quando suppoz que era tempo de provocar o julgamento dos esforços que fizera, disse ao seu paiz: — «Eis aqui um modesto *specimen* do methodo que eu creio dever seguir-se ao escrever a tua historia.»

Foi, porém, então, que os seus hombros tiveram de vergar sob o peso da cruz que tomára. Voz em grita, a sciencia infusa começou a bradar — escandalo! — blasphemia! — attentado! — Chiava, grasnava, piava, vociferava. O pobre cruciferario parou, e poz-se a escutar aquella matizada e revolta. Accusavam-no, calumniavam-no sanctamente, chamavam-lhe manicheu, iconoclasta, lutherano, proclamavam-no traidor á patria. Os mais zelosos (e, cumpre confessa-lo, os mais cortezes e honestos) pegaram na penna, e provaram-lhe até a evidencia que a arte historica não consistia no que elle pensava; consistia em cirzir algumas lendas de velhas com as narrativas semsaboronas de meia duzia de *in folios*, rãbiscados por quatro frades milagreiros, tolos ou velhacos. Fizeram-lhe ver claro como a luz do meio-dia, que o primeiro mister do verdadeiro historiador portuguez era o demonstrar por um sem numero de cruas batalhas (as quaes, na hypothese de não passarem de brigas de saloios, se podiam magnificar, melhor que nunca, depois da bella invenção dos telescopios de

Herschell), que a expressão do valor nacional se resumia com admiravel exactão na seguinte fórmula de patriotismo:

Portuguez	1	igual a Gallegos	4
Dito	1 =	Castelhanos	3
Dito	1 =	Francezes ou inglezes	2
Dito	1 =	Flamengos	2,91
Dito	1 =	Allemaes e mais cainçalha do norte	2 1/2
Dito	1 =	Mouros	527
Dito	1 =	Turcos, abexins, parsios e rumes	73
Dito	1 =	Chins e lilliputianos	1:293
Dito	1 =	Patagões	1 3/4

que isto é que era dizer a verdade, ter amor de patria, e escrever historia; e que o mais era historia.

Arrazaram-no, anniquilaram-no.

O diabo, que impava vendo o auctor das precedentes paginas safar-se-lhe da redada politica, imaginou aproveitar este ensejo para o arpoar de outro modo. No meio, pois, daquella algazarra assoprava-lhe ao ouvido que desse um geito aos hombros, e deixasse tombar o pesado madeiro da cruz sobre as protuberancias callosas dos reverendos eruditos, que piamente açulavam contra elle as paixões da ignorancia e do fanatismo. Dizia-lhe rindo, que veria o que era saltar, e bufar, e caretear. O espirito maligno dourava, além d'isso, a tentação com o exemplo de Christo expulsando os publicanos do templo de Jerusalem.

Mas o auctor do *Monge de Cister* não era tão hospede na erudição dos seus reverendos arrazadores, que ignorasse as devotas tretas do pae da mentira, para ferir a descuido quando não póde acommetter de frente; não ignorava quantas vezes o bulcão infernal tem sido pilhado com as unhas encolhidinhas dentro de manga de burel, e a escamosa cauda occulta sob a estamemha, e atada á correia do cilicio. Occorreu-lhe logo um factio bem sabido (certo e provado como a assembléa d'Almacave ou a divina apparição de Ourique), e que vinha a pello para fazer ao diabo

um dos mais comprobativos e agudos argumentos, o argumento *ad odium*, contra a applicação sacrilega que dera ao exemplo de Christo.

O facto era o seguinte :

Observando o anjo das trevas, n'um dos seus passeios terraqueos, que em certa parochia rural ninguem perdia missa depois que se quebrára o sino, porque, na incerteza da hora, todos se antecipavam, o velhaquete poz-se a andar, mirando por todas as lojas de fundidores, até que descobriu um sino muito novo, muito amarellinho.

Tinha ficado com olhos longos nos de mais de vinte campanarios por onde passára. Mas eram sinos bentos, e, se quizesse furta-los, queimar-lhe-hiam as unhas e não faria nada. Lembrava-se ainda de um logro analogo, que lhe pregára o mavioso Domingos de Gusmão.

O diabo era um diabo honrado. Comprou o sino, carregou com elle, e foi offerrece-lo por esmola ao cura da aldeia orphan de badaladás e repiques e dobres,

Não punha senão uma condição. Todos os domingos se havia de tocar tres vezes á missa.

O cura era um desses homens tementes a Deus, capazes de farejarem Satanaz a vinte leguas. Deitou-lhe de socapa o rabo do olho, e logo lhe enxergou a pata caprina.

«Bonito!» — disse o cura lá comsigo.

E n'um relance atirou-lhe a estola ao pescoço, como o gaucho dos Pampas atira o laço certo ao pescóço do touro bravio.

Satanaz agachou-se, e ficou a tremer. O cura era bonacheirão, e não queria fazer-lhe mal. Só exigiu d'elle que dissesse d'onde lhe viera aquella èstrambotica idéa do sino.

O espirito immundo estava-lhe debaixo do anno do nascimento, e o cura podia assentar-lhe a mão e a boa vontade. Ainda tentou fazer de beato; mas por fim teve de descobrir o jogo. Tinha a certeza de que, em restituindo ao campanario a sua voz de bronze para chamar os fiéis á missa, metade dos habitantes da aldeia haviam de chegar tarde e ficar sem ella. Cuberto com o manto da religião,

o anjo das trevas queria empalmar aos freguezes do padre cura o seu inicial *introibo*.

Iluminado por estes e outros memoraveis exemplos, o auctor do presente livro cerrou as orelhas ás suggestões diabolicas estribadas nas reminiscências biblicas, ajoelhou com a sua cruz, e exclamou: — *confiteor!*

Depois ergueu-se, e proseguiu ávante resignado. Todavia, ao longo da agra senda, que conduz ao seu calvario (porque o calvario já era ha dezoito seculos a recompensa dos que falam verdade), ía ruminando como remiria o escandalo que dera ao proximo. Tanto ruminou, que lhe veiu uma idéa bemdicta.

“O *Monge* — scismava elle — está alli, áquelle canto, cuberto de poeira, mal acepilhado e incompleto; verdadeiro frade sapudo, crasso uniforme, sem desbaste, sem elegancia; mas, no fim de contas, nesse rude esboço de uma obra litteraria ha o *substratum* de uma historia guapa; de uma historia tirada de um manuscripto que só eu vi, o que lhe dá certo perfume de sancto mysterio; de uma historia de casos singulares e de maravilhosos incidentes. E demais o protagonista é um frade de figados, um portuguez da *gemma*. Da massa do *Monge de Cistér* é que se fazem historias como suas reverencias dizem que deve ser. Upa! vamos! que eu posso com algum tempo de pachorrento trabalho accommodar esta gritaria, e até — quem sabe? — não só chegar a obter de suas reverencias o *absolvo te*, mas tambem a igualar em legitima gloria o padre mestre Fr. Bernardo de Brito.”

Falou; e a estas ponderações, que lhe arrancavam das entranhas o arrependimento e uma ambiciosa piedade, accrescia outra de diversa ordem que as roborava. O *Monge* fôra sacrificado ao que o pobre homem imaginava ser um grave e severo estudo, um serviço á terra natal, daquelles que se não pagam com titulos e condecorações, preço abjecto d'infamias e da corrupção politica. No prologo do *Eurico* — do deleterio e antisocial *Eurico* — elle contrahira com o seu publico — um publico pervertido, sem temor de Deus, sem portuguezismo, sem nada — a obrigação de *poer*

em *Uetera de fôrma* o *Monge de Cister*. E todavia, o *Monge* fôra deixado de parte e esquecido, como traste velho e inutil. Reflectia, portanto, que, tirando aqui, pondo acolá, aplainando-o, lixando-o, e imprimindo-o, desempenharia a palavra que dera aos seus leitores, offerecendo-lhes modestamente uma novella, onde, na falta de outro merito de que a reconhece falha, se achasse, ao menos, o quadro da lucta social, que caracteriza a epocha de D. João I, e dos costumes e crenças dessa epocha, ao passo que aproveitaria este ensejo para provar a suas reverencias que, se os inescrutaveis decretos de cima o arrastam pelo caminho do Golgotha, e o constroem a não desamparar a obra fatal que encetou, tem docilidade bastante para acceitar e seguir nos seus actos espontaneos, nas composições onde póde usar do livre alvedrio, as sans doutrinas, e para confessar ingenuamente que as tradições do vulgo, as pias fraudes, as illusões da superstição, os preconceitos nacionaes, e os contos de velhas são as fontes legitimas, e os fundamentos inabalaveis da historia.

E o *Monge* foi concluido, desbastado e lixado. Os contornos ficaram incorrectos por partes — por outras frouxos os musculos — confusos alguns lineamentos — rugosa a espacos a epiderme. O auctor reconhece-o. No meio, porém, de estudos tediosos e positivos, é impossivel que o imaginar não descobre, que o estylo não ganhe asperezas. O seu implacavel destino chama-o de continuo para as phrases barbaras dos pergaminhos amarellados e mofentos, e manda-o, novo Ashavero, caminhar, caminhar sempre! Ah, que se acaso suas reverencias suspeitassem, ao menos, que bichos roedores da existencia são um volume d'inquirições, um foral, uns costumes, uma postura, uma pancarta, uma bulla, um cartulario, haviam de ter dó da lazeira physica e espirital a que tem chegado o auctor!

Nil idcirco habeo, praeter super ossa pelhancras:
Nec jam sum plusquam parva migalha mei.

Perder a paciencia e a vista sobre os gastos e difficeis caractéres dos documentos; devorar paginas insulsas, e não

raro inuteis, de bacamariões pesados; aforoar chronicas; ter de apurar muitas vezes de centenaes de successos contradictorios, e na apparencia indifferentes, os successos capitaes da historia (da historia impia, lutherana, antipatriotica) e a indole da sociedade nascente; envelhecer antes de tempo pela contensão do espirito emcomparar, conjecturar, deduzir; — e tudo isto para ser uma especie de Antichristo; para enxergar com terror, no horizonte da vida, e forrando-lhe o guardavento da eternidade, as gravuras a prego do *Desengano de Peccadores*, dessa epopêa d'infernaes tormentos — é uma situação de tal modo abominavel, tão sem nome, que antes devêra excitar a piedade do que a indignação de suas reverencias.

Non poterat mundo unquam maior praga venire:
Nec dare peiorem in sestrum, asneiramve cabire
Maiorem quit homo.....

A pró, comtudo, do criminoso e reincidente auctor do *Monasticon* ficará no mundo quem erga um brado perante o tribunal da posteridade. Falarão por elle as paginas do *Monge de Cistér*, que, se merecer a approvação dos reverendos censores, se imprimirá em folha para ser enquadrado com a chronica bernarda do padre mestre Brito.

O auctor havia colligido um avultado numero de notas, destinadas a mostrar os fundamentos em que se estribára para attribuir taes ou taes crenças e usanças á epocha em que collocou a sua narrativa. N'ellas se deduziam e illustravam tambem os caractéres historicos trazidos á scena, e se verificava a exacção das descripções topographicas da antiga Lisboa. Estas notas foram supprimidas por duas razões, uma composta, outra simples; uma pia, outra economica; uma accorde com os axiomas da critica reverenda, outra revolucionaria e materialista; uma offerecida aos sanctos cogumellos da tradição e das lendas, outra aos profanos compradores deste livro.

Primò: — Uma das regras capitaes da verdadeira arte historica é que as testemunhas irrecusaveis de qualquer

sucesso vem a ser aquellas, que vivem tres ou quatro seculos *post factum*. Ora o auctor dista da epocha de D. João I quatrocentos annos bem medidos. Logo, na hypothese do *Monge*, é de per si auctoridade sufficientissima. — *Secundò*: a precedente narração foi tirada, a bem dizer textualmente, de um manuscripto que estava no mosteiro de *** da comarca de *** da provincia de *** e que só o auctor teve a fortuna de ver. Para que serviriam, pois, citações, notas, emburilhadas? A cousa é de uma authenticidade irreprehensivel.

Vamos agora á razão revolucionaria e materialista.

As condemnadas notas fundiam quasi um volume. Se fossem impressas, o leitor, pensando que comprava uma novella em tres tomos para espaiar alguns momentos d'ocio no meio dos trabalhos da vida, achar-se-hia defraudado em $33\frac{1}{3}$ por cento, e em risco de apanhar uma chamada d'erudição, molestia incuravel e atrocissima.

Antes umas terçans, de que Deus nosso senhor por sua infinita misericordia o livre.

Foi acabada esta glossa e declaração quasi-prohemial no reguengo d'Algés e cimalhas do Monsancto n'uma quartaseyra XVII dias andados de maio da era de Cesar de MDCCCLXXXVI, dia de S. Paschoal Baylão, a hora de sexta, estando o céu cris.

A Deus graças.

Qui scripsit scribat; semper cum Domino vivat.

INDICE

TOMO I

	PAG
Introdução.....	I a XIV
I O collegio de S. Paulo.....	1
II Tudo desventura.....	18
III A caçada.....	44
IV A festa da Maia.....	65
V O truão.....	89
VI O punhal.....	101
VII O abbade de Alcobaça.....	113
VIII O pospasto.....	121
IX O conciliabulo.....	130
X A tavolagem do bésteiro.....	147
XI Doctor Mater-Galla.....	183
XII Villãos nós: ruins vós.....	214
XIII Quasi suicida.....	254
XIV Designios.....	282

TOMO II

XV Um ministro.....	5
XVI O meu illustre amigo.....	46
XVII A procissão de Corpus.....	56
XVIII A taboleta do sapo amarello.....	87
XIX Fracasso.....	109
XX Explicações.....	130
XXI O espia.....	152
XXII Juramento contra juramento.....	172
XXIII O anjo máu.....	196
XXIV Latet anguis.....	223
XXV O saráu.....	245
XXVI Justiça de sua senhoria.....	261
XXVII A prophesia do mestre Guedelha.....	280
XXVIII Á borda do sepulchro.....	295
XXIX Conclusão.....	333
XXX Addenda.....	357
Nota.....	371

INDEX

Table 1

1	...
2	...
3	...
4	...
5	...
6	...
7	...
8	...
9	...
10	...
11	...
12	...
13	...
14	...
15	...
16	...
17	...
18	...
19	...
20	...
21	...
22	...
23	...
24	...
25	...
26	...
27	...
28	...
29	...
30	...
31	...
32	...
33	...
34	...
35	...
36	...
37	...
38	...
39	...
40	...
41	...
42	...
43	...
44	...
45	...
46	...
47	...
48	...
49	...
50	...
51	...
52	...
53	...
54	...
55	...
56	...
57	...
58	...
59	...
60	...
61	...
62	...
63	...
64	...
65	...
66	...
67	...
68	...
69	...
70	...
71	...
72	...
73	...
74	...
75	...
76	...
77	...
78	...
79	...
80	...
81	...
82	...
83	...
84	...
85	...
86	...
87	...
88	...
89	...
90	...
91	...
92	...
93	...
94	...
95	...
96	...
97	...
98	...
99	...
100	...

Table 2

101	...
102	...
103	...
104	...
105	...
106	...
107	...
108	...
109	...
110	...
111	...
112	...
113	...
114	...
115	...
116	...
117	...
118	...
119	...
120	...
121	...
122	...
123	...
124	...
125	...
126	...
127	...
128	...
129	...
130	...
131	...
132	...
133	...
134	...
135	...
136	...
137	...
138	...
139	...
140	...
141	...
142	...
143	...
144	...
145	...
146	...
147	...
148	...
149	...
150	...
151	...
152	...
153	...
154	...
155	...
156	...
157	...
158	...
159	...
160	...
161	...
162	...
163	...
164	...
165	...
166	...
167	...
168	...
169	...
170	...
171	...
172	...
173	...
174	...
175	...
176	...
177	...
178	...
179	...
180	...
181	...
182	...
183	...
184	...
185	...
186	...
187	...
188	...
189	...
190	...
191	...
192	...
193	...
194	...
195	...
196	...
197	...
198	...
199	...
200	...

141/108

